



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INGLÊS: ESTUDOS LINGUÍSTICOS E
LITERÁRIOS

Brenda Perpétua Pereira da Mota

**TEACHERS' STRATEGIES TO ADDRESS STUDENTS' DIFFICULTIES IN
LEARNING ENGLISH VOWELS**

Florianópolis
2022

Brenda Perpétua Pereira da Mota

**TEACHERS' STRATEGIES TO ADDRESS STUDENTS' DIFFICULTIES IN
LEARNING ENGLISH VOWELS**

Dissertação/Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Silveira

Coorientadora: Profa. Dra. Hanna Kivistö de Souza

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra

Mota, Brenda Perpétua Pereira da
Teachers' strategies to address students' difficulties in
learning english vowels / Brenda Perpétua Pereira da Mota
; orientador, Rosane Silveira, coorientador, Hanna Emilia
Kivistö de Souza, 2022.
268 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Inglês: Estudos Linguísticos e Literários. 2.
Pronunciation teaching. 3. English vowels. 4. Teacher
education. 5. Strategies. I. Silveira, Rosane. II. Souza,
Hanna Emilia Kivistö de . III. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Inglês: Estudos
Linguísticos e Literários. IV. Título.

Brenda Perpétua Pereira da Mota

**TEACHERS' STRATEGIES TO ADDRESS STUDENTS' DIFFICULTIES IN
LEARNING ENGLISH VOWELS**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Luciane Baretta, Dr.(a)
UNICENTRO

Prof.(a) Alison Roberto Gonçalves, Dr.(a)
UFPR

Fernanda Delatorre, Dr.(a)
UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários.



Documento assinado digitalmente
Celso Henrique Soufen Tumolo
Data: 02/06/2022 08:31:31-0300
CPF: 030.275.298-62
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Documento assinado digitalmente
Rosane Silveira
Data: 02/06/2022 07:48:08-0300
CPF: 715.936.839-87
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.(a) Rosane Silveira, Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2022.

AGRADECIMENTOS

Essa conquista não pertence só a mim. Eu não estaria aqui, escrevendo essas linhas, se não fosse por algumas pessoas extremamente importantes na minha vida. Eu fui encorajada, amparada e inspirada pelas pessoas que conviveram comigo durante esses dois anos de Mestrado e que, por conta da pandemia, se tornaram três anos. Anos esses de muito estudo, trabalho, angústias e aprendizado.

Se existe uma força maior, que me direcionou e me fortificou, certamente é Deus. Foi Ele que entendeu todos os meus medos e inseguranças. Sentimentos que me causaram incontáveis madrugadas de insônia, acompanhadas de lágrimas que cessavam apenas ao amanhecer. A minha fé me permitiu não desistir.

Gratidão eterna à minha orientadora e professora Dra. Rosane Silveira que, com sua doce paciência e ética, me ensinou a dar os primeiros passos como pesquisadora. Obrigada por sempre ter me olhado com respeito e empatia. Obrigada pelas palavras reconfortantes, nos momentos em que eu mais precisei. Toda a minha admiração pela profissional e pelo ser humano que és.

Agradeço também a minha coorientadora Dra. Hanna Kivisto que, com toda sua experiência de pesquisadora, ajudou a enriquecer meu projeto com comentários extremamente relevantes e excelentes sugestões de leitura.

Aos membros da banca, Dr. Alison Gonçalves e Dra. Luciane Baretta, agradeço à todas as contribuições, certamente muito bem-vindas, durante a defesa. Em especial, à amiga Dra. Fernanda Delatorre, agradeço a forma em que ela se fez presente nessa pesquisa, não só me ajudando com a fase inicial do projeto, com as sugestões e com o envio de vários artigos, mas também por ter sido uma ótima companhia em lugares lindos de Florianópolis. Gratidão eterna pela sua amizade.

Ao Allan Jasper, meu marido, por ter escolhido viver essa emocionante, turbulenta e inesquecível jornada comigo. Agradeço todos os momentos de sacrifício, de paciência e apoio. Obrigada pelas taças de vinho, para “quebrar a semana” e me ajudar a relaxar. Obrigada pelas melhores conversas sobre a batalha de trabalho-estudo-casa-filhos. Que bom que estamos juntos!

Aos meus filhos, Sophia e Renan, por cada sorriso, cada abraço, cada palavra e gesto de amor. Vocês são a razão da minha força.

Aos meus pais, irmãos e padrasto por sempre vibrarem, como ninguém, todas as minhas conquistas. Obrigada pelas orações, conversas e a acolhida em Belém.

Ao Sergei, meu melhor amigo e o responsável por ter me ensinado, com grande maestria, a fonética da Língua Inglesa. Agradeço todos os momentos de ensinamento, de paciência e por sempre me transmitir esse olhar de compreensão, carinho, respeito e lealdade. Toda minha gratidão por me acompanhar e me apoiar durante esses 22 anos de amizade.

Aos amigos do Mestrado (e agora da vida): Beth, Carol, Leo, Luana, Thaís e Vanessa. Obrigada por terem tornado nossos momentos de estudo mais leves, mais agradáveis. Obrigada pelo piquenique, pelo *happy-hour*, pelos cafés, vinhos, lanches e passeios. Obrigada por terem comemorado meu aniversário, mesmo à distância, transmitindo todo o carinho e amizade através de uma chamada de vídeo, com surpresa, bolo, bilhetinhos e muita risada. Obrigada por terem me ensinado tanto.

Muitas outras pessoas passaram pela minha vida e, de alguma forma, contribuíram para a realização dessa dissertação. Seja com uma palavra de apoio, com uma xícara de café ou um abraço. Desejo que toda essa energia positiva e emoção que eu sinto ao escrever essas últimas linhas, cheguem à todas essas pessoas. Obrigada. *Thank you so much!*

ABSTRACT

English pronunciation takes on a fundamental role because it is related to a complex aspect of the language, considering that Brazilian learners may face great difficulties with certain sounds, sound sequences, intonation and stress patterns, for example (BAPTISTA, 2001; ZIMMER; SILVEIRA; ALVES, 2009). This study aims at investigating how Brazilian teachers of English approach vowel pronunciation teaching when students face difficulties in learning the English vowels /ɛ/, /æ/, /i/, /ɪ/, /u/, /ʊ/ in the classroom. Seventeen English teachers volunteered to act as participants, and the present study examined different beliefs and practices regarding pronunciation teaching according to the self-report of these participants. Three research instruments were used to gather data: a background questionnaire, a semi-structured interview, and an activity with Simulated Pronunciation-Related Episodes. This is a qualitative study and it adopts an interpretative approach – that is, the background questionnaire, the semi-structured interview, and the activity about Simulated Episodes in the classroom, as well as data transcription and data analysis were subjected to my own interpretation. The major findings of this study were that although the participants-teachers are aware that one of Brazilian Portuguese (BP) English learners' difficulties is in relation to the perception and production of English vowels - because they perceive second language (L2) sounds as being similar to their first language (L1) phonemes (M. C. PENNINGTON; P. ROGERSON-REVELL, 2019), they admitted feeling insecure to teach pronunciation because they lack knowledge about how to explain to their students the differences in vowel quality, for example. Some of them reported to feel unmotivated in their classes because they generally complain about not having enough background to teach pronunciation. Additionally, participants demonstrated that they need more experience with phonetic symbols and with pronunciation teaching. We could also confirm with participants' reports that having experience with different accents and nationalities would be relevant for teaching and learning.

Keywords: Pronunciation teaching. English vowels. Teacher education. Strategies.

RESUMO

A pronúncia do inglês assume um papel fundamental por estar relacionada a um aspecto complexo da língua, considerando que os aprendizes brasileiros podem enfrentar grandes dificuldades com determinados sons, sequências sonoras, entonação e padrões acentuais, por exemplo (BAPTISTA, 2001; ZIMMER; SILVEIRA; ALVES, 2009). Este estudo tem como objetivo investigar como professores brasileiros de inglês abordam o ensino da pronúncia das vogais quando os alunos enfrentam dificuldades para aprender as vogais inglesas /ɛ/, /æ/, /i/, /ɪ/, /u/, /ʊ/. Dezesete professores de inglês atuaram como participantes, e o presente estudo relatou dados sobre diferentes crenças e práticas sobre o ensino de pronúncia de acordo com o autorrelato desses participantes. Três instrumentos de pesquisa foram utilizados para coletar dados: um questionário de experiências no idioma, uma entrevista semiestruturada e uma atividade com Episódios Simulados Relacionados à Pronúncia. Este é um estudo qualitativo e adota uma abordagem interpretativa— ou seja, o questionário de experiências no idioma, a entrevista semiestruturada e a atividade sobre Episódios Simulados em sala de aula, bem como a transcrição dos dados e a análise dos dados foram submetidas à minha própria interpretação. As principais descobertas deste estudo foram que embora os professores participantes tenham ciência que uma das dificuldades dos aprendizes de português brasileiro (PB) de inglês é em relação à percepção e produção das vogais do inglês - pois percebem sons da segunda língua (L2) como sendo similares a fonemas da primeira língua (L1) (M. C. PENNINGTON; P. ROGERSON-REVELL, 2019), eles admitiram se sentir inseguros para ensinar pronúncia, por não saber exatamente como explicar aos alunos as diferenças na qualidade das vogais, por exemplo. Alguns deles relataram se sentir desmotivados em suas aulas, pois geralmente se queixam de não ter formação suficiente para ensinar a pronúncia. Além disso, os participantes demonstraram que precisam de mais experiência com símbolos fonéticos e com o ensino de pronúncia. Também pudemos confirmar com os relatos dos participantes que ter experiência com diferentes sotaques e nacionalidades seria relevante para o ensino e a aprendizagem da língua inglesa.

Palavras-chave: Ensino de pronúncia. Vogais do inglês. Formação de professores. Estratégias

LIST OF FIGURES

Figure 1 - General American English vowel system.....	21
Figure 2 - Brazilian Portuguese vowel system.....	21
Figure 3 - Background as English learners.....	42
Figure 4 - How much participants like teaching pronunciation	45
Figure 5 - Confidence in teaching pronunciation	46
Figure 6 - Participants' opinion about students' difficulty with English vowels	48
Figure 7 - Awareness of vowel quality differences	49
Figure 8 - How participants learned to teach pronunciation	51
Figure 9 - Participants' techniques to teach pronunciation - First episode.	55

LIST OF TABLES

Table 1 - Research instruments and goals	32
Table 2 - Participants' background.	39
Table 3 - Desire to learn more about English Pronunciation.	44
Table 4 - How important participants think pronunciation teaching is.	47
Table 5 - Aspects that participants emphasize most when teaching pronunciation. ..	52
Table 6 - Speakers' language background.	57
Table 7 - Time and difficulty in doing the activity about Simulated Episodes.....	60

LIST OF ABBREVIATIONS AND ACRONYMS

BP – Brazilian Portuguese

CLT – Communicative Language Teaching

EFL – English as a foreign language

ESL – English as a second language

L1 – First language

L2 – Second language

PI – Pronunciation instruction

T1 – Teacher 1

T2 – Teacher 2

T3 – Teacher 3

T4 – Teacher 4

T5 – Teacher 5

T6 – Teacher 6

T7 – Teacher 7

T8 – Teacher 8

T9 – Teacher 9

T10 – Teacher 10

T11 – Teacher 11

T12 – Teacher 12

T13 – Teacher 13

T14 – Teacher 14

T15 – Teacher 15

T16 – Teacher 16

T17 – Teacher 17

TABLE OF CONTENTS

1.	INTRODUCTION	15
1.1	Statement of the problem.....	15
1.2	Objectives	16
1.3	Research questions.....	16
1.4	Significance of the research.....	17
2	REVIEW OF THE LITERATURE	18
2.1	Introduction.....	18
2.2	Pronunciation teaching	18
2.3	Difficulties in learning English vowels	21
2.4	Teachers' education and their background knowledge regarding pronunciation teaching	23
2.5	Studies addressing teachers' beliefs and practices about pronunciation teaching.	25
2.6	Summary.....	29
3	METHODS.....	31
3.1	Approach.....	31
3.2	Participants and the context.....	31
3.3	Materials	32
3.3.1	Background questionnaire.....	33
3.3.2	Semi-structured interview	33
3.3.3	Simulated pronunciation-related episodes in the classroom	34
3.3.4	Consent form.....	36
3.4	Data Analysis.....	37
4	RESULTS AND DISCUSSION	39
4.1	Teacher Education and Pronunciation Teaching	39
4.1.1	Teacher education background	41
4.1.2	Desire to learn more about pronunciation	44
4.1.3	Confidence about pronunciation teaching	45

4.1.4	Importance of teaching pronunciation	46
4.1.5	Teachers' knowledge about English Vowels	47
4.2	How Brazilian in-service teachers approach vowel pronunciation teaching.....	49
4.2.1	Teachers' approach to teaching pronunciation	50
4.2.2	Responses to Simulated Pronunciation-Related Episodes – First Episode. ...	53
4.2.3	Responses to Simulated Pronunciation-Related Episodes – Second Episode.	55
4.3	Summary of findings and discussion questions.....	62
5	CONCLUSION	65
5.1	Findings	65
5.2	Pedagogical implications	66
5.3	Limitations of the study and suggestions for further research.....	67
5.4	Final remarks	68

1. INTRODUCTION

1.1 STATEMENT OF THE PROBLEM

English pronunciation takes on a fundamental role because it is related to a complex aspect of the language in which Brazilian learners may face great difficulties with certain sounds, sound sequences, intonation, and stress patterns, for example (BAPTISTA, 2001; ZIMMER; SILVEIRA; ALVES, 2009). Therefore, it is necessary that teachers have knowledge of the contrasts between the English and Brazilian Portuguese sound system, in order to help students realize early on that the sounds of both languages are not exactly the same and that these differences may be relevant to distinguish words in the second language (L2).

Pronunciation teaching is generally absent from the language classroom in Brazil (COSTA, 2016; SILVEIRA, 2004). Previous studies have shown that some English teachers avoid pronunciation teaching because they feel they do not have enough background to teach pronunciation (BUSS, 2013; COSTA, 2016), as their degree did not prepare them to teach this language component. Thus, teachers' lack of familiarity with pronunciation topics and teaching techniques can end up making it harder for students to develop their oral proficiency in the L2.

Costa (2016) states in his study about teachers' beliefs and classroom practices that there is a need for teacher training courses that address the pronunciation component, "as many teachers do not feel completely comfortable approaching or even teaching explicit pronunciation-related topics in the English as a second language (ESL) contexts." (p. 29).

Research has revealed that one of the frequent difficulties in teaching pronunciation is related to the English vowels. Celce-Murcia et al (1996, p. 129) state that

the challenge of teaching vowels, as with consonants, lies both in how to initially describe the individual phonemes to students and how to find rich, authentic contexts for practice. (...) Vowels can be difficult both for the teacher to describe and for the student to master.

Celce-Murcia et al. (1996, p. 129) explain that "this difficulty is related to the articulatory nature of vowels, which is harder to describe or demonstrate than consonant

sounds”. A second reason for the difficulty can be due to the relative complexity of the English vowel system, which has a large number of vowel sounds, when compared to other languages such as Brazilian Portuguese.

There is also an explanation based on the process of equivalence classification proposed by Flege (1995), which explains that “second language (L2) speech sounds which are similar to first language (L1) phonemes will tend to be assimilated to those L1 phonemes” (p. 238). In the case of Brazilian Portuguese (BP) English learners, this assimilation may occur in vowel pairs such as /ε-æ/; /i-ɪ/; and /u-ʊ/ (RAUBER, 2006, LIMA JR., 2015, 2016). BP English learners tend to treat these pairs as being the same vowel (for example: the pair /ε-æ/ may be perceived as [ε]; the pair /i-ɪ/ may be perceived as [i]; and the pair /u-ʊ/ may be perceived as [u]).

Although there have been many studies about pronunciation teaching (BUSS, 2017; COSTA, 2016; DERWING, MUNRO, 2015; KANG, THOMSON, MURPHY, 2018; REED, LEVIS, 2015; SILVEIRA, 2004) and Brazilians’ difficulties in perceiving and/or producing the English vowels (GONÇALVES, 2014; LIMA JR, R., 2015; RAUBER, A. S., 2006), there have been less studies investigating how teachers approach teaching English pronunciation (BUSS, 2013; COSTA, 2016).

The following sections present the objectives, research questions, and the significance of the research.

1.2 OBJECTIVES

The main objective of this study is to investigate how Brazilian teachers of English approach vowel pronunciation teaching when students face difficulties in learning the English vowels /ε/, /æ/, /i/, /ɪ/, /u/, /ʊ/ in the classroom. More specifically, the study will:

1. Identify possible gaps in the teachers’ education concerning knowledge about English pronunciation and how to teach it;
2. Analyze in-service teachers’ self-reports in order to understand their approach to teach pronunciation, specifically the teaching of the English vowels /ε/, /æ/, /i/, /ɪ/, /u/, /ʊ/.

1.3 RESEARCH QUESTIONS

The following research questions will guide this study:

- (1) How prepared do Brazilian EFL teachers feel to teach pronunciation?
- (2) How do Brazilian EFL in-service teachers approach vowel pronunciation teaching?

The answer to the first research question will allow us to accomplish the first objective, as the teachers' self-reports are expected to highlight what they would like to know about pronunciation teaching and what could be addressed in the curriculum of English teacher undergraduate programs. The second question fulfills the second objective and unveils strategies in-service teachers employ to address vowel pronunciation in class.

1.4 SIGNIFICANCE OF THE RESEARCH

Lima Jr and Silveira (2020) explain that “one of the challenges of presenting English vowels is the fact that there are several dialects and varieties of English, with differences in the vowel system” (p. 19). Vowels are found in every syllable of every word, then they enable us to distinguish between words, such as *pant*, *pint*, *pent*, *punt* or *slip*, *slap*, *slop*. The importance of understanding how teachers feel about teaching these topics is crucial for understanding the kind of strategies they use to teach them.

Learning the basics of pronunciation teaching, teachers will help students not only to learn to speak more clearly, but they will also be able to improve their listening comprehension. That is, when students can pronounce “tree” and “three”, it will be easier to notice the difference when someone says these words to them. As English teachers, we know the importance of pronunciation as we face our own challenges in teaching the language the best way we can to our students. We notice that improving students' pronunciation can help them learn English more easily. This is because pronunciation forces us to listen to speakers more carefully, focusing on how they make the target sounds when they speak.

Since pronunciation is a complex aspect of language use, it is necessary that teachers have knowledge of the contrasts between the English and Portuguese sound system, to help students to realize that the sound differences may be relevant to distinguish words in the second language. Thus, I expect that this study can bring contributions and reflections to the academic studies concerning Brazilian English teachers' classroom practices, as well as help other researchers to investigate the importance of awareness about pronunciation instruction.

2 REVIEW OF THE LITERATURE

2.1 INTRODUCTION

This section presents the review of the literature concerning the theoretical assumptions that guided my research. It will review some of the differences between English and Brazilian Portuguese vowels referring to the difficulties that Brazilian learners face when learning English vowels. It will also present a section on teacher education and the studies that discuss how teachers generally feel about pronunciation teaching and their impressions about their education background. Furthermore, it will review relevant studies addressing teachers' beliefs about pronunciation teaching in the Brazilian context.

The section is divided into four main themes: (1) Pronunciation teaching, (2) Brazilians' difficulties in learning English vowels, (3) Teachers' education and their background knowledge regarding pronunciation teaching, and (4) Studies addressing teachers' beliefs about pronunciation teaching.

2.2 PRONUNCIATION TEACHING

Language is a fundamental instrument, as it serves as a way of communication and reorganization of thoughts, memory, attention, perception, and the entire process of constitution of consciousness. The teaching of language as a communicative tool brings the need and urgency of teaching pronunciation, as stated by Celce-Murcia (1996), "since both empirical and anecdotal evidence indicates that there is a threshold level of pronunciation for nonnative speakers of English" (p.7), that is, whether the speaker's level of pronunciation is below the limit, he/she will face difficulties in oral communication, even if this speaker has an excellent knowledge of grammar and vocabulary. For this reason, we can say that it is extremely important that the speaker exceeds the limit of this level, so this way there are no serious communication problems.

Despite its important role for successful communication, pronunciation is very often neglected in L2 classrooms. As Derwing (2018) explains, "[a]lthough pronunciation instruction (PI) has existed for centuries, the last decade has seen a dramatic increase in research studies devoted to its effects" (p. 320). In their research about pronunciation instruction, Derwing and Munro (2015, p. 78) explain that "many instructors are hesitant

about systematically teaching pronunciation”. Also, the instructors reported to devote “a little time or planning to pronunciation”, correcting students’ production in class sporadically and skipping any activity from textbooks that are related to pronunciation.

One of the reasons which can explain teachers' insecurity in teaching pronunciation is the lack of opportunity to practice this skill in their teacher education program. If in-service teachers lack a solid background in L2 phonetics and phonology and/or pronunciation teaching, it is a natural consequence that they will feel insecure to approach this subject in their professional practice (Costa, 2016). Furthermore, even when teachers feel like it is important to teach pronunciation, if they have not received any practice on how to do it, they are likely to have a limited view about topics, resources and techniques that could be effective and adequate for their teaching setting.

According to Baker (2018), there are classical approaches to pronunciation teaching, marking the beginning of intuitive-imitative practices that was in a period when English language instruction devoted little attention to pronunciation within language teaching. During this period, for learners, the focus was centered on “written communication and, only to a limited extent, on general oral communication (listening/speaking) and finally pronunciation” (p. 250).

We have the first wave (1850s – 1880s) of pronunciation teaching which was marked by a beginning of innovations to language teaching. During this period, it was possible to see in language textbooks the introduction of the vowel numbering system (Baker, 2018). Each vowel sound was assigned a number and was illustrated with a picture, representing objects. Vowel charts were inserted at the beginning of several sections, and it could be possible to see the picture, and be assisted at the same time both by sight and sound, and then get help to pronounce the word. Although oral communication was addressed during this period, “the focus on reading and writing skill development continued to dominate events in language classrooms” (p. 253).

The second wave (1880s-early 1980s), or the reform movement, of pronunciation teaching was introduced by the analytic-linguistic approaches to pronunciation pedagogy which “utilizes information and tools such as a phonetic alphabet, articulatory descriptions, charts of the vocal apparatus, contrastive information, and other aids to supplement listening, imitation, and production” (Celce-Murcia, 2010, p. 2). During this time, new teaching methods were created, as the direct method which was focused on “developing ‘correct pronunciation’ by following and imitating a model” (Baker, 2018). It was also the Audio-

Lingual era, which Derwing (2018, p. 321) describes as “a method that was characterized by ‘listen-and-repeat’ both in chorus and individually”.

The teaching methods of the 1960s, oral-situational and the audio-lingual method, lost influence over time as language teaching moved from a focus on linguistic competence to communicative competence (Levis & Sonsaat, 2017, p. 267). These authors explain that pronunciation began to decline more and more in language teaching, due to the influence of Communicative Language Teaching (CLT). Teacher preparation programs were no longer including pronunciation in their curricula and teachers were no longer being trained, resulting in teachers who did not feel prepared to teach pronunciation.

Even today, the lack of confidence to teach pronunciation is still very common as we will see in this study. Burri and Baker (2016) explain that this lack of instruction concerning English pronunciation may result in teachers’ feeling uncomfortable to teach pronunciation due to a gap in L2 teacher education (p. 3).

According to Celce-Murcia (1996), “only through a thorough knowledge of the English sound system and through familiarity with a variety of pedagogical techniques, teachers can effectively address the pronunciation needs of their students” (p. 11), and consequently, these teachers become more confident in teaching pronunciation.

Celce-Murcia et al. (2010) also explain the importance of providing different stages for pronunciation teaching. The authors propose a five-stage communicative framework for pronunciation teaching. The stages are: (a) description and analysis, which should raise learners’ awareness to the acoustic and articulatory features of the L2 sounds and suprasegments, as well as how these L2 system differ from the L1; (b) listening discrimination allows learners “to gradually train the ears to the targeted feature and rais[e] their consciousness about its importance” (p. 46); (c) controlled practice that contains controlled activities where “language production is limited to certain sound features with learners’ attention being directed to the accurate production of these features” (p. 47); (d) guided practice is when the “context is given and much of the language is already provided” (p. 47); and (e) communicative practice, in which “learners encounter tasks that require them to use the newly acquired phonological feature in genuine exchanges of information” (Celce-Murcia et al., 2010, p. 47).

To conclude this section, it is important to highlight that, as stated by Levis (2020, p. 5) “pronunciation is best taught by qualified language teachers, and [...] nativeness is not a required or even a preferred qualification [...]” to teach pronunciation effectively. Thus, a

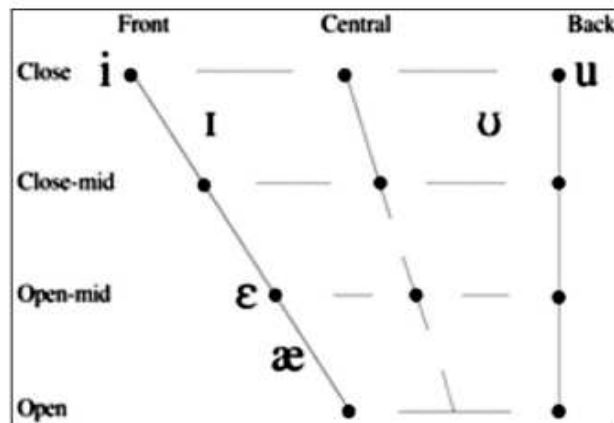
qualified language teacher needs to have access to information about English phonological inventory, phonetic details, and about how to teach pronunciation features that are essential for successful communication.

2.3 DIFFICULTIES IN LEARNING ENGLISH VOWELS

Scholars have pointed out that English presents both a large inventory of vowels (at least 15 monophthongs, according to LADEFOGED, 2015) and a great variability across the different varieties (LABOV ET AL, 2008). In comparison to English, the vowel inventory of Brazilian Portuguese (BP) is relatively smaller, with seven oral monophthongs in stressed position and five nasal vowels (SEARA, NUNES, LAZAROTTO-VOLCÃO, 2017).

An overview of the two vowel systems can be seen in Figure 1 and Figure 2. Thus, we can expect that L2 learners' difficulties may be "due to the relative complexity of the English vowel system - especially as it compares to the vowel systems of many of our students' first languages." (CELCE-MURCIA ET AL, 1996, p. 129).

Figure 1 - General American English vowel system



Source: O Sistema Vocálico do Inglês (p. 27, 2020)

Figure 2 - Brazilian Portuguese vowel system

Vogal	Oral/Nasal	Exemplo
[i, e, ε, a, ɔ, o, u]	Oral	saci, lê, pé, pá, avó, avô,

		caju
[ĩ, ê, ẽ, õ, ã]	Nasal	sim, bem, lã, bom, rum

Source: Conceitos Fundamentais de Fonética Articulatória (p. 20, 2019)

In a study made by Lima Jr and Silveira (2020) about English vowels we can find examples of the pairs of vowels mentioned in Figure 1, comparing them with Brazilian Portuguese sounds. The authors explain that in Brazilian Portuguese (BP) there is only one high front vowel /i/, whereas in English there are two: one tense /i/ and the other lax /ɪ/ which is “the one that presents the greatest difficulty for Brazilian learners. It is the vowel pronounced in *live, it* and *bit*”¹ (my translation, p. 24).

Another vowel that causes great difficulty for Brazilian learners is the English open front vowel /æ/. It is “the vowel of *mad, bad* and *had*. *This vowel* must be pronounced with the mouth more open and the anterior part of the tongue lower”² (minha tradução, Lima Jr and Silveira, 2020, p. 25). Looking at the back vowels, between the two high back vowels of English, /u/ and /ʊ/, “the lax /ʊ/ is the one that presents greater difficulty for Brazilian learners. It is the vowel pronounced in *good, book* and *foot*”³ (my translation, p. 27).

The authors emphasize the importance of pronunciation when explaining that “even if the non-target pronunciation of one of these vowels does not generate another existing word in English, it might sound unusual and cause a breakdown in communication”⁴ (my translation, p. 28).

Figure 2 shows the classification of BP vowels, indicating when the sound is oral or nasal. Authors explain that

although nasality may present varying degrees in different languages, the categories of nasal or oral sound are sufficient to characterize the sounds of languages. In natural languages, vowels are typically oral, but in some languages, such as BP, nasal vowels also occur.⁵ (SILVA, Thaís Cristófaró et al., 2019, my translation, p. 20).

¹ “Entre as duas, a frouxa é a que apresenta maior dificuldade para aprendizes brasileiros. É a vogal pronunciada em *live, it* e *bit*.”

² “É a vogal de *mad, bad* e *had* e deve ser pronunciada com a boca mais aberta e a parte anterior da língua mais baixa.”

³ “Entre as duas, a frouxa é a que apresenta maior dificuldade para aprendizes brasileiros. É a vogal pronunciada em *good, book* e *foot*.”

⁴ “Mesmo que a pronúncia equivocada de uma dessas vogais não gere uma outra palavra existente no inglês, ela poderá causar estranhamento e quebra de comunicação.”

⁵ “a nasalidade possa apresentar grau variado em diversas línguas, as categorias de som nasal ou oral são suficientes para caracterizar os sons das línguas. Nas línguas naturais, as vogais são tipicamente orais, mas, em algumas línguas, como o PB, ocorrem também vogais nasais.”

Lima Jr. (2017) investigated the production of the same English vowels /ɛ æ i ɪ u ʊ/, and he explains that these vowels are considered challenging for Brazilian learners because of the natural difficulty to perceive and produce sounds of an L2 which are not present in the learner's first language (L1). In more details, BP English learners tend to assimilate the vowel pairs /ɛ-æ/ as [ɛ]; /i-ɪ/ as [i]; and /u-ʊ/ as [u], given that the second sound in each pair is not part of the phonemic inventory of BP. Similarly, Rauber's (2006, p. 140) study about perception and production of English vowels by Brazilian learners reported that the vowel pair /ɛ-æ/ is "poorly perceived and produced even by highly proficient BP speakers of English."

Based on the studies which show the difficulties of Brazilian learners in perceiving and producing the sounds of English vowels, it is fundamental that the teacher is aware of the phonological and phonetic differences between Portuguese and English to help students with their pronunciation. Thus, learning to contrast the three vowel pairs investigated by Lima Jr. (2017), which will also be investigated in the present study, is extremely important for learners to communicate successfully using the English language.

2.4 TEACHERS' EDUCATION AND THEIR BACKGROUND KNOWLEDGE REGARDING PRONUNCIATION TEACHING

An interesting study to explore L2 teachers' cognition with respect to ESL pronunciation teaching is that of Baker (2013) which provides a description of the knowledge, beliefs, and practices of experienced teachers as they relate to techniques for teaching English pronunciation. The results revealed that controlled techniques formed the foundation of the teachers' knowledge of techniques. Furthermore, the author explains that "teachers who lack sufficient knowledge of a broad range of techniques are disadvantaged to enable learners to achieve comprehensible English" (Baker, 2013, p. 21).

Baker's study also reinforces the importance of expanding teachers' knowledge in pronunciation techniques and motivating teachers to take courses dedicated to pronunciation pedagogy aiming at "providing effective controlled and guided practice and how to give constructive feedback on learner pronunciation" (p. 22).

As mentioned in the previous section, it is necessary for the teacher not only to master the L2 well, but also to be able to understand the functioning of the language, as well as its

differences and similarities with the L1. Despite that, in the Brazilian context, research has shown that English teachers complain about not having enough background to teach pronunciation (COSTA, 2016; BUSS, 2013), and this may be a huge problem for the language learning of BP students.

As Celce-Murcia et al. (2010) point out, "teachers can be insecure about their pronunciation if they have not had adequate opportunity to address this skill in their own teacher-preparation program." (p. 280). This may be a reason why many teachers do not address the subject, because they did not have a chance to build their knowledge about pronunciation teaching while preparing to become teachers.

An important study that investigated teachers' cognition about pronunciation teaching was conducted by Baker (2011) which participants were English teachers from an intensive language program in the United States. Baker's (2011) found out that many teachers address pronunciation issues only when they judge that intelligibility is compromised, as the need arises in the classroom or as independent activities disconnected from the rest of the class. Baker (2011) adds that "[s]everal teachers commented that in comparison with other skill areas, pronunciation was a relatively neglected area with respect to appropriate resources" (p. 34).

Another study that talks about how teachers lack sufficient background to teach pronunciation was mentioned by Derwing and Munro (2015), who reported on research conducted by MacDonald (2002), in which eight Australian instructors were interviewed to investigate how comfortable they felt working with pronunciation in the classroom. The author reported on the instructors' perceptions of a need for access to more professional development. "The curricula in the various programs in which the teachers worked did not focus on pronunciation; any guidelines that mentioned pronunciation tended to be vague and generally unhelpful." (DERWING; MUNRO, 2015, p. 80).

In order to comprehend teachers' beliefs about L2 pronunciation teaching, Costa (2016) conducted a study with three Brazilian ESL teachers working in a language course at a university located in the south of Brazil (*Cursos Extracurriculares*). Based on reports provided by the participants, Costa (2016, p. 61) found that "pronunciation teaching is a major gap in teacher education, and that undergraduate programs intended to prepare future ESL teachers should include courses on English phonetics and phonology and pronunciation teaching." This need for pronunciation pedagogy in the curriculum is revealed in the results of his study in which all participants stated the importance of teachers being well prepared and

being provided with more courses and materials in order to help these professionals to feel more confident to approach pronunciation teaching in their classes.

Research has also shown that the lack of knowledge about phonetic and phonology can be a reason why pronunciation teaching becomes ineffective. Buss (2013) investigated the internship reports of pre-service ESL teachers from a university located in the south of Brazil. In Buss' (2013) study, the results showed that "teachers had unclear knowledge of the phonologies of Portuguese and English and that they were not fully aware of the reasons behind common pronunciation errors made by Brazilian learners." (p. 255).

Besides, teaching may not be much effective when it is not being focused on the real difficulties of the students. As Celce-Murcia et al (1996, p. 19) state: "in an ESL multi-skills class, pronunciation may not have been explicitly dealt with at all, and students may not have been fully aware of their pronunciation problems". In addition to the lack of knowledge regarding pronunciation teaching, there are other reasons for the limited focus on pronunciation, as "the lack of teacher confidence; the lack of appropriate teaching materials; or the lack of time or space in the curriculum." (PENNINGTON, ROGERSON-REVELL, 2019, p. 180).

In sum, some teachers show some degree of avoidance regarding explicit pronunciation teaching. Costa (2016) found that the participants of his study felt insecure, and they did not know how to teach issues linked to English pronunciation, "although all participants believe that pronunciation may be taught, they did not specify what should be approached in the teaching of pronunciation." (p. 60).

2.5 STUDIES ADDRESSING TEACHERS' BELIEFS AND PRACTICES ABOUT PRONUNCIATION TEACHING

Barcelos (2015, p. 304) defines beliefs as "an important feature of educational and teacher change, since a change in teachers' practices requires a change in their beliefs". The author explains the importance of understanding teachers' beliefs which can help us to "understand both teachers and learners' actions and decision-making processes in the classroom" (p. 304).

For Costa (2016), understanding teachers' beliefs is essential to understanding their teaching. The author explains by saying that "some teachers believe that it is possible for a

student to learn an L2 in the classroom, whereas some believe that the only way is abroad” (p. 24). The same way, understanding students’ beliefs is fundamental to understanding the learning process. "Some students believe that it is easy to learn (an)other language(s), but there are those who believe the opposite" (COSTA, 2016, p. 24).

As explained earlier, pronunciation of English vowels is considered one of the difficulties Brazilian learners face and, for this reason, an important issue that needs to be addressed by language teachers. The present study investigates how language teachers of English approach vowel pronunciation teaching and their beliefs about pronunciation teaching in general.

Pennington and Rogerson-Revell (2019) explained that, due to lack of training and resources, teachers tend to develop methods based on intuition or even rely exclusively on outdated pronunciation teaching materials.

In Brazil, a few researchers have investigated how language teachers address the pronunciation component in the classroom (BUSS, 2013; 2015; COSTA, 2016; HAUS 2018). In the following paragraphs, I will provide a review of these studies.

Costa conducted a study to find out in-service teachers’ beliefs about pronunciation teaching and how these beliefs related to their practices in the classroom. These teachers worked in language service courses at the university where the study was conducted. The study gathered data using a semi-structured interview and included class observations and simulated recall interviews based on the field notes taken during class observation.

One of the questions of the semi-structured interview administered by Costa (2016, p. 72) was taken from Celce-Murcia et al. (1996) and was about English vowel sounds, as we may see below:

A student can’t hear the difference in vowel length in words such as /’bed/ versus /bæd/ or /’bi:t/ versus /’bit/. What technique would you use or what explanation would you give him/her in order to teach such difference? (CELCE-MURCIA, 2010, p. 363).

When answering the question about how to proceed to explain the differences between the vowel contrasts that were posing difficulties to hypothetical learners, the in-service-teachers declared not having deep knowledge on the subject matter, but they reported using techniques they believe to be appropriate to answer the students’ questions when showing difficulties to understand the English vowels. One teacher explained that it is important to “always try to bring it [the vowel sound] within a sentence or a context so that they [students]

might be able to associate that sound with the context” (COSTA, p. 79). Another participant explained that s/he “would transcribe the words, phonetically, on the board and (...) would point out the kinds of sounds that we have and (...) would explain to them the differences” (COSTA, p. 86). A third participant said that it is important to “tell the students there is this difference in terms of vowels that don’t exist in Portuguese” (COSTA, p. 91).

Based on the classroom observation data, which generated a few pronunciation-related episodes, such as: providing explanations of a pronunciation feature, instructions for activities, feedback on student performance, Costa (2016, p. 60) reported that "the participants did not use a variety of techniques and/or resources in order to teach pronunciation to their students", explaining that in-service teachers' approach was mostly based on listening and repeating tasks. In the conclusion, he pointed out that "participants' beliefs sometimes are not congruent with their practices" (COSTA, 2016, p. 60). In other words, a participant believed that a specific technique (repetition) was not effective, but this participant used the same technique during his classes to teach pronunciation, showing a possible lack of knowledge about other alternatives for L2 pronunciation teaching.

Buss (2015) conducted a study to investigate the beliefs and practices of Brazilian English as a foreign language (EFL) teachers. Most of the teachers worked at private language schools, or universities, and a few of them worked in elementary or high schools, taught private lessons, or taught English in companies. Data were collected through an anonymous online survey containing seventy-four (74) questions divided into four topics: demographic information; pronunciation teaching practices; opinions and beliefs about pronunciation; and level of training and confidence to teach pronunciation.

One of the questions about pronunciation practices was about the kind of activities which instructors used to teach pronunciation. A number of fifty-three (53) instructors were interviewed, and twenty-one (21) of them mentioned activities involving repetition. Eleven participants reported the use of exercises with phonetic symbols to explain pronunciation to the students. Nineteen participants mentioned the use of music as well as singing. Nine instructors informed perception and discrimination exercises, and seven instructors answered that reading aloud is the way they choose to teach pronunciation.

It is important to explain that Buss (2015) reported in her study that the pronunciation of English vowels was mentioned by fifteen participants as one of the most serious pronunciation problems experienced by the students. Being that eight of these instructors referred to vowels in general, and seven of them detailed "specifically to the problem of

differentiating between tense and lax vowels, for example /i/ as in ‘sheep’ and /ɪ/ as in ‘ship’” (p. 10). Beyond that, when instructors were asked about their difficulties in teaching pronunciation, eleven participants reported the vowel sounds as the most challenging feature to teach, and “two people said they found minimal pairs and vowel sounds hard to teach because they themselves had difficulties with the subtle differences between certain sounds.” (BUSS, 2015, p. 10). In relation to the instructors' level of training and confidence (p. 12), “most of them claimed to be comfortable teaching pronunciation, but still they reported a wish for more pronunciation training”.

Another study conducted by Buss (2013) investigated the student teachers’ knowledge, beliefs, and practices regarding pronunciation. They were seven pre-service EFL teachers in Brazil, and data analysis was realized by reading reports written by undergraduates studying in a Portuguese and EFL teacher education program. According to Buss, the undergraduate program provides students the following academic experience

The student teachers in this study had taken a sixty-hour course in phonetics and phonology in their first year. They also received some instruction and guidance on how to teach oral skills within more general courses, such as Applied Linguistics, but pronunciation teaching was not covered specifically. (BUSS, 2013, p. 257)

The results of Buss’ (2013) study showed that almost all student teachers could notice students' pronunciation difficulties, but they could not appropriately explain the reason of the pronunciation errors made by Brazilian EFL learners. Part of them only mentioned that “students had many difficulties with pronunciation”, and the other part mentioned that “some/many pronunciation problems were observed during specific oral activities” (p. 258), showing lack of knowledge about the phonologies of English and BP. When the teachers talked about their approaches to pronunciation instruction, they all mentioned repetition as a technique to focus on helping students’ difficulties (p. 260). Some of them ask students to read texts and dialogues aloud, and during the reading these teachers correct students’ pronunciation.

Finally, Buss (2013, p. 262) added that “none of the teachers mentioned using more explicit techniques to raise students’ awareness of pronunciation”, concluding that the pre-service teachers in Brazil “seemed to present a restricted and an intuitive-imitative approach” and suggesting that they were not adequately prepared to teach pronunciation, which might be a huge problem in their university education (p. 262).

Another interesting study conducted by Baker (2013) confirmed the connection between a larger knowledge base of pronunciation techniques and the teachers who took courses dedicated to pronunciation pedagogy. This study explored connections between beliefs, knowledge, perceptions, attitudes, and pedagogical practices of five English language teachers, specifically in relation to pronunciation-oriented techniques. Findings reveal that

the teachers' knowledge base of pronunciation techniques consisted mainly of controlled techniques—techniques strongly manipulated by the teachers and typically considered less communicative than other techniques. Of all techniques, guided techniques (semi-structured) were the least frequently used, suggesting in part that the teachers' knowledge of how to incorporate guided techniques on a consistent basis with oral communication curricula may be limited. (BAKER, 2013, p. 1).

Providing feedback on learner pronunciation is also a challenge which many English teachers face in the classroom. Baker and Burri (2016) studied the case of five experienced English instructors who provide feedback on specific features of pronunciation that negatively affect students' comprehensibility. Results revealed that the beliefs and practices of the teachers demonstrate that “the combination of explicit and targeted feedback along with effective, systematic instruction of pronunciation can be a powerful force in assisting learners to achieve clear and comprehensible English” (p. 14).

2.6 SUMMARY

The main points of the review of literature are summarized in this section. The studies reviewed so far provide a theoretical framework for the present study, which investigates how Brazilian teachers of English approach vowel pronunciation teaching when students face difficulties in learning the English vowels /ɛ/, /æ/, /i/, /ɪ/, /u/, /ʊ/ in the classroom, as well as these teachers' beliefs regarding pronunciation teaching.

The lack of confidence to teach pronunciation is still very common. As was mentioned in Burri & Baker's study (2016), the lack of preparation to teach English pronunciation may result in teachers' low level of comfort in teaching pronunciation or in a deficiency in L2 teacher education (p. 3). Celce-Murcia et al (1996) explain that teachers can become more confident in teaching pronunciation through a deep knowledge of the English sound system and by getting familiar with a variety of pedagogical techniques (p. 11).

As detailed in the literature review, students' difficulties with English vowels may be "due to the relative complexity of the English vowel system - especially as it compares to the vowel systems of many of our students' first languages." (CELCE-MURCIA ET AL, 1996, p. 129). For example, the English vowels /ε æ i ɪ u ʊ/ are considered challenging for Brazilian learners because of the natural difficulty to perceive and produce sounds of an L2 which are not present in the learner's first language (L1). Brazilian Portuguese English learners tend to assimilate the vowel pairs /ε-æ/ as [ε]; /i-ɪ/ as [i]; and /u-ʊ/ as [u], given that the second sound in each pair is not part of the phonemic inventory of BP (LIMA JR, 2017).

We saw that, for this reason, it is necessary for the teacher not only to master the L2 well, but also to be able to understand the functioning of the language, as well as its differences and similarities with the L1. Despite that, in the Brazilian context, research has shown that English teachers complain about not having enough background to teach pronunciation (BUSS, 2013; COSTA, 2016), and this may be a huge problem for the language learning of Brazilian students.

However, it was seen that feeling insecure about their pronunciation because they have not had adequate opportunity to address this skill in their own teacher-preparation program may be a reason why many teachers do not address the subject. The lack of knowledge about phonetic and phonology can be another reason why pronunciation teaching becomes ineffective.

We concluded that, for all these difficulties which were mentioned, it is fundamental to understand teachers' beliefs. Barcelos (2015, p. 304) explains this importance because it can help us to "understand both teachers and learners' actions and decision-making processes in the classroom" (p. 304). For Costa (2016) understanding teachers' beliefs is essential to understanding their teaching as well.

Having concluded the review of literature, the next chapter will present information about the present study's method. The chapter begins with an explanation about the research design, and then moves on to presenting information about the participants, the research instruments and procedures for data collection, as well as data analysis.

3 METHODS

3.1 APPROACH

This is a qualitative study, and it adopts an interpretative approach, meaning that the design of material for data collection – that is, the background questionnaire, the semi-structured interview, and the activity about Simulated Episodes in the classroom, as well as data transcription and data analysis were subjected to my own interpretation. Since I was concerned with comprehending approaches and classroom practices on pronunciation teaching within a specific context, a qualitative approach was a more suitable method for this study.

Following the methodology of previous studies, I tried to obtain relevant information about teachers' opinions and attitudes, and about the process of teaching and learning about pronunciation in the classroom by relying on teachers' self-reports. I intended to analyze teachers from different language backgrounds and decided to invite graduate students or alumni from an Applied Linguistics graduate program to collaborate with the study. A total of seventeen English teachers volunteered to act as participants, and the present study reported on data regarding different beliefs and practices regarding pronunciation teaching, according to the self-report of these participants. All data collected are expected to lead to a rich understanding of beliefs and practices related to English pronunciation teaching.

3.2 PARTICIPANTS AND THE CONTEXT

To be included in this study, it was essential that all participants had Brazilian Portuguese as their first language held a degree in *Letras* and had experience working as English language teachers in Brazil. The participants of the study are part of a convenient sample that consisted of English teachers who were graduate students at the university where this study was conducted.

This study was carried out with the collaboration of seventeen English teachers. Nine of them are master's candidates in English. Five of them are PhD candidates in English. One of them holds a master's in English and is a faculty member at a university. Two of them hold a doctoral degree in English and are teachers and/or researchers. Part of them are teachers of the Extracurricular Language Courses at UFSC and others are teachers in language schools.

All the participants are between their 20s and 30s. Ten of them are female, and they have completed an undergraduate program in the field of English language teaching (*Letras – Inglês* program).

All teachers were invited to participate in the study on a voluntary basis, responding to the invitation sent by e-mail. I collected data from seventeen participants in the background questionnaire, fifteen participants in the semi-structured interview, and ten participants in the activity about simulated pronunciation episodes in the classroom. The intention was to have data from all seventeen participants for the three research instruments. However, given the difficulties to collect data during the pandemic, some participants stopped collaborating with the study. Further information about the participants' background is presented in Chapter 4.

3.3 MATERIALS

Three instruments were used to gather data: a background questionnaire, a semi-structured interview, and an activity with Simulated Pronunciation-Related Episodes. The use of different types of research instruments for data collection in this study was intended to provide rich data to be analyzed and help me answer the research questions. All the data were collected online, with the help of Skype Platform to conduct the online data collection sessions. For each type of research instrument, I created a folder to file the responses and the transcriptions of the data provided by each participant. In this section, I will describe all these materials, as well as the consent form (Appendix I) that was signed by the participants.

The initial data were gathered with an online biographical questionnaire (Appendix II), administered through the online platform Google Forms. A second step was to schedule the semi-structured interview (Appendix III) with the participants. This interview was conducted through the online platform Skype, except participant T17, who felt more comfortable answering the questions through an attached file sent by email. Then, the third and last step for data collection was an activity in which participants had the chance to analyze simulated classroom pronunciation-related episodes (Appendix IV) and report their possible reactions or how they would address students' pronunciation difficulties regarding English vowels.

Table 1 summarizes the research instruments in the sequence they were administered.

Table 1 - Research instruments and goals

Instrument	Goal
Online questionnaire	Collecting biographical information.
Semi-structured interview	Unveiling further information about participants' beliefs and practice with vowel pronunciation teaching.
Simulated classroom pronunciation-related episodes	Exploring teachers' beliefs and practices of vowel pronunciation teaching and gathering further data to triangulate with data provided by the other research instruments.

Source: the author (2022).

In the following sections, we will look at each of the three instruments more in detail.

3.3.1 Background questionnaire

An online questionnaire administered through the online platform Google Forms was used with the objective of collecting background information and gather information about participants' pronunciation teaching experience. This questionnaire included questions that helped to unveil the participants' language learning and teaching experiences, including their knowledge about pronunciation and their experience with English phonetics and phonology. A complete version of the questionnaire, with the 16 questions, can be found in Appendix II. The questions were adapted from previous studies, especially Costa (2016) and Baker (2011).

3.3.2 Semi-structured interview

The interview was conducted through the online platform Skype using a set of guiding questions to help the researcher clarify and/or expand relevant topics. Based on previous studies (e.g., BUSS, 2013; COSTA, 2016; 2015; HAUS, 2018) and on pronunciation pedagogy textbooks (e.g., CELCE-MURCIA ET AL, 1996; 2010; ZIMMER; SILVEIRA; ALVES, 2009), the semi-structured interview was carried out in order to find out how teachers approach pronunciation teaching when students face difficulty to understand the pronunciation of the English vowels /ε/, /æ/, /i/, /ɪ/, /u/, /ʊ/.

Below are some examples of questions used by Costa (2016) and some used by Baker (2011), with adaptations, that were used in the semi-structured interview:

1. How old were you when you began to learn English?
2. Do you feel that your own education as a language student has had any influence on the way you teach pronunciation today?
3. When you were studying English, how did your teachers approach pronunciation teaching?
4. How and why did you become an English teacher?
5. Do you consider your education background has prepared you well to be a language teacher? Explain.
6. What methods and materials (if any) have you used for teaching pronunciation?
7. What is something you would like to understand about English pronunciation?
8. Are you confident about teaching pronunciation?
9. What do you think are your students' greatest difficulties in pronunciation learning? (How do you deal with such difficulties?)
10. Why do you think students tend to face difficulty to understand/pronounce English vowels?

This semi-structured interview helped to generate further information about participants' beliefs and practices with vowel pronunciation teaching, about their formal education, and about their teaching experiences.

The interviews were conducted in Portuguese, following the suggestion of one of the board's members during the qualifying exam for this work, explaining that participants tend to provide more information because they feel more comfortable speaking in their first language. At that time, I translated the questions into Portuguese, and the answers my participants provided I have replicated in the thesis, and they are actually my translations of their Portuguese answers. The original responses can be found in Appendix V (p. 82).

3.3.3 Simulated pronunciation-related episodes in the classroom

Celce-Murcia et al. (1996; 2010) is a textbook devoted to pronunciation pedagogy. Chapter nine in the 2010 edition covers pronunciation teaching practices, areas addressing pronunciation teaching techniques and tools, and discusses the importance of technology in this field. This book was an important resource for the study, as it helped me to design this research instrument. At the end of each chapter, the authors present the reader with hypothetical classroom situations and ask them to explain how they would address these situations if they were the teachers in charge of the group.

As the present study does not include the observation of real English classes, where pronunciation-related episodes could surface, I opted for borrowing some pronunciation-related episodes from Celce-Murcia et al. (1996; 2010) and asking the participants to explain how they would approach these episodes.

Given the restrictions imposed by the pandemic, the Simulated Pronunciation-Related Episodes were administered by sending a file to the participants' e-mail previously. The file contained two simulated classroom situations in which the students have difficulties with English pronunciation and teacher's feedback would be needed.

In the first episode, the participants answered the following question: – “What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?” – for this question, there are five items in which the participants had to try to explain what they would do in each situation presented. Below, there are the items that were adapted from Celce-Murcia et al. (2010, p. 363).

- a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed' and 'bad'.
- b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' and 'bit'.
- c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' and 'boot'.
- d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*.
- e) You students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.

In the second episode, there is an audio file in which the participants listened to two extemporaneous speech samples (CELCE-MURCIA ET AT, 1996, p. 361), then they had to answer the following questions for each speaker:

- a. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

- b. How could you make the speaker aware of this?
- c. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty?

The participants had to analyze the pronunciation episodes and react to them as English teachers. They described their teaching approaches when facing the student's difficulties in pronouncing some English vowels. At the end, I asked each participant how long it took for them to complete this part and if they had any particular difficulty in doing it.

Comparing their answers in the semi-structured interview to this activity about pronunciation episodes helped me to identify strategies used to teach English vowel pronunciation, beliefs about pronunciation teaching, as well as possible gaps in the teachers' education concerning knowledge about the pronunciation of English vowels and how to teach them.

3.3.4 Consent form

As stated before, participants signed the consent form (see Appendix I) at the moment they accepted to participate in this study. The document was shown before all data-gathering procedures started in order to let the participants be aware of important information regarding the procedures and their rights.

Moreover, before starting the data collection, I submitted the project, the research instruments, and the consent form to the *Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos* (CEP). All documents were approved under the protocol number CAAE: 32060920.3.0000.0121.

The data were collected between August 2020 and February 2021. Given the restrictions imposed by the pandemic, all data collection procedures were conducted online. The data collection started with participants receiving a link via e-mail to complete the background questionnaire through the Google Forms platform. They completed this part on their own. After finishing this first part, they had to do the second part - the semi-structured interview; for this stage, they had to schedule with the researcher an online interview via Skype. They completed this part answering questions posed by the researcher and then, they had to do the last part of data collection which was the activity about the Simulated

Pronunciation Episodes. They had to complete this part individually and on their own, answering some questions through an attached file sent by e-mail.

Participants could take any time they want to complete the background questionnaire and the activity about Simulated Pronunciation Episodes as both parts were done via e-mail. However, for the online interview, the participants had to choose a day and time together with the interviewer to answer the questions while attending a videoconference call. These calls lasted about thirty minutes on average for each participant, although some participants took between one hour to one hour and half to complete the online interview.

3.4 DATA ANALYSIS

I transcribed the data and organized them into different document files. To preserve the anonymity of the participants, I assigned them a code using the words *Teacher* plus a number, and I will be referring to them as T1, T2, T3 etc. The analysis consisted of identifying, from the transcriptions of the interviews, and the answers of the activity about simulated pronunciation-related episodes, the teachers' knowledge and practices about English pronunciation in general and its teaching, with a special focus on vowel teaching.

The first objective was to analyze in-service teachers' self-reports in order to understand their approach to teaching pronunciation and to identify possible gaps in the teachers' education concerning knowledge about English pronunciation and how to teach it. A set of five categories were created to organize the participants' responses and unveil their beliefs and influences regarding pronunciation teaching.

To achieve the second objective, that is to investigate how Brazilian teachers of English approach vowel pronunciation teaching when students face difficulties in learning the English vowels /ɛ/, /æ/, /i/, /ɪ/, /u/, /ʊ/, the attention was focused on participants' answers about the English vowels in the interview and also on the activity about the simulated pronunciation-related episodes. For this part of the analysis, I propose three subsections to unveil the participants' approach to pronunciation teaching, their self-reports about how they learned about pronunciation teaching, and their explanation about the techniques they employ to teach English vowels.

In the following chapter, I will report the data generated with the information from the background questionnaire, the transcriptions of the semi-structured interview to discuss how the participant-teachers who contributed with data for this study deal with pronunciation

instruction in their classes, focusing on their beliefs, practices, and possible educational gaps. Then, I will analyze the responses to the questions posed on the interview and the transcriptions of the activity about Simulated Pronunciation-Related Episodes – used to generate participants’ approaches concerning the teaching of the pronunciation of English vowels.

The next chapter is organized in three main sections in which I will answer the two research questions that guided this study.

4 RESULTS AND DISCUSSION

The main objective of this chapter is to present the analysis of the data in order to investigate how prepared Brazilian teachers of English feel to teach pronunciation. The chapter also aims at analyzing how Brazilian in-service teachers approach vowel pronunciation teaching.

This chapter is organized in two main sections. The first section focuses on the first specific research question – How prepared do Brazilian teachers feel to teach pronunciation? This section was divided into five subsections in which I discuss the set of beliefs and influences of the participants of this study.

The second section focuses on the second research question – How do Brazilian in-service teachers approach vowel pronunciation teaching? In this section, I identified the techniques used by the teachers in order to teach pronunciation.

4.1 TEACHER EDUCATION AND PRONUNCIATION TEACHING

To investigate how prepared Brazilian teachers feel to teach pronunciation, participants' answers from the interview and their answers in the activity about simulated pronunciation-related episodes were analyzed. Additionally, based on Costa's study (2016), the following subsections were proposed to categorize the responses because they seemed to be the ones which guide us to understand participants' beliefs and influences: a) teacher education background; b) desire to learn more about pronunciation; c) confidence about pronunciation teaching; d) importance of teaching pronunciation; e) teachers' knowledge about English vowels.

Before addressing the participants' beliefs and influences, it is important to provide an overview of their background. Table 2 summarizes information about the participants' age, education, and teaching experience.

Table 2 - Participants' background.

Participants	Age	Education	Teaching experience
Teacher 1 (T1)	26	MA candidate in English	Online private classes (beginning levels).
Teacher 2 (T2)	26	MA candidate in English	Language courses and regular schools (beginning and

Participants	Age	Education	Teaching experience
			intermediate levels).
Teacher 3 (T3)	35	PhD candidate in English	Private classes, private schools (beginning, intermediate and advanced levels).
Teacher 4 (T4)	41	MA candidate in English	Private classes, regular schools and language courses (beginning and intermediate levels).
Teacher 5 (T5) - did not participate of the interview	38	MA candidate in English	Private classes (beginning, intermediate and advanced levels).
Teacher 6 (T6)	24	MA candidate in English	Extracurricular Course, regular schools, elementary and high school (beginning, intermediate and advanced levels).
Teacher 7 (T7)	28	MA candidate in English	Private classes, private schools, language courses (beginning, intermediate and advanced levels).
Teacher 8 (T8)	22	MA candidate in English	Private classes and Extracurricular course (beginning, intermediate and advanced levels).
Teacher 9 (T9)	34	PhD candidate in English	Private classes, language courses, Extracurricular course and university (beginning, intermediate and advanced levels).
Teacher 10 (T10)	32	MA candidate in English	Language course, high school and Extracurricular course (beginning, intermediate and advanced levels).
Teacher 11 (T11)	28	MA candidate in English	Private classes and Extracurricular course (beginning and intermediate levels).
Teacher 12 (T12)	30	PhD candidate in English	Private classes, elementary school (public and private schools) and language course (beginning, intermediate and advanced levels).
Teacher 13 (T13)	29	MA in English and University Lecturer	University. Teachers' assistant at public school (intermediate and advanced levels).
Teacher 14 (T14)	34	PhD in English	Language course and public high school (beginning, intermediate and advanced levels).

Participants	Age	Education	Teaching experience
Teacher 15 (T15) - did not participate of the interview	37	PhD in English and University Lecturer	Language course and university (intermediate and advanced levels).
Teacher 16 (T16)	35	PhD in English and University Lecturer	University, private classes, language course, Extracurricular course and public school (beginning, intermediate and advanced levels).
Teacher 17 (T17)	37	PhD candidate in English and University Lecturer	University (beginning, intermediate and advanced levels).

Source: the author (2022).

4.1.1 Teacher education background

To prepare this section, in addition to gathering information from the background questionnaire, I analyzed two interview questions:

(Q2) - Do you consider your education background has prepared you well to be a language teacher?

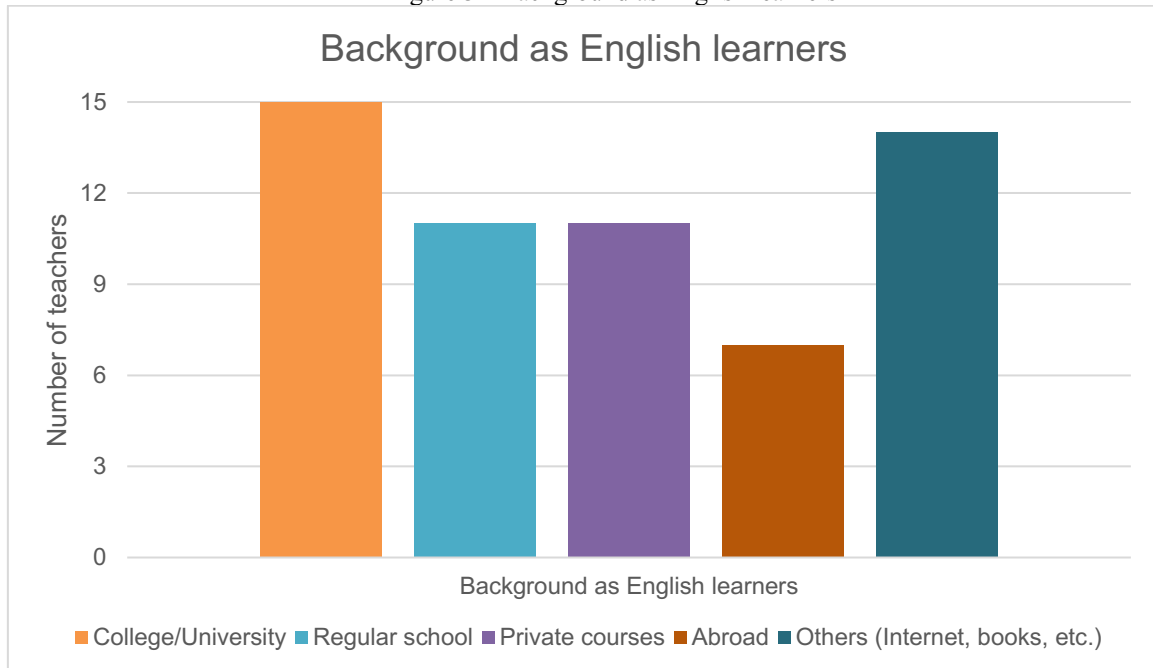
(Q4) - How strong do you consider your linguistic knowledge of English pronunciation?).

These questions (see Appendix III) were asked as an attempt to unveil participant-teachers' education background. It is important to mention the teachers' background as English learners because all of them had experienced learning English in different ways.

Fifteen participants answered the questions from the semi-structured interview. Participants T5 and T15 did not participate of the interview.

Figure 3 below summarizes where/how the participants learned English. Based on their answers, we can see that all of them (15) learned English while in college, and nearly all of them (14) complemented their learning in an independent manner, using resources from the internet and books, for example. Most participants (11) also reported that they learned English while attending regular school or private courses. Finally, nearly half of the participants (7) reported having learned English abroad.

Figure 3 - Background as English learners



When replying to the question, “Do you consider your education background has prepared you well to be a language teacher?”. Nine participants (60%) answered “yes”. Teacher 4, for instance, explained:

“I think my education background brought me so much knowledge. A critical perspective so I could work with foreign languages”.⁶

On the other hand, two participants (13,3%) answered “no”, and Teacher 2 mentioned a short period to learn the target language as a negative point in his education:

“Only two years learning English was not enough. So, I had to learn the language doing trips and studying in language courses”.

Also, four participants (26,6%) answered “partially”, as Teacher 3 mentioned:

“I learned more in training, feedback and sharing from other teachers who were at the schools where I worked”.

As can be seen, the participants’ answers indicate that most of them considered their educational background has prepared or partially prepared them to become teachers. On the positive side, some participants highlighted that their education helped them develop a critical perspective towards language teaching, and that teaching practice and sharing experiences

⁶ All the direct quotations I have from participants are my translations of their words in Portuguese. The original answers can be found in Appendix V (p. 82).

with other educators enriched their development and language teachers. Yet, a negative point highlighted by a participant was the insufficient amount of time dedicated to language learning in his undergraduate program and how he needed to seek for language development in other contexts.

The limited amount of time dedicated to language learning is part of the reality of *Letras* programs in Brazil. For example, at UFSC, as in many of the *Letras Línguas Estrangeiras* programs in Brazil, students who have little or no knowledge of the additional language when they enter the undergraduate program are welcome. This means that in addition to studying linguistic, literature, translation and pedagogy related subjects, these learners have to develop their language proficiency in a four-year period, but most of the additional language learning subjects are concentrated in the first two years of the program.⁷

When it comes to the question, “How strong do you consider your linguistic knowledge of English pronunciation?”, again fifteen participants replied, and ten participants (66.6%) considered it strong. T14 said: “I know a lot, from studying, taking courses and improving my pronunciation”.

But three participants (20%) answered “not so strong”, as T8 explains: “...from my training with the language and from the practice of teaching, I learned a lot, but it is the basic knowledge”. Also, two participants (13.4%) answered “not strong”, and T3 adds that: “... the more I learn, the more I realize that I know less”.

As this section has shown, teachers’ education background varied mainly concerning having studied the language abroad (only seven of them reported having this experience). Most of them reported having studied English in regular school and private courses, all of them have studied English at college, and nearly all of them reported using other self-study tools.

It is interesting to notice the high number of teachers who reported feeling confident about how their education background had prepared them to be a teacher, but some of them also highlighted the importance of strengthening their education through teaching practice and sharing experiences with peers. As for knowledge about English pronunciation some participants reported possessing strong knowledge (T2, T3, T12), while others reported a need to learn more (T4, T7, T11, T13).

⁷ For details about the program, see: <https://coordlinguasestrangeiras.ufsc.br/letras-linguas-estrangeiras/>.

4.1.2 Desire to learn more about pronunciation

Costa (2016, p.43) reminds us that very often “teachers are the first speakers of the target language learners have interaction with”. This may explain the willingness of participant-teachers to improve their knowledge of the target language. When question five (in the English teacher education background topic) was asked, “If you had the opportunity to take a pronunciation teaching course, would you do it?”, almost all participants answered “yes” (fourteen “yes” and one “no”).

Although one participant (T1) replied that maybe she would take a pronunciation course to improve as a teacher, explaining she cannot say that she feels worried about it, fourteen participants gave an affirmative answer for the chance to improve pronunciation teaching. T4, for instance, says she would take all the courses she had the opportunity to do “in order to improve and to teach students in a more dynamic, practical and memorable way”. T14 explained that she would take a pronunciation course to learn more about teaching pronunciation because she does not remember having a very specific lesson on teaching pronunciation.

Another important question about the same topic (English teacher pronunciation background) was asked, as in question six: “What is something you would like to understand about English pronunciation?”. Table 3 below displays the answers provided by each participant. We can see that the topics that call the participants’ attention most often are English vowels (26.6%), followed by accents (20%) and phonetic transcription (13.3%). Three participants (26.6.%) replied that there is no specific pronunciation topic they would like to learn, while one participant reported being interested in learning more about -ed morphemes, one highlighted suprasegmental aspects (prosody, intonation, and rhythm), and one indicated that s/he would like to learn about intelligibility.

Table 3 - Desire to learn more about English Pronunciation.

Pronunciation area	Participants
English vowels	T2; T8; T7; T1
Phonetic transcriptions	T6; T10
Different accents	T16; T12; T13
-ed sounds (regular verbs in the past)	T4
Prosody, intonation, rhythm	T3
Intelligibility	T9

Pronunciation area	Participants
Nothing specific	T11; T14; T17

N = 15

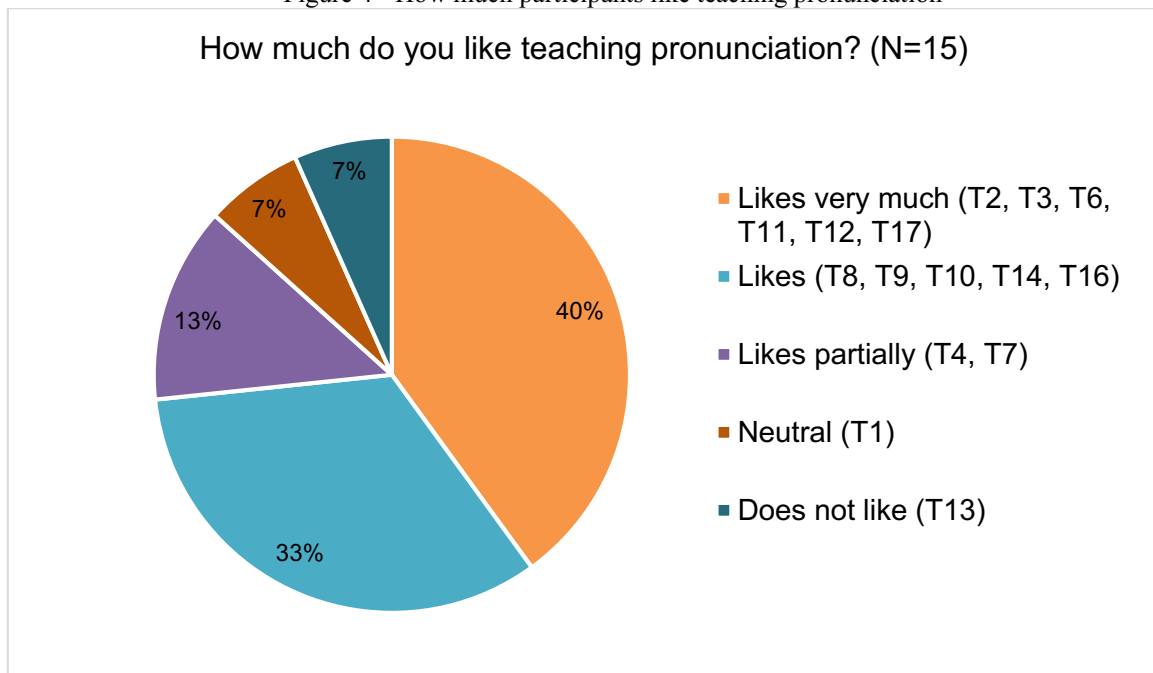
Source: the author (2022).

As shown in this section, in general, the participant-teachers are willing to improve their knowledge about English pronunciation and how to teach it. Pronunciation topics that are highlighted by the teachers are vowels, accents and phonetic transcription.

4.1.3 Confidence about pronunciation teaching

In order to prepare this section, I analyzed the interview questions that are part of the topic “Reflections about typical teaching practices and pronunciation”: How much do you like teaching pronunciation? This was a closed, multiple-choice question answered by fifteen participants. Participants’ answers are presented in Figure 4.

Figure 4 - How much participants like teaching pronunciation



The participant-teachers’ responses show an overall positive view of pronunciation teaching, with thirteen positive responses (six teachers who like it very much, plus five who like it and two who like it partially), and only one negative response because he/she does not feel confident enough about his/her own pronunciation.

The second question used in the Interview session was part of the topic “Reflections about typical teaching practices and pronunciation”. In this question, participants were asked: Are you confident in teaching pronunciation? Participants’ answers are shown in Figure 5 below:

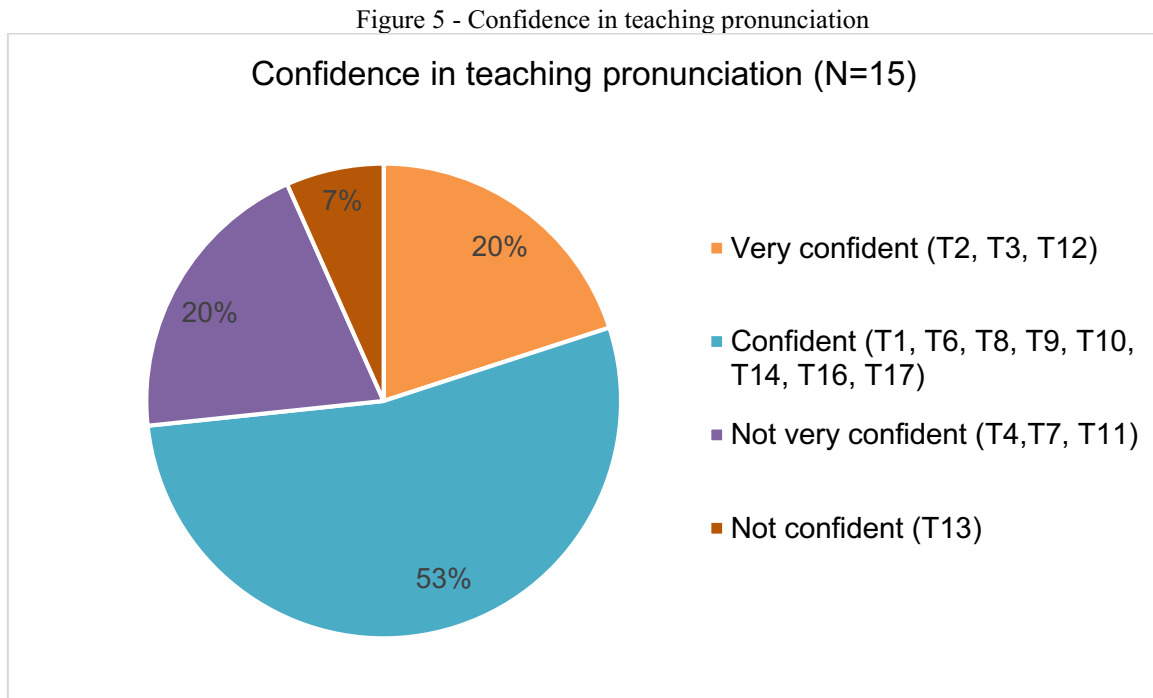


Figure 5 shows that most teachers report high confidence levels about their capacity to teach pronunciation. Nevertheless, four participants seem to doubt they are prepared to teach pronunciation. It is interesting to notice that three of these participants who lack confidence are the ones who stated that they dislike or do not like so much to teach pronunciation in their classes (see Figure 4: T4, T7, T13).

4.1.4 Importance of teaching pronunciation

In order to prepare this section, I analyzed an interview question from the topic “Reflections about typical teaching practices and pronunciation), question five, namely: How important do you think pronunciation teaching is?

As can be seen in Table 4, when replying to question five, most of the participants stated that pronunciation is very important (ten participants) or important (five participants). Two of them think the most important factor is intelligibility, as mentioned by T2: “being intelligible is the key to more effective communication”. T8 thinks pronunciation is very important, but when it comes to producing the speech orally, “students get very confused with

pronunciation”. For T17, pronunciation is extremely important because “an unintelligible speech can cause confusion in the communication and lead to non-communication”.

Table 4 - How important participants think pronunciation teaching is.

How important do you think pronunciation teaching is?	Participants
Very important	T2; T3; T4; T6; T8; T9; T12; T13; T14; T17. (10 participants)
Important	T1; T7; T10; T11; T16. (5 participants)

N = 15

Source: the author (2022).

Although T11 believes pronunciation is just as important as any other aspect of teaching, she says she does not focus on pronunciation because she wants “to make students confident to speak English”. Also, three participants mentioned that pronunciation teaching needs to be tailored for each student. T6, for instance, thinks pronunciation is very important, but “it depends on the context, it depends on why the student is studying English.” T12 thinks it is essential to teach pronunciation, “but it depends on each student”. And T16 explains that “it depends on the context, the moment and who the students are”.

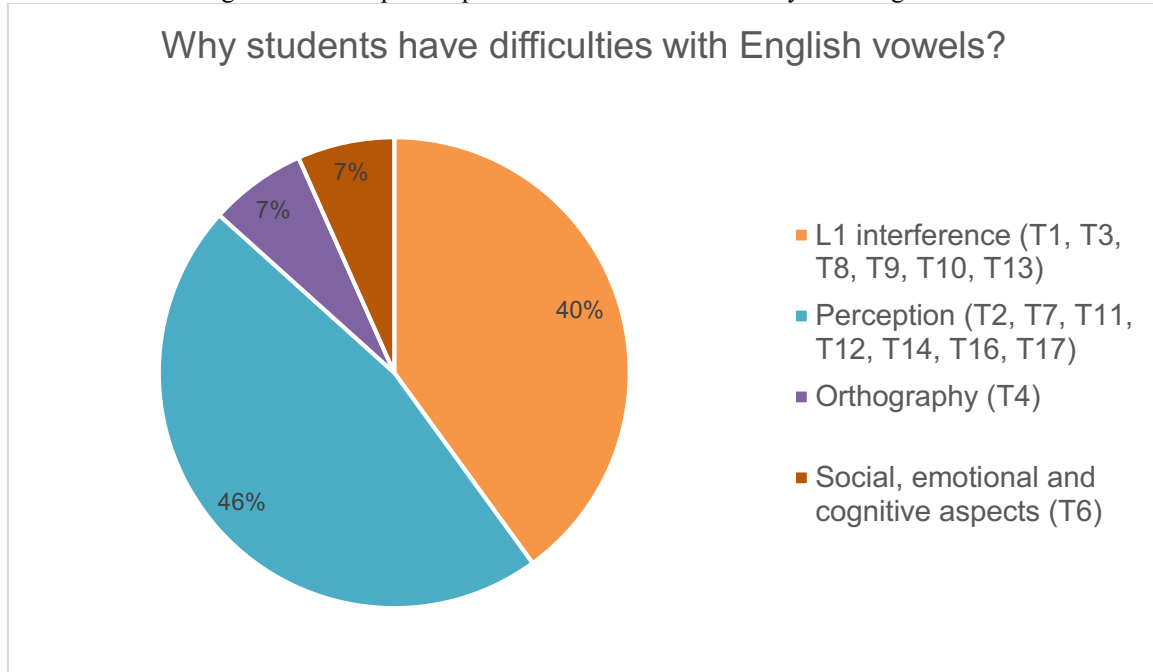
Although the teachers’ responses to question five showed that most of them believe that pronunciation teaching is important, they seemed to be concerned about how to go about teaching pronunciation. Some answers indicated a concern with the students’ feelings and needs, for example, or how teaching needs to be targeting intelligibility and learners’ goals.

4.1.5 Teachers’ knowledge about English Vowels

In this section, I analyzed the interview questions number seven (Why do you think students tend to face difficulty to understand/pronounce English Vowels?) and eight (Are you aware of differences in vowel quality?) from the topic “Reflections about typical teaching practices and pronunciation”. The responses to these questions were provided by fifteen participants.

Figure 6 summarizes participants' opinion about students' difficulty with English vowels.

Figure 6 - Participants' opinion about students' difficulty with English vowels

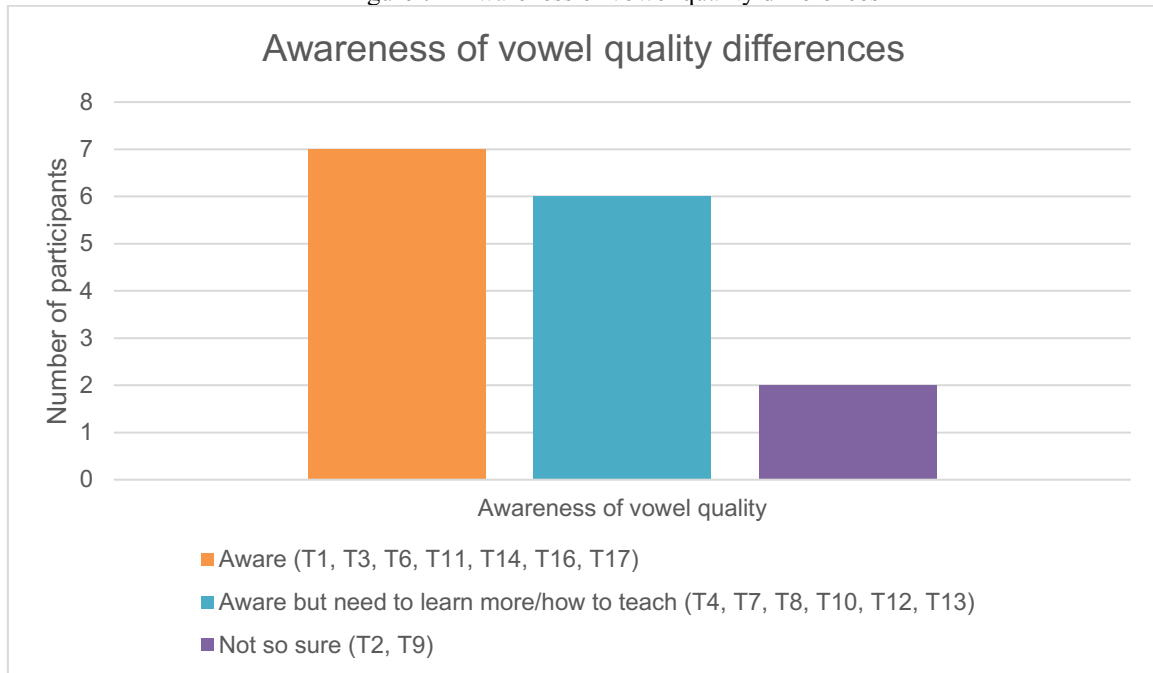


When replying to the question, “Why do you think students tend to face difficulty to understand/pronounce English Vowels?”, six participants (40%) believe that students get confused because of the interference of the first language. They highlighted that the English vowel system is different from the Brazilian-Portuguese vowel system. T13 explains that “students do not know how to differentiate one sound from another”. T2 thinks difficulty lies in students’ perception and also “in the absence of these sounds in the learners’ first language”. Further, T6 also mentioned social and emotional aspects that might justify the difficulty in understanding English vowels, while T4 indicated that orthography plays a role.

Figure 7 summarizes the participants responses to the question, “Are you aware of differences in vowel quality?”. Fifteen participants reported possessing varying degrees of “awareness”. Seven participants answered to be “aware”, and two participants are “not so sure” they are aware. It is important to explain that, although six participants feel they are aware of vowel quality differences, they admitted feeling insecure in some aspects, (as shown in Figure 7), such as T10 who states “not knowing exactly how to explain to students”. T12 explains that she can understand all the differences, but she thinks that she cannot produce some vowels.

Interestingly, T13, who answered to “know well”, says his greatest difficulty is to help students realize that there is a difference, “because even if I explain, many times they do not notice the difference.”. T17 explained that nowadays he is more aware of several issues that he did not know a few years ago and that he seeks to be intelligible / understandable in communication.

Figure 7 - Awareness of vowel quality differences



4.2 HOW BRAZILIAN IN-SERVICE TEACHERS APPROACH VOWEL PRONUNCIATION TEACHING

To investigate how Brazilian in-service teachers approach vowel pronunciation teaching, some of the participants’ answers from the interview and their answers in the activity about simulated pronunciation-related episodes were analyzed. Also, the following three subsections were proposed because they seemed to be the ones which are relevant to understand participants’ approaches in pronunciation teaching.

Subsection 4.2.1 provides details about how the teachers approach pronunciation teaching and how they learned about pronunciation teaching, according to their responses provided to a number of questions from the interview session. Then, subsections 4.2.2 and

4.2.3 present the participants' responses to the simulated pronunciation-related episodes, in an attempt to have further insights about how the participants go about teaching English vowels.

4.2.1 Teachers' approach to teaching pronunciation

This section examines the participants' answers to find out how they teach pronunciation. In this case, I analyzed the interview question from the topic "Teacher Education", namely, question three: What methods and materials do you use for teaching pronunciation? Likewise, I will analyze the responses given to two questions from the topic "Reflections about typical teaching practices and pronunciation" - question three: Is your pronunciation teaching based on a particular method or approach? - and question four: What aspect do you emphasize most in your teaching? A total of fifteen participants provided answers to these questions.

When replying to the question, "What methods and materials do you use for teaching pronunciation?", two participants (T2 and T10) emphasized "extra material" when pronunciation teaching was considered necessary in their classes. T2, for instance, reported that "there is no pronunciation in the books", that he has to bring extra material, "from the Internet, games, to facilitate the learning of pronunciation". Similar, T10 reported "using textbooks and some extra materials" that she can find when she is planning her classes.

In addition, some of them detailed their answers explaining their techniques or resources in order to teach pronunciation, as T1 mentioned that she likes to make her students send audio messages via *Whatsapp*, explaining "they speak English and then I evaluate their pronunciation, giving them some feedback". Differently, T6 tends to write notes on the board, listing students' difficulties, as he notices that there is a necessity to teach pronunciation. When he is teaching verbs in the past, for instance, he introduces the final -ed sounds of regular verbs.

T9 likes to do activities in pairs. She explains she observes the groups to see how the students are speaking, what words they have difficulty to pronounce, and then she explains, compares sounds to make students understand. She mentioned she likes to use apps, such as *ELSA* (English Language Speech Assistant), a pronunciation teaching app for language learners to practice and get automated feedback on their pronunciation.

Also using technology resources, T13 likes to use podcasts. He explains that he has a specific podcast that is well suited for the intermediate students, which is the *BBC's 6 Minute English*. It is a material that he has used a few times when he is teaching English with a focus

on pronunciation, and he says it has given some interesting results, “the students seem to enjoy it and also they show development both in comprehension and hence perception and even production”.

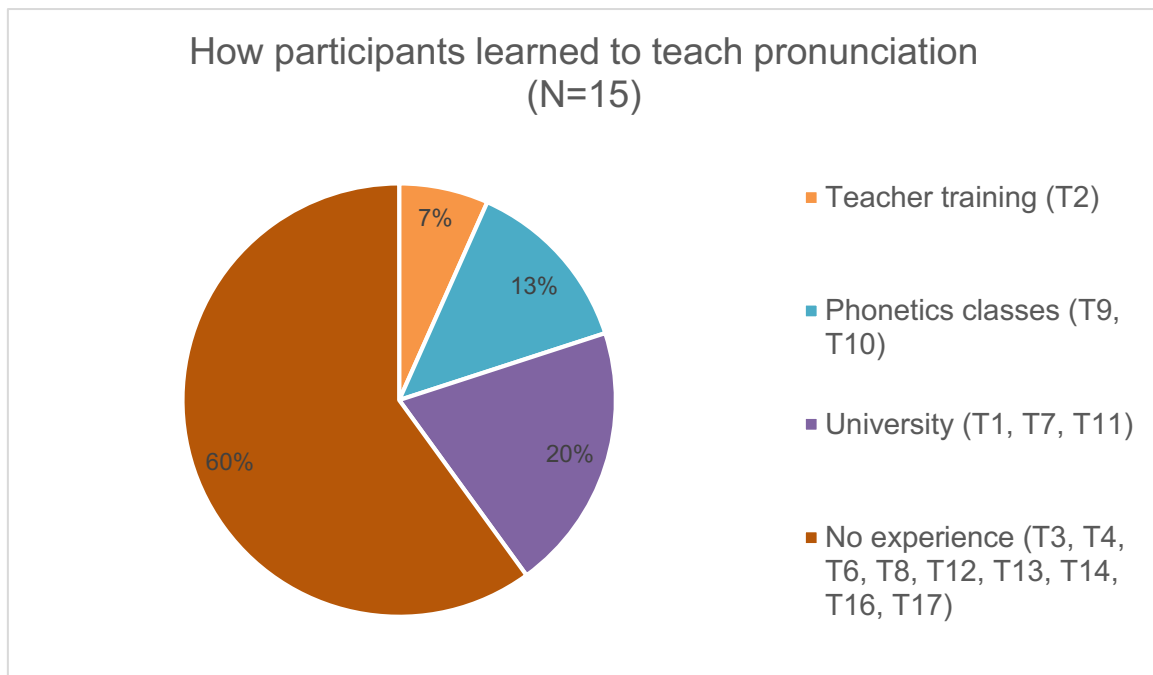
It is important to remember that some of the participants explain they do not use the same technique regularly, as they take into consideration students’ necessity and/or their language level, as mentioned by T11: “I teach pronunciation when it is a student’s necessity, when they have a question about how to pronounce a word”. Similar, T12 believes that “it has to be individualized work, because each student has a goal, each one has a difficulty”.

Furthermore, T16 explains that “pronunciation is all about cultural issues”. She says she tries to focus “on the needs that the students are presenting at that moment”. T3 explains that for the intermediate level students, he already starts to focus on the production of morphemes because he says he observes a lot of spelling influence in the productions. He adds that “if students do not understand that the relationship between letter and sound is a representation, so it becomes more difficult to acquire it”.

When replying to the question, “Is your pronunciation teaching based on a particular method or approach?”, nine participants reported having no experience in pronunciation teaching as part of their education as English teachers. T12 mentioned “until then, no one has ever taught me how to teach pronunciation”. Six of them mentioned how they learned to teach pronunciation as shown in Figure 8.

As can be seen, one teacher reported having learned about pronunciation teaching by attending a teacher’s training course, two teachers had phonetics classes, and three reported having learned about pronunciation in some of the undergraduate program subjects (most likely the English classes, but they do not provide further details).

Figure 8 - How participants learned to teach pronunciation



When replying to the question, “What aspect do you emphasize most in your teaching?”, five participants believe intelligibility is the most important factor in the communication process, as explained by T1, who affirms that she just wants her students “to speak in a way that is clear, that they can be understood”. Furthermore, four teachers reported that they teach the pronunciation of individual segments to students.

On the other hand, five participants specified some aspects of pronunciation teaching that they address in class. Five participants highlighted individual sounds. Four participants tend to emphasize morpheme pronunciation, such as -ed in regular verbs in the simple past, and only T12 mentioned to emphasize intonation in pronunciation teaching, as shown in Table 5.

Table 5 - Aspects that participants emphasize most when teaching pronunciation.

Aspects	Participants
Intelligibility and communication	T1; T2; T7; T9; T16 (5 participants)
Individual sounds	T4; T8; T10; T17 (4 participants)
Word stress	T4 (1 participant)
Morphographeme rules (-ed)	T3; T6; T8; T14 (4 participants)
Intonation	T12 (1 participant)

N=15

Source: the author (2022).

4.2.2 Responses to Simulated Pronunciation-Related Episodes – First Episode.

In order to prepare this section, I analyzed the participants' answers in the activity about simulated classroom situations in which students have difficulties with pronunciation of some English vowels. The participants had to analyze the first episode and react to the situations as English teachers. To complete this part of data collection, they received an e-mail with the activity attached and they could answer any day and time they wanted and send back the file with their response to the researcher.

In the first episode, the participants answered the following question: – “What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?”. For this question, there were five items in which the participants had to try to explain what they would do in each situation presented. Below, there are the items that were adapted from Celce-Murcia et al. (2010, p. 363).

- a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed' and 'bad'.
- b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' and 'bit'.
- c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' and 'boot'.
- d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*.
- e) You students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.

Eleven participants were available to do this part of data collection, namely: T1; T2; T4; T7; T8; T9; T11; T12; T13; T14; and T16. Ten of these participants reported that they would provide more examples with words with the same sounds in order to explain to their students when they are facing difficulties to understand the pronunciation of English vowel sounds. For instance, when students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*, T2 answered he would explain to the students that “the pronunciation of the word *sun* is the same”. T4 said s/he would “elicit from students, other examples of words with similar sounds, for example: bad = mad”. In the same way, T8 answered “I would give them a list with similar words like back/beck”. Similarly, T7 explained that she would work with examples which “we have sounds in English similar to the vowel in *bola*, such as: block,

sock, lock”, and then she said she would show “the common pronunciation of *son* and *come* accompanied with more examples of words with this sound, such as: plum, drum, run”.

In addition to providing more examples to their students, seven of these participants also said that they usually compare the words in English to words in Portuguese whose sounds are the same. In the example ‘*book versus boot*’, T11 said she “would provide an explanation focusing on the similarity between the sounds in these words to the sounds ‘ô’ and ‘ú’ in Portuguese”. In the example ‘*bed versus bad*’, T7 answered “I would make comparisons with Brazilian Portuguese, for example: *café, pé* and etc”. Also, when students pronounce *cut* and *put* with the same vowel for instance, T8 said “I would show them how *cut* has more of an ‘a’ sound (thinking about Brazilian Portuguese pronunciation)”.

Seven participants mentioned “articulation movements” to explain the sounds through the demonstration of the position of the lips, tongue, jaw, etc., to give more options of examples to their students, as T1 explained: “*cut*, mouth more open. *Put*, mouth almost closed”. T7 said she would ask students to pay attention to differences in their pronunciation by “focusing on the length of the vowel, short or long, and the position of their tongues and lips when saying the words with those sounds”. In more details, T8 believes that articulation movements are “also helpful”, in the example “book versus boot”, she said she would “demonstrate how the muscles in our mouth differ (relaxed/tensed) and the rounded lips”.

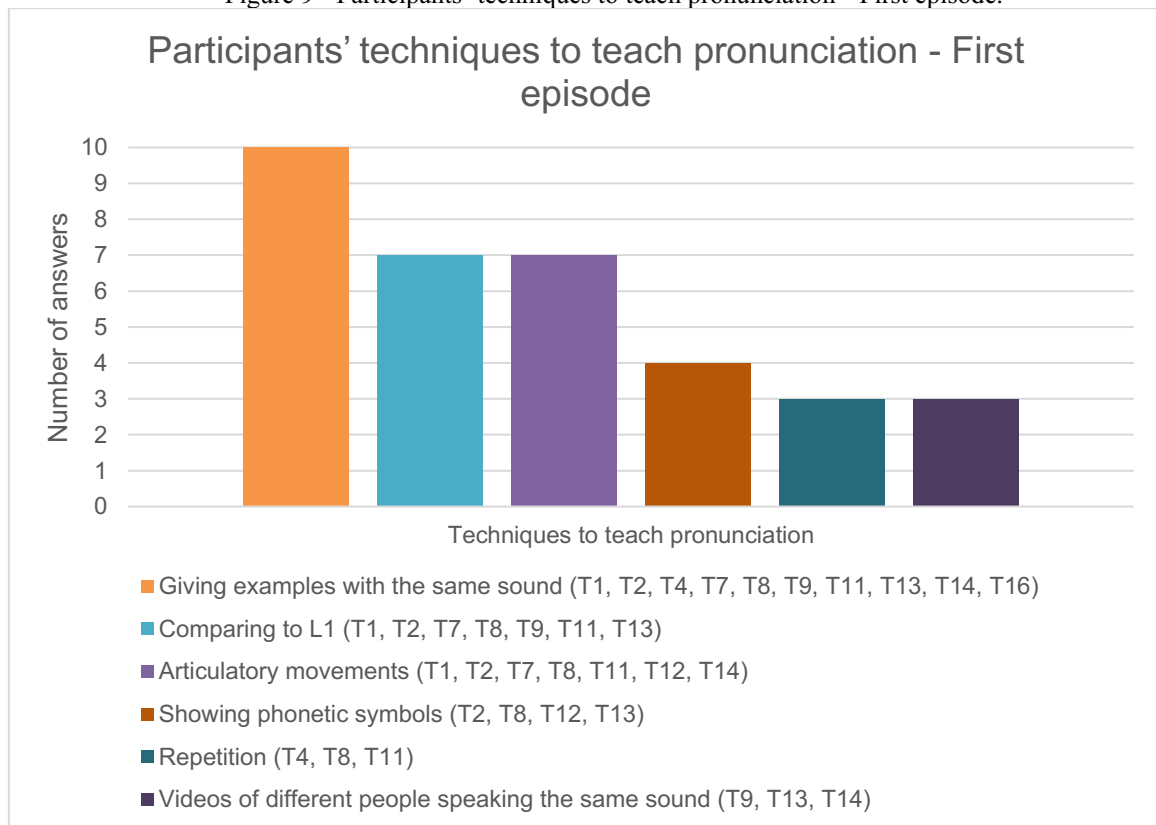
Connected to the articulation of vowel sounds, four participants mentioned they show phonetic symbols to make students learn the difference of English vowel sounds, either by drawing the phonetic symbol on the whiteboard or by showing students the phonetic symbol in the dictionary. In the example “beat versus bit”, T2 said he would explain “the difference between the phonemes /i/ (long sound) and /I/ (short sound)”. In the example “bed versus bad”, T8 said “I show them the respective phonemes /ɛ/ and /æ/”. With this same example, T12 explained she would use “some online dictionary and show to students the difference between both words”. Also, T13 said he would “show the different IPA symbols that are used to represent the different sounds (/ɛ/ and /æ/)”.

Only three participants mentioned “repetition” as a way to emphasize pronunciation teaching, as explained by T4: “I would write the words on the board and ask them to repeat (two or three times)”. In the example “son and come”, T11 said she could “repeat these words with the appropriate pronunciation and check if the student(s) notice the difference”. She continues explaining if it does not work, she can “repeatedly use the words throughout the class”.

Also, three participants said that videos of people speaking the words which were mentioned in the activity about simulated pronunciation-related episodes can be useful to explain pronunciation differences, as T9 answered: “I would also bring videos of different people speaking those words”. It is important to mention that there are participants who do not feel confident teaching pronunciation, as T13 said: “I would use some explanation in video from the internet, because I cannot differentiate between the two words (‘book’ and ‘boot’), nor produce them in a way that the difference is clear to the student”. T14 added she would show students “other people pronouncing words with similar sounds”, and she would also use a “list of words with images to help them with pronunciation and vocabulary learning at the same time”.

In Figure 9, we can see the participants who answered the questions of the first episode and the techniques they use or the explanation that they give in order to teach the pronunciation of English vowels.

Figure 9 - Participants’ techniques to teach pronunciation - First episode.



4.2.3 Responses to Simulated Pronunciation-Related Episodes – Second Episode.

In order to prepare this section, I analyzed the participants’ answers in the activity about simulated classroom situations in which students have difficulties with English pronunciation.

The participants had to analyze the second episode and react to the situations as English teachers.

In this second episode, there is an audio file in which the participants listened to two extemporaneous speech samples (CELCE-MURCIA ET AL, 1996, p. 361), then they had to answer the following questions for each speaker:

1. What language background do you think this speaker has?
2. What pronunciation features does this speaker systematically omit?
3. How could you make the speaker aware of this?
4. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty?

Eleven participants were available to do this part of data collection, namely: T1; T2; T4; T7; T8; T9; T11; T12; T13; T14; and T16. This activity required that the teachers identify first language backgrounds, pronunciation difficulties, in addition to making recommendations about how the learners could improve their pronunciation. At the end, I asked each participant how long it took for them to complete this part and if they had any particular difficulty in doing it.

Comparing their answers in the semi-structured interview to this activity about pronunciation episodes helped me to identify strategies used to teach English vowel pronunciation, as well as possible gaps in the teachers' education concerning knowledge about English pronunciation and how to teach it.

We can find possible correct answers for the four questions posed in this activity in the answer-key provided by Celce-Murcia et al. (1996, p. 425). For the first question – “What language background do you think this speaker has?” – the expected answer for Speaker 1, according to the authors, was: “The errors suggest an Asian language, but the accent is so light that her first language, which happens to be Japanese, is not obvious”. And for Speaker 2, the authors explain that: “His native language is obviously French”.

Two participants (T4 and T11) gave the correct answer for Speaker 1, three participants (T7, T8 and T14) gave the correct answer for Speaker 2. Plus, for Speaker 1, T8 answered that she could not identify the speaker's language background. T13 said he could not think of any specific language background for either Speaker. T16 did not answer the question. We can see different kinds of participants' answers, as Table 6 shows, and notice that participants do not

have experience with people from different language backgrounds, which made it difficult for them to identify their first language background based on a short speech sample.

Table 6 - Speakers' language background.

Participants	Speakers' language background
T1	Speaker 1: French. Speaker 2: Arabic.
T2	Speaker 1: Mexican or Spanish. Speaker 2: Japanese or Indian.
T4	Speaker 1: Asian. Speaker 2: English second language learner.
T7	Speaker 1: Europe, in the region of Ireland, Scotland, or more up north. Speaker 2: France or some Arabic countries.
T8	Speaker 1: Could not identify the speaker's language background. Speaker 2: French.
T9	Speaker 1: Maybe Spanish. Speaker 2: Maybe German.
T11	Speaker 1: Chinese. Speaker 2: German.
T12	Speaker 1: Asian. Speaker 2: German.
T13	Speaker 1: Cannot think of any specific language background for this speaker. Speaker 2: Cannot think of any specific language background for this speaker.
T14	Speaker 1: Spanish. Speaker 2: French.
T16	Participant did not answer the question.

N=11

Source: the author (2022).

For the second question - “What pronunciation features does this speaker systematically omit?” – Celce-Murcia et al.’s (1996, p. 425) answer key show the following answers: Speaker 1: “She omits some final consonants in clusters, for example, *find*, and produces / l / in *friendly* more like an / r /”. And for Speaker 2, a possible answer is: “His problems are not omissions but rather substitutions”. None of the participants seemed to be fully confident with their answers. Two of them (T8 and T12) were able to give the correct answer for Speaker 1. T8 said “It seems that she produces an /r/ when she says ‘friendly’”. T12 answered that “she has difficulty with the /r/ and /l/ sounds, as in the words friendly”. T7 was close to the correct answer, but she still did not seem to be confident when she said “the speaker says ‘I found it funny’ in an uncommon way, maybe it is the similar sounds of fun and found”. T13 said he could identify some issues in the pronunciation of some words “biggest, friendly, find”, but he could not identify any specific systematic omission. Six participants (T1; T2; T4; T9; T11; and T14) did not specify their answer and one participant (T16) did not give any answer for this question. For this reason, we can confirm that participants do not have experience with this specific language background language background and found it difficult to identify accent features of a speaker of English whose first language is Japanese.

Four participants (T1, T11, T12, T14) were able to give the correct answer for Speaker 2. Remembering that for Speaker 2, his problems are not omissions but substitutions. T1 said that the Speaker used “-ze in words that begin with ‘th’”. We can see that this participant understands that it is a matter of substitution. Although, T11 did not mention the substitution, she understood that there was something different with this Speaker when she answered “the ‘th’ sound (voiced dental fricative)”. T12 was more specific on her answer when she said that “the pronunciation of the "th", it seems he pronounces with an /z/ sound”. Six participants (T2; T4; T7; T8; T9; T13) did not give the correct answer or did not specify their answer. One participant (T16) did not answer the question. This way, we can confirm again that participants do not have experience with people from this specific language background.

For the third question – “How could you make the speaker aware of this?”, we can understand that it is a question about participants’ opinion. Participants’ answers showed their experience with pronunciation teaching and how the strategies and techniques they use. Five participants (T4; T7; T9; T11; and T12) believe it is a matter of repetition/paraphrasing/recasting when speakers need to be aware of their difficulties. For instance, T4 answered she would use strategies such as: “recast, paraphrase, confirming what she said by providing the correct form to check if she can notice it.”. Similarly, T7 said she

would use “recasting to try to make the correction easygoing”. T9 said she would make the speakers aware of their difficulties “probably by repeating the same word once again. Emphasizing the pronunciation of the word, so the speakers could notice their own mistake”. T11 would come up with a creative way of having to write simple words with retroflex, writing on the board and asking the students to pronounce them. T12 also said she would make use of recasts, in case she had difficulty to understand speakers’ messages.

Three participants (T1; T7 and T8) said they would expose speakers to native speakers’ recordings, as mentioned by T8: “I would create awareness of the problem and would contrast it to a native speaker making the same sounds”. T7 said she would play audios with people saying the same words/sounds so that she could compare the pronunciations. Linking to this point of view, T2 said he would show the learners their recording and then would show the right pronunciation, “after that, I would give them some activities in order to practice the sounds”. T14 also mentioned examples and making use of resources and said she could tell speakers that they should try to practice more pronunciation. T13 showed a lack of experience in pronunciation teaching and said “I am not capable of identifying omission, so I could not make the speakers aware of this particular problem”. T16 did not give any answer for this question.

For the fourth and last question – “What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty?”, we can understand that it is also a question about participants’ opinion. Participants’ answers, again, showed us their experience with pronunciation teaching and they provided different kinds of answers, although three of them (T1; T9; T13) confessed not knowing much about pronunciation teaching, so they said they could not answer the question properly, as T9 stated: “I guess I have never prepared a class focused on pronunciation. I just observe my students’ difficulties during speaking activities proposed in class and then call their attention to possible pronunciation mistakes”.

Two participants (T2 and T12) mentioned minimal pairs as a way to help the students to overcome the difficulty in pronunciation. “I would show some minimal pairs, their phonemes, and some tips to know how to pronounce these sounds”, said T2. Similarly, T12 answered that s/he would do “activities with perception and production of minimal pairs”. The same participants (T2 and T12), together with T11, mentioned the articulation movements as a way to help the students with pronunciation, as T2 explained when he said he would show students “some tips to know how to pronounce these sounds, such as /i/ (smiling face) and /ɪ/ (serious face)”. T11 explained that s/he would show students “images or animations that represent the

articulation of those sounds, together with the sound produced”. Plus, T4 and T12 added stress and intonation as ways to improve students’ pronunciation.

Three participants (T7; T8; and T11) explained they would show samples from different accents for the same sounds to make students understand better, “so we can compare and contrast the sounds and work on the most common pronunciation they would find in real-life situations”, said T7. For Speaker 2, specifically, (for the misplacing of the stress in Texas), T8 would “work with some video of a native showing the state around and constantly mentioning its name”. And T11 said she “would show the students videos of different people using these same sounds in different contexts and ask them to take note of that specific sound”. Two participants (T14 and T16) did not answer the question.

As mentioned in the beginning of this subsection, the participants were asked how long it took for them to complete the whole activity about Simulated Pronunciation-Related Episodes (the First and the Second one) and if they had any particular difficulty in doing it.

It is important to remember that in the First Episode participants had to analyze five situations as English teachers in which students have difficulties with English vowels. And in the Second Episode, there is an audio file in which the participants listened to two extemporaneous speech samples (CELCE-MURCIA ET AL, 1996, p. 361), then they had to answer four questions for Speaker 1 and Speaker 2. We can check their answers in Table 7.

Table 7 - Time and difficulty in doing the activity about Simulated Episodes.

Participants	How much time to answer the questions	Difficulty
T1	10 minutes	Second Episode, question 2 (because of lack of experience).
T2	30 minutes	No difficulty.
T4	2 hours	Second Episode, speaker 2 (she thinks it’s too difficult).

Participants	How much time to answer the questions	Difficulty
T7	1 hour	First Episode. Cut x put (she thinks both sounds are very similar).
T8	1 hour and half	Second Episode.
T9	30 minutes	Second Episode. The first two questions (because she does not focus on pronunciation in her classes).
T11	10 minutes	Second Episode (because of lack of practice).
T12	30 minutes	No difficulty.
T13	45 minutes	First Episode. Vowels (he thinks quality differences are very difficult).
T14	30 minutes	Second Episode. Audio part (she thinks it's hard if people do not have opportunities to experience speaking with people from different nationalities).
T16	20 minutes	She did not understand the questions.

N=11

Source: the author (2022).

Again, eleven participants were able to do the activity and although T16 said she took twenty minutes in doing it, she did not answer most of the questions. Two participants (T1 and T11) took ten minutes to do the activity. One participant (T13) took forty-five minutes. Four participants (T2, T9, T12, T14) took thirty minutes. One participant (T7) took one hour. One participant (T8) took one hour and half. And one participant (T4) took two hours to complete the whole activity.

The Second Episode was considered the most difficult among the participants. Six of them (T1, T4, T8, T9, T11, and T14) chose this episode as the most difficult to understand. Four of them (T1, T4, T11, and T14) said they have difficulty because they do not have experience interacting with people from different nationalities. T9 considered the Second

Episode difficult because she does “not focus on pronunciation during classes”. T8 did not give a reason for considering the Second Episode the most difficult in her opinion.

Two participants (T7 and T13) considered the First Episode the most difficult. T7 said “cut x put” was very hard for her because she thinks “both sounds are very similar”, thus indicating her difficulty in perceiving this vowel contrast. T13 considered vowels are very hard because he thinks “quality differences are very difficult to understand”. T2 and T12 said they had no difficulty in answering any question, and both of them took thirty minutes to complete the whole activity.

Finally, we can see that most of the participants lack experience with Phonetics symbols, and for this reason, they tend to use L1 sounds to illustrate the pronunciation of L2 sounds when their students face difficulties with pronunciation. We can also confirm with participants’ reports their lack of experience with different accents and English speakers from different nationalities, plus some gaps in the teachers’ education concerning knowledge about English pronunciation and how to teach it.

4.3 SUMMARY OF FINDINGS AND DISCUSSION QUESTIONS

This section aims to discuss the results of this research and also to compare the results with the literature in Chapter 2.

In this study, we could see some techniques which Brazilian teachers of English employ to teach vowel pronunciation when students face difficulties in learning the English vowels /ɛ/, /æ/, /i/, /ɪ/, /u/, /ʊ/ in the classroom.

When analyzing participants’ answers in the activity about Simulated Episodes in which they had to explain their techniques to teach pronunciation, we could notice that four of the eleven participants reported that they would show phonetic symbols to explain sounds’ differences to their students when they are facing difficulties to understand the pronunciation of the English vowels /ɛ/, /æ/, /i/, /ɪ/, /u/, /ʊ/. We could also confirm their insecurity in teaching pronunciation when three of them mentioned that they prefer to show videos of different people speaking the sounds than teaching them themselves. This lack of knowledge about phonetics and phonology can be another reason why pronunciation teaching becomes ineffective. As explained by Burri and Baker (2016), this may result in teachers’ low level of comfort in teaching pronunciation or in a deficiency in L2 teacher education (p. 3). Thereby, we indorse that these teachers can become more confident in teaching pronunciation through a

deep knowledge of the English sound system and getting familiar with a variety of pedagogical techniques (CELCE-MURCIA ET AL, 1996, p. 11).

One of the important questions asked in the semi-structured interview was the participants' opinion about the reason students tend to face difficulty to understand/pronounce English Vowels. 40% of them explained they believe that students get confused because of the interference of the first language. They highlighted that the English vowel system is different from the Brazilian-Portuguese vowel system. Therewith, Celce-Murcia et al (1996) corroborate the statement in which one of the reasons that we can expect L2 learners' difficulties may be "due to the relative complexity of the English vowel system - especially as it compares to the vowel systems of many of our students' first languages." (p. 129).

Seven of fifteen participants who answered the semi-structured interview, believe that perception is one of the difficulties students face to understand/pronounce English Vowels and Lima Jr. (2017) ratifies that the same English vowels (/ε æ i ɪ u ʊ/) are considered challenging for Brazilian learners because of the natural difficulty to perceive and produce sounds of an L2 which are not present in the learner's first language (L1). Keeping in mind that Brazilian Portuguese English learners tend to assimilate the vowel pairs /ε-æ/ as [ε]; /i-ɪ/ as [i]; and /u-ʊ/ as [u], given that the second sound in each pair is not part of the phonemic inventory of BP. It is necessary for the teacher be able to understand the functioning of the language, as well as its differences and similarities with the L1.

It was mentioned before that understanding teachers' beliefs is essential to understanding their approach to pronunciation teaching, because this way we can "understand both teachers and learners' actions and decision-making processes in the classroom" (Barcelos, 2025, p. 304). Of the fifteen participants who answered the semi-structured interview, eight considered pronunciation teaching as very important. Most of the participants do not feel comfortable with pronunciation features because not all of them have experience in learning Phonetics. Nine of them assumed they have no experience in teaching pronunciation, and consequently, they do not have deep knowledge on the subject matter, declaring having difficulties in answering questions about English vowel sounds when they are asked to explain them.

As mentioned in the review of the literature chapter II, subsection 2.3 (p. 18), in comparison to English, the vowel inventory of Brazilian Portuguese is relatively smaller, with seven oral monophthongs in stressed position and five nasal vowels (SEARA, NUNES, LAZAROTTO-VOLCÃO, 2017), and according to Lima Jr. and Silveira (2020) "this already

predicts Brazilian learners' difficulties with vowels and, mainly, with vowel contrasts that do not exist in L1" (p. 39).

Although the participants of this study are aware that one of the difficulties of Brazilian learners is in relation to the perception and production of English vowels, they themselves admitted feeling insecure in some aspects, such as not knowing exactly how to explain to their students. Additionally, participants demonstrated that they need more experience with phonetic symbols and with pronunciation teaching. We could also confirm with participants' reports that having experience with different accents and nationalities would be relevant for teaching and learning.

Thereby, it is worth highlighting some information that Lima Jr. and Silveira (2020) consider essential for the English language teacher can be able to help their students in the learning of English vowels. They are:

- a. knowing how to compare the vowel systems of the mother tongue and the target language and highlight the contrasts that are most important to communicate in English; b. knowing how to explain that, as in any language, there is variation in the production of vowels; c. knowing that the purpose of learning pronunciation is not to teach learners to speak like natives, but give them resources to be able to understand speakers with different profiles, as well as to make your speech more intelligible; d. knowing how to select and prepare teaching materials that help their students in learning the English vowel sounds.⁸ (researchers' translation, 2020, p. 45)

Therefore, the ideal is to take into consideration the needs of students in the target language, as mentioned by T12 who believes that "it has to be individualized work, because each student has a goal, each one has a difficulty".

⁸ "a. saber comparar os sistemas vocálicos da língua materna e da língua alvo e destacar os contrastes que são mais importantes para se comunicar em língua inglesa; b. saber explicar que, como em qualquer língua, existe variação na produção das vogais; c. saber que o objetivo de aprendizagem da pronúncia não é ensinar os aprendizes a falarem como nativos, mas dar a eles recursos para poder compreender falantes com perfis diversos, bem como para tornar sua fala mais inteligível; d. saber selecionar e preparar materiais didáticos que auxiliem seus alunos na aprendizagem dos sons vocálicos da língua inglesa." (Lima Jr. and Silveira, 2020, p. 45)

5 CONCLUSION

The main findings are summarized in this chapter. This summary is done as an attempt to bring an answer to the general objectives of this study: to identify possible gaps in the participants education background in relation to pronunciation pedagogy, and to investigate how Brazilian teachers of English approach vowel pronunciation teaching when students face difficulties in learning the English vowels /ε/, /æ/, /i/, /ɪ/, /u/, /ʊ/ in the classroom. The chapter begins with a summary of the research findings and how they helped to answer the two research questions:

- (1) How prepared do Brazilian teachers feel to teach pronunciation?
- (2) How do Brazilian in-service teachers approach vowel pronunciation teaching?

The following sections address the pedagogical implications of the present research, the study limitations, and suggestions for further studies.

5.1 FINDINGS

Teachers' beliefs about pronunciation teaching may influence their attitudes towards their classroom practices (COSTA, p.61). That is the importance to investigate how Brazilian teachers of English approach vowel pronunciation teaching when students face difficulties in learning the English vowels.

The major findings concerning vowel pronunciation teaching in this study were that 60% of the participants consider their background had prepared them well to be a language teacher, but there was insufficient time dedicated to language learning in the undergraduate program and how they needed to seek for language development in other contexts. Some of them also highlighted the importance of strengthening their education through teaching practice and sharing experiences with peers.

Even though some teachers reported confidence levels about their capacity to teach pronunciation, some of them seemed to doubt they are prepared to teach pronunciation. It is interesting to notice that the participants who present lack confidence are the ones who stated that they dislike or do not like so much to teach pronunciation in their classes.

Although the participants' responses showed that most of them believe that pronunciation teaching is important, they seemed to be concerned about how to go about teaching pronunciation. Some answers indicated a concern with the students' feelings and needs, for example, or how teaching needs to be targeting intelligibility and learners' goals. Also, 40% of these participants confessed the need to learn more about vowel quality differences and how to teach them.

Regarding their practices, the participants of this study do not use a variety of techniques to teach pronunciation and when their students face difficulties with English vowels, most of them give examples with sounds which are similar and/or compare the sounds to L1. In general, some participants do not feel prepared to teach pronunciation.

Finally, we can see that Brazilian in-service teachers in this study lack experience with phonetic symbols and with pronunciation teaching. We can also confirm with participants' reports their lack of experience with different accents and nationalities, furthermore some gaps in the teachers' education concerning knowledge about English pronunciation and how to teach it.

5.2 PEDAGOGICAL IMPLICATIONS

As it was stated in the beginning of this thesis, previous studies have shown that some English teachers avoid pronunciation teaching because they feel they do not have enough background to teach pronunciation (COSTA, 2016; BUSS, 2013), as their degree did not prepare them to teach this language component. Therefore, I hope that the findings and the implications found during this study can be taken as a starting point for further research by Brazilian English teachers. Likewise, I hope this research can provide a reflection on the teaching of pronunciation in order to bring new insights into how Brazilian in-service teachers approach L2 pronunciation in their classes.

Pronunciation takes on a fundamental role because it is related to a complex aspect of the language in which Brazilian learners may face great difficulties, that is the reason of the importance to investigate more deeply what Brazilian teachers' approaches about vowel pronunciation teaching are and how these approaches can shape the way they teach to their students.

Similar to Baker (2018, p.1), what teachers know and believe about pronunciation teaching influences what they prioritize in the class and how they guide students to learn the content that they need to focus on. This way, I hope that this research has inspired participant-teachers' reflective thinking and teaching practices regarding L2 pronunciation teaching. The limited time of dedication to participants' learning about pronunciation teaching may reflect a neglect of pronunciation teaching in the classroom. Therefore, I intended to provide my contribution to the academic studies concerning teachers' approaches on second language pronunciation teaching by investigating their teaching techniques in the pronunciation of English vowels.

5.3 LIMITATIONS OF THE STUDY AND SUGGESTIONS FOR FURTHER RESEARCH

The aim of this research was to investigate how Brazilian English teachers approach pronunciation teaching when students face difficulties in learning English vowels. The data collection was carried out in three parts. The first part consisted of administering the background questionnaire, in which 17 (seventeen) teachers participated. The second part was conducted with the help of the semi-structured interview, in which 15 (fifteen) teachers were available to participate. The third part included the activity about Simulated Pronunciation-Related Episodes in the classroom, in which 11 (eleven) teachers could participate, although one of them did not provide answers.

The main limitation of the present study was the pandemic period that affected the participants, physically and/or psychologically. This global crisis led some participants of this study to postpone or cancel the second part of the data collection (semi-structured interview) and, consequently, the number of participants in the second and last part (activity about Simulated Episodes in the classroom) was reduced. Despite the reduction in the number of participants, the data obtained was sufficient to inspire my reflections on teachers' approaches to teaching pronunciation. Furthermore, as this is a qualitative and interpretive study, the methods used to collect data, as well as their findings and results, are loaded with subjectivity.

It would be very difficult to build a complete view about teachers' approaches and pronunciation teaching. Even so, we may say that an important step was taken in revealing the ideas of the participants' approaches about vowel pronunciation teaching.

I suggest a similar study in a different context – another institution, for instance – in order to verify whether teachers' approaches are similar or divergent from those of the participants of this study. Also, I would like to suggest a study involving only English teachers who are taking (or have taken) a course on pronunciation to unveil their approaches concerning pronunciation teaching.

5.4 FINAL REMARKS

This study intended to bring contributions and reflections to the academic studies concerning Brazilian English teachers' approaches on second language pronunciation teaching. I deeply believe that English teachers should reflect upon their practices of English language teaching and learning, with a special attention in pronunciation instruction.

Thus, English teachers must consider that for their students to improve their pronunciation in English, they will need to be aware of the phonological characteristics to achieve intelligible speech, so that they are able to communicate and be understood, as well as understand the speakers. Therefore, teachers should study English phonetics and phonology to learn more and understand the needs of their students.

I hope that this research can inspire participant-teachers' reflective thinking and teaching practices regarding L2 pronunciation teaching. I also intend to provide my contribution to the academic studies concerning teachers' approaches on second language pronunciation teaching by investigating their teaching techniques in the pronunciation of English vowels.

REFERENCES

- BAKER, Amanda A. **Pronunciation Pedagogy: Second Language Teacher Cognition and Practice.**" Dissertation, Georgia State University, 2011. https://scholarworks.gsu.edu/alesl_diss/16
- BAKER, Amanda Ann. **Exploring Teachers' Knowledge of Second Language Pronunciation Techniques: Teacher Cognitions, Observed Classroom Practices, and Student Perceptions.** *Tesol Quarterly*, [s.l.], v. 48, n. 1, p. 136-163, 2013.
- BAKER, Amanda A. Pronunciation Teaching in the pre-CLT era. **The Routledge handbook of contemporary English pronunciation.** Routledge, 2018. p. 249-266.
- BAKER, Amanda; BURRI, Michael. Feedback on Second Language Pronunciation: A Case Study of EAP Teachers' Beliefs and Practices. **Australian Journal of Teacher Education**, [s.l.], v. 41, n. 6, p. 1-19, 2016.
- BAKER, Amanda Ann, **Research on teacher cognition and pronunciation instruction: Implications for teachers** (2018). Faculty of Social Sciences - Papers. 4732. <https://ro.uow.edu.au/sspapers/4732>
- BAPTISTA, Barbara O. Frequent pronunciation errors of Brazilian learners of English. **EFL teaching and learning in Brazil: theory and practice.** Florianópolis: Insular, p. 223-230, 2001.
- BUSS, Larissa. (2013). Pronunciation from the perspective of pre-service EFL teachers: An analysis of internship reports. In J. Levis & K. LeVelle (Eds.). **Proceedings of the 4th Pronunciation in Second Language Learning and Teaching Conference.** Aug. 2012. (p. 255-264). Ames, IA: Iowa State University.
- BUSS, Larissa. Beliefs and practices of Brazilian EFL teachers regarding pronunciation. **Language Teaching Research**, v. 20, n. 5, p. 619-637, 2015.
- BUSS, Larissa. The role of training in shaping pre-service teacher cognition related to L2 pronunciation. **Ilha do Desterro**, v. 70, n. 3, p. 201-226, 2017.
- CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages.** Cambridge University Press, 1996.
- CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.
- COSTA, B. C. de A. **Pronunciation teaching is not a one-size-fits-all endeavor: EFL teachers' beliefs and classroom practices.** MA thesis, PPGI/UFSC. 2016.

DERWING, T. M. (2018). The efficacy of pronunciation instruction. In O. Kang, R. Thomson & J. Murphy, (Eds.). **The Routledge handbook of English pronunciation**, (pp. 339-353). New York: Routledge.

DERWING, T.; MUNRO, M. **Pronunciation Fundamentals: Evidence-Based Perspectives for L2 Teaching and Research**. Language Teaching Series, n. 42. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

FLEGE, James E. Second language speech learning: Theory, findings, and problems. **Speech perception and linguistic experience: Issues in cross-language research**, v. 92, p. 233-277, 1995.

GONÇALVES, Alison Roberto et al. **In search of speech intelligibility: the case of English high front vowels**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Chapter 1, p.1 - 2.

HAUS, Camila. **Ensino de pronúncia sob a perspectiva do inglês como língua franca: crenças e práticas de professores de inglês do CELIN-UFPR**, MA thesis, 2018.

KANG, Okim; THOMSON, Ron I.; MURPHY, John M. **The Routledge handbook of contemporary English pronunciation**. Routledge, 2018.

LABOV, William; ASH, Sharon; BOBERG, Charles. **The atlas of North American English: Phonetics, phonology and sound change**. Walter de Gruyter, 2008.

LADEFOGED, Peter. **Vowels and consonants**. Second Edition. Blackwell, p. 27 –28, 2015.

LEVIS, J.M., & Sonsaat, S. (2017). Pronunciation teaching in the early CLT era. In O. Kang, R. Thomson & J. Murphy (Eds.), **The Routledge handbook of English pronunciation**, (pp. 267–283). Routledge.

LIMA JR, Ronaldo. **A influência da idade na aquisição de seis vogais do inglês por alunos brasileiros**. Organon, v. 30, n. 58, 2015.

LIMA JR, Ronaldo. **A necessidade de dados individuais e longitudinais para análise do desenvolvimento fonológico de L2 como sistema complexo**. 2016.

LIMA JR., R. **The influence of metalinguistic knowledge of segmental phonology on the production of English vowels by Brazilian undergraduate students**. Ilha do Desterro, 70, 117-130. 2017.

LIMA JR.; SILVEIRA, R. O Sistema Vocálico do Inglês. In ALVES, Ubiratã Kickhöfel (org.) et al. **Fonética e Fonologia de Línguas Estrangeiras: subsídios para o ensino**. 1. ed.– Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 19-57.

MACDONALD, Shem et al. **Pronunciation-views and practices of reluctant teachers**. 2002.

PENNINGTON, Martha C. et al. **English Pronunciation Teaching and Research**. Palgrave Macmillan UK, 2019.

RAUBER, A. S. (2006). **Perception and production of English vowels by Brazilian EFL speakers**. Florianópolis, SC. Doctoral dissertation. Universidade Federal de Santa Catarina.

REED, M.; LEVIS, J. **Wiley-Blackwell handbook of English pronunciation**. 2015.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, Thaís Cristófaró et al. **Fonética Acústica: os sons do português brasileiro**. Editora Contexto, 2019.

SILVEIRA, R. (2004). **The Influence of Pronunciation Instruction on the Perception and Production of English Word-Final Consonants**. Doctoral dissertation. Florianópolis: UFSC.

ZIMMER, M. C.; SILVEIRA, R.; ALVES, U. K. **Pronunciation instruction for Brazilians: bringing theory and practice together**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing (CSP), 2009.

APPENDIX I (CONSENT FORM)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INGLÊS: ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante,

Meu nome é **Brenda Perpétua Pereira da Mota** e sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em Inglês (PPGI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Junto com a minha orientadora, Prof. Dra. Rosane Silveira (DLLE/ CCE), iremos realizar uma pesquisa científica intitulada: Estratégias de professores brasileiros de Inglês para abordar as dificuldades dos alunos na aprendizagem da pronúncia.

Este documento tem como objetivo esclarecer como a pesquisa será realizada para que o(a) participante possa participar voluntariamente da coleta de dados, além de apresentar todas as informações legais e necessárias. Caso o(a) participante aceite o convite livremente e autorize sua participação na pesquisa, faz-se necessário a leitura cuidadosa desse documento e a sua assinatura no final.

1) OBJETIVOS DA PESQUISA:

O principal objetivo dessa pesquisa é identificar possíveis lacunas na educação dos professores em relação ao conhecimento sobre a pronúncia do inglês e como ensiná-lo.

2) PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS:

A coleta de dados se fará através de um questionário biográfico online, administrado por meio da plataforma online *Google Forms*. O questionário incluirá perguntas que podem ajudar a desvendar as experiências de aprendizado e ensino de idiomas dos participantes, incluindo seu conhecimento sobre a pronúncia em Inglês e sua experiência com fonética e fonologia em Inglês. Um segundo passo será agendar entrevistas com os participantes. As entrevistas serão conduzidas usando um conjunto de perguntas norteadoras, mas serão incluídas perguntas adicionais para ajudar a pesquisadora a esclarecer e / ou expandir tópicos relevantes. É importante relatar que durante toda a coleta de dados, a pesquisadora estará disponível para ajudá-lo (a) com possíveis problemas ou dificuldades que ocorrerem.

3) POSSÍVEIS BENEFÍCIOS, GANHOS E RESULTADOS DA PESQUISA:

Os resultados da pesquisa podem trazer contribuições e reflexões para os estudos acadêmicos sobre as práticas em sala de aula de professores brasileiros de Inglês, além de ajudar outros pesquisadores a investigar a importância da conscientização sobre o ensino da pronúncia. Um relatório final com os resultados da pesquisa será enviado para o(a) participante por e-mail, assim que forem concluídos.

4) POSSÍVEIS RISCOS E DESCONFORTOS DA PESQUISA:

Toda interação humana pode apresentar riscos e desconfortos para alguém. Assim, essa pesquisa também pode apresentar alguns riscos e desconfortos, como: aborrecimento, fadiga, constrangimento, cansaço, desconforto físico ou psicológico, ansiedade, mudança na autoestima, alteração de visão de mundo e comportamento.

5) CONFIDENCIALIDADE DA IDENTIDADE E INFORMAÇÕES DA(O) PARTICIPANTE:

Este documento garante a confidencialidade da identidade e informações privadas da(o) participante. Ou seja, a garantia de que as informações privadas estão protegidas e confiadas aos pesquisadores que tomarão

todas as providências necessárias para manter o sigilo. As informações não serão reveladas sem as devidas autorizações. Porém, sempre existe a possibilidade da quebra de sigilo, mesmo que não intencional ou/e involuntária, cujas consequências serão tratadas nos termos da lei.

6) POSSÍVEL IDENIZAÇÃO:

Caso haja algum dano material ou imaterial devidamente comprovado da pesquisa, este documento garante o reparo ao dano que deve ser pago de acordo com Resolução 510/16.

7) DESPESAS NA PESQUISA:

Como a pesquisa será realizada online e via e-mail, ou seja, no horário e dia em que o(a) próprio(a) participante decidir, não se faz necessário nenhum tipo de ressarcimento. Todo material utilizado será custeado pelas pesquisadoras.

8) DESISTÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA:

Caso o(a) participante não queira continuar a participação na pesquisa ou de que os dados coletados não sejam usados, não há nenhum problema. A desistência pode ocorrer a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Basta entrar em contato comigo através do número de telefone ou por e-mail.

9) ASSISTÊNCIA, CONTATOS E ENDEREÇO DOS PESQUISADORES:

Ao longo da pesquisa, o(a) participante receberá o acompanhamento e assistência necessárias caso haja alguma dúvida ou problema. Informamos abaixo os contatos e endereço dos pesquisadores para tirar qualquer dúvida ou pedir mais informações:

Pesquisadora: **Brenda Perpétua Pereira da Mota**
 Whatsapp: **(91) 99914-5135**
 E-mail: **brendamota.ufpa@gmail.com**
 Endereço do Programa de Pós-Graduação em Inglês (PPGI):
Centro de Comunicação e Expressão – CCE “B” Sala 313
Campus Universitário – Trindade – Florianópolis – SC
CEP: 88.040-900
 Orientadora: Dra. **Rosane Silveira**
 E-mail: **rosanesilveira@hotmail.com**

10) CEPESH – UFSC E RESOLUÇÃO 510/16:

De acordo com o trecho disponível no site da CEPESH (Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos), o comitê “é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dentro de padrões éticos”. A CEPESH-UFSC se encontra no *Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis*. Telefone para contato: 3721 – 6094.

Além disso, declaro que cumprirei a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 510/16, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, e se encontra no site da CEPESH – UFSC (<http://cep.ufsc.br/>).

Ao assinar este documento de assentimento esclarecido e livre, você está aceitando em participar da pesquisa. Duas vias deste documento estão sendo rubricadas e assinadas por você e pelas pesquisadoras responsáveis. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa. Muito obrigada pela leitura e autorização.

Eu, _____, declaro que li este documento e obtive das pesquisadoras todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e livre em participar da pesquisa: Estratégias de professores brasileiros de Inglês para abordar as dificuldades dos alunos na aprendizagem da pronúncia.

O meu contacto de telefone é _____, o meu e-mail
para receber o relatório final é _____.

Participante da pesquisa

Brenda Perpétua Pereira da Mota
Pesquisadora

Rosane Silveira
Orientadora

_____ de _____ de 2020.

APPENDIX II
(BIOGRAPHICAL QUESTIONNAIRE)
BACKGROUND QUESTIONNAIRE

1. Full name: _____
2. E-mail address: _____
3. Age: _____
4. Place of birth: _____
5. Job/occupation: _____
6. Education background: _____
7. Tell me about your education:
 - a) What university/college did you attend? _____
 - b) What university degree do you have? _____
 - c) What postgraduate (Specialization, MA, Doctor) degrees do you have/or are currently studying?

8. How long have you been teaching English?

9. Where have you been teaching English?

10. What levels of English do you teach?
 - Beginning

- Intermediate
- Advanced

11. Where did you study English?

- In elementary school
- In high school
- In English school
- at university
- with a tutor
- by myself (internet, books, etc.)
- other: _____

12. Have you ever been abroad?

- Yes, for fun. (*If so, answer question #12.a.*)
- Yes, to study English. (*If so, answer question #12.b.*)
- No.
- Other _____

12.a. List the cities or countries you visited and the length of time you spent there.

Place _____ How much time: _____

Place _____ How much time: _____

Place _____ How much time: _____

Place _____ How much time: _____

Did you use English to communicate with people when you were visiting these places? _____

12.b. List the cities or countries you visited and the length of time you spent there.

Place _____ How much time: _____

Place _____ How much time: _____

Place _____ How much time: _____

Place _____ How much time: _____

APPENDIX III
(ONLINE INTERVIEW)

Questions for the Semi-Structured Interview

Below there are some examples of questions used by Costa (2016) and some used by Baker (2011), with adaptations.

Second language learning

1. How old were you when you began to learn English?
2. What do you remember about your experiences of learning pronunciation?
 - a) What kinds of methods were used to teach pronunciation?
 - b) Do you recall whether you enjoyed pronunciation lessons?
3. Do you feel that your own education as a language student has had any influence on the way you teach pronunciation today?

Teacher education

1. How and why did you become an English teacher?
2. Do you consider your education background has prepared you well to be a language teacher? Explain.
3. What methods and materials (if any) did you use for teaching pronunciation?

About your English teacher education background

1. Did they encourage participants to approach pronunciation in any particular way?
2. Which aspect(s) of the course(s) did you find most memorable?
3. Do you remember any particular activities or techniques that you thought would be useful for teaching pronunciation?
4. How strong do you consider your linguistic knowledge of English pronunciation?

5. If you had the opportunity to take a pronunciation teaching course, would you do it?

Explain.

6. What is something you would like to understand about English pronunciation?

Reflections about typical teaching practices and pronunciation

1. How much do you like teaching pronunciation?

2. Are you confident in teaching pronunciation?

3. Is your pronunciation teaching based on a particular method or approach? (If so, how did you learn to teach in this way?)

4. What aspects of pronunciation do you emphasize most in your teaching? Why?

5. How important do you think pronunciation teaching is?

6. What do you think are your students' greatest difficulties in pronunciation learning? (How do you deal with such difficulties?)

7. Why do you think students tend to face difficulty to understand/pronounce English Vowels?

8. Are you aware of differences in vowel quality?

9. How do you normally give your students feedback on their pronunciation?

10. Please, add any comment you would like to mention related to pronunciation teaching and learning that you think is relevant which you think that not have been asked.

(ACTIVITY ABOUT PRONUNCIATION EPISODES)**Reacting to Pronunciation Episodes in the Classroom:**

Situation 1:

(Items a to e were adapted from (Celce-Murcia et al, 2010, p. 363)

What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?

a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed versus 'bad'.

b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' versus 'bit'.

c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' versus 'boot'.

d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*.

e) Your students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.

Situation 2:

(Celce-Murcia et al., 1996, p. 361)

Listen to the two free speech samples. Then answer the following questions for each speaker:

a. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

b. How could you make the speaker aware of this?

c. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty?

References

BAKER, Amanda A., "**Pronunciation Pedagogy: Second Language Teacher Cognition and Practice.**" Dissertation, Georgia State University, 2011. https://scholarworks.gsu.edu/alesl_diss/16

CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages.** Cambridge University Press, 1996.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

COSTA, B. C. de A. **Pronunciation teaching is not a one-size-fits-all endeavor: EFL teachers' beliefs and classroom practices.** MA thesis, PPGI/UFSC. 2016.

APPENDIX V

TRANSCRIPTIONS OF THE INTERVIEWS

Transcrição Entrevista – T1

Parte 1 - 12:36

Parte 2 - 22:00

PARTE 1

Researcher - Tá, para evitar problemas legais você precisa dizer para pessoa que ela está sendo gravada, você está sendo gravada, XXX.

Participant - Tá bem.

Researcher - Tá, então vamos lá, primeira parte. A primeira parte é sobre aprendizagem de segunda língua. Primeira pergunta: quantos anos você tinha quando começou a aprender Inglês?

Participant - Tá, eu, eu nem sei pra falar a verdade porque eu comecei a aprender sozinha, né, então, mas assim, a primeira memória que eu tenho, assim, de ter algum conhecimento de Inglês foi com uns 14 anos, acho que ali eu sabia um pouquinho, não sei quando eu comecei, não faço ideia, mas com uns 14 anos eu já sabia, já estava começando a aprender sozinha, né.

Researcher - Humm..., mas tu viste no ensino fundamental, médio... aquele básico né?

Participant - Humm, é, aquele de sempre né, o famoso verbo *to be*, pá, pá, pá, aprendi nada, mas eu era, eu era, fazia, o professor passava atividade na sala eu era a que fazia as atividades e os outros só copiavam, o tempo todo era sempre assim, então eu me lembro dessas coisas assim, não de ter aprendido muito com a escola, assim, eu me lembro de pesquisar sozinha em casa, né, pra fazer, e foi nessa idade assim mais ou menos que eu comecei.

Researcher - Então na graduação tu só aprimoraste e tu já ficaste fluente sozinha?

Participant - Foi... assim, pra dizer que eu não tive ajuda, quando eu tinha uns 15 anos a minha mãe me colocou num curso de Inglês e... só que assim eu falei: "ah mãe, fala pro professor que eu já sei, né, um pouco e tal" e aí ela falou isso, e o professor falou assim: "ah, mas todo mundo fala isso, quando chega na hora não sabe nada" e realmente né, isso acontece, então ele me colocou no básico mesmo e eu já sabia muita coisa, eu já sabia tipo a maioria, tipo assim, claro que eu aprendi, né, eu aprendi tipo curiosidades, aprendi coisas de pronúncia que eu não, né, não consegui aprender sozinha e tal, mas os assuntos eu já sabia, então, foi isso assim que eu tive de professor me ensinando e aí depois quando eu já sabia falar Inglês, é... isso já foi quando eu fui pra XXX, né, em 2013 que eu já falava Inglês mas era tipo assim, quando eu aprendi só o *speaking* era bem ruim né, e aí eu conheci, eu conheci

no *shopping* uma mulher que era professora de Inglês e ela era Americana né, é, acho que ela era da Carolina do Norte, e eu comecei a fazer um curso com ela que era um, é... pós-avanzado e que era pra focar mais em, em conversação né e em escrita acadêmica, e foi um curso de 3 meses só, mas assim, nesses 3 meses meu *speaking* avançou bastante né, mas tirando isso assim, os anos que eu levei pra aprender Inglês foi só, foi sozinha.

Researcher - Então, a partir dos 14 anos, né?

Participant - É, por aí.

Researcher - Tá, tá legal. Segunda pergunta: o que você se lembra, o que você lembra sobre as suas experiências de aprendizagem da pronúncia, então, a) que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar pronúncia?

Participant - Tá, então foi assim, amiga, quando eu fiz esse curso básico, né, que o professor não quis me avançar, eu lembro assim de algumas vezes que a gente lia, né, a gente fazia o *reading*, e aí ele falava: “ah, essa palavra se pronuncia assim”, e é uma coisa que eu não ia saber sozinha, né, eu sabia as palavras, sabia, tinha uma ideia geral de como pronunciar, mas eu me lembro dele me ensinar a pronúncia de palavras tipo *often*, é... *why*, essas coisas assim sabe, e não era através de um método, era só através do *reading*, ele falava: “olha, isso se pronuncia assim, tá correto, tá legal, é bom saber”, é... tirando isso, sim, eu não tenho contato nenhum, tipo, com métodos de pronúncia, né, pra eu aprender a... falar Inglês

Researcher - Tá, entendi. Tá, então a letra B eu vou pular também, você lembra se gostava das aulas de pronúncia...

Participant - É, eu não tinha.

Researcher - Tá, terceira: você acha que a sua formação como estudante de Línguas... enfim quando tu estavas aprendendo Inglês, tu achas que o que tu aprendeste, o que tu estudaste em Inglês, tanto sozinha quanto o pouco que tu estudaste no curso de Idiomas, teve alguma influência na maneira como você ensina a pronúncia hoje? Tu ensinas pronúncia? Eu sei que tu estavas dando aula recentemente, certo?

Participant - Isso, eu estou dando aula pra um grupo de alunos do básico, né, eu acho que me influencia no sentido de que eu não tenho muita experiência com método de ensino de pronúncia, né, então eu não diria que é uma coisa assim que eu sou super, super forte, assim, na hora, tipo minha metodologia pra ensinar pronúncia é incrível, não é, porque eu nunca tive essa experiência quanto aluno e assim eu aprendi um pouco na faculdade e tal, mas em relação a... tipo assim, a minha formação não é uma coisa que eu trago, não é uma bagagem que eu tenho, né, então assim, e, e, eu acho que pelo fato também de eu estar ensinando

alunos do básico agora, não é que não vão aprender pronúncia, né, mas é que... assim, tem algumas coisas que não é meu foco, é claro que eu quero que eles pronunciem tudo correto de uma maneira que seja, né, clara e tal mas... sei lá, eu acho que fico um pouco talvez em cima do pano, tipo assim, dentro de *speaking* eu obviamente eu, eles praticam *speaking*, praticam pronúncia e tal mas não é aquela coisa, tipo assim, hoje a gente vai ter aula de pronúncia, nunca fiz isso com eles, com essa turma.

Researcher - Entendi, tá, próxima parte: Formação de professores. Como e por que você se tornou professora de Inglês?

Participant - Tá, ah longa história (risos) eu me formei no Ensino Médio, né, e eu comecei a estudar Design, e aí não deu certo, não curti e tal, e acabei mudando pra XXX, pra XXX né, e nesse processo eu comecei a estudar Jornalismo e tive professores que davam uma pressionada, tipo ah você vai fazer faculdade e tal e aí comecei a fazer Jornalismo na XXX, que era paga, né, e aí teve um vestibular da XXX e aí eu falei a cara vou fazer né, é de graça, só estava pensando ah não tenho que pagar a faculdade, e aí eu olhei a lista de cursos que tinha e não tinha nada assim que eu gostava, não tinha o menor interesse em nada, aí eu tipo assim ah Licenciatura em Inglês, ah eu já falo Inglês deve ser fácil né, e aí brotei assim, fiz vestibular, passei e por ser uma faculdade pública eu preferi do que fazer Jornalismo, né, e assim foi por isso assim, foram coisas, tipo, caí de paraquedas, não estava nem pensando em ser professora de Inglês quando eu entrei, mas né, do curso a graduação sou licenciada, então hoje em dia eu dou aula mas não foi tipo assim ah eu amo ser professora, eu vou ser professora, até hoje não é pra falar a verdade.

Researcher - (risos). Tá, certo, segunda pergunta: você considera que a sua formação educacional a preparou bem para ser professora de Línguas? Explique.

Participant - Sim, sim, eu acho que sim, porque como eu falei eu estudei na XXX, que é a XXX e eu acho que... por ser, tipo assim, o centro né que eu estudava, o campus, é só de, de... cursos de Educação, né, de Licenciatura, e aí eu acho que tinha um foco muito grande, assim, em formar professores para dar aula no Estado, né, então tinha muitos eventos em volta disso, os professores focavam muito nisso, eu acho que assim no meu quadro de professores, tinha uma professora que não estava preocupada, sabe, com tipo licenciar professores, quase todo mundo tinha um foco muito grande nisso, é, todas as disciplinas mesmo as que não eram necessariamente relacionadas a educação os professores sempre davam uma maneira de, de fazer esse vínculo, né, entre a teoria e a prática, inclusive quando eu estudei fonética, né, tinha essa preocupação de, de como é que esses assuntos da Universidade podem ser levados pra

sua prática como professor, então eu acho que isso me preparou super bem, é, tanto, tipo assim, como eu falei, dar aula não é meu sonho, não é uma coisa que eu quero fazer pro resto da minha vida mas eu sinto que mesmo, de não ter essa super motivação, essa experiência, o fato que eu tive uma formação muito boa me ajuda muito.

Researcher - Certo, muito diferente mesmo. A terceira pergunta é: que métodos e materiais (se houver) você usa pra ensinar pronúncia, então eu posso colocar aqui que você não ensina pronúncia, né?

Participant - Assim, amiga, eu, tem uma coisa que eu tenho feito com meus alunos que eu tenho feito eles não é bem ensino de pronúncia mas eu gosto de fazer eles me passarem áudio pelo *whatsapp*, tipo assim, eles falando né Inglês e aí eu vou dando, avaliando a pronúncia deles, dando *feedback* e tal, então isso é uma coisa que eu tenho feito assim, né, pra dar, pra ver como a pronúncia deles tá indo assim, é... então é isso eu tenho usado, tipo assim, *feedback* das práticas de *listening* deles, pra acompanhar como está a pronúncia assim, é... tipo assim *reading* em sala, né, obviamente eu peço pra eles falarem né: read this, please, e aí eu vou vendo como a pronúncia deles está e dando *feedback*, né, mas assim, é isso basicamente.

Researcher - Tá, então tu ensinas pronúncia, mas nada aprofundado, né, mas tu trabalhas de alguma forma com eles, pelo *whatsapp*... *reading* e vai dando *feedback*... tá...

Participant - Aham.

Researcher - Tá, próxima parte, sobre o seu histórico de formação de professores de Inglês. Os professores incentivavam os alunos a abordar pronúncias de alguma forma particular? Então, tem algum *teachers training* depois de (inaudible) não, né?

Participant - Tá cortando, amiga.

Researcher - Tá péssimo, né.

PARTE 2

Researcher - Tá, avise a pessoa que ela está sendo gravada.

Participant - Ok.

Researcher - A gente estava falando sobre treinamento de professor, né...

Participant - Isso...

Researcher - Os professores incentivavam os alunos, abordavam a pronúncia de alguma forma particular?

Participant - Sim, sim, então, amiga, eu... quando eu estudei na XXX, né, não sei se ainda é assim, mas na época a gente tinha os cursos anuais então a gente não tinha matéria semestral, a gente tinha matéria por um ano, e eu tive fonética e fonologia por um ano inteiro, e aí no primeiro o professor ensinou a gente sobre a parte de fonética, sobre a disfonética e tal, como pronunciar, todas as, as... vogais, né, do Inglês e tal, e depois a gente entrou na parte de ensino de fono, de pronúncia, mas eu não lembro de nada mais (risos) têm uns 5 anos, então eu tive essa formação, mas não vou dizer assim que teve um grande impacto no meu, em como eu ensino hoje não, porque faz muito tempo já, têm 5 anos, então não me lembro muito, mas eu tive essa...

Researcher - Tá, mas nas aulas assim, os professores eles incentivavam vocês a abordarem a pronúncia? Falar Inglês... o tempo todo...

Participant - Nesta...ah sim, sim, sim, tinha isso, isso de, de falar Inglês o tempo todo, na verdade era meio que um debate, né, sobre, se a gente entrou tanto numa questão de metodologia quanto na questão assim mais filosófica, né, de como dar aula e tal, e tinha realmente isso de, ah de incentivo que os alunos falem Inglês o tempo todo, mas também aquela coisa meio idealizada, né. Eu tinha um professor que era bem sensato nesse sentido, do tipo falar "ah, tem horas que é necessário, né, mas obviamente você sempre tenta alcançar ao máximo de falar Inglês o tempo inteiro, né", é... estou tentando pensar assim se teve mais alguma... a gente não entrou muito em pronúncia assim mas eu me lembro que era assim, era, tinha um incentivo mais de abordagem comunicativa, né, de não focar tanto no, na gramática, de, de incentivar o *speaking* o máximo possível e que eu acho que é uma coisa que eu tento fazer, né, ensino gramática mas eu sempre fico um pouco tipo assim ah, poderia estar fazendo isso numa forma mais comunicativa e tal, mas eu pelo menos tento, né, trazer isso e tal, fazer eles falarem Inglês, dando aula remota não é fácil, é... precisa né, de tipo, não sei eu acho que talvez uma capacitação diferente, né, pra lidar com esse tipo de ensino fosse ajudar e tal, mas enfim, eu estou tentando.

Researcher - Tá, tá certo. Qual aspecto do curso você achou mais memorável?

Participant - Teve algumas coisas, essa questão que eu mencionei do, de focar na comunicação eu acho que é uma coisa que eu sempre me lembro de tentar fazer os alunos conversarem entre si, de fazer os alunos produzirem linguagem de maneira autêntica, é, de tentar usar Inglês o máximo possível, que no curso que eu estou dando agora pra mim não tem como, é, e também questão de *feedback*, e eu acho que nisso aí puxa de volta pra pronúncia, né, eu acho que os professores que eu tive eram extremamente cuidadosos em ensinar a gente

a dar *feedback* de maneira correta, né, ou de fazer essa avaliação com o alunos de qual é a maneira adequada de dar o *feedback* baseado no tipo de aluno que ele é, é, enfim, então nisso eu tenho usado, né, tipo, eu prefiro dar o *feedback* em relação a pronúncia, em relação a tudo, né, mas principalmente em relação a pronúncia que eu acho que pode ser uma coisa, meio assim, é, sensível para os alunos, né, porque muitos tem medo de falar errado, é aquela coisa assim, né, é, eu, por isso eu prefiro o *feedback* individual mas desses alunos que eu tenho agora eles são todos alunos, um grupo de amigos que estudam juntos na escola então, que eu sinto que eles não tem aquele medo de falar errado, eles não tem vergonha, então tem sido bem tranquilo dar *feedback* pra eles assim porque eles não tem, não tem aquela coisa tipo “ah, a professora me corrigiu na frente dos outros”, sabe, então tem sido bem mais fácil assim, eu acho que por isso eu não tenho sentido a necessidade de focar demais na pronúncia porque foi uma coisa que eles que eles tão falando e eu corrijo na hora, ninguém se incomoda, ninguém tem aquela coisa de ficar sentindo, de ficar com vergonha, né. Então, é, enfim, é isso.

Researcher - Eles sentem confortáveis em relação a isso, né?

Participant - Sim, sim.

Researcher - Tá.

Participant - Eles pedem pra eu falar "a professora, *how do you say this? how do you...*," né e eles vão falando e eu vou corrigindo na hora, ou eles repetem, então tem sido isso, assim com a questão da pronúncia.

Researcher - Tá, terceira pergunta: você lembra de alguma atividade ou técnica em particular que achou útil para ensinar pronúncia?

Participant - Não, não sei se tem alguma técnica em si, mas eu acho que quando eu aprendo sobre fonética mesmo, né, que o professor ensinava lá, botava aquelas fotos “ah, a linguinha vai aqui” pra fazer o TH, enfim, aquelas coisas assim. Eu usei isso com meus alunos pra ensinar o TH, eu fiz o desenho no *paint* mostrando onde a língua tem que ficar, é uma coisa que eu me lembrei, né, das minhas aulas de Inglês, não é nem uma técnica, né, é só tipo pra eles entenderem. Eu achei que funcionou, sabe, eu achei que, porque tipo assim, eu não estou lá pessoalmente, né, eu estou dando aula *online*, não tem muito assim como... eles não ligam a câmera, não sei se é vergonha, o que é, eu não quis ser invasiva, então eu não cobro demais, então assim fica difícil pra mim né tipo avaliar eles, assim, bem. E aí eu, eu achei que fazer esses desenho assim mostrando ajudou um pouco, assim.

Researcher - (risos). Tá, é, quarta pergunta: quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do inglês?

Participant - Eu não sei se eu consigo averiguar de maneira objetiva isso, porque eu acho que eu me cobro demais assim. Mas o que eu posso dizer é que... eu acho que eu tenho um bom conhecimento da pronúncia do Inglês, com certeza não no mesmo nível de alguém que fez um curso que focava na pronúncia e tal, é, até mesmo porque hoje em dia eu sou uma pessoa que não tem essa vontade de pronunciar tudo perfeitamente, né, mas eu acho que eu tenho um bom conhecimento, um conhecimento assim, é, técnico, né, do tipo, das coisas de fonética, isso aqui é vogal tal, aquelas coisas assim, mas eu acho que eu tenho um conhecimento bom, assim, eu me sinto confortável.

Researcher - Tá, tá ótimo, excelente. Quinta pergunta: se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia você faria? Explique.

Participant - Talvez, talvez, é, eu quero melhorar como professora porque eu acho que... tem muito que dá pra melhorar, é... mas como eu falei, tipo, ensino de Inglês pra mim é um trabalho, né, não é a paixão da minha vida, então eu não posso dizer que eu estou super preocupada com isso, mas pode ser que eu fizesse, não tenho muita certeza.

Researcher - Tá, sexta: existe algo mais que você gostaria de entender melhor, aprimorar, sobre a pronúncia do inglês?

Participant - É, entender melhor...

Researcher - Algum som... alguma coisa assim

Participant - Eu aprendi muito com você e com a XXX, eu posso dizer que eu tinha dúvida entre *bed* e *bad*, essas coisas assim, né, que a soante em Português é mais complicado, e tal, mas vocês me tiraram essas dúvidas assim, naquele *workshop* que teve, né, é hoje em dia assim, não que eu me lembre nada assim, dificilmente tem uma palavra que eu penso, poxa como pronuncia isso, não acontece muito não.

Researcher - Tá, última parte agora sobre reflexões da prática de ensino da pronúncia. Primeira pergunta: o quanto você gosta de ensinar pronúncia, mesmo que tu não ensines profundamente, quando acontece, o quanto tu gostas de ensinar?

Participant - Nem amo nem odeio, né, é uma coisa assim que é necessária no processo deles aprenderem isso no Inglês, não é uma coisa assim que eu sou super apaixonada, tipo, meu Deus, quero ensinar pronúncia na minha vida, neutro, neutro, não tenho muito mais o que falar.

Researcher - (risos). Certo, você se sente confiante para ensinar pronúncia?

Participant - Sim, sim, eu acho que eu sei o suficiente pra falar sobre isso, é, dificilmente ocorre assim de eu ficar insegura, eu já ensinei uma ou outra coisa errada provavelmente, não,

na minha carreira aí mas não acontece muito assim e quando acontece também, enfim, teve um dia desses que eu estava ensinando meus alunos sobre árvore genealógica, né, tipo, pai e mãe e tal, e aí eu falei “*cousin*”, e aí, eles todos estudavam juntos, né, foram pra escola, mesmo colégio e tal, aí "ah professora, a gente aprendeu que era “cOUsin”, aí, como eu sou muito insegura eu pensei, meu Deus, será que estou ensinando errado, aí fui no dicionário online, né, conferi, pra mostrar né, como a mulher nativa falava e realmente era *cousin*, ah tá, é porque a gente aprendeu diferente, mas não foram coisas assim que, eu tenho muito essa mania de ficar me duvidando mas eu acho que em relação a pronúncia eu estou bem assim, acho.

Researcher - Tá, certo. É, terceira pergunta: O seu ensino de pronúncia é baseado em algum método ou abordagem específica, em caso afirmativo, como você aprendeu a ensinar dessa forma?

Participant - Não, foi só o que tá ali dentro do processo de ensinar *speaking*, né, mas não tem algo muito, tipo esse método aqui

Researcher - Tá, quarta pergunta: que aspectos da pronúncia você mais enfatiza em seu ensino?

Participant - Eh, eu quero, eu sempre, inclusive eu fui bem clara com meus alunos que eu quero que eles falem de uma maneira que seja clara, né, tipo assim, é, eles vão usar o Inglês pra se comunicar, né, e essa comunicação têm que ser o mais claro possível, então é isso que eu tento focar assim, é, eu não sou muito preocupada, tipo ah... porque tem que falar igual Americano, eu já falei pra eles, né, que eu aprendi o Inglês Americano e tal, mas que eu não cobro isso, e também, assim, se eles querem falar que nem o Americano, beleza assim, se joga, mas eles não tem esse interesse, eu também não tenho interesse em ensinar isso, então assim, desde que eles estejam pronunciando as palavras de uma maneira que dê pra entender, que não atrapalhe a comunicação, que não causa nenhum constrangimento, assim, pra mim está ótimo, né, é, se eles vão falar *water* (Americano) ou *water* (Britânico), *whatever* (Americano) ou *whatever* (Britânico)

Researcher - Uhum, certo.

Participant - Então é isso, tenho focado mais nisso.

Researcher - Tá, quinta pergunta: Em sua opinião, o quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Eh, acho que é importante que eles, como eu falei, que eles falem claramente, mas não acho que seja super importante eles pronunciarem as coisas perfeitamente,

sinceramente, não acho que seja a coisa... eu fico meio assim quando eu vejo professores que focam, tipo "falem Americano, fale perfeitamente, não sei o que", isso não importa muito não, e eu acho que tem toda uma questão cultural, política, né, que não cabe aqui falar que me incomoda um pouco nesse tipo de abordagens em Inglês, então pra mim obviamente é importante, né, se eles estiverem falando as palavras, pronunciando de uma maneira que eles inventaram não vai existir comunicação, não é, mas não vou dizer assim que é a missão da minha vida fazer meus alunos falarem "corretamente".

Researcher - Certo. É, sexta: quais são as maiores dificuldades de seus alunos no aprendizado da pronúncia? Como você lida com essas dificuldades?

Participant - Tá, tem todas aquelas dificuldades assim que já é comum, né, do falar, do estudante brasileiro, falante português, que são aquelas diferenças entre vogais, principalmente no início, porque eles são super básicos, eu acho que se eu for tentar ensinar essas diferenças assim, mais difíceis de perceber eu vou desmotivar eles, é, mas tem aquela coisa, né, do *are*, que eles acham difícil, que eu acho que é comum pra todo mundo que começa a falar em Inglês, mas o problema mais que eu vejo nos meus alunos é que eles veem uma palavra que é difícil de pronunciar e eles já desistem, sabe, "ah professora não sei dizer isso não, não sei falar isso não" é, então eu acho que o principal desafio tem sido motivar eles a tentar, né, porque se eles não praticarem, não falarem a Língua eles não vão aprender, e eles tem aquela resistência, tá lendo uma frase aí tá lendo, tá indo legal, aí opa, veem uma palavra que nunca viram e "ah professora, não sei falar isso aí não" e desiste, sabe, tipo, eu falo "gente, mas tentem, né, tipo assim, se errar não tem problema, a gente volta, a gente vê", ou então tem uma aluna que ela começa a falar e aí ela, a voz dela vai ficando cada vez mais baixa, sabe, tipo, vai meio que desistindo, vai morrendo assim a voz. Eu falo pra eles não tenham vergonha, enfim né. Então acho que, acho que a dificuldade tem sido mais até emocional do que tipo de, de... fala mesmo, né, de técnica.

Researcher -Tá, entendi, certo. Sétima pergunta: por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender / pronunciar as vogais inglesas?

Participant - Eu imagino que seja interferência da primeira Língua, né, que é uma coisa que afeta todo mundo que está aprendendo uma segunda Língua, é, e talvez outras questões, como a questão da minha aluna que é a questão emocional, de resistência, né, eles querem aprender Inglês mas eles não querem aprender Inglês, eles querem pagar alguém pra ensinar mas não querem aprender, mas eu acho que seja isso principalmente, né, tipo a resistência emocional e também a interferência, né, da Língua materna.

Researcher - Certo, oitava: e você, você está ciente das diferenças na qualidade das vogais?

Participant - Sim, eu tive, né, as aulas de fonética na Universidade que eu aprendi muita coisa e também, é, de, de ver tu falando, a XXX, aquele curso lá que a gente fez com o XXX, então eu aprendi bastante coisa, então eu acho que hoje em dia, sim, eu sei, não vou dizer que eu sei tudo, né, mas eu sei bastante coisa, eu acho.

Researcher - Tá, ok. Como normalmente você dá *feedback* aos alunos sobre a pronúncia deles?

Participant - Eu gosto muito de dar *feedback* positivo, eu acho super importante, é... não só criar essa coisa que eu só estou falando contigo pra dar *feedback* é pra falar mal, né, então eu pelo pros alunos lerem, eles, ou falarem em voz alta, né, eu sempre falo "*very nice* e tal mas vamos ver isso aqui né" aí dou um *feedback* geral, que geralmente é positivo, eu não vou ficar falando que o aluno tá falando mal, né, então eu geralmente dou um *feedback* positivo geral e aí eu foco, depois naquele menor, né, tipo assim, "vamos ver a pronúncia dessa palavra aqui, é tal, tal, tal, *please, repeat after me*" é, né tipo, faço devagar, vou destrinchando a palavra quando é uma palavra muito grande, então é assim que eu tenho dado *feedback* pra eles em relação a pronúncia e como eu falei eu prefiro dar o *feedback* individual pra evitar constrangimentos e tal, mas nesse grupo que eu estou ensinando agora não tem esse problema, então eu tenho dado *feedback* assim, é, na hora, né, tipo assim eles falam ou eles leem em voz alta e eu já falo "*very nice, blábláblá, vamos ver essa palavra aqui*" enfim.

Researcher - E a décima é pra você adicionar qualquer comentário que você gostaria de sugerir relacionado ao ensino e aprendizagem da pronúncia que você considera relevante e que talvez não tenha sido perguntado. Então, tu tens alguma sugestão?

Participant - Não, eu acho que não, amiga, foi bem completo, eu não tenho muito assim o que dizer, não, não tenho.

Researcher - Tá, eu vou parar a nossa gravação, mas a gente vai continuar se falando, tá?

Participant - Tá bem.

Transcrição Entrevista – T2

30:23

Researcher - Essa primeira parte é sobre aprendizagem de segunda língua e a primeira pergunta é: quantos anos você tinha quando você começou a aprender Inglês?

Participant - Bom, é, quando eu comecei a aprender Inglês eu tinha quinze anos. E eu aprendi em uma XXX que tinha lá em XXX Que era perto de casa, perto da escola e foi meu primeiro contato com o Inglês como segunda língua sem ser na sala de aula já no ensino regular, né.

Researcher - Uhum. Quanto tempo era o curso?

Participant - O curso? O curso se eu não estou enganado eram dois anos. Era uma coisa muito básica, assim. Eu acho que o último tópico do curso era *present perfect*. Então (inaudible). Era um curso muito básico, assim, era basicão, só você... comunicação ali, pro básico, é.

Researcher - Mas era específico em Inglês, né?

Participant - Era em Inglês, era. Quem dava aula era meu professor chamado professor XXX Inclusive engraçado, né, porque o XXX, eu gostava muito dele, a gente tinha uma relação muito boa. E assim, ele já era um cara, eu tinha quinze anos, e ele era um cara de trinta e cinco, tal, trabalhava lá na XXX dando aula também de Informática e ele era super... comunicativo, e assim, eu sempre pensava "nossa, se um dia eu for ser professor eu queria ser que nem o XXX porque ele é muito legal". (risos)

Researcher - Legal, a gente sempre tem uma inspiração, né?

Participant - Sim. O XXX foi a primeira de várias. (risos)

Researcher - Então, o que você lembra sobre suas experiências de aprendizagem da pronúncia, a) que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar a pronúncia? Isso é, é... quando tu aprendeste Inglês, tu aprendeste também alguma coisa da pronúncia? Tu lembra de algum detalhe assim?

Participant - Sim. É, então... é, quando eu tava na XXX, eu lembro que o XXX ele não era formado na área de Letras, né. Ele só morou nos Estados Unidos eu acho que alguns anos. E... é... A gente teve que aprender fazendo repetição de palavra, né, e tinha uma palavra lá no livro, por exemplo... *that*, e daí a gente tinha que repetir "*that*", e aí, aí ele falava "ó, pra falar, pronunciar essa palavra você tem que colocar a língua entre os dentes, *that, that*". E você tem que ficar treinando, treinando, então era só repetição. É... quando eu terminei meu curso na XXX, eu percebi que eu não tive uma formação muito boa, porque realmente, né, era um curso muito simples, tal. E daí eu fui estudar no XXX. E no XXX por incrível que pareça o professor tinha a mesma prática, de também fazer apenas repetição. Nesse mesmo sentido, né, de mostrar o som e falar "repete", e tal. So que o material didático dele era muito bom. Se eu não me engano na época era o *Top Notch*. E daí haviam atividades de pronúncias, né.

Inclusive ressaltando os fonemas. Mas eu percebia que o professor era muito inseguro e não queria fazer atividade, ou fazia assim muito rápido, só pra repetir. Mas havia outras atividades no livro que eles acabavam pulando ou, ou pedia pra gente fazer em casa, por exemplo. Agora em relação à minha formação acadêmica, quando eu tava na XXX no primeiro ano teve uma disciplina chamada "fonética e fonologia". Era da professora XXX. E daí ela trazia conceitos das áreas, né, da fonética e fonologia, o que que era fonética, o que era fonologia, a diferença das duas. Né. Ela também ensinava a pronúncia de todas as consoantes e vogais. E era legal, porque ela passa muitos exercícios práticos, ela trazia- eu tenho até exercícios que eu posso compartilhar com você depois pra você dar uma olhada. Mas assim, se ela ia ensinar um som novo, né. o /p/ e o /b/, por exemplo. Daí ela trazia uma lista de palavras com /p/ e /b/, a gente tinha que identificar, qual era o /p/ e qual era o /b/. Além disso ela trazia reflexões de como a gente podia ensinar esses fonemas em sala de aula. No meu segundo ano teve uma disciplina chamada "oficina de correção fonética", era o professor XXX, e o professor trazia uma abordagem mais crítica sobre a fonética. Que poderia ser usada em sala de aula. Em vários aspectos, um dos aspectos que mais me chamou mais atenção era o aspecto social, e como a gente pode... diminuir certos preconceitos, né, quando o aluno ele tem dificuldade em produzir um fonema, por exemplo.

Researcher - Bem legal. E tu gostava das aulas de pronúncia?

Participant - Sim!

Researcher - Gostava?

Participant - Sim, adorava.

Researcher - Tá. Pergunta número três: você acha que sua formação como estudante de línguas teve alguma influência na maneira como você ensina pronúncia hoje? Tu ensinas pronúncia?

Participant - Sim, com certeza. Bom, é... bom, falei um pouco da minha formação, ainda há pouco na resposta. E... principalmente no aspecto criativo e crítico, porque durante as disciplinas os professores davam... atividades pra gente fingir que a sala de aula lá com os colegas fosse uma sala de aula normal. Daí a gente tinha que trazer atividades extra, né. E eu lembro que eu fiz uma atividade de, pra ensinar o... /th/ e o /t/ usando um tabuleiro de xa-, um tabuleiro de... tabuleiro, né? Você tem um avatarzinho, jogava o dado aí a palavra... o avatar parava em uma palavra aí a pessoa tinha que dizer aquela palavra usando lá o fonema e o professor taria ali em cima todo o tempo dando *feedback*. Pra ver se a pronúncia tava certa ou errada. E o que eu gostei bastante também nessas disciplinas, principalmente na correção de

fonética, era, além desses aspectos criativos, era o aspecto crítico, né. E eu confesso que eu me sinto muito preparado pra ensinar pronúncia, mesmo com meu sotaque, né, sendo de XXX, e às vezes um pouco de falta de segurança é porque a pronúncia ela é algo assim, digamos bastante exata, né. Então tem essa questão da exatidão e às vezes a gente fica meio inseguro com tanta exatidão. Mas eu sempre tento ter autonomia e me informar. Sempre me informar, pesquisar, perguntar pra quem é da área pra tentar ajudar os meus alunos. Porque a intenção é ajudar os meus alunos.

Researcher - Tá, então... teve influência, né, na forma como tu ensinas hoje teus alunos, né?

Participant - Uhum. Sim.

Researcher - Tá. Agora sobre formação de professores. primeira pergunta: como e por que você se tornou professor de Inglês?

Participant - Então. A princípio foi uma questão de oportunidade, porque eu não queria ser professor de Inglês, eu queria fazer Geofísica na XXX. E daí quando eu fui tentar me inscrever na XXX não tinha nenhum curso que eu gostava, assim, e o curso que eu achava que eu teria mais intimidade seria a licenciatura em Letras Inglês. Ah, Inglês, tal, vou melhorar meu Inglês aqui nesse curso né, dar umas aulas, ganhar uma grana extra. Durante o curso eu pensei em desistir várias vezes, mas depois que eu comecei a dar aula, aí eu percebi que a sala de aula é o meu lugar de trabalho. Apesar de todas as dificuldades que a gente tem enquanto professor, sempre foi muito prazeroso ajudar os meus alunos, ajudar o outro e tentar ser um professor de Inglês que eu nunca tive.

Researcher - Ta. Legal. Ta, isso... tua primeira experiência como professor de Inglês foi que ano? Faz algum tempo já?

Participant - Faz. A minha primeira experiência foi em 2013. Numa escola chamada XXX. Era uma escola de educação infantil, né. Primeiro, segundo, terceiro ano. Eu ainda não era totalmente fluente em Inglês, mas assim pras necessidades básicas da escola eu conseguia atender. Então ensinar as cores, os animais, os objetos escolares eu conseguia.

Researcher - Certo. Segunda pergunta: você considera que sua formação educacional o preparou bem para ser professor de línguas?

Participant - Bom, eu acredito que parcialmente. Parcialmente, porque, bom, tem a minha formação teórica da XXX, né, que foi bastante significativa. Mas confesso que aprendi mais com essa questão da minha formação educacional em treinamentos, formações, *feedback* e compartilhamento de outros professores que estavam ali nos colégios de onde eu trabalhei e...

eu quero dizer que a XXX me formou pra ser professor, e não pesquisador. Mas a maioria da minha formação educacional veio dos treinamentos das escolas onde eu trabalhei.

Researcher - Entendi. Tá. Terceira pergunta: que métodos e materiais você usa para ensinar pronúncia?

Participant - Bom, primeiro, se o material didático que eu tiver utilizando na escola já tiver atividades ou propostas (inaudible), eu sempre utilizo. É uma coisa que eu nunca pulo e tento abordar o máximo possível. Claro que adicionando também o meu conhecimento teórico e tentando ser criativo com essas atividades. Porém, se não tiver nada de pronúncia no material didático ou no curso, então eu tenho que trazer um material extra, da Internet, jogos, pra facilitar na aprendizagem de pronúncia.

Researcher - Mas não é nada específico, nenhum livro específico que tu consigas lembrar?

Participant - Não, não. Não conheço nenhum livro específico. Geralmente (a gente) buscava algumas imagens na Internet e produzir meu próprio material.

Researcher - É porque geralmente, é... a disciplina que a gente tá ministrando não necessariamente é algo específico sobre pronúncia, às vezes você só dá uma pincelada na pronúncia ali ou ali. Então não necessita exatamente de um material específico de pronúncia, né? A maioria acho que tá assim. A gente tem lá na universidade, por exemplo a gente tem a disciplina de pronúncia, mas está como optativa, então nem todo aluno escolhe.

Participant - Entendi, nossa que pena.

Researcher - É. Então tá, então sobre seu histórico de formação de professores de Inglês. Primeira pergunta: os professores incentivavam os alunos a abordar a pronúncia de alguma forma particular? Tu já tiveste alguma experiência de fazer algum tipo de treinamento pra professor?

Participant - Sim, que nem tipo um (AILA)?

Researcher - Isso... ou algo assim. Tem gente que teve, mas foi um mês, dois meses. Chegou a fazer?

Participant - Muitos treinamentos. Os treinamentos são bem contínuos, na verdade, né. Você, é parte da sua carga horária fazer treinamentos. Eles são online e eu tenho muitos certificados da XXX. E também tem os presenciais, né. E geralmente ou eles trazem alguém de fora, da franquia, ou a própria coordenação ou a unidade se junta pra fazer os treinamentos. Mas é... esses treinamentos nunca foram muito focados na pronúncia, não. Foram só em questões pedagógicas mesmo.

Researcher - Tá. Então, os professores incentivavam os alunos a abordar pronúncia de alguma forma? Eles incentivavam essa questão da pronúncia no treinamento?

Participant - Você diz os professores do treinamento? Sim. Sim, incentivavam. Claro, acaba acontecendo que o foco do aluno, né, nesse contexto particular, nas escolas particulares que eu trabalhei, ele quer aprender a falar Inglês, então ele tem que saber pronunciar ali, ele tem um estereótipo de que ele tem que pronunciar o Inglês dele como se ele fosse americano, como se fosse britânico. Então assim, tem uma pressão do aluno, tem uma pressão da, da coordenação, tem uma pressão do livro, né, que nem todos eles eram ainda desconstruídos nesse sentido. E apesar de que a gente sempre trazia essa reflexão ah, de ter que ensinar pro aluno também que existem outros Ingleses, né. Existe o Inglês Brasileiro, existe o Inglês da Índia, né. E daí na hora da comunicação ele vai ter que entrar em contato com qualquer tipo de pessoa do mundo. Né. E a gente fazia essa crítica, mas nem sempre o material didático trazia. E, mas o aluno fazia essa pressão de querer aprender Inglês. Daí ele escutava o áudio, né, ou pesquisava algo a mais na Internet, a gente sugeria atividades extras, enfim.

Researcher - Tá, ok. Segunda pergunta: qual/quais aspectos do curso você achou mais memorável?

Participant - Bom, você fala do meu curso de licenciatura, né?

Researcher - É.

Participant - Tá. Bom, o que foi mais memorável pra mim sempre foram as disciplinas e as formações de prática, né. Porque eu particularmente gosto muito de ensinar e... é... eu sinto prazer imenso em estar em sala de aula (inaudible), então por exemplo, nesses cursos que eu tive relacionado à pronúncia, a oficina de correção fonética ela foi mais prática de que fonética e fonologia. Porque durante quase a metade do curso o professor dava pra gente temas da área e a gente tinha que produzir aulas e mostrar pra ele e mostrar pra turma de aula, então eram os que eu gostava bastante, né. Outros cursos que eu gostava também, não só em ensino de pronúncia, mas com a utilização de tecnologia em sala de aula, que é minha área hoje, né, na academia. Como a gente utiliza recursos tecnológicos pra se ensinar em Inglês.

Researcher - Terceira pergunta: você se lembra de alguma atividade ou técnica em particular que achou útil para ensinar pronúncia?

Participant - Sim, eu lembro de algumas. Bom, digamos que uma técnica muito útil seria ensinar comparação entre dois sons, né. Na minha percepção. Que você acaba com, é porque assim, pode ser difícil ensinar um pouco fonemas ou pronúncia. Então sempre é bom comparar, seja ela entre a própria língua no Inglês, seja ela entre o Português e o Inglês,

porque de repente tem um som e o aluno tem dificuldade de produzir no Inglês. Só que esse som já existe no Português. Então você tenta enfatizar esse som no Português, mostrar pra ele dando exemplos depois falar "ó, pega esse som agora coloca no Inglês e reproduz", aí ele vai lá e faz. Mas é, por exemplo, ensinando alguns fonemas como /p/ e o /b/ ou /t/ e o /th/, geralmente uma lista de palavras, né, e mostrava a diferença entre as duas, e depois os alunos tinham que reproduzir. Dava mais palavras pra eles e eles tinham que identificam qual era a diferente, né. Também tinha que contextualizar uma conversa, né, ou um joguinho. Sempre, sempre havendo contextualização, sempre. Mas eu confesso que eu tenho dificuldade pra ensinar vogais. Vogais é algo muito complicado, muito difícil, né. Ah..., porém, quando eu consigo ensinar, não tô geralmente muito seguro, mas eu tento ensinar. E eu gosto de ensinar as vogais /i/ e /I/, porque, por exemplo tem o *sit* e o *seat*, né? Eu geralmente desenho assim umas carinhas, sabe? Então por exemplo, do *sit* eu tô mais sério, eu desenho uma carinha séria, *sit*. E quando tem um *seat*, né, aí é uma carinha sorrindo, assim, então tenta ser mais dinâmico com os alunos. Mas sempre deixo claro pra eles que quanto mais fluentes eles se tornarem em Inglês, menos eles vão precisar dessas técnicas, né, porque a fluência vai vir com o tempo, vai se tornar algo mais automatizado. Eles não precisam, não vão precisar ser tão dramáticos com o som (risos).

Researcher - Então alguma dessas técnicas por exemplo, que tu citaste, algumas delas pegaste como uma inspiração de algumas aulas que tu tiveste com os professores ou outras tu mesmo tiveste a ideia?

Participant - É, vem inspiração dos meus professores na XXX, nas formações, nas experiências dos meus colegas, pesquisas que eu fiz, no material didático inclusive que às vezes dão algumas dicas, "ó, você ensina isso dessa forma, daquela outra forma". Então veio do conhecimento geral, assim, das pessoas que tem de fora e eu adaptei, eu basicamente adaptei pra minha realidade da sala de aula

Researcher - Certo. Pergunta número quatro: quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do Inglês?

Participant - Verdaderamente eu considero baixo. Porque quanto mais eu aprendo, mais eu percebo que eu sei menos, então... é, eu não acho que eu sei muita coisa, eu não sou da área, mas pelo pouco que eu sei eu acho que eu sei pouco e gostaria de saber mais, inclusive.

Researcher - Tá. Quinta pergunta: se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia, você faria? Explique.

Participant - Sim, com certeza, é uma formação a mais, né. Ser professor é você estar em formação contínua, então como eu já coloquei aqui na entrevista, é muito importante a questão da pronúncia né, os alunos pedem, você tem que ensinar, é esse o nosso objetivo né, ensinar os alunos a pronunciarem palavras em Inglês, é se tornarem fluentes através da pronúncia, então sim, faria sim, com certeza.

Researcher - Sexta pergunta: existe algo mais que você gostaria de entender melhor ou aprimorar sobre a pronúncia do Inglês?

Participant - Sim, você basicamente disse isso mesmo. É isso mesmo. Não é algo urgente, eu não tô trabalhando pronúncia no momento, mas gostaria sim de aprender mais sobre as vogais, né. Elas parecem, a produção do som delas sempre parece muito difíceis pra mim. Porque é muito parecido, né, a produção na boca é mínima assim, de diferença entre elas, então é algo que eu não consigo dominar bem, as consoantes eu consigo dominar, assim, parcialmente, mas as consoantes, é bem difícil. Ah sim, eu queria aprender também sabe o quê? Outras formas de didáticas de abordar pronúncia. Outras formas didáticas, né, outros exemplos, outras contextualizações, sabe, atividades assim que as pessoas já tem mais experiência nessa área que pudesse compartilhar. Eu queria aprender isso.

Researcher - Importante, mesmo. Ok, vamos para a parte de reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia. Primeira pergunta: o quanto você gosta de ensinar pronúncia?

Participant - Bom, eu acho que muito. Porque os alunos sempre ficam felizes né, interessados em aprender pronúncia então assim, se eu alcancei meu objetivo né, deles gostarem da atividade e de ter aprendido a pronúncia ali, então gosto bastante.

Researcher - Segunda: você se sente confiante para ensinar pronúncia?

Participant - Bom, eu sempre tento me preparar bem antes de qualquer aula ou qualquer atividade. Se eu estiver bem preparado pra aquela atividade, pra aquela aula, então eu me sinto confiante. Mas se eu não tiver então é complicado. Mas eu, é, dificilmente eu não me preparo, eu sempre tento me preparar sempre né. É uma questão de organização, e de respeito com os alunos e a sala de aula.

Researcher - Terceira pergunta: o seu ensino de pronúncia é baseado em algum método ou abordagem específico? Em caso afirmativo, como você aprendeu a ensinar dessa forma?

Participant - Bom, não necessariamente. Não, mas é que tá meio respondido né? Não necessariamente, mas confesso que apresentar várias palavras e fazer comparações entre elas, assim com uma atividade básica, mas claro que eu tenho que ir além, sempre me ajuda. Contraste é muito importante.

Researcher - Sim, tá. Ah... quatro: que aspectos da pronúncia você mais enfatiza em seu ensino? E por quê?

Participant - Então, é... os aspectos que eu mais enfatizo é o aspecto social. É claro que o aluno precisa ser inteligível. Todos nós precisamos ser inteligíveis em qualquer língua, né. Todo mundo precisa dessa inteligibilidade para uma comunicação mais eficaz. Mas nós não podemos nos martirizar se temos certa dificuldade com alguns fonemas, entendeu? Ou com algum contexto social. Baseado em palestras e textos que eu li, cada pessoa tem seu próprio sotaque, então bons exemplos dessa diferença e dessa, desse contexto social são os países que têm a língua Inglesa como uma língua oficial e eles diferem seus sotaques, né? Como eu falei, os Estados Unidos e por exemplo a Índia, né. Tem uma questão social ali, é, diferente, mas eles são inteligíveis. Então eu tento sempre trazer isso pros alunos.

Researcher - Tá, essa consciência, tu aprendeste, tu passaste a ter através do mestrado ou tu já tinhas essa... essa visão da questão do sotaque, já tinhas antes, porque cursos de idiomas geralmente eles colocam a pronúncia de nativo, como tu falaste no início, como algo que tem que ser importante, os alunos têm que aprender, pra falar que nem americanos. E... tu tinhas esse pensamento nessa época e aprendeste a pensar diferente na graduação ou só no mestrado?

Participant - É, isso tem a ver um pouco comigo e um pouco com a graduação, no mestrado não tive muita formação de fonética e fonologia. Eu cheguei a participar de um evento que a professora XXX organizou, mas é... que foi muito importante, aprendi muitas coisas naquele evento. Mas, é, depois eu procuro o nome e mando pra você, que eu não lembro de cabeça. Mas é... eu já tinha essa percepção, né, desse aspecto social, dessa crítica social. Inclusive, se eu tiver tempo em uma sala de aula, e sentir que a turma tá super interessada nessa questão social da fonética, da pronúncia na verdade, eu até levo discussões mais críticas. Explicando que essa padronização que acontece nos cursos de idiomas, de que tem que ser só ou o americano ou britânico, é, tem a ver com colonialismo, né, tem a ver com a história da humanidade. Então se eu tiver tempo assim, e tentar ser muito breve pra não levantar questões muito polêmicas eu até explico pra eles que isso tá ligado com aspectos econômicos.

Researcher – Ok... Número cinco: em sua opinião, quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Muito importante. Ser inteligível é a chave para uma comunicação mais eficaz.

Researcher - Seis: quais são as maiores dificuldades de seus alunos no aprendizado da pronúncia? E como você lida com essas dificuldades?

Participant - Bom, as dificuldades deles sempre são com os sons que eles nunca produziram antes, como /th/. Né, se começa ali no *beginners*. Bom, a gente tem que ser criativo e se preparar, como eu coloquei já em algumas respostas anteriores.

Researcher - Sete: por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender ou pronunciar as vogais inglesas?

Participant - Bom, pode ser por vários aspectos. Tem muitos aspectos pra eles terem dificuldades em qualquer coisa. Que partem do social até dificuldades cognitivas. Então é difícil dizer um aspecto específico, né. Tem que ser investigado, cada aluno é um ser individual, existem as diferenças individuais de cada um dos alunos então não tem como eu generalizar.

Researcher - Tá. Oito: você está ciente das diferenças na qualidade das vogais?

Participant - Sim. Acho que sim. (risos)

Researcher - (risos). Nove: como você normalmente dá *feedback* aos alunos sobre a pronúncia deles?

Participant - É, dependendo do contexto, dependendo do objetivo do aluno e da intimidade que eu, professor, tenho com o aluno, eu posso dar um *feedback* direto ou indireto. A questão do *feedback* ela é muito relativa. Né. Então assim, se for um aluno que eu já tenho uma certa intimidade, é, né, e me pediu "olha professor, quando eu falar, quando eu fizer uma pronúncia errada, que não é entendível, me corrija". Aí se eu tiver esse *agreement* com ele, daí eu faço, né, esse *deal*, com ele aí eu faço. Mas se não, eu geralmente anoto ou geralmente guardo pra um momento de *feedback* mais, mais pessoal né. Ou o indireto.

Researcher - Certo.

Participant - No caso se for indireto geralmente a pessoa pronuncia a frase, ah eu já fiz muitas vezes isso. A pessoa faz uma pronúncia de uma frase, daí tem uma palavra que tá errada. Daí eu pergunto uma outra pessoa pronunciar a mesma frase ou eu pronuncio pra ver se ela tem a... a atenção, né, e percebe a diferença.

Researcher - Tá, e essa décima questão é pra adicionar qualquer comentário que você gostaria de mencionar, relacionado ao ensino e aprendizagem da pronúncia que você considere relevante e que você acha que não foi perguntado. Quer falar alguma coisa sobre isso ou tu preferes deixar só escrito? Fica à vontade.

Participant - Bom, é, eu fiz uma conclusão aqui pra entrevista. Gostaria de te agradecer primeiro pela entrevista, né, e pela pesquisa que ela é fundamental pra formação de todos os professores desse mundo. É... ainda mais num contexto que é o contexto do Brasil, e mais

especificamente com essa diversidade tanto do Norte ao Sul, né, é importante você mostrar esses aspectos diferentes no nosso Brasil, que assim, tem questões sociais, econômicas muito diferentes e também tem as questões individuais de cada um, então é importante trazer isso. É, e acredito que partindo da percepção dos professores sobre este assunto tão relevante para ensinar uma segunda língua como Inglês, a tua pesquisa tem muito a agregar nas futuras formações dos profissionais de ensino de língua. Parabéns.

Transcrição Entrevista – T3

33:36

Researcher - Ok, começou a gravar, XXX.

Participant - Uhum

Resercher - Então, para evitar problemas legais avise a pessoa que ela está sendo gravada, tudo bem?

Participant - Sim, sim, eu já estou acostumado com (Skype) (risos)

Researcher - A pessoa começa a gravar a entrevista rindo. Isso não vai pra transcrição. Bom, é, então continuando nosso bate papo. Quantos anos você tinha quando você começou a aprender inglês?

Participant - Bom, o primeiro contato formal com o Inglês foi por volta dos 15 anos, eu estudei por quatro anos em duas escolas diferentes. E antes disso, é, eu tinha tido contato com a língua de forma autodidata, com música e com os meus livros da época da escola. Tanto é que no meu primeiro ano de Inglês eu consegui chegar ao nível 6 no final no ano por conta desse conhecimento prévio que eu consegui potencializar pro curso. Então eu fiz praticamente 3 anos de Inglês mais um 1 ano de aperfeiçoamento em uma outra escola que eram 2 anos, aí eu fiz de forma intensiva. Então esse foi o contato que eu tive com o Inglês, é, tanto formalmente quanto de experiências autodidatas.

Researcher – Certo. Bom, sobre o que você lembra em relação as experiências de aprendizagem da pronúncia, que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar a pronúncia? Então a gente pode falar nessa parte que você já... entrou no curso de Idiomas, é isso?

Participant - Sim, sim, ali pelos 15 anos. Então, é, no ensino de pronúncia não era feito de forma explícita, a gente tinha *drills*, repetições, só que assim o que eu sentia falta olhando

hoje, né, *looking back*, era assim, é, o professor ele não passava maiores instruções, até onde eu me lembre em relação aos sons, a gente fazia os exercícios as vezes de forma automatizada, né. Nessa segunda escola que foi o XXX que eles tem uma, é, uma bateria de matérias pra o chamado *Master English Course*, que é o *MAC* que eles chamam, e lá você tem praticamente todos os materiais, você tem uma bateria de exercícios de *listening*, que são exercícios de escuta, né, que avaliam mais questões de percepção só que embora você tinha as instruções no exercício ali, o locutor lia as instruções, mas eu acho que eu não tinha muita consciência sobre o que eu estava fazendo então eu sentia esse processo de, aprendizagem de pronúncia muito automatizado. Eu gostava de fazer porque eu gostava de Inglês, né, então eu nunca tive problema em fazer as atividades extra classe, que eram muitas inclusive ali no XXX, mas me ajudaram bastante com o desenvolvimento da língua em geral, mas o chamado de *LCP* que era o *Listening Comprehension Practice* era o que a gente tinha de exercício de pronúncia, né. Eu não estou me lembrando se no material didático tinha alguns exercícios que eram mais voltados pra produção. O *LCP* eram exercícios de *Listening*, né, que contemplavam aspectos diferentes da pronúncia.

Researcher - Certo, e você lembra se você gostava dessas aulas de pronúncia?

Participant - É, na realidade era uma parte da aula, né, acontecia semanalmente se eu não me engano ou no final de cada lição você tinha um *Listening Comprehension Practice* com exercícios de percepção de pronúncia. Mas sim eu gostava por gostar de Inglês, mas se eu olho com a maturidade que eu tenho hoje eu sentiria falta de algo a mais porque o processo eu acho, avaliando hoje, muito automatizado, né. Então eu acho que eu tinha pouca consciência sobre o que eu estava aprendendo ali de fato.

Researcher – Certo. Você acha que a sua formação como estudante de Línguas teve alguma influência na maneira como você ensina pronúncia hoje?

Participant – Humm... acredito que sim, não porque eu tenha tido experiências positivas e explícitas, mas talvez pelo fato de sentir falta nisso nas aulas enquanto eu fazia como aprendiz e querer levar isso para os meus alunos, né, uma vez que eu sei também que a maioria dos professores, mesmo os que tem formação em Letras, acabam não abordando pronúncia de forma explícita. Então acredito que ela tenha me ajudado no ponto de vista de que eu senti falta e eu quis, de uma certa maneira, estar levando isso para os meus alunos.

Researcher – Sim. Bom, sobre formação de professores: como e por que você se tornou professor de Inglês?

Participant - Bom, eu me tornei professor de Inglês porque desde sempre eu sempre tive um desejo de trabalhar com línguas e na época, em 2003, que foi quando eu comecei a minha primeira faculdade, eu não sabia como funcionava o mercado. Eu pensei em atuar na área de Tradução, mas naquela época não tínhamos acesso à internet como hoje e eu não sabia muito bem como entrar no mercado, procurar uma agência, me agenciar, né. Eu desconhecía todos esses mecanismos e a opção que eu tinha como uma pessoa que morava no interior da XXX era o Ensino, né. Então eu procurei uma escola de idiomas e imediatamente...eu já tinha terminado o curso de Inglês de 3 anos, e eu fui procurar na verdade um curso de aperfeiçoamento para poder dar aula e quando eu procurei esse curso me foi oferecido uma oportunidade de trabalho já, né. Eu fui convidado a assistir um treinamento, participar de um treinamento e dar aula em uma cidade vizinha que tinha numa franquia dessa escola, então foi assim que eu comecei a trabalhar, há 18 anos mais ou menos.

Participant – Legal. Você considera que sua formação educacional o preparou bem para ser professor de línguas? Explique.

Researcher - A minha formação inicial não, porque a primeira faculdade que eu fiz foi Comunicação Social com ênfase em Jornalismo. Embora a gente tinha disciplinas várias, era um curso bem interdisciplinar, né, muitas disciplinas nas áreas de Humanidades, inclusive tive Inglês Instrumental, Espanhol Instrumental, mas nada que preparasse realmente para o Ensino e na época também eu não tinha o tino de procurar disciplinas optativa que pudessem me ajudar na atuação. Então acredito que eu adquiri uma formação melhor a partir de 2009, que foi quando eu fiz uma especialização pela Estadual da XXX, a XXX, de Inglês como Língua Estrangeira, né. Eu já era fluente em Inglês na época, 2009 eu já estava dando aula há um tempo, né, eu comecei a dar aulas em praticamente 2003, 2004, né. Então 2009 eu já tinha experiência prática de Ensino, de ir para treinamentos, é, eu acredito que nessa época também eu já ia para alguns encontros que aconteciam na Universidade com professores de Inglês, então assim de forma muito tímida eu, é, fazia o que podia. E na realidade assim, o mais sábio talvez seria ter interrompido a faculdade e ter iniciado Letras, né, mas como eu já estava no meio do processo, aí eu fui fazendo formações complementares. Então assim, a formação que fez toda diferença pra mim foi essa especialização em Ensino de Língua Inglesa que eu fiz, a primeira delas, porque eu fiz duas, a *Latu Sensu*, foi a de 2009 que foi realmente um marco, então essa sim me preparou.

Researcher – Certo. Você está ensinando pronúncia, você está no XXX, né, dando aula no XXX agora, online?

Participant - Não, eu estou dando aula só no meu próprio projeto, no "XXX". E tô dando alguns cursos à parte, fiz uma formação agora para profissionais da área de Tradução, especificamente voltada para a área de pronúncia, né, foi uma aula teórica e prática sobre pronúncia, né. Eu finalizei recentemente.

Researcher – Certo. Aham. E quais são os métodos, e os materiais que você usa, se acontece de você usar algum material, quais são os métodos que você usa para ensinar pronúncia?

Participant - É, eu uso uma bateria de exercícios que eu reuni de manuais que inclusive eu utilizei para o meu auto estudo, então sempre quando eu levo essa referência eu sempre falo com os meninos que não é simplesmente um material que eu estou aplicando pra eles mas foi um material que eu testei e eu vi a diferença no meu Inglês depois de muita experiência autodidata com esses próprios materiais, né, dentre eles o *American Accent Training*, o *Lose Your Accent In 28 Days*, então esses são dois dos principais materiais que eu tenho usado, de vez em quando eu levo para as aulas, inclusive de outras línguas que eu ministro também, eu levo o IPA *chart* para mostrar onde estão os sons. E o que eu gosto muito do *Lose Your Accent In 28 Days*, apesar do nome infeliz, é que ele tem uma boa plataforma audiovisual para exercícios de pronúncia. Aí eu normalmente a levo, às vezes, a depender do exercício eu levo um áudio também desse... *course pack*, e é basicamente o que eu tenho usado e as vezes eu uso o *Sounds of Speech* também, né, então eu uso bastante coisa.

Researcher - Certo. Agora sobre seu histórico de formação de professor de Inglês: os seus professores incentivavam os alunos a abordar a pronúncia de alguma forma específica, alguma forma particular?

Participant - Humm, não. Os professores de cursos de Língua normalmente não. Como eu comentei anteriormente eu cheguei a fazer um curso de aperfeiçoamento no XXX em que a gente fazia atividades de percepção, só que era feita de forma automatizada. O que acontecia era que os professores faziam alguma correção aqui e ali, né, isso são lembranças que eu tenho do nível mais avançado, quando a gente fazia algum erro muito, é, grave talvez. Ou quando a gente já tinha uma pronúncia considerada, né, bem desenvolvida e que a gente fazia um erro. Então assim, eu acho que eram poucas as correções até. E não me lembro de os professores abordarem explicitamente a pronúncia em nenhum aspecto, né, para explicar, por exemplo, essa questão de prosódia, *tag question*, né, que a gente sabe que tem as diferentes curvas entoacionais a depender da intenção comunicativa, né. Então isso por exemplo não era feito e nem em relação a produção de... sons vocálicos também, assim, eu não lembro de ter tido nenhuma instrução. No máximo o famoso som de -TH como chamam, né, as fricativas

interdentais, então acho que a gente teve alguma instrução sobre isso. Mas com relação aos demais sons não.

Researcher - Certo, você fez Letras Inglês na Universidade Federal XXX?

Participant - Não, eu fiz Jornalismo lá, depois eu fiz especialização em Inglês como Língua Estrangeira na mesma Instituição. E depois fiz um à distância, esses foram presenciais, né, depois eu fiz Letras Português à distância, depois eu fiz uma especialização em Inglês-Português e agora eu tô terminando uma complementação em Inglês a distância também, mas é tudo muito distante mesmo (risos).

Researcher - (risos). Certo.

Participant - É esse último eu digo distante porque, assim, a gente mal tem videoaula, eu acho bem precário, né, essa formação que eu estou tendo mesmo. É mais para, confesso que eu estou mais fazendo para comprovação curricular. Então ela, por exemplo, eu fiz as disciplinas de Inglês, algumas, né. A Literatura em Inglês, Fonética e Fonologia, eu fui liberado, eles me liberaram por conta da pós, né, então eu não tive nenhuma experiência recente assim com...exceto na pós-graduação agora, no doutorado, né.

Researcher - Certo.

Participant – Então assim.

Researcher - Pode falar.

Participant - Não, é, eu estou pensando, nós falamos aqui, aspecto mais memorável, né?

Researcher - Isso, é, qual aspecto, qual ou você pode falar vários, mais de um se você quiser.

Participant - Na formação em pronúncia, né. É, eu acho que as experiências mais intensas mesmo foram no doutorado, em que dois anos consecutivos eu consegui fazer em cada semestre uma disciplina voltada para um aspecto diferente da fonética e da fonologia. Eu confesso que a disciplina ministrada pela XXX no ano passado sobre, mais especificamente sobre o ensino de pronúncia foi bem interessante, né. Me surpreendeu eu pude aprender sobre manuais que eu desconhecia, né, embora eu conhecesse já alguns manuais. Então ela realmente veio a somar bastante, né, e a fazer-me pensar sobre a questão do ensino, né, e ela trouxe também abordagens, até que não é exatamente o que eu trabalho, né, mas por exemplo, Inglês com língua franca também, o que deve ser prioridade... no ensino do... sons do Inglês em alguma abordagem do Inglês como língua internacional, né, então acho que foi bem atualizado. E a disciplina também geral sobre fonética articulatória acústica também foi bacana. É, então o que foi mais memorável disso tudo, acho que foi o contato que eu tive com, é, diferentes materiais para poder estar levando... digamos que um diferencial para as

aulas, muito embora acho que eu não cheguei a usar nenhum material novo, né, eu continuo no... nos materiais que eu já tenho um pouco mais de familiaridade. Mas eu achei bem interessante.

Researcher – Certo. Você se lembra de alguma atividade ou técnica em particular que achou útil para ensinar pronúncia?

Participant - Sim, por exemplo, é... o uso de um pedaço de folha de papel para você ver o grau de aspiração das oclusivas em Inglês, né, /p/, /t/ e /s/, que elas têm um grau de aspiração maior do que aquelas do Português, né. Isso tem funcionado bastante, né, porque as vezes se você só fala e se você mostra o, digamos que o aspecto articular envolvido, pede repetição, eles não têm essa percepção porque eles não estão ouvindo às vezes, né. Então quando você faz com papel é bem interessante, que fica mais tangível e eles conseguem perceber. Já com vogais é mais difícil, né, com vogais aí eu, eu costumo usar digamos que, não é que foi minha invenção, mas eu pensei numa estratégia de você usar palavras em Português e substituir sons dessas palavras do Português por sons parecidos do Inglês, né, aí o pessoal começa a perceber. Porque às vezes você fala *bed* e *bad* e eles estão ouvindo a mesma coisa, né, eles não conseguem ouvir a diferença, né. Mas das técnicas que foram ensinadas acredito que, né, o uso de um pedaço de papel para se ensinar o (vot, 15:57) em consoantes oclusivas, né. Funciona, é bem simples, mas eu acho que não tem coisa melhor, né, quando a gente procura o complexo, né, mas as vezes o simples é o que melhor funciona.

Researcher – Certo. Quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do Inglês?

Participant – É... bom, eu acho que eu tenho um bom conhecimento de fonética articulatória com base no inventário de sons da Língua Inglesa, sobretudo da variedade do Inglês Norte-Americano. Acho que eu tive uma boa base, né, de...Linguística em geral, né, com as formações continuadas que eu tenho buscado, então acho que eu tenho um conhecimento no mínimo razoável, né.

Researcher - Certo. Se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia, você faria?

Participant - Sim, eu faria. Acabei de fazer um inclusive com 6 horas de duração com sessões individualizadas de 30 minutos por participante para fazer esse acompanhamento mais de perto, e o mais surpreendente é que um convite de uma escola de tradução, de um colega tradutor que ele quis oferecer isso para os alunos e eu achei bem interessante porque embora a maioria dos participantes fosse fluente em Inglês faltava esse refinamento dos detalhes, né.

Vogais, o -ed final, a questão do vot nas oclusivas, então eu senti que muito o que eu levei foi novidade mesmo para profissionais da área, o que eu fiquei bem surpreso.

Researcher – Certo. Então, existe algo mais que você gostaria de entender melhor ou aprimorar sobre a pronúncia do Inglês?

Participant – Sim. Até pra ensinar, eu acho que eu não costumo muito relacionar aspectos relacionados a prosódia, entoação e ritmo, eu brevemente abordei durante 1 hora em uma primeira oficina que eu dei na XXX se eu não me engano, na XXX em 2018.1. E eu fiquei responsável por cuidar de prosódia porque eu ia pesquisar questões voltadas para a aquisição de ritmo de falantes políglotas, então aí eu levei um pouquinho sobre questões de entoação e prosódia do Inglês, mas eu confesso que é um aspecto que eu tenho que melhorar mais, porque a gente concentra muito sobre...normalmente *word stress*, que a gente concentra né, mas eu queria levar um, é, aprender um pouco mais. Eu confesso que me falta um conhecimento mais explícito, né, pra eu poder levar um pouco disso. Levar melhor, né.

Researcher – Certo. Legal. Bom, a última parte é sobre reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia. O quanto você gosta de ensinar pronúncia?

Participant - Eu acredito que é o aspecto que eu mais gosto de ensinar. Especialmente se compara a sintaxe (risos). Que é um aspecto que eu gosto de ensinar menos, né, acaba que eu acho que eu tenho uma certa defasagem em sintaxe, né, porque as minhas explicações são as mais simples possíveis, né, e já em fonética eu costumo dar um pouco mais de detalhamento, né, então acho que é o aspecto que eu, eh, gosto, mais gosto de ensinar.

Researcher – Certo, gosta muito.

Entrevista T3 (parte 2)

12:59

Researcher - Continuando, reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia. O quanto você gosta de ensinar pronúncia?

Participant - Eu sou suspeito para falar, mas é o aspecto que eu mais gosto de ensinar e eu vejo que ele faz uma diferença sobretudo nos níveis mais avançados. Porque o que eu observo na minha prática de ensino é que como os professores normalmente, pelo menos os professores anteriores dos meus alunos não focam muito esse aspecto, eles chegam com algumas inacurácias, digamos assim, é, na pronúncia e eu acho que eu consigo ajudá-los nesse

aspecto, né. Eu acho que fluência não tem sido muito um problema dos meus alunos de avançado, dos últimos, né. Eu sinto mais a dificuldade na acurácia, né, quando eles estão num nível um pouco mais elevado e aí é que entra o meu papel.

Researcher - Certo, então a gente pode falar que você gosta muito de ensinar pronúncia.

Participant - Sim

Researcher - Certo. E você se sente confiante para ensinar pronúncia?

Participant - Sim.

Researcher - Só para confirmar, né.

Participant - Sim, mais especificamente aspectos relacionados à acurácia na produção de vogais e consoantes. Porque sobretudo no que diz respeito às vogais eu percebo que os aprendizes têm bastante dificuldade com os sons não-nativos que a gente não tem no Português, né, porque como vogal não tem ponto de articulação então é toda uma dinâmica para gente conseguir fazer com que eles localizem ali na percepção e consigam reproduzi-los.

Researcher - Certo. O seu ensino de pronúncia é baseado em algum método ou alguma abordagem específica? Em caso afirmativo, aí você fala para mim como você aprendeu a ensinar dessa forma?

Participant - Bom, é, o método que eu ensino Inglês é uma variação do *communicative language teaching approach*, que foca no desenvolvimento da oralidade em Língua Inglesa. Eu procuro ensinar a pronúncia de forma explícita com base em informações audiovisuais de fonético articulatória, e o que eu tenho aprendido nos últimos anos é que quando um som de difícil percepção pra o aprendiz eu uso palavras da língua materna deles e coloco esses sons para poder aumentar a atenção e melhorar a percepção deles, né, para depois eu... para depois eu estar levando novamente as palavras do Inglês, né, eu sinto que assim faz bem mais sentido. Bom, eu venho de uma trajetória como a maioria de aprendizes de Inglês no Brasil os professores não focam muito no ensino explícito de pronúncia. Então eu aprendi com guias e manuais, *pronunciation guides*, e eu aprendi de forma autodidata, né, e tive também *feedback* de alguns amigos, né, a maioria deles nativos, que me ajudaram a perceber na realidade produções na minha fala que eu sozinho não conseguia perceber, né, então meu desenvolvimento na pronúncia ele foi de forma autodidata mas eu também tive a intervenção de amigos não-linguistas que ouviam minhas produções e davam *feedback*, me ajudavam a localizar alguns sons que ainda tavam se consolidando.

Researcher - Uhum, certo. É, quais são os aspectos da pronúncia você mais enfatiza no ensino? E por que você enfatiza mais?

Participant - Eu dou bastante ênfase à produção e eu confesso que eu tenho que trabalhar mais percepção. Eu enfatizo sobretudo contrastes vocálicos de alta carga funcional e as fricativas interdentais, tanto as sonoras quanto as surdas, embora a gente sabe que existe todo um debate sobre a importância de se ensinar fricativas interdentais, o som do -TH, ou não, por conta da baixa carga funcional. Mas a partir dos níveis intermediários, por exemplo, eu já começo a focar na produção do morfema -ed, dos verbos regulares no passado porque a gente observa bastante influência da ortografia nas produções. E aí que a gente vê que o conhecimento de fonética é bem importante, né, para essa instrução. Porque se você ainda não entende o que é uma consoante surda e sonora, se você não entende que a relação entre letra e som é de representação e não de que letra tem som, aí eu acho que fica mais difícil a aquisição. E você não compreende essas questões básicas, né, mas a partir do momento que o aprendiz que letra é a representação e que você tem que observar o som, aí fica mais fácil por exemplo eles reproduzirem o -ed.

Researcher - Certo, e em sua opinião o quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Bom, em uma abordagem comunicativa faz toda diferença uma vez que não conseguimos captar todos os novos sons de uma língua estrangeira apenas de ouvido ou com instrução superficial, eu normalmente digo que aprender sobre os mecanismos articulatórios envolvidos na produção de novos sons, é como aprender a tocar um instrumento de sopro, por exemplo, de uma flauta transversal, se você não conhece a embocadura, muito provavelmente você não vai conseguir emitir um som naquele instrumento e no que diz respeito a aprendizagem de uma segunda língua, é, é bem similar.

Researcher - Perfeito. Quais são as maiores dificuldades dos seus alunos no aprendizado da pronúncia e como é que você lida com essas dificuldades?

Participant - Bom, a maior dificuldade que eu tenho observado nos meus alunos de Inglês nos últimos anos é a aquisição das vogais sobretudo o par /ɛ/, /æ/. Alguns não sabem nem que esse som existe mesmo quando chegam em níveis mais avançados. O contraste /i/, /ɪ/, por exemplo, também é normalmente produzido com nível mais baixo de acurácia, sobretudo da vogal /ɪ/, as fricativas interdentais também a gente vê que é uma produção que os alunos ainda continuam tendo problemas mesmo em níveis mais avançados, né, já que as pesquisas apontam que mesmo para aquisição de algumas fricativas interdentais, por exemplo, elas são um dos últimos sons a serem incorporados ali, estabilizados no repertório aí dos falantes de língua, de Inglês como língua materna, não é. Então a gente vê bastante dificuldade das fricativas e das vogais que eu citei sobretudo /ɛ/, /æ/ eles não ouvem, é bem difícil. Tem que

ter muito jogo de cintura para poder, né, mostrar o contraste, né, e fazer bastante... alusão ao Português, metáfora, usar bastante assim da hiper articulação, né, mostrar por exemplo pra o /æ/ fazer com que eles deixem cair o queixo mesmo, né, forçar essa produção em palavras em Português para daí eles aos poucos irem conseguindo incorporar no Inglês.

Researcher - Certo, por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender, para pronunciar as vogais Inglesas? Só para fechar aqui.

Participant - Eu acredito que é por conta da percepção, né, porque dificilmente a gente consegue reproduzir algo que a gente não está ouvindo, né, um exemplo clássico em outra língua é quando um hispanofalante tenta produzir as médias abertas, as médias /o/ e /ó/ né, normalmente o /o/ eles conseguem porque eles tem no espanhol, mas o /ó/ eles continuam reproduzindo o /o/ porque eles não ouvem esse contraste, né, então eu acho que a primeira dificuldade é a questão da percepção e também sobretudo da ausência desses sons na língua materna dos aprendizes e alguns trabalhos demonstram também que o nível de atenção também é importante porque as vezes você percebe, você vê que tem algo ali mas as vezes você não está prestando atenção naquele contraste, né, então eu acho que é uma mistura de todas essas variáveis, aí né, mas sobretudo a percepção no que diz respeito também a atenção, não é, a esses novos sons.

Researcher - Certo, então você está ciente das diferenças na qualidade das vogais?

Participant- Sim.

Researcher - Certo. E como normalmente você dá *feedback* aos alunos sobre a pronúncia deles?

Participant - Eu tento corrigi-los de tempos em tempos mas não de forma que eles se desmotivem e que isso afete o desenvolvimento da fluência deles porque nada adianta eu ter grande foco em acurácia, corrigindo-os o tempo inteiro e com isso eles perderem a motivação de desenvolverem a fluência, né, porque se eu foco demais em acurácia, com muita correção o perigo é que eles percam a cadência mas eu sempre vou tentando chamar atenção deles assim de tempos em tempos quando eles estão fazendo atividades de *role play* eu vou tentando dar um *feedback* assim individual mas na coletividade, porque aí um colega acaba ouvindo também, né, o *feedback* e vai se sensibilizando, né a esses novos contrastes.

Researcher - Certo, você teria algum comentário que você gostaria de mencionar relacionado ao ensino e aprendizagem da pronúncia que você considera relevante e que você ache que não foi perguntado anteriormente?

Participant - Não, acredito que as perguntas cobriram as principais questões e inquietações no que diz respeito ao ensino de pronúncia na sala de aula, né, de Língua Inglesa e a observação que eu faço é que esse aspecto deveria ser realmente um pouco mais focado, mesmo que o professor não seja da área de fonética mas eu acredito que por conta de insegurança, ausência da disciplina na formação, o fato de que muitos professores atuantes também não tem formação em Língua Inglesa e quando tem a gente vê a disciplina de fonética e fonologia do Inglês não está presente em todas as grades, né, e quando está é de forma bem superficial, né, mas eu tenho observado uma certa melhora, aí né, com os núcleos de formações de professores na área, né, e é tudo também uma questão de próprio interesse do professor estar buscando levar, afinal de contas quando se aprende uma Língua em uma abordagem comunicativa inevitavelmente você vai passar pelo universo dos sons, né, então quanto mais cedo a gente mapear os pequenos problemas, maior vai ser a tendência de eles não carregarem esses problemas para os níveis mais intermediários e avançados, né, acho que a intervenção deve começar desde os primeiros momentos do... da aquisição assim do aprendizado de L2.

Transcrição Entrevista – T4

34:03

Researcher – A primeira parte sobre aprendizagem de segunda língua. Então a primeira pergunta é: quantos anos você tinha quando começou a aprender Inglês?

Participant – Eu estava no ensino fundamental, aproximadamente... não, no ensino médio, aproximadamente quatorze (anos), lá pelos quatorze. Então ensino regular, ensino médio, lá pelos quatorze anos eu iniciei.

Researcher – Certo. E quando você começou a aprender Inglês, você aprendeu só na escola, no ensino médio, ou você fez curso de idiomas?

Participant – No ensino médio somente, né, o que a escola nos oferecia, e até depois quando eu entrei pra universidade, lá pelos vinte, aí eu fiz, né? A graduação em língua Inglesa e língua Portuguesa, e aí eu comecei nos cursos de idiomas. Então lá pelos vinte anos.

Researcher – Ok.

Participant – Pra valer mesmo, né, assim.

Researcher – Entendi. Então vamos lá. Segunda pergunta: o que você lembra sobre suas experiências de aprendizagem da pronúncia? Então A: que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar a pronúncia? Por exemplo, quando você tava no ensino médio, você lembra como seus professores ensinavam pronúncia, e se eles ensinavam a pronúncia?

Participant – Era bem negligente essa questão da pronúncia, né. Era muito focado na tradução, tradução e gramática. Então assim, no ensino médio eu não considero ensino de pronúncia nenhum, zero. Completamente zero. Eu fui saber, né, aprender sobre a pronúncia então na minha graduação, tá. E foram mais ou menos assim, bem focado uma aula ou duas de pronúncia que eu tive, né, que a gente estudou a transcrição fonética, e que foi bem focado, foi bem profundo o estudo. Fora isso, bem fraco, assim, totalmente. Bem fraco, assim essa... esse ensino, né. Então no máximo, o que que a gente tinha, uma música, né. Trabalhava com música, né, escutar e cantar, e circular uma palavra. Mas nada de muito... né, nada de muito profundo assim, não. Bem, bem fraquinho.

Researcher – Entendi. Quando você chegava então a ter essas aulas de pronúncia, ou quando um professor chegava a detalhar algo sobre a pronúncia, você lembra se você gostava dessas aulas de pronúncia? Ou dessas explicações sobre a pronúncia? Você gostava?

Participant – É. Gostava da pronúncia, saber cantar as músicas e de entender essa parte da inteligibilidade, sim, né. Mas quando eu tive a aula de transcrição fonética, a gente estudou a fonética, que tinha que transcrever os símbolos. Aí eu achei bem... Bem chato. Eu não gostei muito dessa parte, assim, muito teórica, né. Na graduação. Extremamente importante, mas foi bem maçante, assim. Foi bem maçante, até pela maneira que ela nos avaliava, né. Então eu acho que foi muito teoria, teoria, teoria e a gente teve assim, pouca prática mesmo. Assim, de mão na massa, de repetir, de trabalhar essa coisa da... poder usar um laboratório de línguas pra poder pronunciar, pra poder gravar, pra poder ouvir. Isso foi muito falho, assim, a gente ficou muito no livro, teoria, teoria, teoria, prova, prova, prova. Então, e a coisa prática não teve, entende? Então foi bem fraquinho, assim, a minha graduação. Mas teve, né, porque era obrigatório no currículo.

Researcher – Certo.

Participant – Mas eu não era muito fã não. Não era muito fã não, até hoje não sou muito fã. Eu pulo as coisas ali, eu sei duas coisas... Eu sei, eu sei que tem que focar, né? Mas...

Researcher – Tá. Então vamos pra terceira pergunta. A terceira pergunta é: você acha que sua formação como estudante de línguas teve alguma influência na maneira como você ensina pronúncia hoje? A questão toda é: você tá dando aula hoje, à distância?

Participant – Isso. Isso, à distância. Aham, à distância. Eu nunca gostei muito assim de trabalhar pronúncia como aluna, posso ser bem honesta, bem sincera em dizer assim, de... a gente até trabalha mais ela, né... mais contextualizada, mais significativa, assim, mas parar realmente assim pra fazer as atividades que o livro, né, didático propõe, assim... eu pulo, eu pulo. Digamos que trinta por cento das atividades eu pulo. Eu sei que eu deveria fazer...

Researcher – Não de forma aprofundada, né?

Participant – Não! Isso, isso. Eu trabalho de forma mais, isso. Não aprofundada, é isso. Uhum.

Researcher – É porque às vezes, dependendo do curso, da disciplina, o foco não é a pronúncia, certo?

Participant – Isso mesmo.

Researcher – Tá, então... teve alguma influência na maneira como você ensina pronúncia hoje... então a questão toda é que você não aprofunda a pronúncia, né?

Participant – Isso mesmo. É, eu não aprofundo porque eu não me sinto confiante, não é muito a minha praia, não é... então eu acabo que, a gente, né, vai e tal, mas não é coisa que eu paro e fico muito, assim. Se eu tiver que pular uma atividade é a de pronúncia que eu vou pular.

Researcher – Tá, entendi. Ok.

Participant – Isso.

Researcher – Podemos passar pra próxima?

Participant – Podemos. Uhum.

Researcher – Então a próxima é sobre formação de professores. Primeira pergunta: como e por que você se tornou professora de Inglês?

Participant – Então, eu gostava de viajar, e aí eu fiz a minha graduação em língua Inglesa e Portuguesa, porque eu queria fazer intercâmbio, trabalhar fora, então por isso que eu comecei a fazer, né, a graduação. E... e aí consegui trabalhar, consegui viajar, consegui estudar fora. Uhum. Mas como era Português e Inglês, né... daí eu achei que foi muito fraco a parte da língua Inglesa, assim.

Researcher – Certo, entendi. Segunda pergunta: você considera que sua formação educacional a preparou bem para ser professora de línguas? Explique.

Participant – Não. Pelo fato de não ter sido quatro anos de língua Inglesa e Literatura e sim, né, somente digamos, dois anos de Inglês, dois anos da nossa língua materna. Então tive que buscar tudo fora, mesmo. Viagens, cursos de idiomas. Né. Educação continuada, o tempo inteiro assim. Pra poder me destacar, pra poder... Uhum.

Researcher – Aprimorar, né.

Participant – Pra ser fluente, na verdade, porque... O curso em si foi muito, muito fraco, né. Muito, muito fraco, então assim, pouquíssimos que se formaram ficaram fluentes, né. E os que se tornaram é porque conseguiram correr atrás, né, sair, procurar mais outros meios.

Researcher – Certo. Você fez graduação na XXX?

Participant – Não, foi em XXX, na XXX. Lá em XXX.

Researcher – Certo.

Participant – Uhum. Universidade.

Researcher – Tá. Terceira pergunta: que métodos e materiais (se houver) você usa para ensinar a pronúncia? Então a questão é que você não ensina pronúncia. Mas quando acontece, você tem algum método, um material? Como é que você faz, quando acontece de um aluno perguntar algo específico sobre a pronúncia, você vai pela intuição ou você tem algum material?

Participant – Eu gosto de trabalhar pedaços de filme, né, focando nas falas, música, onde que trabalha assim bastante a entonação, o ritmo, a rima. O material didático que eu trabalho, que é o *Interchange*, que toda a série do *Interchange*, ele traz atividades bem específicas de pronúncia também, né. Então aqui tem algumas técnicas que a gente utiliza. Tudo dentro de um contexto, né, então nada que eu trabalho de pronúncia eu vou, né, pegar e fazer uma coisa assim meio, palavra solta, meio né. Não, é sempre dentro de um contexto, aparecerem aquelas palavras então a gente vai focar então, né, na maneira que va pronunciar e depois vai fazer uma atividade pra ver se o aluno ta conseguindo identificar a diferença. Então material didático, música, filme... Dicionários online, né, eu gosto de ensinar eles a utilizarem, escutarem a pronúncia, trabalhar os diferentes sotaques com os alunos, então ensinar eles a usar as ferramentas, né, e eles vão optar aquelas que lhes mais tem interesse, que eles se identificam, porque é difícil, né? O tempo de sala de aula, você conseguir contemplar tudo. Né? Muita coisa, assim. Então às vezes tu tem que optar, né. E às vezes a pronúncia, às vezes a gente vai bem, faz e tal, mas não é nada aprofundado. Mas eu dou todas as ferramentas, né. Então quem quiser aprofundar daí ser fora de sala de aula.

Researcher – Tá certo, entendi.

Participant – Uma coisa que eu gosto é de fazer eles gravarem, sabe? As conversas no celular, eu eles fazerem vídeos, áudios deles. Aí depois eles têm que escutar e conseguir identificar, né, coisas que podem melhorar na pronúncia, coisa que eles acham que eles erraram. Isso é uma coisa, uma técnica que eu uso muito, e até porque depois de um certo tempo eles conseguem fazer esse rastreamento do desempenho deles, né, de como foi o primeiro áudio deles, do primeiro vídeo escutando a própria pronúncia porque eles não têm o hábito de escutar a voz e a pronúncia. Então isso é uma coisa da percepção deles também, né. "Ah, é verdade", né, eles conseguem identificar algumas coisas mesmo. "Ah, eu tô pronunciando tudo com Ê, botando letras, vogais nas palavras", né, 'internet', 'facebuke'. Né, "ai tô assassinando a língua", mas é melhor ele identificar do que eu apontar, né, então são... Depende também a disponibilidade do tempo, né.

Researcher – Tá. Tá ótimo, tranquilo. Agora vamos pra outra parte, que é sobre seu histórico de formação de professor de Inglês. Então a primeira pergunta. Primeira pergunta (fora dessa aqui), você chegou a fazer algum treinamento pra professor de Inglês? Você chegou a fazer uma espécie de treinamento pra professor?

Participant – Sim, eu tô tentando lembrar, é, aham, *teacher's training*, isso. É *pre-service*, (in service), sim. Fiz do XXX, uhum.

Researcher – Quanto tempo, você lembra?

Participant – Mais ou menos um mês, foi em 2010.

Researcher – Certo. E aí nesse treinamento, os professores incentivavam vocês a abordar a pronúncia de alguma forma específica?

Participant – Sim. De uma maneira dinâmica e divertida, e significativa, enfim, sim, em forma de jogo, de competição, forma de, é, uhum. Bem um perfil do XXX.

Researcher – Eles trabalham assim?

Participant – É. Isso, aí você trabalha ali, né, dois tipos de palavras, por exemplo *do*, né, e aí depois você pega, né, treina com os alunos e traz depois, faz uma atividade, alguma coisa assim, bem dinâmica assim. Ou um *quiz*, ou você pega eles, e coloca eles pra pronunciar e correr e bater, sei lá. Né, então era focado assim de uma maneira bem dinâmica. Uhum. Com todos os níveis, né. Até os pequenos. É. Uhum.

Researcher – Certo. Nesse treinamento, qual aspecto desse curso que você fez você achou mais memorável, algo que te marcou?

Participant – As músicas que tem rima, né. Que você consegue rimar, bastante assim. Músicas.

Researcher – Certo.

Participant – Até o próprio livro traz, né, as músicas que têm rima, que você consegue trabalhar isso com os alunos.

Researcher – Tá. Terceira pergunta: você se lembra de alguma atividade ou técnica em particular que você achou útil para ensinar pronúncia?

Participant – É, tem uma que também a gente trabalha muito que é aquele *minimal pair*, né? Esse aparece bastante, né. Uhum. Aí você tem lá *weak*, você tem lá o *week e weak*, né, de semana e de fraco, e assim. Então, essa daí marcou bastante, o XXX focou bastante nessa do *minimal pair*. Né, pra gente trabalhar assim essa questão.

Researcher – Certo, certo. Quarta pergunta: quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do inglês?

Participant – Eu diria que avançado, mas eu acredito que eu posso melhorar muito, assim. Isso, é. *Upper intermediate to advanced*. Uhum.

Researcher – Certo. Quinta pergunta: se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia, você faria?

Participant – Ai gente, pode me dizer onde que tem, quem tá dando, porque eu amei o de vocês (minicurso XXX), foi maravilhoso assim, muito. Muito... muito bom, eu fiquei bem assim, animada em focar nessa parte que eu acho que realmente eu não me sinto muito confiante, eu tenho muito ainda pra aprender, assim. E pra poder passar de uma forma melhor pros meus alunos, assim.

Researcher – É, então você faria.

Participant – Acho muito legal, muito interessante. Faria todos, todos. Até pra ficar de olho, né.

Researcher – Faria pra melhorar, aprimorar, né?

Participant – Pra aprimorar e pra você saber ter mais didática pra passar isso pra alunos de uma forma mais... dinâmica, prática e memorável, né. Uhum.

Researcher – Tá, bem legal. Inclusive tem algumas pessoas que se inscreveram no da Beth.

Participant – Ai, que ótimo! Vou fazer também, porque olha. É bem legal.

Researcher – Então tá, sexta pergunta: existe algo mais que você gostaria de entender melhor/aprimorar sobre a pronúncia do Inglês?

Participant – A diferença entre os sons vocálicos, né, que eu acho que é bem importante. Pra tá bem redondinho, e a terminação dos verbos, verbos regulares no passado, por favor, socorro, alguém me ajuda!

Researcher – (risos). Ok, vamos lá pra próxima parte, e última. Reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia. Primeira pergunta: o quanto você gosta de ensinar pronúncia? Que você já falou anteriormente, eu só quero que você feche.

Participant – Meio desnecessário. Meio desnecessário, nada aprofundado. (risos)

Researcher – Só quando o aluno pergunta algo, né? É isso?

Participant – Ah não, não. Também... Ah, deixa eu ver. Não, eu trabalho assim, eu dou um... uma tapeada não, assim, eu dou uma passada, mas é uma passada meio assim *fast and furious*. Sim, se o aluno perguntar eu aprofundo. Daí sim. Indico várias ferramentas, né, pra usar, pra fazer. É.

Researcher – Tá.

Participant – Eu não sou muito confiante, não gosto muito não.

Researcher – Tá, é isso que a gente precisa saber. A segunda pergunta aqui é: você se sente confiante para ensinar pronúncia?

Participant – Setenta e cinco por cento, assim confiante, setenta...

Researcher – Ou seja, não cem por cento confiante, eu sei que posso melhorar, né?

Participant – É, isso mesmo, aham. Claro que eu tô falando pra ti que eu não tô cem por cento confiante porque por exemplo, ali no passado dos verbos regulares, eu não me sinto, posso dizer, eu não me sinto totalmente confiante ali não. Algumas vogais ali que, né, nesses *minimal pairs* ali, não também, sabe? Então eu sei que eu tenho que melhorar. Então, né. Mas assim, eu preciso melhorar, com certeza. Uhum.

Researcher – Tá. Entendi. Terceira pergunta: o seu ensino de pronúncia é baseado em algum método ou abordagem específica? Em caso afirmativo, como você aprendeu a ensinar dessa forma?

Participant – Ah, eu passo da abordagem comunicativa, né, que vem o contexto, aí as minhas palavras vão tá numa frase, num contexto significativo, vai ter exposição que vai ser todo aquele *input*, né, geralmente múltipla exposição pro aluno ficar ouvindo, né. E ter vários encontros com essa palavra. E até o momento que ele vai ter que, né, praticar ela de uma forma guiada, e depois ele vai ter que produzir ela, né. De uma forma... livre, que ele vai ter que tá produzindo em vários contextos, né, usando independentemente e criativamente, né, apropriadamente a palavra, com a pronúncia correta que é principalmente a sílaba tônica, né, bem pronunciadinha, né. Então...

Researcher – Aham. Tá. Dessa forma que você ensina, você aprendeu através de alguém, você se inspirou em alguém?

Participant – Literatura, eu diria que seria cinquenta por cento da teoria e cinquenta por cento da prática pedagógica, né. Isso. Meio a meio.

Researcher – Certo. Pergunta número quatro: que aspectos da pronúncia você mais enfatiza em seu ensino? E por quê? Quando você chega a ensinar pronúncia, o quê que você enfatiza?

Participant – Ai, bastante a sílaba tônica. A sílaba tônica porque eles não têm acento, né, então eles têm que saber né, identificar a sílaba tônica. E o TH. Eu faço questão desde a primeira aula de já falar pra eles, botar a canetinha na frente dos lábios aqui, vai falar o TH bonito, vai fazer a diferença, vai ser um Inglês bem marcadinho, todo mundo vai ver que você sabe Inglês. Então, né, que nós não temos o TH equivalente no nosso idioma. E a questão da sílaba tônica, tem que saber a sílaba tônica, né, e eu acho que é a exposição, né, quanto mais exposição mais você vai daqui a pouquinho perceber e vai acabar produzindo igual, né, não tem como ser muito diferente disso, né.

Researcher – Uhum. Certo. Ok. Pergunta número cinco: em sua opinião, o quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant – Ai, muito importante, extremamente necessário, né. Um componente extremamente necessário, né, na aprendizagem de um idioma.

Researcher – Certo. Pergunta número seis: quais são as maiores dificuldades de seus alunos no aprendizado da pronúncia? E se você mencionar algo, assim, como você lida com essas dificuldades que eles têm?

Participant – Acredito que seja eles identificarem qual é a sílaba tônica da palavra, pra colocar o *stress*, a entonação. Uhum. O TH, né, mais uma vez. E o que eu...

Researcher – Quando eles têm essas dificuldades, o que você faz?

Participant – Eu tento fazer um... é... parafrasear, não, fazer um *recast*, falar a palavra na frase, né, pronunciando corretamente, e trabalhar a pronúncia dela, com certeza, trabalhara a pronúncia. Pedir pra repetir... É isso. Então o que eu faria então seria isso, né, eu identifico que ele não tá conseguindo pronunciar, então eu vou de uma maneira falar uma frase ou até a mesma frase que ele falou, mas eu vou pronunciar corretamente pra ele tentar perceber, e depois num outro momento eu vou pedir pra ele pronunciar a palavra... é isso.

Researcher – Tá, tá ótimo, entendi. Vamos lá pra sétima. Por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender / pronunciar as vogais inglesas? Aquela atividade que teve no *workshop* tipo *bed/bad*, *sheep/ship*, por que você acha que eles têm dificuldade em entender essas vogais?

Participant – Porque algumas, nós não temos equivalência na nossa, no nosso idioma, né, então talvez pra eles, né acaba sendo tudo igual, né, pronuncia tudo igual, né? Então essa diferenciação, né, saber discernir de um som pro outro, isso é uma coisa que também leva tempo, leva maturidade com o idioma, familiaridade. Então... E pelo fato de não ter o equivalente, né, no nosso idioma, então acho que é por isso que acaba dificultando e demorando um pouquinho parte do processo também, né? Parte do processo. Uhum.

Researcher – Tá. E você está ciente das diferenças na qualidade das vogais? Você consegue entender a diferença do *bed*, de cama, pro *bad*, de mau?

Participant – Consigo entender. Uhum. Mas vou dizer que naquele, naqueles (risos) testes todos que tiveram lá, de todos eles o que eu achei mais, um pouquinho mais difícil que eu tive mais errinhos, assim, foi o do A e do E, *bed/bad*, aham. Foi isso mesmo.

Researcher – Entendi.

Participant – Os outros são mais fáceis de identificar. E o A, e o E são mais difíceis de identificar, pelo menos a provinha lá que a gente fazia e depois confirmava, conferia lá, aham. Sei das diferenças, sei.

Researcher – Tá, certo. Nona pergunta: como você normalmente dá *feedback* aos alunos sobre a pronúncia deles?

Participant – Daí on the spot assim, você fala *on the spot* ou um *feedback* que você elabora pra ele assim, sobre o desempenho da pronúncia? Não, é quando tu tá corrigindo o aluno, é isso?

Researcher – Você percebe que esse som do TH tá errado. Como é que você vai falar pra eles?

Participant – Falei pra ti antes, eu vou fazer o eco, né. "*Oh, thank you, you too!*" Vou repetir com a pronúncia correta pra ver se ele consegue identificar, ok. E num outro momento eu vou tentar fazer alguma coisa pra ele que ele consiga usar a palavra de novo pra eu ver se ele consegue pronunciar, então eu vou...

Researcher – Ah, entendi, entendi.

Participant – Mas eu não corrijo

Researcher – Entendi, você repete o correto, você fala o correto, olhando pra ele pra ver se ele percebe, se ele nota.

Participant – Aham. Uhum.

Researcher – E numa outra aula você já fica mais em cima, mais atenta pra, pra esse aluno, né.

Participant – Uhum.

Researcher – Tá, entendi.

Participant – Por exemplo, isso numa conversa, isso numa coisa assim mais, mais open, né. Mais, não é *guided, not controlled*. Mas por exemplo, se o aluno, né, vai fazer, ele quer fazer a leitura de alguma frase, algum texto, de alguma coisa, uma correção, da atividade, alguma coisa que não é uma conversa que você vai interromper, né, aí. Você até...eu faço a correção, né, o aluno terminou, aí ele terminou a frase, de ler um parágrafo, digamos que ele tá lendo um parágrafo, terminou a frase, "Oh, ok, can you repeat? Thank you, please". Aí eu faço a correção, mas eu espero ele terminar a frase que ele tava lendo pra fazer a correção. E peço pra ele repetir. Então eu acho que tem diferentes momentos, né, que tu faz essa correção, né. Uma mais incisiva, uma mais...não tão direta, uma direta, então indireta, eu acho que são momentos, né.

Researcher – Certo, ok. E a última, que na verdade não é uma pergunta...

Participant – Ah mas deixa eu te perguntar só uma coisa, ali na nona. Desculpa, na nona, o que eu faço assim de dar um *feedback* é... descritivo pro meu aluno, ou oral ou escrito, a cada três meses, é de eu dizer assim, pontuar coisas que eu gosto muito da pronúncia, pontos positivos, que eu começo pelos pontos positivos, e depois eu digo sugestões que podem melhorar ainda mais a pronúncia, eu faço isso de três em três meses com os meus alunos, sabe? Aí pode ser escrito, também que é bem legal pra eles, e aí eles conseguem se identificar, e aí conseguem né, tentar incorporar aquelas coisas positivas pra continuar, pra servir de motivação. E as negativas pra eles opa, tem que, né, ir por outro caminho, tem que né, fazer isso, tem que fazer aquilo. Então tu dá, é um *feedback* mais orientativo né, eu gosto muito disso também, sabe?

Researcher – Uhum. Entendi. E aí você falou que você faz a cada três meses, você fica em torno de quando tempo com esse aluno, assim? Você fica um semestre, cinco meses, você fica um ano inteiro...

Participant – Independente se for meio ano, um ano, de três em três meses eu faço esse *feedback* com meu aluno, aham.

Researcher – Entendi... mas ele pode ser o seu aluno no próximo... no próximo semestre, ou não necessariamente?

Participant – Pode, pode ser ou não. Tanto faz, aham, independente ser ele for ou não meu aluno ele vai ter... esse *feedback* orientativo pra ele, né. Claro que não só da pronúncia, né. Mas toda a questão da língua, né, inclusive da pronúncia, né. O que tá bom, o que eu sugiro

que pode fazer pra melhorar, né. Então ele é bem orientativo, assim, e ele é motivador, né, que você sempre tem coisas boas pra elogiar da pronúncia, e pra... né, enfim, o vocabulário e estruturas que ele tá utilizando. Então eu acho que isso é muito importante, né, ter essa troca com o aluno. Uhum.

Researcher – Ok. E a última é se tem algum comentário que você gostaria de mencionar relacionado ao ensino e aprendizagem da pronúncia que você considera relevante e que você acha que não foi perguntado.

Participant – É, eu gostei bastante da entrevista, não tenha nada muito pra acrescentar, eu gostei muito assim, da... da entrevista, da abordagem, das perguntas e... todo esse *background* que você fez, né. De como falante, de como aluno, de como professor dessa educação continuada que a gente tem, de treinamento. Então, eu acho que é uma área bem importante, tem uma alta relevância e uma carência, sabia? Na preparação, assim, do educador, pra sair, pra tá pronto pra sala de aula, assim. Eu acho que ainda tá muito carente, sabe? É uma área bem... tem muita coisa pra ti explorar nessa área, assim. Pro professor de idiomas, assim, eu acho que ele não... sabe? Ele pode ser bem mais preparado, pode ter bem mais coisas pra ele na graduação, eu acho. Eu acho que ainda falta pouco. Pouca coisa pro professor.

Researcher – Inclusive hoje mesmo eu falei que tinha que ser divulgado um evento que vai ter de pronúncia agora.

Participant – Aonde?

Researcher – Do grupo de pesquisa, da XXX.

Participant – Ah é?

Researcher – Sou eu, a XXX, o XXX, o XXX.. É, importante, é importante mesmo divulgar.

Participant – Muito bom, muito legal, parabéns.

Transcrição Entrevista – T6

32:44

Researcher - Ok, vamos lá. Então a primeira parte é sobre aprendizagem de segunda língua. Primeira pergunta: quantos anos você tinha quando começou a aprender Inglês?

Participant - Olha Brenda, essa é uma (risos), essa é uma pergunta que não tem uma resposta fácil pra mim porque foi um processo muito... ah, tipo assim, eu não comecei um curso de

idiomas e numa certa idade assim, eu fui aprendendo meio que de forma autodidata, mais ou menos a partir dos meus quatorze, quinze anos eu fui aprendendo de forma meio autodidata. Eu acho que isso começou a ficar mais, esse processo começou a se intensificar mais. É... quando eu entrei no ensino médio, eu estudava no XXX, campus XXX, e a minha professora de Inglês do Ensino Médio tinha um *conversation club*, um clube de conversação. Extraclasse assim, né, fora das aulas de Inglês. E eu ia nesse nego-, nesse clube de conversação e tal, e daí eu comecei a estudar mais, mas sempre de forma autodidata, eu nunca fiz curso, então eu estimo que a resposta dessa pergunta seja entre treze e quinze anos, quando eu comecei a estudar Inglês, mas eu não tenho bem certeza da idade exata.

Researcher - Tá. Só repete porque eu acho que cortou a ligação... entre mais ou menos qual a idade?

Participant - Treze e quinze, eu não tenho bem a data exata assim, porque não foi né, foi uma coisa meio autodidata.

Researcher - Tá, entre treze e quinze anos, tá. Certo. A segunda pergunta é: o que você lembra sobre suas experiências de aprendizagem da pronúncia, e tem letra a) que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar pronúncia?

Participant - Tá. Como eu nunca fiz, eu nunca estive num curso de Inglês assim formal né, a minha aprendizagem de Inglês foi muito autodidata e também Inglês na escola, geralmente pronúncia nunca foi muito foco assim, ninguém nunca parou e deu aulas de pronúncia. É... bom, eu disse que eu ia nesse *conversation club* né, a professora lá ela corrigia a minha pronúncia conforme os erros apareciam né, e agora, pensando agora assim, ela também não corrigia todos os erros, só o que era mais impeditivo da comunicação assim, o que atrapalhava mais a comunicação.

Researcher - Certo, tá. E aí quando aconteciam essas aulas, é... enfim, esses... essas pinceladas da pronúncia aí, tu lembra se tu gostavas dessas aulas de pronúncia, tu lembra se tu gostavas quando chegava a detalhar algo sobre pronúncia?

Participant - Gostava, eu gostava bastante assim, era uma, sempre foi uma coisa que eu tive muita curiosidade assim, até... não só, não só o ensino da pronúncia propriamente dito assim, não só quando ela me corrigia, mas também eu sempre tive muita curiosidade de coisa tipo... ah, a diferença entre a pronúncia do Inglês Britânico e o Inglês Americano, esse tipo de coisa, eu sempre fui muito interessado nessas coisas assim, sabe.

Researcher - Certo, entendi. Terceira pergunta: você acha que sua formação como estudante de línguas... bom, como tu falaste, tu foste autodidata, mas tu achas que teve alguma influência na maneira como tu ensina pronúncia hoje? A pergunta é, tu ensinas pronúncia?

Participant - Então, eu acho que teve influência. Eu percebo assim Brenda, que conforme os anos passam, conforme a minha... eu vou né, ficando mais velho na profissão de professor, e mais velho de idade também né, obviamente. Conforme eu vou né, amadurecendo na profissão de professor eu tenho ensinado mais, pronúncia mais explicitamente, assim. Quando eu comecei, eu... eu meio que seguia isso que a minha professora fazia também, né. Eu corrigia os problemas conforme eles apareciam. Né, então eu via, e também não corrigia todos os problemas assim, corrigia só o que era mais assim, que causava assim um *breakdown* na comunicação. Né. Hoje em dia eu tenho, eu tenho feito isso também, né, obviamente, que eu acho que é uma coisa que todo professor de Inglês faz, mas eu também tenho feito dicas de pronúncia assim, antes do problema aparecer eu já faço a dica de pronúncia, eu planejo alguma coisa, algum tópico de *pronunciation* e mostro na aula assim. Então, mas isso foi uma coisa que eu fui amadurecendo com o tempo assim, quando eu comecei a dar aula eu não fazia isso. Hoje em dia eu tenho sim feito dicas de pronúncia de forma explícita assim, né. Por exemplo, hoje a gente vai aprender né, quando eu tô dando aula sei lá, sobre o passado, né. Hoje a gente vai aprender então uma diquinha de pronúncia sobre o -ed no final dos verbos, por exemplo, né?

Researcher - Aham. Tá, a outra parte é sobre formação de professores. Primeira pergunta: como e por que você se tornou professor de Inglês?

Participant - Ai, é outra pergunta que a (risos) resposta é meio difícil, né. Então assim, eu... olha que história louca, desculpa se a resposta estiver sendo muito longa, mas é que essa é uma história bem louca da minha vida mesmo.

Researcher - (risos)

Participant - Eu estudava no XXX como eu disse né. E eu era muito bom na disciplina de Química. Química. Eu era monitor na disciplina de Química. Então eu ficava uma tarde lá na escola tirando dúvidas dos alunos de Química assim, sexta feira de tarde eu ficava lá e as outras pessoas me procuravam pra tirar dúvida de Química. E eu ia ser professor de Química. Né, era essa a minha ideia, esse era o meu plano no ensino médio.

Researcher - Aham.

Participant - Só que a minha mão tentou me dissuadir da ideia de ser professor e disse assim "não, vai e faz Engenharia Química. Bota no vestibular né, Engenharia Química". E foi o que

eu fiz, botei né, no vestibular da XXX Engenharia Química. E aí eu fiz o vestibular, tal, e quando saiu o resultado, eu não, eu fui ver a lista dos aprovados em Engenharia Química e o meu nome não estava lá. Né, fiquei bem triste e tudo mais. E aí só que as pessoas começaram a me mandar mensagem "nossa XXX, parabéns, passou na XXX" e não sei o que, e eu "meu deus, que raio é esse", né? Como assim eu passei na XXX quando eu não tava lá. E daí eu fui ver, quando você se inscreve no vestibular da XXX você tem uma segunda opção, que é Engenharia Ambiental, que no caso eu tinha botado Engenharia Ambiental. E eu passei nesse curso, né. E fiz um semestre, tal. Mas não, não gostei, né, não tinha nada a ver comigo. E daí eu entrei num vazio assim, o que é que eu vou fazer da minha vida. E eu já tinha dado aulas de Inglês. Assim, eu já tinha ensinado Inglês, de forma particular né, quando eu tinha dezessete anos, né, eu ensinei o Inglês de forma particular assim. E eu, eu sempre gostei muito de Inglês também, né. E aí eu pensei, "bom, achei que ensinar Inglês é uma coisa que eu gostaria de fazer". Né. Já vi que não me dou bem com as exatas e tal, acho que Química agora nesse ponto tá descartado da minha vida. Então, mas eu acho que ensinar Inglês é algo que eu gostaria de fazer. Aí mudei pra faculdade de Letras. Fiz Letras e adorei, e deu tudo muito certo, e tô muito feliz na minha profissão até hoje. Foi uma loucura assim, mas no final deu tudo muito certo.

Researcher - É, nasceu pra isso mesmo... Então vamos pra segunda pergunta: você considera que sua formação educacional o preparou bem para ser professor de línguas? Explique.

Participant - Eu acho que me preparou na medida do possível assim. É, você sabe que eu tô na área de formação de professores né, no mestrado, e eu cada vez mais vejo que existe assim um limite do que um curso de graduação pode fazer. Né. E que o resto infelizmente e felizmente você acaba tendo que aprender estando na posição de professor, né. Então acho que a minha formação me preparou na medida do possível pra ser professor, né, na medida do que um curso de graduação pode fazer por uma pessoa, embora eu lembro assim que eu tenha saído da faculdade muito cru e que eu tenho me desenvolvido, e ainda continuo me desenvolvendo né. Porque eu acho que esse é um processo infinito até. Esse é um processo que não acaba nunca, né. Mas eu acho que sim, que me preparou na medida do possível.

Researcher - Tá, ok. Ah... terceira pergunta: que métodos e materiais (se houver) você usa para ensinar pronúncia?

Participant - É, então. Essa resposta, essa pergunta ela tem duas respostas, no meu contexto atual, que eu tô dando aula no XXX, no curso XXX da XXX, eu uso o *Interchange*, né. O livro *Interchange* que tem algumas coisas de pronúncia e eu acabo usando aquilo ali. Né,

porque o XXX a gente não tem muito como fugir daquilo, né. Quando eu dou aula em escola, escola regular, eu preparo os materiais assim, usando vídeos e coisas do tipo assim.

Researcher - Certo. Tá.

Participant - Os livros do PNLD, que são os livros em escolas regulares, não tratam de pronúncia. Nunca, assim né, então geralmente professor de escola regular tem que... trazer os seus materiais... Tá chovendo bastante aqui em XXX, acho que foi isso. Tá, vou só repetir então a última, né. Você me perguntou os materiais que eu uso. Pra ensinar pronúncia. Essa, essa pergunta ela tem duas respostas. Quando eu dou aula no XXX, que é o meu contexto atual de ensino, do curso XXX da XXX, eu uso *Interchange* né, que no XXX a gente não, o livro *Interchange*.

Researcher - Certo.

Participant - Porque no XXX a gente não tem muito como fugir disso assim né, eu acabo usando os materiais do *Interchange* que têm sempre uma parte sobre *pronunciation*.

Researcher - Aham.

Participant - Quando eu dou aula em escolas regulares, até porque os livros que tem nas escolas regulares, os livros do PNLD, não têm quase nada sobre pronúncia. Então quando eu dou aula em escola regular, eu acabo produzindo os meus materiais assim, usando vídeos da Internet, coisas do tipo.

Researcher - Tá. Certo. Ah... Agora vamos, vamos pra outra parte que é sobre seu histórico de formação de professores de Inglês. Ah... Vou falar da graduação.

Participant - Uhum.

Researcher - Os professores incentivavam os alunos, ou seja, vocês né, tu como aluno, eles incentivavam os alunos a abordar a pronúncia de alguma forma particular?

Participant - Não tenho muita lembrança, não. Não tenho muita lembrança disso não.

Researcher - Eles incentivavam vocês a falar Inglês na aula?

Participant - Ah, sim. Sim, sim. Isso sim. Usar a língua foco né, a língua-alvo a maior parte do tempo.

Researcher - Certo. Segunda pergunta: qual aspecto do curso você achou mais memorável?

Participant - É, então, tem uma coisa que eu não concordava na época e ainda não concordo né, e que eu me lembro muito assim, que era a busca de parecer nativo. Né, tinha uma professora que ela... corrigia, a gente falava Inglês durante as aulas e ela corrigia os alunos buscando que eles parecessem nativos assim, essa era a justificativa dela. E isso é uma coisa

que nunca me desceu bem e ainda não me desce né, mas a gente dançava conforme a música da época, daí tentava o melhor possível parecer nativo. Né, aos ouvidos dela assim.

Researcher - Aham.

Participant - Mas isso é uma coisa que me lembro, que me marcou assim, não positivamente né, mas também não, não vejo assim como ah, um trauma ou algo do tipo, mas é algo que eu nunca concordei muito, assim.

Researcher - Certo, ok. Terceira pergunta: você se lembra de alguma atividade ou técnica em particular que achou útil para ensinar pronúncia?

Participant - Hm... Uma coisa que eu na graduação eu comecei a ter maior né, percepção, porque antes eu ensinava de forma muito assim, amadora né, eu ficava tentando fazer o aluno repetir. E que eu acho que na graduação me ajudou muito é tentar mostrar a posição da boca. Né, a posição da língua, o que que a boca faz né, em termos de movimento, pro aluno.

Researcher - Uhum.

Participant - Como articular aquele som, né.

Researcher - Certo. Tá, então foi isso que te...

Participant - Eu acho que isso foi uma coisa que eu mudei muito né, a partir da graduação assim. Porque antes eu só ficava tentando fazer o aluno repetir né, e às vezes o aluno não conseguia repetir justamente por falta de perceber o que que ele tinha que fazer com a boca, né.

Researcher - Aham. Tá, certo. Ok. Quarta pergunta: quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do Inglês?

Participant - Olha, pra ser sincero eu sei pouco assim, sobre fonética e fonologia da língua Inglesa. É... como acabou não sendo meu foco de estudo do mestrado né, e nem, enfim nem no final da graduação, eu esqueci boa parte das coisas que um dia eu soube assim, então eu realmente sei muito pouco, gostaria de saber mais, assim. Eu sei o que eu preciso saber pra dar aula, sabe.

Researcher - Certo, aham. Tá, quinta pergunta: se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia, você faria? Explique.

Participant - Faria. Faria porque eu acho que é importantíssimo, né. Eu acho assim que, que a pronúncia é uma coisa muito importante pros nossos alunos, eu faria sim, inclusive porque eu sinto essa deficiência em mim, assim. Eu sinto que... eu não sei, eu não acho que a minha aula seja ruim em termos de pronúncia, sabe, mas eu acho que se eu pudesse aprender mais coisas seria ótimo, sabe.

Researcher - Certo. Uhum. Sexta: existe algo mais que você gostaria de entender melhor/aprimorar sobre a pronúncia do Inglês?

Participant - É, eu gostaria de entender assim, eu, eu, é um assunto que me interessa, mas que... assim, tem passado batido né, na minha formação... Um dia eu vou ter que sentar e estudar, é a coisa do alfabeto fonético né, da transcrição fonética, que realmente eu não sei e gostaria bastante de saber assim, então um dia eu quero sentar, estudar isso e aprender, assim.

Researcher - Tá, agora vem a última parte, que é sobre reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia. Primeira pergunta é: o quanto você gosta de ensinar pronúncia?

Participant - Ah, eu gosto, eu acho que eu gosto bastante assim, porque eu acho que é uma coisa que motiva muito os alunos, né. É... embora a gente saiba, eu saiba e é uma convicção que eu tenho muito clara, de que ninguém precisa parecer nativo pra falar Inglês bem, né, que o objetivo não é esse, eu sinto que isso é algo que motiva os alunos, entendeu? Ter o Inglês mais, né, com uma pronúncia melhor, é algo que os alunos gostam muito, então assim, é bacana você fazer uma atividade de pronúncia e os alunos se engajarem nisso assim, é legal, eu gosto bastante.

Researcher - Tá. Segunda pergunta: você se sente confiante para ensinar pronúncia?

Participant - Sinto... sinto mas acho que sim, poderia melhorar. Uhum.

Researcher - Tá. Ok. Terceira pergunta: o seu ensino de pronúncia é baseado em algum método ou abordagem específico? Em caso afirmativo, como você aprendeu a ensinar dessa forma?

Participant - Não, eu não tenho muito conhecimento de método de ensino de pronúncia assim, eu faço... é, (risos) eu faço do meu jeitinho, assim. Eu sigo o *Interchange* quando eu tô dando aula no Extra né, sigo as orientações ali do manual do professor, às vezes adapto algumas coisas né, especialmente porque eu acho que às vezes o *Interchange* tem umas frases que não tem nada a ver com o contexto dos alunos. E quando eu tô dando aula em escola regular eu também faço do meu jeito assim, sem muito, sem muita estruturação teórica, assim.

Researcher - Certo. Quarta pergunta: que aspectos da pronúncia você mais enfatiza em seu ensino, e por quê?

Participant - Ah... Bom. Eu tendo a... a fazer tópicos conforme eu vejo que essas coisas vão aparecendo nas aulas né, então eu não sei bem como te explicar isso porque eu sinto que... né, não é uma coisa muito estruturada do ponto de vista teórico, mas por exemplo assim, quando

eu estou ensinando passado eu entro ali no final -ed dos verbos regulares, né. Então é uma coisa que eu vejo aparecer, ou então por exemplo, ensinar o TH né, uma atividade, ensinar a pronúncia ali do TH com a língua no meio do dente, né, eu pego, geralmente isso eu faço quando eu tô dando aula em escola regular, né. Eu pego uma música né, inclusive eu tenho uma música que eu sempre uso chamada "*Nothing Compares 2 U*", que o clipe é a moça cantando assim, a câmera está bem na frente do rosto dela né, o foco é no rosto dela, e quando ela vai falar "*nothing*" eu pauso, exatamente de forma a mostrar a língua no meio do dente né, *nothing*. Então é, eu vou tratando essas coisas conforme elas aparecem, né. Ou então (*inaudible*) *stress*, também é algo que eu falo muito né, é tipo a ênfase que você dá nas palavras. É... entonação, né, tipo o... a entonação das perguntas é algo que eu trabalho bastante também. Então eu vou tratando isso conforme isso vai aparecendo, assim, não tem uma metodologia muito estruturada aí de trabalhar isso.

Researcher - Tá, certo, mas aí tem uma explicação do porquê tu acabas... aprofundando mais essas partes por exemplo do -ed, do TH?

Participant - Então, é que na verdade pensando agora né, a pronúncia ela nunca é o carro chefe da minha aula assim. Ela sempre vai (risos), ela sempre vai junto com outras coisas né, conforme as coisas vão aparecendo, assim. E são coisas que, e geralmente os temas que eu trabalho de pronúncia são erros que eu per-, erros não, não são erros, são problemas assim que eu percebo frequentemente nos alunos, né.

Researcher - Certo, certo, isso. Ok. Quinta pergunta: em sua opinião, o quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Acho muito importante, né. Ah... claro, depende do contexto, depende do porquê o nosso aluno tá estudando Inglês né, de toda forma é importante, tem alunos em que o ensino da pronúncia é mais importante do que outros, né. Eu acho que é uma coisa que motiva muito os alunos a continuar, assim. É claro que o professor também precisa ter um, uma boa sensibilidade pra trabalhar isso, porque especialmente em níveis, né, em que o aluno tem menos conhecimento linguístico às vezes os alunos ficam constrangidos, né. Que a gente sabe, às vezes dá vergonha de falar né, medo de errar. Então o professor precisa ter uma sensibilidade. Mas uma vez quebrada essa barreira no aluno, eu acho que o ensino da pronúncia é fundamental, assim.

Researcher - Certo. Ah... sexta pergunta: quais são as maiores dificuldades de seus alunos no aprendizado da pronúncia? E como você lida com essas dificuldades?

Participant - Acho que a maior dificuldade no aprendizado da pronúncia né, é o filtro afetivo assim. É a vergonha de tentar, é não querer falar, é querer assistir uma aula de Inglês de boca fechada. Né. E isso eu acho que eu tenho aprimorado as minhas técnicas né, em como lidar com isso assim, como não só motivar, porque às vezes o aluno tá muito motivado, mas eles têm vergonha de falar né, e é normal, a gente numa língua estrangeira às vezes tem vergonha de tentar né, eu já estudei outras línguas que não o Inglês e às vezes você fica "poxa, como é que eu vou dizer isso?", né. E daí eu tento fazer coisas assim, uma coisa meio *coach* assim, uma coisa meio de... tentar relaxar o aluno pra que ele possa praticar pronúncia né, tentar deixar ele confortável. E eu acho que essa é a minha maior dificuldade assim, no ensino da pronúncia. É os bloqueios que os alunos têm, né. Às vezes produtos de experiências passadas com ensino de Inglês, às vezes produtos da própria timidez assim, eu acho que é isso.

Researcher - Ok, certo. Ah... sétima pergunta: por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender / pronunciar as vogais Inglesas?

Participant - Eu acho que a língua Inglesa tem um sistema de vogais diferente do nosso, né. Ah... e aí tem... é natural o estranhamento dos alunos, né, com uma língua que é estrangeira, uma língua adicional, né. É... então... e também né, a língua Inglesa ela tem várias irregularidades na pronúncia né, então uma mesma letra gera sons diferentes, gera vogais diferentes né, pronúncias de vogais diferentes. Então eu acho que é por aí assim, eu acho que os alunos eles demoram a se acostumar com as irregularidades né, da língua Inglesa.

Researcher - Certo.

Participant - No que trata aí da pronúncia de vogais.

Researcher - Certo. E você, você está ciente das diferenças na qualidade das vogais? Você consegue entender bem?

Participant - Sim, acredito que sim. Eu não né, como eu disse aí anteriormente, num do... num dos, das perguntas, eu gostaria de aprender mais especialmente sobre transcrição fonética, eu acho que isso ajuda muito no ensino da pronúncia. Mas eu consigo sim perceber as diferenças das vogais. Acho que de forma bastante boa, assim.

Researcher - Certo. E Como você normalmente dá *feedback* aos alunos sobre a pronúncia deles?

Participant - Olha Brenda, isso varia muito no nível, né, que eu estou, agora eu tô dando aula em curso né, então varia muito do nível. Varia muito... não sei assim, varia muito do aluno também, né. Olha só, quando o aluno tá, quando eu vejo que é um aluno que tem resistências a falar, a praticar, ou que é de nível mais iniciante, eu percebo que ele ainda tem pouco

conhecimento linguístico e tal, eu tendo a dar *feedback* negativo só daquilo que realmente é impossível assim, sabe, aquilo que eu realmente não consegui entender e tive que perguntar, e aí o aluno percebeu também que eu não entendi, tive que perguntar. Então eu digo, né. Aquilo que eu entendo, mas que não tá bom, especialmente em níveis mais iniciantes né, eu deixo assim. Por agora eu deixo. Né. Conforme, e aí eu tendo também a dar *feedback* positivo né, em níveis mais iniciantes, pra palavras que eu considero difíceis e que o aluno acertou aí, né. Conforme o aluno vai progredindo, né, eu tendo a ficar mais criterioso nesse *feedback* assim, mas eu tendo a corrigir mais palavras, né. E eu tendo a... entrar em questões, por exemplo, no nível seis, quando eu dei aula no nível seis, eu entrava em outras questões do ensino da pronúncia, eu entrava em questão de ritmo. Eu entrava nesse tipo de coisa né, de entonação, coisa que eu não faço com níveis iniciantes, né.

Researcher - Certo.

Participant - Então é isso.

Researcher - Tá. E a última, que não é exatamente uma pergunta, é pra você fazer qualquer comentário que você gostaria de mencionar relacionado ao ensino e aprendizagem da pronúncia que você considera relevante e que você acha que não foi perguntado. Então alguma sugestão que tu achas importante, que eu deveria acrescentar?

Participant - Não, eu queria fazer um comentário assim, talvez né, seja interessante pra tua pesquisa, sobre a minha própria experiência profissional, assim.

Researcher - Certo.

Participant - Eu, né, eu estou dando aula em curso esse ano, mas na maior parte da minha vida eu trabalhei em escolas regulares, como professor de Inglês em escola regular. Tá dando pra me ouvir bem, Brenda?

Researcher - Tá, tá sim, tá tranquilo.

Participant - Então a maior parte da minha vida profissional e o que eu mais gosto de fazer também é trabalhar em escolas. E aí a gente né, a gente sabe que as escolas elas são altamente influenciadas né, o ensino nas escolas é altamente influenciado por documentos, né. Orientadores da educação nacional. E aí em 1998, teve os Parâmetros Curriculares Nacionais que nem são mais referência pra nada né, que já estão altamente desatualizados, mas em 1998 esse documento disse que o foco do ensino de Inglês nas escolas devia ser a escrita e a leitura, né. E essa é uma crença que, imagina, 1998, já vieram vários outros documentos dizendo o contrário e tal, mas essa é uma crença muito forte nas escolas até hoje, né. Então eu acho que faz muita na formação de professores de Inglês, especialmente esses que trabalham em

escolas né, a formação pro ensino da pronúncia assim, eu acho que a gente precisa, né, reforçar que primeiro, que os documentos orientadores da educação nacional mais novos né, por exemplo a BNCC, que é o último e mais atualizado documento, não fazem, eles não enfatizam o ensino da escrita, pelo contrário, eles têm componente de prática né, das habilidades orais muito forte, e eu acho muito importante que nas formações de professores a gente trabalhe sim o ensino da pronúncia com os professores de Inglês, né, especialmente os de escolas regulares. Porque eu percebo que quando eu fazia atividades assim com os meus alunos, em escolas regulares, a atividade praticava habilidades orais, atividades de *speaking*, atividades de *pronunciation*, os alunos ficavam "nossa, que legal, isso é diferente". Né, geralmente isso não acontece. Por quê? E é a minha opinião, talvez eu esteja errado, que isso ainda é uma herança dos PCNs de 1998 que diziam que o foco devia ser nas habilidades né, de escrita e leitura, então eu acho que é muito importante levar pras escolas regulares isso né, o ensino da pronúncia e das habilidades de... orais né, da língua Inglesa. Ok, era isso que eu queria comentar.

Researcher - Não, obrigada, eu te agradeço, importantíssimo isso. Bom, como essa foi a última pergunta...

Participant - Uhum

Researcher - Eu vou só parar a nossa gravação, a gente vai se falando...

Transcrição Entrevista – T7

33:12

Researcher - Tá, então para evitar problemas legais avise a pessoa que ela está sendo gravada, tudo bem?

Participant - Tudo bem. Sorria que estou te filmando (risos)

Researcher - (risos) Bom, quantos anos você tinha quando começou a aprender Inglês?

Participant - Eu tinha, eu lembro tive aulas de Inglês já no prézinho, então eu tinha lá seis, sete anos né, e a partir do primeiro ano né, do ensino fundamental, eu lembro que eu sempre estudei em escola particular, então eu tive aula de Inglês assim na escola durante todo esse tempo até meu ensino médio, mas tipo estudar mesmo assim que eu lembre de conteúdo e tudo mais, eu lembro assim a partir da terceira série, com números, cores, essas coisas assim, e eu fiz um pouquinho de curso de idiomas, porque minha mãe era professora num curso de

idiomas, era dona da escola, e eu fiz acho que uns seis meses assim da aula, mas eu não gostei, achei chato.

Researcher - Tá, sim. O que você lembra sobre as suas experiências de aprendizagem da pronúncia, que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar pronúncia?

Participant - Tá, é, nesses seis meses que eu fiquei nesse curso de idiomas, isso foi lá em 2004 se eu não me engano, 2002, é, entre 2002 e 2004, não lembro direitinho, eu tinha meus dez, doze anos, e desse pouco tempo que eu fiquei assim era muito o que hoje eu sei como o nome do método Audiolingual né, na época eu não sabia, era muita repetição, muito ouvir diálogo e repetir, bastante coisas de repetir mesmo, a professora corrigir na lata, “por favor, todo mundo repete de novo”, assim, corrigir e depois eu fui ter um maior esclarecimento assim e aulas mais focadas em pronúncias durante a minha graduação que foi ali na XXX, e aí eu tive diferentes professores que usavam diferentes abordagens assim, algumas que eu me identifiquei mais e outras com outro assim.

Researcher - Tá, e tu lembrava se tu gostavas dessas aulas de pronúncia?

Participant - De uma professora em específico não, porque era muito chato, era muito repetitivo e ela insistia que a gente tinha que repetir exatamente do jeito que ela queria, exatamente o que ela falava, e ela tinha um sotaque, acho que ela não era, é, brasileira ou a primeira língua dela era espanhol, então já tinha uma interferência assim no sotaque e ela insistia durante a aula, ela fazia todo mundo repetir a aula inteira, principalmente na pronúncia de algumas vogais e nos sinais ali no passado do -ed, era bem chato assim, ela fazia a gente colocar a mão na garganta, a mão no nariz, sente e vamos repetir, repetir, repetir, ela não aceitava enquanto todo mundo não fizesse, assim, o mais parecido com a prática dela, mas ao mesmo tempo eu tive aulas com outros professores da mesma graduação, em outras disciplinas, que focaram em pronúncias em movimentos específicos, assim, que foi muito legal, que eu aprendi muita coisa e coisa que eu levo hoje na minha profissão como professora, assim. Então foi bastante diversificado, mas teve uma professora em específico assim que realmente me marcou porque foi muito chato.

Researcher - Tá, certo. Você acha que a sua formação como estudante de línguas teve alguma influência na maneira como você ensina a pronúncia hoje? A pergunta é, tu ensina pronúncia?

Participant - Pouco, eu acho que pouco, até porque no curso de idiomas onde eu já dei aula e o foco não era muito esse né, tem algumas, né, correções e têm algumas aulas específicas onde o foco é um pouco mais na pronúncia, mas a abordagem desse curso era comunicativa e

lexical, então o foco não era realmente esse, só quando o erro, assim, de pronúncia influenciava muito no processo de comunicação, e nas minhas aulas, que eu eventualmente dei em particular e já dei aula em escola regular, meu foco era realmente no processo de comunicação dos conteúdos que a gente tinha que cobrir como escola de ensino fundamental e a pronúncia assim era uma coisa pontual, focada principalmente na comunicação mesmo, que não fosse prejudicar a interação.

Researcher - Certo, tá. Agora vamos para parte de formação de professores. Como e por que você se tornou professora de Inglês?

Participant - Isso é uma história bem engraçada, porque eu jurei de pés juntos que eu não ia ser professora, nunca, porque minha mãe é professora de Inglês também e eu via todo o trabalho dela assim, e eu jurei de pés juntos, no final acabei pagando pela minha língua porque eu sou formada em outras coisas e acabei indo pro Letras Inglês, primeiramente para virar tradutora e intérprete, e depois no meio do curso acabei me encontrando professora quando eu tive a oportunidade de ensinar outras pessoas, e falei, “cara, é isso aqui que eu quero fazer”, então, primeiro pela afinidade com a língua, sempre gostar né, e depois, assim, nessa história aí tive a oportunidade de ajudar meus próprios irmãos, tanto a ler e escrever em Português e depois nas aulas de Inglês, depois eu ajudei um grupo de terceira idade, então fui me vendo professora atuando, pra depois pensar tipo, ok, vou ter que trocar todo curso aqui, eu ia fazer Bacharel, acabei trocando e fui fazer Licenciatura e me encontrei realmente.

Researcher - Tá, você considera que a sua formação educacional a preparou bem para ser professora de línguas? Explique.

Participant - A minha graduação na XXX, juntamente com a minha atuação profissional, mesmo que eu ainda não estou formada né, a oportunidade que eu tive de dar aulas enquanto eu estava no processo de formação, acredito que sim, mas eu acho que sempre dá espaço para melhorar, inclusive já fiz vários comentários naquelas avaliações que a gente faz durante a graduação e tudo mais, de pontos assim que a gente, como aluno atuando ao mesmo tempo que está se formando, acaba percebendo, mas eu acredito que sim, de línguas de maneira geral né, de pronúncia, em específico, eu não acho que esse tenha sido o foco da minha graduação, tanto por interesse pessoal como também pela proposta que o curso ali de graduação na XXX acaba priorizando. Mas eu me considero preparada pra ser professora de línguas sim, mas acho que a gente deve estar sempre em constante busca né, e estudar e melhorar, porque sempre tem coisa nova surgindo e cada aluno é cada aluno, cada caso é cada caso.

Researcher - Sim, tá. Que métodos e materiais, se houver, você usa pra ensinar pronúncia?

Participant - No curso de idiomas onde eu dei aula tinha pouco espaço pra focar na pronúncia e quando tinha era uma coisa bem específica, da onde esse erro de pronúncia, esse equívoco poderia influenciar, né, no processo de comunicação, então era bem contextualizado nesse sentido, e o próprio livro já trazia alguns exemplos, algumas indicações para o professor de como ele poderia contrastar o som de uma vogal com outra, uma palavra com a outra, muita coisa eu fui aprendendo enquanto sendo professora, pelas coisas, pelos cursos que eu fiz, pelos vídeos que a gente acaba assistindo, seriado, aquela coisa que vai mexendo muito com o meu sotaque pessoal né, pode ser que eu não esteja ensinando uma modalidade específica, Britânico, Americano ou *whatever*, mas vem muito da minha vivência pessoal, claro que a formação que eu tive na XXX, assim, realmente me influenciou, vindo de alguns professores assim em específico né, mas o meu foco é muito menos focado em pronúncia, e mais sim na pronúncia contextualizada em como aquele erro de pronúncia pode interferir num processo de comunicação de entendimento, eu sou muito mais do método comunicativo no sentido de “ok, o processo de comunicação está acontecendo, a gente está se entendendo, estou me fazendo entender”, e a comunicação é estabelecida, do que focar em alguma técnica de pronúncia em específico. Quando eu tinha que trazer alguma coisa de fora, eu trazia muitos vídeos, seriados, filmes, é, mas nunca usei *software* de pronúncia ou coisa assim.

Researcher - Certo, sobre o seu histórico de formação de professora de Inglês, os professores incentivavam os alunos a abordar pronúncias de alguma forma particular?

Participant - Tive, teve aquele caso daquela professora ali onde ela batia muito na tecla da pronúncia ser o mais próximo possível do que ela queria, do que ela realizava, e nesse momento na parte inicial do curso né, o curso tem 8 semestres, dentro desses 4 primeiros semestres, acho que do primeiro ao segundo, então ficou marcado assim, porque, pra mim, era como se fosse uma ciência exata e eu achava que eu tava falando errado, sabe, isso realmente me marcou muito, depois com o passar do curso, com outros professores, eu vi, cara, não é bem assim, existe cada um tem o seu sotaque e a minha língua nativa vai sim influenciar na maneira com que eu pronuncio a língua estrangeira e tá tudo bem, só que, né, pra certos contextos pode ser que eu me faça entender, pra outros isso pode fazer um pouco mais de diferença, mas de uma maneira geral eu posso dizer que desse tempo todo, assim, no total da XXX, os professores que eu tive, a maioria focou na questão da comunicação e na pronúncia contextualizada, nessa interferência que isso pode causar e muito menos numa pronúncia como ciência exata ou como, “ah, tem que pronunciar assim, tem que pronunciar assado” sabe, então acho que foi mais nesse, foi mais pra esse lado.

Researcher - Tá, certo. Qual aspecto do curso você achou mais memorável?

Participant - De maneira geral, no curso de licenciatura de Inglês, de maneira geral eu acho que o período que mais me marcou assim foi realmente o estágio obrigatório na licenciatura nas fases finais, foi um período de grandes aprendizados, assim, aprendi muito sobre a profissão de ser professor e acho que tanto questões de pronúncia acabam entrando nisso, porque a gente acaba, tá, beleza, eles são todos meus alunos, ou a grande maioria da minha turma de 30 alunos por questões regionais e *whatever* tão pronunciando -ed de certas maneira e isso pode né, influenciar na comunicação, então como é que a gente *tackle the subject* nesse sentido assim, então realmente durante o meu estágio eu pude realmente colocar várias coisas e teorias que a gente aprendeu durante a graduação toda realmente em prática e tirar as minhas próprias conclusões, ok, isso funciona, isso não funciona, o que que eu preciso trabalhar mais com eles, desde pronúncia de -ed, em pronúncia de vogais, que eu conseguisse trabalhar de uma maneira bem contextualizada com eles assim, pra aquele grupo em específico, então eu acho que da minha graduação toda, o meu período assim, a minha coisa mais marcante, memorável, realmente foi o meu período de estágio obrigatório que teve bastante coisa boa, assim, pra aprender.

Researcher - Certo, você lembra de alguma atividade técnica em particular que achou útil para ensinar pronúncia?

Participant - Durante a minha graduação?

Researcher - Sim, aham.

Participant - Uma professora em específico trouxe vários vídeos da gente, da gente não, de pessoas né, articulando com o aparelho fonador assim, fazendo várias palavras, o contraste entre vogais, ela trouxe um vídeo, né, de pessoas ali, como é que mostra de lado, ela realmente mostrou um *software*, um programinha lá e tal, isso realmente ajudou a ver, “ok, a gente não tem todas essas vogais que o Inglês”, por exemplo né, dos Estados Unidos têm, e por isso que é tão difícil pra gente posicionar a língua e tudo mais, então aquilo realmente trouxe, foi marcante assim, e realmente pra mim me ajudou a perceber, “ok, então pra pronunciar tal palavra eu preciso articular desse jeito”, então eu acho que isso realmente foi positivo, foi marcante, não que talvez eu vá usar isso em algumas aulas, acho que eu não, nunca usei isso numa aula minha, talvez porque o foco não fosse esse naquele momento, mas eu tenho esse conhecimento e sei onde eu posso ir pra ir buscar mais informação, pra ir buscar alguma técnica pra mostrar pros alunos meus, então eu acho que isso realmente foi bem positivo.

Researcher – Legal, quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do Inglês?

Participant - Em teoria bastante né, porque a gente viu bastante nos cursos, coisas assim, tanto na graduação até no mestrado em algumas disciplinas, a gente acabou vendo algumas coisas legais, mas chega na hora de aplicar, assim, eu confesso que eu não me sinto cem por cento segura, porque a gente, eu ainda caio naquela comparação, sim, com um nativo ou com alguém que tem mais fluência que eu, então eu tenho que estudar um pouco antes de dar alguma aula que eu sei que “ah, ok, é provável que esse assunto entre na questão de pronúncia”, então eu tenho que ir dar uma pesquisada né e trazer materiais de fora assim, pra dar suporte pra que eu possa mostrar, “ah tem isso, isso, isso de variação”, eu falo assim, pode ser que tu falas de um jeito e vamos achar o melhor jeito pra que tu consiga fazer essa comunicação de maneira mais clara e entendível, então eu acho que de 0 a 10, eu acho que me sinto 7,5 ou 8, assim, preparada sobre o meu conhecimento sobre pronúncia, sei lá, acho que é sempre temos espaço pra aprender mais.

Researcher - Tá, se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de pronúncia, de ensino de pronúncia, você faria? Explique.

Participant - Eu participar, fazer como participante ou eu lecionar algum curso ou disciplina?

Researcher - Tu como participante, se fosse pra tu aprenderes mais, pra fazer um curso.

Participant - Com certeza.

Researcher - Aham.

Participant - Com certeza, participaria com certeza, eu sou muito a favor, claro né, tem que ver o que vai ser abordado no curso, né, se vai ser interessante, mas eu gosto assim, eu acho uma ideia bem legal, principalmente pronúncia que é uma das coisas, assim, que eu me sinto mais insegura, então eu acho que, se eu me sinto insegura, eu tenho que ir atrás e realmente aprender sim, várias coisas ali eu tenho a XXX, que a gente segue no Instagram, eu vejo várias coisas assim que já me esclareceram bastante, assim, uma hora dessas quero tirar e fazer um curso desses, porque acho que a gente nunca vai conseguir, né, ser igual a um nativo, eu acho que talvez esse nem tenha que ser o objetivo, mas quanto mais a gente aprender e, vai que o objetivo de um aluno é ter tanta fluência quanto uma pessoa, né, e a gente está disposto a dar essa aula, então a gente tem que estar sempre aprendendo.

Researcher - Sim, com certeza. Existe algo mais que você gostaria de entender melhor, aprimorar, sobre a pronúncia do Inglês? Tem algo específico sobre a pronúncia do Inglês que tu gostarias de aprimorar?

Participant - Ah, aprimorar acho que a minha própria pronúncia, né, a distinção que a gente tem que fazer entre alguns *minimal pairs* ali, a questão das vogais e eu acho que a questão muito de *linking* entre as palavras, né, numa sentença a gente tem, eu sou uma pessoa que falo naturalmente rápido, tanto em Português, e aí eu tento falar tão rápido quanto em Inglês e as vezes a gente acaba se atropelando, então trabalhar mais a questão de *linking*, assim, entre, né, as palavras, e talvez na própria questão de não ter que falar tão rápido, assim, trabalhar mais, acho que talvez não seria uma dicção, não seria uma questão de pronúncia, só de Inglês, acho que seria uma coisa mais de dicção minha, assim, e trabalhar como fono, tanto no Português quanto pro Inglês, mas eu acho que o principal ali é os *minimal pairs*, ali algumas vogais e o *linking*.

Researcher - Tá, legal. Agora última parte. O quanto você gosta de ensinar pronúncia?

Participant - Se ela for contextualizada, se ela for, né, significativa pra aquele momento, pra aquele processo de comunicação que seja mais claro, ok, aí eu me vejo até feliz, é, fazendo isso, agora se for uma coisa obrigatória que ta aparecendo ali, porque a aula, a escola onde eu estou dando aula está dizendo que a quinta aula tem que ter 15 minutos focado em pronúncia, aí eu já acho chato, talvez eu não goste de ter que ensinar isso, mas acabo tendo que fazer porque, né, precisamos do salário no final do mês.

Researcher - (risos) Sim... você se sente confiante para ensinar pronúncia?

Participant - Mais ou menos, depende, assim, de que contexto, assim, acho que depende muito de qual aspecto realmente o aluno, né, acho que depende muito do contexto do aluno, se ele quer pra fazer provas orais, aplicar pra faculdade, se ele quer só pra falar o mais perto de um nativo, eu me sinto mais ou menos, acho que depende do contexto, mas de uma maneira geral, acho que como eu falei ali, acho que de 0 a 10, eu acho que eu to ali numa confiança de 7,5 ou 8.

Researcher - Tá, o seu ensino de pronúncia é baseado em algum método ou abordagem específica, em caso afirmativo, como você aprendeu a ensinar dessa forma?

Participant - Tá, eu não sei se o que eu faço tem um nome pra isso, como eu te falei, eu prefiro, né, focar no processo de comunicação e aí ver o que não está claro, o que possa dar um *misundertanding* ali e focar na pronúncia contextualizada significativa pra aquela situação específica, não sei se isso tem um nome, eu sei que, acho que seria da área da abordagem comunicativa, mas não sei se tem uma técnica específica dentro da área de pronúncia.

Researcher - Certo, mas aí como tu aprendeste a ensinar dessa forma que tu ensinas hoje, tu tiveste alguns professores ou é algo teu mesmo, uma mistura de um pouco de cada?

Participant - Eu acho que é uma mistura de um pouco de cada, assim, pra tu ver, né, durante a graduação ali, o contexto assim, os professores e a disciplina, as abordagens que eu mais me identifiquei é a comunicativa, foco na comunicação realmente e aí, a partir disso, e baseado nas disciplinas e as oportunidades que eu tive dando aula mesmo, eu preferi juntas, assim, essa questão do significado e da comunicação na situação e acho que prefiro focar nisso pra ser uma coisa realmente significativa, e não aquelas coisas aleatórias, que é só ficar repetindo e focando nos errinhos, então eu acho que foi uma mistura da minha graduação e da minha atuação sendo professora, e daquilo que eu acredito que seja um processo de aprendizagem

Researcher - Tá, sei. Que aspectos da pronúncia você mais enfatiza em seu ensino e por quê?

Participant - Quando aparece, né, situação assim de focar na questão da pronúncia, eu acho que é justamente no quanto a pronúncia pode levar a uma comunicação falha ou que não fique clara, que possa dar algum *misunderstanding*, e aí eu acho que entra a questão tanto da questão de *linking* ali, assim, entre algumas palavras nas sentenças e também a questão das vogais, acho que aparece bastante porque é onde pode dar algum *misunderstanding*, pode dar alguma falha se a gente não tiver o contexto todo né, e eu acho que é mais isso assim.

Researcher - Tá, em sua opinião, o quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Eu acho que é bem importante principalmente se a gente ta com o foco na comunicação de uma maneira contextualizada, se é pra ensinar pronúncia só por *the sake of it*, só pela pronúncia mesmo, de uma maneira que é tipo, “ah nada a ver, hoje vamos aprender aqui as três maneiras de pronunciar o -ed no final dos verbos no passado”, aí eu não vejo assim como se fosse o foco, como se fosse muito importante, mas acho que é importante justamente porque ela faz parte do processo de comunicação e se a gente usa o foco no processo de comunicação pra ensinar pronúncia acho que fica mais fácil, fica mais contextualizado, fica até mais interessante para os alunos, fica mais fácil até de aprender, eu acho, é uma crença minha.

Researcher - Certo. Quais são as maiores dificuldades de seus alunos no aprendizado da pronúncia? Como você lida com essas dificuldades?

Participant - Em se tratando, tipo aqui né, com os meus alunos que são nativos de língua Portuguesa, acho que é realmente a questão regional que pega bastante, por exemplo, eu já tive aluno manezinho, já tive aluno gaúcho, já tive aluno mineiro, e aí a gente vê como a língua nativa, a língua materna, ela influencia, né, na aquisição e na aprendizagem de segunda língua, como isso acaba se transferindo na hora de pronunciar certas palavras, certas expressões, até né, então eu acho que isso influencia bastante, acho que a maior dificuldade

que eles têm, principalmente aqui sendo manézinho, principalmente quando eu dei aula ali no estágio, que a maioria era daqui, os alunos, a questão do -ed no final pega, porque, né, acaba surgindo umas pronúncias tanto zoeragem, porque era adolescente, mas muita coisa era muito involuntário deles, assim, na hora de estou lendo lá a palavra e acho que pronuncia desse jeito, então acho que os sinais ali de -ed acabou pegando, pelo menos foi a experiência, assim, que mais ficou marcada e a questão do /r/, os tipos de /r/, os sons do /r/, que a gente tem né, do Inglês e do Português, principalmente aqui pro manézinho, acho que pega bastante e, de novo, a questão do *linking*, assim, o manézinho de maneira geral também fala rápido e aí quer acabar falando rápido em Inglês também, e aí é a questão de linkar uma palavra na outra, ou quando a gente tem bastante junções de palavras, tipo *I will, I would, I have* ou *I would have*, e aí isso acaba aparecendo bastante, assim, nas aulas de Inglês, a gente acaba corrigindo mais, acho que é isso, assim, e as vogais aparecem com certeza, o *bed* e *bad*, então acho que, de maneira geral, é isso.

Researcher - Aham, tá, entendi. Tá, agora especificamente sobre as vogais, por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender, pronunciar as vogais Inglesas?

Participant - Hoje eu sei que a gente né, no Português, não tem tantos locais de articulação, a gente não tem tantas vogais, mas, né, quando eu não sabia esclarecidamente sobre isso, a primeira vez que eu dei aula, eu ainda estava na graduação, acho que na terceira ou quarta fase, o que eu percebia é que eles comparam né, a comparação imediata que a gente faz é com a vogal no Português né, então chegava lá no /a/ que não tem som de /a/, e na hora de ler a gente acha que a gente lê Inglês igual a gente lê em Português, então tipo, a combinação que a gente tem da grafia com a parte fonética é muito natural pra gente, porque pra gente, em Português, a gente lê do jeito que escreve, então até conseguir explicar, aqui a letra /a/ mas não vai ter som de /a/, e conseguir trabalhar com essas variações, acho que é o que mais pega assim, em Inglês a gente não lê do jeito que está escrito, então saber que o /a/ tem mais de uma pronúncia, o /e/, todas as vogais, assim que isso vira outra vogal em uma língua Inglesa, acho que foi o mais interessante e acho que é o mais trabalhoso, pelo menos pra mim em específico, talvez porque eu me sinta ainda insegura de trabalhar com isso pra trabalhar com meus próprios alunos.

Researcher - Certo, então só pra fechar uma resposta aqui, você está ciente das diferenças na qualidade das vogais?

Participant - Estou ciente, mas não me sinto cem por cento segura de dizer, “ah a diferença é isso, isso e isso”, eu sei que tem algumas diferenças, mas, se tivesse que explicar assim bem

detalhadamente, eu não consigo explicar, eu tenho que ir lá no livrinho, dar uma estudadinha, ver uns vídeos, e aí depois, beleza, eu posso me sentir (risos) confortável para explicar, mas estou ciente que no Inglês tem mais vogais que no Português, e isso interfere na pronúncia porque a gente não tem esse ponto de articulação no aparelho fonético mesmo, no aparelho fonador.

Researcher - Sim, sim. Como você normalmente dá *feedback* aos alunos sobre a pronúncia deles?

Participant - Bem pontual, porque eu aproveito da situação do contexto ali onde aconteceu um equívoco e é tipo “ó essa palavra aqui é mais comum de ser pronunciada desse jeito e desse jeito, então talvez se você não pronunciar desse jeito pode ser que tenha algum *misunderstanding*”, então eu me aproveito muito da própria situação de onde surge esse equívoco, esse erro, pra dizer “ó, então vamos lá”, mas eu tento nunca ficar repetindo a palavra solta por ela mesma, eu tento colocar ela na situação, de novo na frase, porque a gente sabe que a pronúncia de uma palavra isolada as vezes, né, durante uma frase fica um pouco diferente, então meu *feedback* é muito mais pautado na situação onde esse equívoco aconteceu, me aproveito da situação pra dar um *feedback* bem contextualizado e aí se eu vejo que isso não pega e o *feedback* não fez efeito, eu tento trazer naquele *recasting* ali e tento colocar essa expressão onde o equívoco estava acontecendo de novo em outras situações e diluir isso até em outras aulas pra ver se está pegando mesmo, se o *feedback* foi efetivo.

Researcher - Certo, bom a última é uma sugestão, comentário que você gostaria de fazer sobre o ensino e aprendizagem da pronúncia que você acha relevante e que talvez não tenha sido perguntado. Tem algo que você acha que eu poderia ter falado?

Participant - Não, eu acho só legal que é uma coisa que eu aprendi até no finalzinho da graduação, mas tive mais contato ali no próprio mestrado, a questão do Inglês como língua franca e do *World English* né, que cada vez mais a gente tem mais estudos e mais apontamentos aí pro futuro de que, na verdade, a gente não precisa, né, ter a pronúncia perfeita de pessoas nativas que falam Inglês, porque existem vários ingleses no mundo, é uma língua mundial, então eu acho que é ok, é importante ensinar pronúncia porque a gente precisa dela para poder se comunicar com outras pessoas, mas que cada vez mais eu vejo que o ensino de pronúncia está se afastando dessa questão do mito do nativo, né, e isso eu vejo como uma coisa positiva.

Researcher - Sim, tá, legal, eu vou parar a nossa gravação, mas a gente vai continuar se falando tá?

Participant - Beleza.

Transcrição Entrevista – T8

36:57

Researcher - Tá. Para evitar problemas legais, avise à pessoa que ela está sendo gravada. Tudo certo?

Participant - Certo.

Researcher - Tá, então vamo lá, XXX, primeira parte: quantos anos você tinha quando você começou a aprender Inglês?

Participant - Doze.

Researcher - Doze anos, curso de idiomas, na escola?

Participant - Ah, então. Aí tem uma diferença, porque eu acho que a primeira vez que eu fui exposta, eu devia tá na terceira série, então eu devia ter uns dez anos. Mas eu não conto, porque era tipo aquela aula regular, duas vezes de quarenta minutos na semana na escola, tipo. Mas aí quando eu fui numa escola de idiomas mesmo, né, que eu entendi que eu ia aprender Inglês, até então eu achava que eu não sabia nada né, foi doze anos e foi na escola de idiomas.

Researcher - Certo. O que você lembra sobre suas experiências de aprendizagem da pronúncia: a) que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar pronúncia?

Participant - Uhum, então. Pronúncia nunca foi ensinada assim explicitamente. Nunca, quando eu era aluna. Mas eu via né, na minha professora eua referência de pronúncia, mais próximo do nativo, e ela trazia muito, muitas músicas, atividades extra, o *listening* também, a gente trabalhava, ela pedia, ela tipo corrigia nossa pronúncia, mas eu nunca entendi aquilo como ela tava ensinando pronúncia, sabe, era tudo implícito. Então eu acho que instrução mesmo de pronúncia explícita eu nunca tive. Até a universidade, assim.

Researcher - Certo. Tá, então eu vou pular essa parte, se você lembra se gostava das aulas de pronúncia, já que não tinha especificamente né, pronúncia.

Participant - Eu gostava tipo que eu sabia que eu tava aprendendo tipo a falar, que eu tinha que pronunciar corretamente, e eu gostava, eu achava isso muito motivante.

Researcher - Aulas de música.

Participant - Isso, eu não via como tipo "ai, tá me corrigindo" ou "eu falo errado", uma coisa assim. Eu via como algo que eu me sentia bem e queria, que eu gostava. Mas não era explícito.

Researcher - Certo. Formação de professores. Como e por que você se tornou professora de Inglês?

Participant - Então. É porque eu gostava muito, muito, muito de Inglês. E tanto que a minha *teacher* me chamou pra trabalhar lá na escola, eu tinha treze anos. E eu tomava leitura dos alunos que eram mais velhos do que eu, tipo eles nem gostavam, porque eu era uma pirralha e tomava leitura deles, sabe, que eram mais velhos do que eu. Mas eu sabia que eu tinha muita *aptitude*, sabe, porque eu aprendia assim muito facilmente e eu sabia que eu conseguia aprender sozinha, porque eu ia muito atrás também de música, seriado, essas coisas. Então ali eu gostava muito, e eu queria muito fazer intercâmbio. Aí eu consegui fazer intercâmbio, fui pra lá e tal, mas quando eu fui ainda não tinha essa ideia que eu queria ser professora. Foi quando eu voltei, que daí eu tava decidindo que é que eu ia prestar vestibular e tal, daí o meu pai que falou "ah por que você não tenta fazer Letras", né? E nisso, é... faltava professor lá na minha escola, porque tava todo mundo de licença e tal, e eu fui mesmo sem nunca ter feito né, estudado pra isso, eu fui dar aula de Inglês na escola pública. E daí três meses depois então no vestibular eu falei "ah, então tá, vou fazer Letras" e daí fui, mas foi bem ali. Eu acho que contando assim que eu gostava muito de Inglês, eu queria fazer alguma coisa na minha vida que envolvesse línguas, mas eu ainda não entendia que era ser professora, sabe? E eu acho que foi ali que eu decidi assim, com essa experiência, eu pensava "meu deus, será que agora dando aula antes do vestibular eu vou querer ser professora ou não?" (risos). E foi uma experiência muito difícil, porque eu tinha dezoito e né, aquele contexto, quarenta alunos, né, era bem caótico assim, mesmo assim eu quis (risos). Mas não foi uma coisa a vida inteira, foi lá bem na hora assim que eu decidi.

Researcher - Então tá, então... Você considera que sua formação educacional a preparou bem para ser professora de línguas? Explique.

Participant - Hmm... Mais ou menos, porque, bem, a minha professora da escola de idiomas sempre foi a mesma, praticamente, e eu, ela era uma referência assim pra mim, tudo que ela fazia. Motivação, métodos assim que ela usava, que ela seguia, né. E ela era uma referência pra mim, mas aquilo era minha experiência como aluna, né. Depois, na licenciatura, a minha licenciatura era muito focada no Português. E a parte do Inglês, eu ganhei... dispensa da disciplina porque eu fiz uma prova, eu podia ser dispensada. E eu

também não participei muito, participei poucas aulas. É... e quando eu participava eu não me motivava muito, porque parecia meio que um cursinho de Inglês. Tanto que eu uso os livros da faculdade pra dar aula (risos). Até hoje.

Researcher - Tava num nível já...

Participant - É, eu não sentia que eu tava ali, aprendendo a licenciatura mesmo, sabe?

Researcher - Uhum.

Participant - E daí ficou bem uma lacuna assim, bem grande pra mim. Depois fui aprender assim na prática, sentindo os alunos e tal. Mas levando a motivação como principal fator que eu achava que daria certo nas minhas aulas porque era o que eu tinha da minha teacher de Inglês, que ela motivava muito a gente, então eu vi assim pela minha experiencia que isso dava muito certo. Mas a licenciatura em si, hm-hm.

Researcher - Que métodos e materiais, se houver, você usa para ensinar a pronúncia? A pergunta é: você ensina pronúncia?

Participant - Tá.

Researcher - (risos)

Participant - Aí eu já fui e voltei várias vezes até eu chegar onde eu tô hoje, né. Porque antes eu não sabia, não tinha nenhuma ideia de como ensinar pronúncia, embora eu achasse que isso fosse muito necessário, né. Aí depois eu fui... estudando sobre ensino de pronúncia, porque é uma área que eu me interessei muito. Aí eu fui começando a ensinar explicitamente. Porque eu achava que todo aluno tinha meio que o... que devia ser exposto àquilo, né. Aí depois, no mestrado e algumas leituras, também com a minha dissertação, eu entendi que não é todo aluno também que precisa ser exposto explicitamente. Porque muitos deles já têm *aptitude* pra aquilo, e outros eu posso meio que bloquear dependendo da minha, da minha, do quão explícito vai ser aquela minha instrução, então eu devo fazer isso implicitamente. E... aí assim eu, o meu ensino hoje de pronúncia, sim, ensino pronúncia todas as vezes porque é essencial né, eles precisam entender, ser entendidos quando tão se comunicando, mas é muito individual. Assim, é de aluno pra aluno, é... eu no início, uma das aulas da licenciatura o professor tinha levado um texto sobre *feedback* dizendo que a gente nunca tem que corrigir o aluno na hora, porque ele pode ficar desmotivado a falar e tal, e eu levava isso como uma lei. Eu nunca interrompia um aluno na hora, sabe?

Researcher - Uhum.

Participant - Porque meu deus, porque ele vai ficar traumatizado, ele não vai mais falar, não sei o quê. E eu tenho alunos que me falam assim "*teacher*, você me corrige na hora, porque se

você não me corrigir na hora eu não vou saber depois". Então agora aquilo que eu levei anos, anos a fio aquilo, sabe. Agora que eu tô mudando. "Não, esse eu tenho que corrigir na hora e ele me pediu, inclusive". Então não tem, tem que ser individual, cada um tem uma meta, cada um tem uma dificuldade. E eu ensino, mas levando em consideração cada um. Porque eu acho que só assim.

Researcher - Certo, então tem um material específico?

Participant - Eu tenho materiais, tenho livros, aquele *Teaching Pronunciation for Brazilian Learners*, eu acho que é o nome, tu conheces?

Researcher - Conheço.

Participant - Da capa roxa.

Researcher - Aham.

Participant - Esse *Focus on Grammar*, ele também ensina pronúncia, no final de cada unidade. Eu uso música, vídeos, ah... eu às vezes peço pra algum colega meu nativo enviar perguntas por *Whatsapp*, uns pros outros ouvirem a produção. Mas é um mix, assim. Eu não "ah, esse curso, essa pessoa eu vou usar X". Não, eu tenho tudo isso assim, os aplicativos, não sei se eu comentei, também tem os aplicativos pra ensino de pronúncia, mas vai tudo depender de cada aluno que eu vou usar.

Researcher - Certo, tá. Sobre seu histórico de formação de professora de Inglês. Os professores incentivavam os alunos a abordar pronúncia de alguma forma específica, alguma forma particular? Você chegou a fazer o *teacher's training*, quando faz o curso de idiomas, aí termina? Você teve alguma -

Participant - Ah, sim, sim. No *teacher's training*, tipo escolinha de Inglês assim?

Researcher - Isso, isso.

Participant - Que eles vão apresentar ali. Sim, é muito importante a pronúncia pra eles, né, porque ah, eles levam muito esse negócio do nativo, né. E os livros são sempre ou Americano ou Britânico né, então aí, "tu tem que passar lá o *listening* três vezes, aí eles têm que repetir, e não sei o quê". Era bem enfatizado. Na licenciatura, o professor como eu mencionei né, ele levava alguns textos sobre ensino de pronúncia, como dar o *feedback* e tal, mas pouco. O que eu sei foi o que eu pesquisei mesmo pra dissertação e na disciplina da pós, da XXX, que era ensino, aprendizagem de pronúncia.

Researcher - Certo.

Participant - Assim, demorou bastante, sabe (risos).

Researcher - Aham.

Participant - E assim, enquanto eu era professora assim nessas escolas, eu percebia que sempre que chegava na parte de pronúncia assim, os colegas falavam "ah, isso aqui eu vou pular porque eu não entendo nada. Esse símbolo, essa coisinha assim".

Researcher - (risos)

Participant - Ah, agora tu me fez lembrar uma coisa também! Que os caras que davam *teacher's training*, cara, eles ensinavam umas coisas que dava muita vergonha, tipo assim, que você tinha que ensinar entonação pulando, batendo palma. Ai!

Researcher - Sério?

Participant - Tem um método, eu não lembro o nome do método que ensina pronúncia dessa forma. Mas ai, tipo, imagina seis da tarde os cara vindo da firma estudar Inglês num grupo de pessoas super heterogêneas, sem nenhuma, relacionamento entre si ficar pulando e batendo palma pra aprender pronúncia?

Researcher - Isso é novo pra mim.

Participant - Aham, sim. Nós num semicírculo assim no treinamento, aí ficava batendo palma, subindo, descendo, tipo morto-vivo, assim. Pra quando ficava mais o *pitch*, né. Ai meu deus (risos).

Researcher - Ah, sim, aham. Imaginei que fosse isso (risos).

Participant - Então, é. Isso existe ainda, hein. Isso existe ainda.

Researcher - Aham (risos).

Participant - Mas eu não levava isso em consideração.

Researcher - Não chegou a pegar como inspiração né, nas aulas.

Participant - Não! (risos)

Researcher - (risos)

Participant - Não!

Researcher - Qual aspecto do curso você achou mais memorável, algo que te marcou?

Participant - Do curso de licenciatura?

Researcher - Pode ser.

Participant - Hmm... Ah, sim o professor-

Researcher - sobre ensino de um som específico...

Participant - Ele ensinou sim alguns, alguns sons, símbolos fonéticos, um pouco de transcrição. Ele ensinou, isso me marcou, até. O professor na licenciatura. Só que ele não foi muito pra frente, ele meio que apresentou e tipo, a gente tinha que saber aquilo, saber os símbolos, saber tipo o /s/ do... sei lá, a pronúncia do passado regular né, se é com /t/, com /d/

ou com -ed. A gente tinha que saber. Mas ele não, não ensinava como ensinar isso pros nossos alunos, que a gente também tinha que saber, né?

Researcher - Sim. Como passar isso.

Participant - Então eu acho que me marcou, ficou uma lacuna muito grande. Eu não sabia por que que ele tava ensinando isso pra gente. Era pra gente saber, mas também não tava ensinando tanto a ponto da gente realmente "nossa, tá, eu sei isso agora". E também não sabia o que fazer aquilo pros alunos, porque depois chegava os livros lá né, do, os livros de tipo o *Interchange* tem aquilo.

Researcher - Sim, sim.

Participant - Mas muitos chegam lá não sabem o que fazer com aquilo, então a licenciatura (pff), a minha não ensinou.

Researcher - Então foi algo que te marcou negativamente.

Participant - Sim, aham. E a falta de abordagens.

Researcher - Tá. Você se lembra de alguma atividade ou técnica em particular que achou útil para ensinar pronúncia?

Participant - Tem aquilo que a... Eu acho... deixa eu pensar. Tipo atividade assim é difícil pensar agora.

Researcher - É, talvez um, por exemplo, geralmente os professores usam umas formas assim pra tu aprender o som do TH, por exemplo.

Participant - Ah.

Researcher - O próprio som do /t/.

Participant - (gesticula apontando para a língua)

Researcher - Isso.

Participant - Sim.

Researcher - Às vezes o próprio som dos verbos regulares no passado né, o /d/, o /t/, às vezes tem umas técnicas que eles usam.

Participant - Uhum.

Researcher - Mas não tem problema, se não tiver nada assim que tu lembres.

Participant - Não, enquanto eu fui aluna, não.

Researcher - Nada específico.

Participant - Eu lembro de entender assim com música. O que me marcou mais era aprender com música e seriado, que eu via que era muito diferente do áudio da professora que ela

passava na aula. Muito diferente. E depois na universidade não, não aprendi assim, alguma técnica de como ensinar pronúncia. Que tenha me marcado.

Researcher - Tá. Certo. Quão forte você considera seu conhecimento linguístico na pronúncia do Inglês?

Participant - Ó, tirando os nomes dos símbolos fonéticos e a transcrição bem detalhada, porque isso aí eu queria saber, mas eu não consigo memorizar. Precisaria de um curso mesmo. Porque tudo que eu aprendi, aprendi sozinha. Mas sim, eu sei. Me considero que sei bastante da literatura como ensinar pronúncia. Só os símbolos fonéticos e a transcrição assim, eu tenho dificuldade.

Researcher - Tá, ok. Então se você tivesse a oportunidade de fazer um curso do ensino de pronúncia, você faria?

Participant - Sim. Com certeza.

Researcher - Tá, aqui pede pra você explicar, então tu farias porque tu precisas, é necessário pras disciplinas que tu dá aula, ou tu farias realmente por algo que precisou aprimorar, gostarias de aprender melhor independente se precisa ou não?

Participant - Pra dar aula assim de cursinho, não. Cursinho de Inglês. Acho que não, porque a gente trabalha ah, às vezes com dois fonemas só, não vai pedir pra pessoa também transcrever né, as palavras, eu acho que isso é desnecessário. Mas como eu tô no doutorado, posso vir a dar aula numa universidade e também eu pesquiso nessa área, me interessa muito, eu gostaria. Por que né, posso vir a precisar também pro meu conhecimento próprio.

Researcher - Certo. Então existe algo mais que você gostaria de entender, aprimorar sobre a pronúncia do Inglês?

Participant - Ó, eu nunca lembro assim os nomes, né. A fricativa, africada, plosiva, alveolar.

Researcher - (risos)

Participant - O que mais? As vogais, aquele quadrante assim, eu sei que tem relação com a língua e tal, né, a posição, mas é complicado. As vogais eu tenho dificuldade, é assim, eu nem sei se às vezes eu consigo a percepção, identificar. É bem difícil. Eu queria entender melhor.

Researcher - Certo.

Participant - Principalmente as vogais, a diferença entre as vogais, os nomes de todos, vogais e consoantes, e os símbolos. (risos)

Researcher - Certo (risos). A última parte, reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia. O quanto você gosta de ensinar pronúncia? Você chega a ensinar pron-

Participant - Muito.

Researcher - Muito. Certo. Você está confiante para ensinar pronúncia, então você se sente confiante, se sente segura pra ensinar pronúncia?

Participant - Sim, sim, muito. E se eu também tiver alguma dificuldade, hoje em dia eu não tenho problema em dizer "ai alunos, vou pesquisar e na próxima aula eu respondo". Né, que eu acho que eu já cheguei nesse lugar (risos).

Researcher - Claro, é.

Participant - No início a gente fica meio nervosa de não saber alguma coisa.

Researcher - Sim, sim. Tá. O seu ensino de pronúncia é baseado em algum método ou abordagem específico? Em caso afirmativo, como você aprendeu a ensinar dessa forma?

Participant - Uhum, então. O jeito, eu tento sempre ensinar de uma maneira comunicativa né, seguindo aquele *framework* lá, da Celce-Murcia, que você tem que apresentar, aí fazer o... primeiro é o *controlled practice*, *guided practice*, o último *communicative practice*, sempre dar *feedback*, não necessariamente nessa ordem (risos). E as técnicas são variadas, né, pode ser o, a repetição, os *drills*. É um *mix*, assim. Mas isso, eu fui chegar a essa conclusão de como fazer só com a pesquisa do mestrado (risos). Porque nunca até então alguém ensinou como é que é o ensino da pronúncia.

Researcher - Sim.

Participant - É meio que assim, "ai, não pode fazer repetição porque é lá aquele método, é *behaviorismo*", não sei o quê. Tá, mas pra alguns alunos isso faz sentido, então por que que tu não vai fazer? Né?

Researcher - É difícil...

Participant - Uhum, mas sempre tentando que ele use aquilo de uma maneira comunicativa, né. Que é o objetivo de todo mundo quando aprende uma língua, quer falar.

Researcher - Sim, sim. Tá. Que aspecto da pronúncia você mais enfatiza em seu ensino? E por quê? Tem algo que tu enfatizas mais, tu achas mais importante?

Participant - Antigamente eu só focava nos sons, né. Nos segmentos. Ai, o próprio TH, ai, se ta falando o TH ou o /f/, também depois entendi que isso às vezes não influencia na inteligibilidade. Às vezes, né. E então focava muito no segmento, também porque eu não dominava muito os suprasegmentais. Né. Aí depois, com a pesquisa de doutorado e de mestrado e também vendo os meus alunos, eu via que às vezes o problema na comunicação deles, porque eu tenho uns bem problemáticos, sabe, assim que não conseguem se comunicar e trabalha, tem chefe americano e tudo. Eu vi que eu preciso focar também na entonação, sabe.

Researcher - Uhum.

Participant - Ritmo, várias, vários outros aspectos que não diz respeito só a um som, pronúncia da palavra só. Então eu não lembro qual a pergunta (risos).

Researcher - (risos)

Participant - O foco né, do que que é o foco, né?

Researcher - É, o que que você enfatiza mais no ensino.

Participant - Depende, mas eu já fui essa pessoa que entendia que era só o som. Hoje em dia entendo que não.

Researcher - Tá.

Participant - Então vai depender claro do meu aluno, né. Mas a questão de... outra que eu tenho dificuldade é aquelas flechinhas, sabe? o *pitch*.

Researcher - Ah, sim.

Participant - Assim, eu tenho dificuldade de ler sozinha sobre isso, eu gostaria assim de ter umas aulinhas sobre isso.

Researcher - Certo. Em sua opinião, o quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Muito, porque se a gente, né, a gente tem que ter uma pronúncia, tem que esquecer essa história do nativo, eu acho. Porque eu também uma vez eu era guiada por isso, hoje eu já entendo que não, né, olha só, eu e você em Português falamos super diferente (risos). Estamos falando Português.

Researcher - É (risos)

Participant - Mas isso vai um tempão até você entender, né, e tipo nem na licenciatura, né, eu acho que só na pós-graduação assim que a gente abre a cabeça. Pelo menos eu, porque eu via meus colegas assim da escola de idiomas, ninguém pensava assim. Era tipo nativo, nativo, "ai, tu fala Americano ou Britânico?", só existem esses dois mais ou menos, né, isso ainda é muito forte, fico impressionada. E daí eu tô nessa bolha acadêmica, eu acho que não existe mais aquilo, mas não, fui eu que mudei (risos).

Researcher - Sim, sim. Curso de idiomas principalmente tem isso, né.

Participant - É, exatamente. E aí... de novo eu esqueci a pergunta, meu deus.

Researcher - Não, é... até eu esqueci (risos).

Participant - É eu vou...

Researcher - É que a gente conversa bem, e é natural e a gente acaba esquecendo... O quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Sim, então. É, porque daí eu também fui vendo né, que os meus alunos, eles tinham... e antes eu entendia que a pronúncia era só a pessoa que fala. Aí eu fui começando a ter uns alunos que nem esses que eu comentei pra você, que usa o Inglês diariamente no trabalho, né, eles falam com nativos, não-nativos, e etc. E eles não tinham só a dificuldade de que, de falar, de ser entendido, eles tinham dificuldade de entender também. Aí eu bah, tá mas então é uma coisa né... bidirecional (risos). E daí fui aprendendo também sobre *comprehensibility* né, e tudo mais, esses outros constructs. E a pronúncia é fundamental, porque pra tu estabelecer uma comunicação você tem que a pessoa te entender e você também tem que entender aquela tua pessoa, e também isso não pode ser uma coisa que você gaste muita energia pra entender né, a *comprehensibility*. Então tem que, porque senão você vai ficar ali (risos) se esforçando, a comunicação vai ser muito quebrada, né. E cada um com seu sotaque, com a sua identidade, e é isso aí. Então hoje quando alguém vem me dizer "ai, mas eu não consigo falar e tal, daquele jeito né, nativo", aí eu sempre questiono eles, "mas por quê que você quer falar nativo?". Eu não falo! Hoje eu falo pros meus alunos assim, sabe, "gente, eu não falo igual um nativo. E eu não quero!" (risos).

Researcher - Exatamente.

Participant - Eu tento ser um bom modelo pra vocês. Mas assim, eu não quero, é a minha identidade, eu quero é me identifiquem que eu sou uma brasileira que tá falando Inglês. Porque eu sou Brasileira.

Researcher - Sim. O sotaque sempre vai existir, né.

Participant - É. Então é imprescindível ensinar pronúncia. Imprescindível. Mas né, depende de cada aluno.

Researcher - Certo. Tá quais são as maiores dificuldades dos seus alunos no aprendizado da pronúncia? E como você lida com essas dificuldades?

Participant - Uhum. Bem... bah, eu devia ter feito um diário essa semana pra ir anotando (risos).

Researcher - (risos)

Participant - Mas o TH, eles têm muita dificuldade com TH eles têm vergonha de né, de colocar a linguinha ali, meu Deus, como eles têm vergonha daquilo (risos). O -ed né, do passado regular, tem muita dificuldade. Eu acho que o /s/, o som de /s/ e /z/ também eles têm bastante dificuldade, pode causar problema. A aspiração inicial também, eu acho que daí eles nem ouvem isso, a percepção, eu demorei décadas pra ouvir aquilo. Entonação, muito

problema de entonação. Assim, não sabe... Não sabe não, às vezes não dá pra ver que tá fazendo uma pergunta, ou enfatizando alguma informação, sabe?

Researcher - Eu sei.

Participant - Bastante dificuldade nisso, também. *Linkar* os sons. *I am XXX. I'm XXX*. Né. Eles hm-hm. Então por isso, só que eu entendo que eu tenho que trabalhar muito a percepção deles antes. Porque como é que eles vão produzir se eles nem escutam aquilo?

Researcher - Entendi. Era isso que eu ia te falar, então como é que tu lidas com isso?

Participant - É, eu tento trazer sempre exemplos. Por exemplo, ah, ontem eu levei um videozinho, um minutinho lá de um seriado. E passei antes sem legenda, aí "ah, não entendi nada!". Sempre eles falam "não entendi nada". Aí depois coloquei a legenda, em Inglês. Aí "ah, tá bom, já conectei ali a fala com a escrita". Aí depois "ah, tá vendo aqui, ó? Ele emendou. Isso aqui, tá *linkando* os sons e tal, igual no Português, igual a gente faz". Né, pouco a pouco. Aí agora quem sabe, que eles, depois passo de novo pra eles identificarem de novo, né. Quem sabe eles passam a produzir. Mas não é uma coisa que vai acontecer amanhã.

Researcher - Sim.

Participant - Pode ser que amanhã eles façam, semana que vem não façam de novo, eu vou ter que ir trabalhando isso sempre.

Researcher - Sim, sim. Com certeza. Agora especificando as vogais Inglesas. Por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender ou pronunciar as vogais?

Participant - O clássico /i/, /ɪ/ né. O /ɛ/, /æ/ nem sei se eu tô falando direito.

Researcher - Tá, tá sim.

Participant - Porque esse /ɛ/, /æ/ até eu tenho dificuldade. Mas o /i/, /ɪ/ eles muito, muito, nem na percepção, é bem complicado pra eles. Pra produzir, também, tem que ficar fazendo assim, daí fica bem *fake*, né (risos).

Researcher - Aham.

Participant - Mas eu demorei décadas também. Pra escutar a diferença.

Researcher - Certo.

Participant - Eu acho que essas são as principais, né.

Researcher - Por que você acha que eles têm dificuldade em entender?

Participant - Eu não sei se no Português a gente, bom, não tem diferença né? Se eu falar... sei lá, uma palavra agora. 'Resco' e 'risco', sei lá, eu acho que tu vai entender a mesma coisa, né. Mas no Inglês não. É outra palavra. Então talvez por isso que eles não discriminem esses sons diferentes.

Researcher - Certo.

Participant - A gente também não tem aquele /ɛ/, /æ/, né. Então.

Researcher - Sim.

Participant - A mesma coisa o vô e vó, eles não vão discriminar vô e vó, vai ser muito difícil pra, pros outros falantes, né?

Researcher - Certo, e você tá ciente das diferenças na qualidade das vogais? Às vezes algumas perguntas ficam repetitivas, mas você é ciente dessas diferenças?

Participant - Ah não, tranquilo. Sim, sim. E eu consigo escutar todas as diferenças, mas eu acho que eu não consigo produzir a do /ɛ/, /æ/, lá, e aquele acentozinho circumflexo, /u/, /ʊ/.

Researcher - Como do *cut*, ou do som do *workshop* que eu dei? Que a gente deu?

Participant - Eu acho que foi aquele lá.

Researcher - É o *pool*, *pull*. Aham.

Participant - É, eu acho que eu tenho dificuldade aí. Uhum. Preciso rever, hein.

Researcher - (risos). Tá. Como você normalmente dá *feedback* aos alunos sobre a pronúncia deles? Você chegou a mencionar que depende do aluno, tem aluno que precisa do *feedback* na hora.

Participant - Tem aluno que eu paro na hora e já corrijo. Assim, bem "não é assim, é assado". Porque eles querem assim. Tem aluno que eu faço *recast* né, eu só repito o que, por exemplo assim, ah, "*I goed to my mother's house*", não, mas nesse caso vai mudar a palavra. "*I wantéd to go*". "*Ah, I wanted*". Né, *recast*, eu faço isso.

Researcher - Uhum.

Participant - É. Ou é bem explícito (risos) ou eu faço *recast* quando o aluno tá falando ou espero no final ele concluir toda a ideia. Também quando tá na leitura, quando eles tão lendo um textinho e tal, eu espero chegarem até o final, aí eu peço pra repetir certas palavras, e eles daí entendem que tiveram um problema na pronúncia. É isso. Mas às vezes os próprios alunos se dão *feedback*, né. Eu acho isso o máximo.

Researcher - (risos) Legal

Participant - Quando um tá falando, o outro já e eu só fico ali olhando, bem legal.

Researcher - Já facilita o nosso trabalho (risos)

Participant - Aham (risos).

Researcher - Tá. E a última... você tem alguma sugestão, pra adicionar qualquer comentário que você gostaria de mencionar relacionado ao ensino e aprendizagem da pronúncia que você

considera relevante e que você acha que a gente não conversou sobre. Tu achas que tem algo específico sobre a pronúncia que seria legal pra ajudar na pesquisa?

Participant - Ah, eu acho assim, bom, meu *bias*, né. Eu acho que você poderia perguntar aos participantes, e também tendo em vista que eu acho que tá sendo mais pesquisado sobre isso, os recursos que eles usam. Porque eu mesma não falei (risos). Eu falei do aplicativo por último ainda, eu esqueci de falar, viu só? Então quem sabe né, tu, se tu quiser, se ainda ajudar, "ai, que recursos você usa?". Eu falei aí música, vídeo, mas isso se usa desde a década de noventa.

Researcher - Aham.

Participant - Tem hoje o *text to speech*, tem os aplicativos, computador, que daí a pessoa vai dizer "ah, eu uso *Netflix*", eu uso *Netflix*, por exemplo, ontem o seriado eu usei do *Netflix*.

Researcher - Ah, bacana.

Participant - Não é uma ferramenta mas é, né? (risos). Não deixa de ser.

Researcher - É, já é (inaudible).

Participant - Tu pode pedir isso pra eles, e eles talvez... ah, tem aplicativos de... de karaokê que eu usei, a XXX usou semana passada, eu vou usar também.

Researcher - Aplicativo, é?

Participant - Dá pra fazer competição com os alunos.

Researcher - Gente, tem tanta coisa.

Participant - Atividade que a gente imprimia, de completar música, mas é no aplicativo e dá pra competir entre grupo.

Researcher - Que legal!

Participant - Eles amam. Amam, amam, amam. Toda semana tem que trazer uma música, senão eles ficam louco comigo.

Researcher - Aham. É tem turma que gosta de música e tem turma que não gosta de jeito nenhum.

Participant - Sim.

Researcher - Que se recusa.

Participant - Exatamente. Essas gurias eu até nem tava trazendo porque eu tava um pouquinho assim, ai, eu acho meus últimos alunos não gostavam tanto sabe, mas essas adoram, aí eu tô explorando ao máximo, né. Mas uma pergunta que eu acho que tu poderia incluir sim, porque é uma coisa que, ainda mais agora, né, que a gente tá falando de tecnologia e tal.

Researcher - Tá. Teve uma pergunta que eu te fiz lá na formação de professores, "que métodos e materiais você usa para ensinar a pronúncia?".

Participant - É.

Researcher - Aí tu falaste do aplicativo, né?

Participant - Falei dos aplicativos, aham.

Researcher - Tá.

Participant - Mas falei bem por cima.

Researcher - De recursos e tal, aham. Tá. É isso, amor. Eu vou parar nossa gravação, mas eu já vou falar contigo ainda, tá? Já vou te liberar.

Transcrição Entrevista – T9

32:15

Researcher - Então tá, começou a gravar, é importante eu te falar que você está sendo gravada. Você aceita ser gravada?

Participant – Ah, eu aceito.

Researcher - Então primeira parte, XXX. É sobre aprendizagem de segunda língua. Quantos anos você tinha quando começou a aprender Inglês?

Participant – Então, eu sempre tive Inglês na escola, né. Desde, acho que desde o Ensino Fundamental eu tinha Inglês na escola, então ali talvez uns dez anos por aí, não lembro direito. Mas assim, era Inglês da escola mesmo, só depois quando eu terminei o Ensino Médio é que eu realmente fui fazer curso de Inglês, antes da decisão de fazer Letras Inglês na graduação. Então o primeiro contato ali por volta dos 10 anos e depois, só depois mesmo quando eu já tinha uns 17, 18 por aí que eu fui realmente estudar de verdade.

Researcher - Em curso de Idiomas, né?

Participant - Em curso de Idiomas.

Researcher – Tá. O que você lembra sobre suas experiências de aprendizagem da pronúncia, então: a) que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar pronúncia? Então acho que é melhor a gente ver a questão de quando tu entrastes no curso de Idiomas, com 17 anos, né?

Participant – Uhum.

Researcher – Que ali eles ensinam um pouco mais da pronúncia, se a gente for comparar com o Ensino Fundamental. Então que tipo de métodos os professores usavam para ensinar pronúncia, tu lembra?

Participant - Na verdade não tinha assim um método específico, né. O que a gente usava para aprender a pronúncia era muito mais ouvir os áudios que vinha no livro, e aí de vez em quando a professora trazia alguma música para gente ouvir etcetera e tal. Pra mim hoje em dia eu olho e percebo umas metodologias assim um pouco questionáveis porque por exemplo a gente tinha que ficar... eu odeio o filme Piratas do Caribe até hoje porque eu me lembro que nessa escola a professora botou pra gente assistir ao filme e a gente tinha que ficar escrevendo as palavras que a gente conseguia entender. E isso tipo assim, você não podia nem curtir o filme porque toda hora ela dizia: "Vocês tão anotando? Vocês estão anotando?" Então eu nunca tive um ensino assim muito voltado assim para pronúncia, pronúncia era sempre o que, ouvir o que estava sendo falado ali no áudio do livro, ou na música ou no filme, e repetir. Era só isso basicamente.

Researcher – Certo. Tá bom, b) você lembra se gostava dessas aulas de pronúncia?

Participant – Não, (risos) eu não gostava, eu acho que nessa época eu era muito *grammar*, eu gostava muito de gramática, eu gostava de ficar respondendo exercícios de gramática, de ir fazendo coisas de gramática, então pronúncia não era muito a minha área, né. Mas aí, essa coisa dessa aptidão por música, né, eu lembro que isso foi uma coisa que me ajudou bastante, eu imprimia letras das músicas e eu ficava cantando em casa, então eu acho que foi mais eu sozinha do que a metodologia dos cursos que eu fiz, nessa época.

Researcher - Certo, terceira pergunta: você acha que sua formação como estudante de línguas teve alguma influência na maneira como você ensina pronúncia hoje? A pergunta é: você chega a ensinar pronúncia nas suas aulas?

Participant – Sim. Ultimamente eu tenho trabalhado muito com esse livro o *Interchange*, apesar de ter as minhas críticas a ele, ele sempre tem uma partezinha que é voltada pra pronúncia. Nem sempre eu faço a atividade que está escrita no livro mas eu sempre trago alguma coisa para ajudar os alunos com a questão da pronúncia. Na minha formação da graduação eu tive, duas, acho que duas disciplinas de 30 horas que de fonética e fonologia então essa formação também me ajudou na questão de como trabalhar a pronúncia dentro da sala de aula. Então hoje em dia eu tenho desenvolvido, eu entendo a importância dessa pronúncia, né, e também consigo conversar um pouco com meus alunos sobre essa questão, fazer com que eles entendam que, tipo, a gente não vai nunca falar igualzinho a um nativo, o

que a gente quer na verdade é conseguir se comunicar e ser entendido, né, e eu acho que isso eu tenho feito com eles, e aí eu vou tentando sempre desenvolver outras atividades para que eu possa perceber como é que tá a pronúncia deles nesse sentido, muito mais no sentido da comunicação mesmo. E aí a gente faz atividades com... aí eu também já pego um pouco da minha área de pesquisa que é essa área de tecnologia, então a gente acaba usando bastante coisas tecnológicas como produzir um vídeo que vai ter um áudio, eu vou conseguir ouvir a pronúncia, as vezes só um áudio no *whatsapp* mesmo, e tentar sempre fazer atividades de *speaking* na sala para que eu possa ter acesso à pronúncia e perceber quais são as palavras que eles estão tendo dificuldade para focar um pouco mais.

Researcher - Certo, então a tua formação como estudante teve alguma influência na maneira como tu ensinas a pronúncia?

Participant – Sim. A minha graduação ela foi Letras Inglês, então todas as disciplinas que eu fiz eram somente voltadas para o Inglês. Então tanto essas disciplinas de fonética quanto as disciplinas que eu tive de Língua ou as outras como disciplinas mais pedagógicas, tudo isso me ajudou a ser a professora de Inglês que eu sou hoje, que ainda estou aprendendo um monte de coisa nova, mas essa professora que eu sou hoje com certeza veio da formação que eu tive na graduação.

Researcher - Que legal, bacana. Tá, a outra parte é, formação de professores. Primeira pergunta: como e por que você se tornou professora de Inglês? Como tudo começou?

Participant - Eu nunca tive... tem gente que diz "ah quando eu tinha 3 anos de idade eu sabia que eu queria ser cantora, que eu queria ser atriz, que eu queria ser médica" eu nunca tive muito essa, esse desejo, né. Mas eu também não queria ficar parada sem fazer nada, então eu analisei as opções de curso que tinha na minha cidade e na época tinha Letras Vernáculas, tinha Letras Inglês, História, Geografia. E dessas disciplinas eu fiquei um pouco na dúvida entre História e Letras e eu optei por fazer Letras Inglês, não sei por que, porque nessa época eu não falava Inglês, né. Mas enfim, deu certo. Foi muito mais uma questão de pensar, o que tem de opção por aqui e eu vou fazer porque eu não quero ficar sem fazer nada, digamos assim.

Researcher – Certo. Tá, segunda pergunta: você considera que sua formação educacional a preparou bem para ser professora de Línguas? Explique.

Participant - Sim, eu acredito que sim porque como eu falei antes eu não falava Inglês na época da faculdade, só que depois quando eu cheguei lá eu falei, “se eu vou ser professora de Inglês esse curso aqui vai me preparar vou ser professora de Inglês, então eu preciso aprender

a falar Inglês”. Começou por aí, então eu assistia aulas nas outras turmas onde tinha disciplinas de Língua, onde eu achava que eu poderia melhorar e aí por aí foi, né, então eu sai da faculdade falando Inglês. Não com a fluência de hoje, claro, mas eu sai conseguindo falar Inglês, conseguia dar aula para qualquer nível, era bem tranquilo, então eu acredito que sim.

Researcher - Certo. Que métodos e materiais (se houver) você usa para ensinar pronúncia? Bom, foi dito anteriormente sobre o *Interchange*, né? Tem mais alguma coisa... falastes música também, né?

Participant - Tem ali... sempre tem uma partezinha no fim de cada unidade sobre pronúncia, né. Mas assim as vezes eu acho que é um pouco chato ficar ensinando, tipo aquele negócio do jeito que vem no livro, então como eu ensino pronúncia geralmente na sala de aula eu faço muito atividade dos alunos em dupla, vou passando nos grupos para ver como é que eles tão falando, quais as palavras que eles têm dificuldade... Geralmente são sempre as mesmas palavras que eles têm dificuldade, então aí eu volto para explicar, comparar sons para fazer com que eles entendam. E também uso dos artificios tecnológicos de aplicativos. Tipo aquele aplicativo ELSA, eu não sei se você conhece, mas é um aplicativo muito bom que ajuda em pronúncia, então eu sempre passo para os alunos e eles sempre gostam. Só que o aplicativo é gratuito até um certo ponto, né, depois você tem que pagar. Mas o aluno tem que pronunciar a palavra e ele vai focar em um som, se aquele som for pronunciado corretamente a palavra aparece verde e se não aparece vermelha, então os alunos amam esse aplicativo também porque eles aprendem muito de pronúncia, e na sala de aula com as minhas atividades é sempre assim, música, vídeo e às vezes até o próprio aplicativo que eu peço para eles baixarem e usar na sala, então é uma mistura de um monte de coisa, depende muito da turma.

Researcher - Tá, sei. Agora a outra parte é sobre seu histórico de formação de professor de Inglês. Primeira pergunta: os professores incentivavam os alunos a abordar os alunos de alguma forma particular? É, no curso de Idiomas geralmente as pessoas depois que terminam os níveis, né, depois que se formam num curso de Idiomas, elas têm uma espécie de *Teacher's Training*, chegaste a ter?

Participant - Não, eu não tive isso. Porque aí eu estudei, né, no cursinho de Inglês como aluno, aí depois eu fui para graduação, então foi lá que eu aprendi como dar aula. Depois disso eu trabalhei em outro curso de Idiomas, mas a gente não teve nenhum tipo de treinamento assim não.

Researcher – Tá. E na graduação, os professores incentivavam a questão da pronúncia?

Participant - Então, a gente teve duas disciplinas de fonética e fonologia e nessas disciplinas a gente aprendia tanto estudar os sons das palavras etcetera e também formas de usar aquilo ali na sala de aula. Mas assim nessas disciplinas mais pedagógicas da graduação acaba que fica muito a critério da área de que o aluno gosta um pouco mais vamos dizer assim, aquela área que você vai acabar puxando um pouco mais nos seus estágios, nos minicursos e etcetera, então a gente teve o conhecimento para fazer isso, mas talvez na época da graduação eu seguia um outro caminho, eu seguia o caminho da Literatura, então foi um pouco diferente.

Researcher – Tá. Segunda pergunta: qual aspecto do curso, vamos fazer de Letras Inglês aqui, você achou mais memorável?

Participant - O que me marcou foi que tipo que eu entrei na graduação sem saber falar Inglês e bem naquele propósito de assim, “vou ficar e se eu achar que não é pra mim eu vou sair” porque as aulas estavam acontecendo em Inglês, a gente tinha artigos para ler em Inglês e era muito difícil nessa época, então o que me marcou no final foi realmente conseguir ter dando conta de todo esse conteúdo em uma língua que eu não falava e ter saído falando Inglês e conseguindo ler e me comunicar com as pessoas, então isso foi realmente o que mais me marcou na graduação. A gente tinha, porque aqui perto da minha cidade tem uma ONG onde tem muitos gringos que pra cá fazer aquele *gap year* da universidade, e aí a universidade daqui meio que fez um, fez uma parceria com eles, eles iam sempre lá na universidade, então no início eu ouvia eles falando e eu não entendia nada! E aí do meio para o fim já foi melhorando, já conseguia entender, então para mim o que mais me marcou foi em relação tipo a aprender a língua realmente, com bastante esforço, mas deu certo.

Researcher - Tá, você se lembra de alguma atividade ou técnica em particular que achou útil para ensinar pronúncia?

Participant - Eu não vou lembrar assim, especificamente de pronúncia, né. Porque nas disciplinas de pronúncia que a gente abordava, tipo aprender os símbolos fonéticos, como é que a gente falava aquilo, como é que eles apareciam nas frases etcetera e tal, mas era algo bem técnico mesmo na verdade, então eu não vou lembrar assim de uma técnica específica e que a gente tenha trabalhado.

Researcher - Certo, tá. Quarta pergunta: quão forte você considera o seu conhecimento linguístico da pronúncia do Inglês?

Participant - Eu acho que assim, é, hoje em dia eu sei bastante coisa já, né, de tanto ir estudando, fazendo cursos e aprimorando. Fonética e fonologia não é a minha área de

pesquisa e tipo talvez não seja nem a área que eu seja muito interessada assim, mas eu acho que é muito importante enquanto professor tem um conhecimento sobre essa área também, então eu sempre procuro estudar, procuro entender para que eu consiga ser uma melhor professora a cada dia.

Researcher – Tá. Quinta pergunta: se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia, você faria? Explique.

Participant - Então, como eu falei anteriormente a fonética não é tipo assim a minha área de pesquisa e talvez não seja uma área de interesse, se eu tivesse que elencar todas as áreas dentro da nossa área eu não sei em que posição eu colocaria fonética. Porém eu acho que conhecimento é sempre importante, então se eu tivesse oportunidade de fazer um curso eu faria sim.

Researcher – Ok, tudo bem. Sexta: existe algo mais que você gostaria de entender melhor, aprimorar, sobre a pronúncia de Inglês?

Participant - Não necessariamente eu gostaria de falar sobre sons mas eu tenho muito interesse nessa área de estudos que falam sobre inteligibilidade, porque eu acho que realmente é muito importante nós enquanto professores de Inglês, porque tipo sempre tem muitas, as pessoas falam muitas coisas tipo "ah porque só vale aprender Inglês se você estiver aprendendo com um gringo" por exemplo, então eu acho que tem muita coisa que precisa ser trabalhada nesse sentido ainda na cabeça das pessoas de forma geral, então dentro da fonética, dentro desse estudo aí de sons eu diria que é a área que eu tenho mais interesse em ler artigos, em estudar, em aprender, é mais nessa área de inteligibilidade.

Researcher - Bacana, bem legal. Tá, agora vamos para a última parte. Reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia, primeira pergunta: o quanto você gosta de ensinar pronúncia?

Participant - Então eu acho que quando a pessoa se matricula em curso de Inglês e faz aula particular, tipo, é tipo gramática, né, aí tem gente que fala "ah eu não gosto de gramática", sim beleza, só que não tem jeito, se você vai aprender uma língua você precisa aprender a gramática, você precisa aprender a pronúncia. É importante sim e a gente precisa achar formas talvez de deixar isso o mais interessante possível pro nosso aluno. Então assim eu sempre procuro fazer atividade voltadas para pronúncia, né, seja usando sei lá, trazendo alguém para falar para os alunos, inclusive o último evento que eu organizei com os meus alunos, né, a gente falou muito sobre essa questão de *accent*, dos sotaques, né, para eles começarem a perceber que existe Inglês fora dos Estados Unidos, isso pra mim já é uma vitória, porque tipo assim, perceber o sotaque das pessoas, eu tô entendendo, eu não tô

entendendo, qual palavra que eu não entendi, como escreve mesmo essa palavra que ela falou, vamos ver, escreve assim... tem outras palavras parecidas também no Inglês? Então eu acho que eu vou sempre procurando artifícios também diferentes para fazer com que eles percebam a pronúncia, como eles estão pronunciando como pode melhorar, etcetera.

Researcher – Certo. Segunda pergunta: você se sente confiante para ensinar pronúncia?

Participant - Então, eu me sinto confiante porque geralmente ensinar envolve uma certa preparação antes, então eu sempre olho ali, eu vejo o que eu vou trabalhar, me preparo para fazer aquilo e eu faço. Inclusive quando eu fiz o concurso para professor substituto aqui na XXX caiu um ponto pra minha aula de didática e foi sobre pronúncia. E eu não queria fazer, porque é muito pouco tempo para você preparar aula, então eu não queria focar naqueles sons porque talvez eu pudesse fazer alguma coisa muito errada, né, então eu lembro que a minha aula foi sobre a pronúncia do -ed no final dos verbos regulares e deu bastante certo.

Researcher - Tá, terceira pergunta: o seu ensino de pronúncia é baseado em algum método ou alguma abordagem específica? Em caso afirmativo, como você aprendeu a ensinar dessa forma?

Participant – Então, eu não sei assim se a minha metodologia que eu uso para dar aula de pronúncia é baseada em algum método existente etcetera e tal. Meu conhecimento na área não vai, não é tão profundo assim. Mas quando eu tô preparando as minhas aulas de pronúncia eu sempre penso, tipo assim, penso nos meus alunos, na minha turma, como eu posso fazer aquilo ali ser um pouco menos difícil do que é para que eles consigam entender, então eu não sei te dizer se isso, se o jeito que eu faço está dentro de algum método que já existe dentro da área. Não tenho essa informação.

Researcher – Tá. Quarta pergunta: que aspectos da pronúncia você mais enfatiza em seu ensino? Por que?

Participant - Eu acho que eu enfatizo, aquilo que eu falei antes, que é a questão de “vocês estão aqui para aprender Inglês para conseguirem falar e serem compreendidos”. Então eu me preocupo se o meu aluno está falando de um jeito que ele vai ser entendido ou não. Esse é basicamente o foco, ele consegue falar com uma pessoa que não fale Português e essa pessoa vai conseguir entender ele? Então eu acho que eu sempre penso nisso quando eu vou preparar uma aula com foco maior na pronúncia, como é que eu vou fazer pro o meu aluno conseguir aquilo ali?

Researcher – Certo. Tá certo. Quinta pergunta: em sua opinião, o quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - É isso, acho que eu falei em algum momento, eu acho que realmente a pronúncia é fundamental, não tem como você falar uma outra língua se você não aprender a pronúncia. Assim também como não vai ter como você falar uma outra língua se você não aprender a estrutura, a gramática da língua ou o vocabulário, então eu diria que a importância da pronúncia é fundamental sim no aprendizado de uma segunda língua.

Researcher – Ok. Sexta: quais são as maiores dificuldades dos seus alunos no aprendizado da pronúncia? E como você lida com essas dificuldades?

Participant - Então, depende, né, porque tem, as nossas turmas geralmente elas são turmas muito heterogêneas. Sempre vai ter um aluno que tem muita facilidade, que vai ouvir a palavra uma vez só, e ele vai conseguir falar, pronunciar de um jeito inteligível, mas já vai ter outro aluno que você vai falar uma coisa e ele vai pronunciar de um outro jeito totalmente diferente. Então quando isso acontece eu geralmente dou um jeito daquela palavra parecer várias vezes na aula e eu falar aquela palavra várias vezes, ou ele falar, aí eu ajudar com a pronúncia depois, então fazer com que o aluno perceba, quando isso não acontece, as vezes eu passo sei lá, alguma atividade pelo *whatsapp* onde aquela palavra vai aparecer de novo. Às vezes eu também gosto de fazer atividades bem curtinhas de ditado porque ajuda também eles ouvirem a palavra, entender, conseguir escrever, depois conseguir tirar dúvida de pronúncia porque ouviu de um jeito e escreveu de outro. Então depende, é muito variado o jeito, depende da turma e depende do aluno, e também é como eu disse as turmas acabam sendo muito heterogêneas, né, tem gente que vai ter uma maior facilidade com pronúncia e vai ter mais dificuldade com escrita, e por aí vai, então é bem diverso o jeito que eu lido.

Researcher – Certo. Agora vamos falar um pouco das vogais Inglesas: por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender, para pronunciar as vogais Inglesas?

Participant - Eu acho que tudo aquilo que a gente não tem na nossa língua se torna mais difícil, né. Então as vezes a gente está falando as palavras assim que tem um som de vogal parecido, que a gente, quando você estuda um pouco do Inglês, no caso do professor, né, a pronúncia etcetera, você sabe que o som é parecido mas não é igual, porém para quem está aprendendo é difícil, é difícil você associar os sons que não tem na sua língua com os sons... é difícil você associar os sons que não tem na sua língua, tipo é um som novo, é um som diferente então eu acho que a maior dificuldade é isso, quando a gente tem um som que não tá necessariamente, não faz parte da nossa língua, né, para eles conseguirem entender e perceber as diferenças. Aí isso vai levar também um tempo maior de estudo do aluno, de interesse do aluno, inclusive fora da sala de aula.

Researcher – Certo. Oitava pergunta: você acha, você está ciente das diferenças na qualidade das vogais?

Participant – Então, quando eu tenho dúvidas assim sobre uma palavra ou outra eu sempre dou uma olhadinha na transcrição fonética para ver, né, eu indico *Internet*, *Instagram*, sempre tem *Instagram* principalmente de gente que é gringo, né, falando sobre pronúncia que eu sempre gosto de dar uma olhada também, então eu tô ciente, mas às vezes também me gera dúvida, então eu sempre dou um jeito de dar uma pesquisada.

Researcher - Certo, então você conseguiria explicar para o seu aluno tranquilamente a diferença, eu sempre lembro da Beth isso, a diferença do *bed* de cama e do *bad* de mau?

Participant - Então, eu conseguiria explicar, agora eu acho que também depende do nível do aluno para eu saber se ele vai conseguir me entender, entendeu? É isso que eu faço, é uma maturidade no seu processo de aprender a segunda língua, se eu falar isso para um aluno meu iniciante ele não vai nem perceber a diferença, né. É igual tipo, eu li uma vez um artigo que fala que as pessoas que são, que falam Japonês, que são japoneses nativos, tem duas letras do Inglês, que eu não vou me lembrar agora que eles não conseguem fazer distinção. Que pra nós é muito claro, mas que pra eles não é, aí eu fico pensando exatamente nisso nos nossos alunos, né, que às vezes a gente está falando aí a diferença das vogais e pra nós é muito clara a diferença, mas que pra eles não é porque eles não estão conseguindo ouvir, então eu acho que conseguir entender as vogais vai depender também de uma maturidade do aluno dentro desse processo de aprender uma segunda língua.

Researcher – Sim, com certeza. Bom, e a nona pergunta é a tua cara: como normalmente você dá *feedback* aos alunos sobre a pronúncia deles?

Participant - Então, depende da atividade que eu passar, por exemplo, os alunos iniciantes eu sempre peço para eles gravarem um áudio para mim se apresentando, falando idade etecetera, e aí depois eu vou ouvir e vou dar o *feedback*. Eu seleciono as palavras que eles tiveram maior dificuldade, que pronunciou de um jeito que eu não consegui entender de jeito nenhum, daí eu mando outro áudio, né, eu digito as palavras que foram, que não ficou legal a pronúncia, mando um áudio para eles ouvirem as palavras, entenderem as palavras e aí quando eu volto para sala de aula no dia da aula eu peço para eles fazerem de novo ali na sala, se apresentar para eu checar se aquelas palavras de fato eles conseguiram aprender e entender a diferença e como deveria ser pronunciado ou se não, né, não depende. E geralmente assim, ou na sala de aula quando eles estão fazendo atividades eu fico passando, né, e eu sempre vou ouvindo as palavras do jeito que eles estão falando, depois faço uma listinha no quadro, porque

geralmente são sempre as mesmas palavras, aquelas que me chamaram mais atenção e a gente trabalha a pronúncia, eu nunca trabalho pronúncia com símbolos fonéticos, eu sempre trabalho, só tipo, falando, ouvindo, porque assim, eu não acho que vá funcionar dentro desse contexto, né. Trabalhava com símbolos fonéticos quando eu dava aula na universidade, eu estava falando com professores, mas quando a pessoa vem pra o curso de idiomas eu não acho que funcione muito bem, então eu nunca trabalho com símbolos fonéticos com eles.

Researcher - Tá, perfeito. E a última na verdade é caso você tenha algum comentário que você gostaria de mencionar relacionado ao ensino e aprendizagem da pronúncia que você considera relevante e que você acha que não foi perguntado.

Participant - Essa pergunta ela se torna difícil porque eu não sei qual que é o objetivo da tua pesquisa (risos). Então eu não tenho como dizer quais perguntas eu acho que tu deverias ter feito porque eu não sei o que você está investigando, entendeu? (risos).

Researcher - Lá no termo de consentimento que eu enviei, eu não sei se eu enviei antes ou junto com o questionário, o do *Google Forms*.

Participant – Eu não lembro.

Researcher – Lá eu explico que o objetivo da pesquisa é saber, como os professores de Inglês abordam a questão da pronúncia quando os alunos têm dificuldade com as vogais. Como é que eles abordam? Como é que eles ensinam pro aluno quando o aluno fala "professor, qual é a diferença de *bed* para cama e *bad* de mau?"...

Participant - Eu acho que você perguntou, mas talvez, não sei enfatizar um pouco mais sobre a questão da formação, por que que eu estou dizendo isso, por exemplo, os meninos que fizeram Letras Inglês na XXX, eles fizeram Letras Inglês, eles então aptos para dar aula de Inglês, porém as disciplinas de pronúncia, né, de fonética e fonologia elas não são obrigatórias. Então eu acho que tipo assim, você perguntar "na sua grade, você teve disciplinas de fonética, quantas mais ou menos?" pra você ter uma ideia de quanto de formação eles tiveram dentro do curso, entende o que eu quero dizer?

Researcher - Sim, sim, é importante, inclusive na XXX é eletiva, né?

Participant – Isso. Exatamente. E eu descobri isso com aquela disciplina que a gente fez com a professora XXX, porque os meninos estavam falando "como assim?" Acho muito estranho, porque assim como eu falei eu entendo que pronúncia seja extremamente relevante inclusive para nós professores, porque assim se você nunca estudou os símbolos fonéticos etcetera e tal, como é que você vai poder tirar dúvida da pronúncia de uma palavra se você precisar, entendeu?

Researcher - Na minha universidade também é optativa. E a única pessoa que dava essa disciplina lá era eu. Eu nem sei como eles estão fazendo lá, porque nenhum professor dominava bem ali, não que eu dominasse, porque eu também tenho muito o que aprender. Mas assim nenhum professor era da área de pronúncia, entendeu? Mas é interessante mesmo a tua questão...

Participant - Aqui é obrigatória de 30 horas que os alunos têm que fazer.

Researcher – Certo. Eu vou parar a gravação porque a gente já terminou, tá, mas a gente pode continuar falando... vou parar.

Transcrição Entrevista – T10

13:31

Researcher - Ok, então pra evitar problemas legais, avise à pessoa que ela está sendo gravada. Agora tá sendo gravado, tá bom, XXX?

Participant - Tá bom.

Researcher - Quantos anos você tinha quando começou a aprender Inglês?

Participant - Acho que era uns quinze anos.

Researcher - Você tava no curso de idiomas?

Participant - Sim.

Researcher - Certo. O que você lembra sobre suas experiências de aprendizagem da pronúncia? Letra a) que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar pronúncia?

Participant - Eu não me lembro muito, na verdade foi... acho que seguia sempre as sequências do, do livro didático, então não tinha nada muito diferente, eram só as atividades que tinham no livro mesmo.

Researcher - Nada muito aprofundado na pronúncia?

Participant - Não.

Researcher - Certo. Você lembra se gostava dessas, dessas aulas quando eles chegavam a detalhar alguma coisa sobre pronúncia?

Participant - Gostava, eu gostava. Uhum.

Researcher - Você acha que a sua formação como estudante de línguas teve alguma influência na maneira como você ensina pronúncia hoje? Você ensina pronúncia?

Participant - Ah, não foco muito na pronúncia. Dependendo das atividades, sim. Eu sempre passo algumas informações, o que eu conheço né, que também (risos) não é muito, mas o pouco que eu conheço eu tento passar sempre. Mas não é o meu foco, não.

Researcher - Certo. E você acha que a sua formação como estudante de línguas, ela influenciou de alguma forma na maneira como você chega a ensinar pronúncia na sala?

Participant - Uhum, acho que sim, aham.

Researcher - Certo. Segunda parte, sobre formação de professores. Como e por que você se tornou professora de Inglês?

Participant - Hm, o como foi... logo depois que eu fiz o meu primeiro intercâmbio pros Estados Unidos, isso eu já tinha... terminei de fazer o curso de idiomas, aí eu fiz o intercâmbio, quando eu voltei eu não queria ficar parada, né. Iria perder a língua. Então eu... eu comecei a dar algumas aulinhas, e acabei gostando. E... o fato de gostar de sala de aula, de dar aula, foi o que me instigou a fazer o curso de Letras depois.

Researcher - Certo. Você considera que sua formação educacional a preparou bem para ser professora de línguas?

Participant - Hmm. Preparou, preparou bem, eu não digo assim, foi a melhor preparação que a gente tava esperando, eu esperava mais da graduação, mas preparou, sim.

Researcher - Certo. Quando você chega a ensinar pronúncia, você se baseia em algum método, você usa materiais?

Participant - Geralmente é o material, o livro didático e alguns materiais extra que eu consigo encontrar no preparo das aulas. Mas não é muita coisa, não.

Researcher - Certo. Sobre o seu histórico de formação de professora de Inglês. A gente pode falar sobre a graduação nesse caso.

Participant - Uhum.

Researcher - Os professores incentivavam os alunos a abordar a pronúncia de alguma forma particular?

Participant - Não, foi só uma, em uma matéria específica de pronúncia que teve, no início do curso da graduação com a professora XXX.

Researcher - Certo. Qual aspecto do curso você achou mais memorável?

Participant - Bom, o curso todo ali da graduação ele focou bastante na formação pra você conhecer o histórico, desenvolver da língua, linguagem, mas não muito foco pra... e também metodologias de aprendizagem. Mas não muito como você ensinar. Isso foi na verdade, no meu último semestre, acho, da graduação, teve uma matéria, mas foi uma matéria eletiva, né. Com a professora XXX. Aquela matéria sim foi bem, bem voltada pra formação de professores e como ensinar, foi bem interessante.

Researcher - Certo. Você lembra de alguma atividade ou técnica que você achou útil para ensinar pronúncia?

Participant - Ah, não, não. Durante a graduação, você diz?

Researcher - É, isso.

Participant - Durante a graduação eu lembro pouco, daquela, da disciplina que teve com a professora XXX, que não foi muito focado no Inglês, foi mais focado no Português mesmo, só pra gente ter um conhecimento básico de pronúncia. E algumas coisas apareciam de Inglês, mas durante o resto da graduação não.

Researcher - Certo. Quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do Inglês hoje?

Participant - Hmm... Não digo que é muito forte, não. Eu não, na verdade eu não tenho, não pesquiso muito sobre isso. Faz um tempinho já. Meu conhecimento é assim, é o básico que a gente tem, que eu tive da minha formação com a língua e da prática no dar aula, né, no preparo das aulas eu aprendi bastante, mas... é o conhecimento básico, eu diria.

Researcher - Sim. Se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia hoje, você faria?

Participant - Sim, faria.

Researcher - Certo. Existe mais alguma coisa que você gostaria de entender, de melhorar sobre a pronúncia do Inglês, algo que você gostaria de aprimorar?

Participant - Ah, (risos) a pronúncia toda né, porque eu sempre tenho umas palavrinhas, a gente sempre fica na dúvida. Ah, é mais pra conhecimento mesmo, que eu sei que meu conhecimento hoje tá um pouco limitado quanto à pronúncia, então... todo conhecimento seria válido.

Researcher - Certo. Agora a última parte, sobre reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia. O quanto você gosta de ensinar pronúncia? Então quando você chega a ensinar, você gosta de ensinar?

Participant - Gosto, uhum.

Researcher - E você. você se sente confiante para ensinar?

Participant - Sim.

Researcher - A pronúncia?

Participant - Uhum. Não cem por cento né, mas (risos) me sinto sim preparada pra ensinar.

Researcher - Tá. Você mencionou anteriormente que o seu ensino de pronúncia ele não é baseado em algum, em nenhum método, nenhuma abordagem, né?

Participant - Não.

Researcher - Ok. Tem algum aspecto da pronúncia você enfatiza mais quando você chega a ministrar algo sobre a fonética, algo de, sobre a pronúncia?

Participant - As diferenças do som do TH, geralmente é algo que aparece como mais dificuldade dos alunos, aí, esse é o, acho que é o que eu foco mais.

Researcher - Certo. E na sua opinião, o quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Eu acho, bem importante assim na... acho que no início ele é importante, mas ele não é tão essencial, é mais o aluno desenvolvendo conhecimento. Depois, quando ele tem já o conhecimento básico, já consegue se comunicar, eu acho que aí sim começa o trabalho de aperfeiçoamento da... da pronúncia. Mas eu entendo que assim, se a gente começar a ensinar

já a pronúncia correta, claro que ele vai sempre reproduzindo... a pronúncia mais próxima do correto, mas eu acredito que é um pouco difícil pros iniciantes, pra já irem produzindo os sons, a pronúncia correta. Então acho que é mais pra aperfeiçoamento, eu acredito que pros iniciantes não é tão importante. Depois, já pro intermediário ou avançado eu acredito que sim, é bem importante, sim.

Researcher - Ok. Quais são as maiores dificuldades que você percebe que seus alunos têm no aprendizado da pronúncia? E como é que você lida com essas dificuldades deles?

Participant - Ah, eu percebo bastante nos iniciantes por exemplo é a dificuldade de produzir os sons do TH, que é um som que a gente não tem no Português, aí eu tento sempre... trazer a diferença, fazer umas práticas dentro de sala de aula mesmo, e aos pouquinhos, conforme vão aparecendo algumas palavras, praticando, mas nunca cobrando muito da pronúncia.

Researcher - Sim. Por que você acha que os eles alunos tendem a ter dificuldade para entender ou pra pronunciar as vogais Inglesas?

Participant - Hm... As vogais, eu acredito que é muito porque fica tudo muito, algumas coisas são próximas do Português e conforme eles vão lendo eles vão pronunciando como eles já conhecem, então como é uma língua nova (tosse), perdão. Sons novos, eles vão primeiro fazendo o reconhecimento e ligando né, fazendo essa ligação com o que eles conhecem hoje. Até eles conhecerem sons novos e como esses sons são, são produzidos depois na nova língua, leva um tempinho, tem bastante dificuldade, verdade.

Researcher - Certo. E você tá ciente das diferenças na qualidade das vogais?

Participant - Eu tenho ciência das palavras, dos sons, mas eu tenho que admitir que eu não sei exatamente o porquê daquilo. Não de todas.

Researcher - Certo. E como você normalmente dá *feedback* pros alunos sobre a pronúncia deles?

Participant - Se durante a fala eu percebo que teve uma pronúncia diferente, eu sempre, ao fim do que o aluno diz, eu sempre repito a palavra com a pronúncia correta, e espero que ele repita, ele repetindo a palavra com a pronúncia correta eu continuo a explicação. Se for palavras que, é, com som de TH por exemplo, que são bastante comuns pra eles terem dificuldades no entendimento, aí eu paro e explico a diferença do som do TH, eu mostro, eu pronuncio, mostro a diferença da língua. E quando a pronúncia é correta, eu, se ele tá no meio

da conversa deixa fluindo, e converso, depois eu só enfatizo que tava ok, que a pronúncia tava perfeita, e continuo.

Researcher - Certo. Bom, essa última parte não é uma pergunta, é só se você tiver alguma sugestão, pra colocar algum comentário que você gostaria de mencionar relacionado ao ensino e a aprendizagem da pronúncia que você acha relevante e que não foi perguntado. Uma sugestão na verdade, se você tiver.

Participant - Uhum. Não consigo pensar em nada (risos). Acho que foi tudo tranquilo.

Researcher - Tá bom, eu vou só terminar nossa gravação, mas eu continuo falando contigo, tá?

Participant - Tá. Uhum.

Transcrição Entrevista – T11

31:46

Researcher – Bom, então vamo lá. A primeira parte sobre aprendizagem de segunda língua, quantos anos você tinha quando começou a aprender Inglês?

Participant – Eu tinha oito anos de idade, foi em 2000 que eu comecei a ter aulas na escola.

Researcher – Foi na escola?

Participant – Foi, na escola, no ensino fundamental.

Researcher – Tá. Tu lembra se essas tuas aulas de Inglês elas eram uma vez por semana?

Participant – Eu lembro que elas... Eu tenho até a carga horária delas, mas eu não lembro quantas vezes por semana, provavelmente uma, assim, a vida inteira que eu me lembro, aulas de língua eram uma vez por semana porque a carga horária era bem baixa. De Inglês eu tinha quarenta horas durante um ano. Então bem baixa.

Researcher – Então da escola, isso foi ensino fundamental, né? Tu continuaste no ensino médio estudando Inglês, tu fizeste algum curso de idiomas?

Participant – Não, eu tive aula de Inglês na escola mesmo, também no ensino médio, mas eu nunca fiz curso fora isso. Fora o ensino básico e médio.

Researcher – Tá... O que você lembra sobre as suas experiências de aprendizagem da pronúncia? Isso é, caso tu lembres, que tipos de métodos foram usados pelos seus professores pra ensinar pronúncia?

Participant – Bom, eu não tenho lembranças muito específicas sobre as minhas aulas. Eu lembro que no ensino médio, tá, eu não tenho muita lembrança do ensino fundamental nesse sentido, eu lembro que no ensino médio se usava muita música e aquelas atividades de completar, de completar as palavras, né, *fill the gaps*. Mas pronúncia especificamente, não tive muito isso. Eu não lembro de nada que fosse específico para a pronúncia.

Researcher - Tá. E... E tu lembravas se tu gostavas das aulas de pronúncia, quando chegava a ter alguma coisa?

Participant - Não, eu não lembro.

Researcher - Nem ensino médio, tá. Não tem problema. Então a gente vai pra terceira. Você acha que a sua formação como estudante de línguas teve alguma influência na maneira como você ensina pronúncia hoje? Tu ensinas pronúncia nas tuas aulas (de) hoje?

Participant – Sim. Eu ensino quando, quando isso é uma coisa que é uma preocupação dos estudantes. Porque como eu nunca dou aula pra níveis mais avançados, né, eu sempre dou aula pra nível um, dois, até três, e cinco também, eu evito focar muito na pronúncia porque eu vejo que muitos alunos se sentem intimidados por não saberem ou acharem que não saber pronunciar certas palavras direito, né. Eles têm essa ideia, então eu evito focar nisso de forma explícita. Mas quando tem uma dúvida sobre como se pronuncia uma palavra ou quando a palavra pode ser cacofônica, aí eu explico no quadro, eu escrevo como se fosse uma versão simplificada do IPA. Sabe? Eu tento escrever como se pronuncia a palavra pra diferenciar por exemplo *beach* de *bitch*. Eu dou uma acentuada, eu escrevo e dou acentuada que não existe né, na escrita da palavra, mas pra marcar mais a diferença da pronúncia. Esse é o tipo de, de ensino de pronúncia que eu faço. Mas eu evito focar nisso.

Researcher - Como se a gente fosse fazer com que eles lessem em português, né, pra eles pronunciarem certinho.

Participant - Isso.

Researcher - Tá. Formação de professores. Tá. Aí tu entrastes na graduação.

Participant - Uhum.

Researcher - Tu começaste a ter as disciplinas de Inglês. Tu começaste a dominar mais o Inglês então na graduação?

Participant - Aham.

Researcher - Na graduação tu já estavas dando aula no XXX, né?

Participant - Sim.

Researcher - Tá, e então foi na graduação que tu começaste a dominar mais o Inglês?

Participant - uhum.

Researcher - E o fato de tu dar aula também ajudou? Tu fizeste algum treinamento, assim, de professor?

Participant - Não, eu participei da pesquisa do XXX que era sobre essa coisa de ter alguém que tem mais experiência te ajudando, né, acompanhando tuas aulas, e tendo um *feedback*, uma conversa depois de cada aula acompanhada, e isso me ajudou bastante. Mas não uma formação de professores. Eu tive, eu fiz um curso, mas era mais, mas era sobre Inglês - Português como língua de acolhimento, não inglês. Então em relação ao Inglês eu nunca fiz nenhum curso fora a graduação.

Researcher - Tá, então como e por que você se tornou professor de Inglês? Só pra fechar. Foi no XXX, né?

Participant - Sim, foi. Eu não sabia que existia essa possibilidade, quando eu soube me interessei bastante porque eu gosto de fazer coisas diferentes. Eu não gosto de tá tipo, só na graduação ou só na pós graduação. Qualquer oportunidade que eu vejo pra aprender alguma coisa diferente eu pego. E o XXX na verdade eu não entrei nem como professora em primeiro lugar, eu entrei como bolsista da coordenação do XXX, né. Aí depois que eu conheci as pessoas que trabalhavam no XXX, e eu já tinha amizade com algumas pessoas que davam aula no XXX, daí eu me interessei. Mas era mais pra ter a experiência mesmo de dar aula de Inglês, que é uma coisa que eu nunca tinha feito. Pra ver também se era isso que eu queria quando eu me formasse. Porque eu não tinha escolhido bacharelado ainda, que foi o que eu acabei fazendo. Não fiz licenciatura.

Researcher - Você considera que sua formação educacional preparou bem pra ser professor de línguas? Tiveste alguma dificuldade?

Participant - Não.

Researcher - Nenhuma?

Participant - Eu vi que o que pra mim era mais importante não era saber o que eu deveria fazer. Por exemplo, eu tive aulas, eu tive momentos no curso que eu aprendi os métodos, né, toda aquela sucessão, método direto, audiolingual, blábláblá, comunicativo. Saber disso não fez com que eu aplicasse essas ideias na sala de aula. Eu achava que eu tava indo de acordo com o método comunicativo, que é a proposta do XXX. Mas quando eu fui fazer essa,

participar dessa pesquisa com o XXX, ele me apontou várias coisas que eu acreditava que eu tava fazendo e eu não tava fazendo. Então, eu acho que a minha formação somente com os cursos, né, com as disciplinas da graduação não foi suficiente. Não me preparou pra isso. Eu precisava ter alguém conversando comigo e me apontando, não uma hipocrisia, mas uma diferença entre o que eu acreditava e o que eu realmente fazia em sala de aula. Então foi a partir desse momento que eu parei pra rever o meu planejamento de aula e como é que eu abordava as coisas.

Researcher - Entendi. Bom, essa terceira pergunta fala sobre métodos e materiais que você usa pra ensinar pronúncia, mas como tu não focas na pronúncia, acredito que tu não chegaste a usar nenhum material. Ou chegaste a consultar alguma coisa pra te ajudar?

Participant - É, como eu te disse, quando eu preciso explicar uma pronúncia de palavras específicas, eu uso bastante a entonação da voz, pra principalmente marcar as tônicas, né. E eu escrevo no quadro como se fosse uma simplificação do IPA. Esses são, quando necessário, esses são os materiais que eu utilizo normalmente. Eu também faço mímica, né, tipo, eu faço assim ó, pra indicar entonação, indicar as sílabas mais pronunciadas, mais fortes e tal, mas é isso.

Researcher - Tu chegaste a usar algum livro assim, não, né?

Participant - Não. Nunca consultei nada específico sobre pronúncia.

Researcher - Tá. Então próxima parte sobre o histórico de formação de professores de Inglês a gente pode falar da questão da graduação. Os professores incentivavam os alunos - no caso vocês - a abordar pronúncia de alguma forma? Vocês têm Inglês um até o sete, é isso? Ou até o oito?

Participant - Até o sete, se eu não me engano, porque o oito seria o TCC já, né.

Researcher - Ah tá. Então durante essas aulas do Inglês na graduação, eles incentivam a abordar pronúncia de alguma forma específica, assim?

Participant - Não que eu me lembre. Eu lembro que na disciplina da XXX que era sobre pronúncia, não sobre pronúncia, mas, é, fonética e fonologia a gente recebia as informações sobre fonética e fonologia, sobre os estudos de fonética e fonologia, mas eu não lembro de nada específico sobre ensino, sabe? De pronúncia ou a coisas relacionadas.

Researcher - Tá. Tem alguma coisa do curso, algum aspecto do curso que tu achaste mais memorável, especificamente algo sobre a pronúncia, algo que tu achaste legal, que te marcou, que de alguma forma tu possas levar isso pra sala de aula quando tu chegas a explicar alguma coisa sobre pronúncia? Tem algo que te marcou assim que tu lembrás?

Participant - Sim, foi na própria disciplina da XXX, né. Por ela ter ensinado a gente os aspectos anatômicos e fisiológicos de como se pronuncia vogais, de como se pronuncia consoantes, e o fato de eu saber que algumas consoantes e vogais não existem ou não são comuns entre, de uma língua pra outra, do Português pro Inglês, que é o público que eu lido, né, com mais frequência no XXX, são aprendizes do Português Brasileiro querendo aprender Inglês. Por eu saber que algumas dessas vogais realmente não são fáceis de se pronunciar, é uma coisa de músculo mesmo, de acostumar a musculatura e a articular certos sons, isso me ajudou a passar essa segurança pra meus alunos. De dizer que certas coisas são meio que memória muscular, você precisa exercitar, e que não é uma, não é simplesmente saber pronunciar uma palavra. Às vezes é, é realmente se ter o costume de adquirir aquela articulação, aquela forma específica dos músculos, da abertura da boca, movimento da língua, enfim, é uma coisa bem complexa, então eu acho que eu adquiri a confiança de passar essa informação de uma forma simplificada pros meus aprendizes. De que eles não precisam se preocupar tanto com isso no começo, né. Eles precisam, pelo menos na minha visão, aprender mais vocabulário e começar a organizar frases. E que a pronúncia é uma coisa que vai sendo trabalhada mais na frente, né.

Researcher - O aluno saber se comunicar e depois se preocupar em aprimorar a pronúncia.

Participant - Uhum.

Researcher - Tá, então essa já responde, o que tu falaste, você se lembra de alguma atividade ou técnica em particular que achou útil pra ensinar pronúncia?

Participant - Eu acho que em específico pra responder essa, o que a gente aprendia nas aulas de fonética e fonologia. De saber qual é a parte da língua que toca o quê, que eu acho que é a mais importante, e em algumas partes mais, algumas palavras, alguns sons que são mais difíceis pra aprendizes Brasileiros, eu demonstro, né, eu falo olha, põe a ponta da língua atrás dos dentes, dos incisivos por exemplo, pra pronunciar o TH, né, *the, the*. Porque muitas vezes é um som parecido com o F, né? Fa, fa, fa, eles normalmente, aprendizes brasileiros põem os incisivos no lábio inferior e fazem o F, mas aí eu digo não, na verdade não é assim. Tenta botar a ponta da tua língua nos dentes, atrás dos dentes incisivos. Aí eles fazem *the*. Eu acho que esse tipo de coisa, né, de saber qual é a parte articulatória pra passar pra eles. Foi a técnica que eu mais levei pra minha prática.

Researcher - Quarta pergunta: quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do Inglês?

Participant - Hm. Essa é difícil, porque eu acho que eu sei o básico da... da... eu sei as nomenclaturas de articulações, né, de partes do corpo, da anatomia articulatória, dos tipos de som, dos nomes, né, dos tipos de som, fricativo, blá blá blá. Eu diria que é básico. Tipo de zero a dez, sete, oito.

Researcher - Quinta pergunta: se você tivesse oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia, você faria?

Participant - Eu faria pra melhorar meu ensino do XXX né, eu não pretendo dar aula em ensino básico, escolas em geral, não é meu objetivo agora. Mas como eu posso vir a dar aula pra pessoas em níveis mais avançados no XXX, eu acho que seria útil ter esse conhecimento de ensino de pronúncia, sim. Eu faria.

Researcher - Tá bom.

Participant - Agora eu não faço por enquanto porque eu sempre tô pegando os mesmos níveis. Eu não foco nisso então não tem necessidade na minha visão, né. Sobre isso.

Researcher - Tu dá aula hoje pro básico, intermediário?

Participant - Esse semestre eu não peguei, mas eu sempre dou aula pro nível um, três e cinco. Às vezes nível dois, também, mas nunca passa do cinco.

Researcher - Cinco seria o intermediário, já?

Participant - O cinco acho que sim, é.

Researcher - Sexta: existe algo mais que você gostaria de entender melhor, aprimorar, sobre a pronúncia do Inglês?

Participant - Nada em específico, assim. Eu tenho contato com bastante sotaques e isso é a parte mais interessante pra mim, mas pra ensinar ou, na minha própria prática não, não tenho nenhum interesse específico, não.

Researcher - Tá. Reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia. Essa parte agora, a primeira pergunta é: o quanto você gosta de ensinar pronúncia? Quanto tu chegas a falar algo sobre pronúncia, ensinar algo sobre pronúncia, tu gostas, independente dos teus alunos entenderem melhor, ou se sentirem seguros. Tu gostas de explicar, de ensinar algo sobre pronúncia?

Participant - Eu gosto, porque eu acho que é uma coisa que também gera curiosidade nos alunos, né, como pronunciar uma coisa e principalmente porque como eu boto esse ensino como uma necessidade, né, mais pontual e não uma necessidade geral tipo, eu não foco na pronúncia perfeita que é esse mito, né, que muitos alunos vêm, achando que eles precisam saber pronunciar como um nativo. E um nativo específico, né, dos Estados Unidos, e

específico dos Estados Unidos aquela forma digamos mais generalizada, né, eles muitas vezes não sabem que existem muitos sotaques diferentes nos Estados Unidos, e que não existe uma pronúncia só, né. Então quando eu trago pontualmente como pronunciar algumas palavras ou alguns sons, vem de uma necessidade mais direta, né. Como eu te falei do exemplo do *beach* e do *bitch*, né. Então quando surgem essas oportunidades geralmente eu acho bem interessante pra poder mostrar essa diferença, né, de como se produz o som e também o quanto essa pronúncia pode fazer diferença no significado, no entendimento das pessoas que tão se comunicando, né. Então eu contextualizo bastante isso aí. Eu gosto. Quando acontece eu gosto, bastante.

Researcher - Tu te sentes confiante pra ensinar pronúncia?

Participant - Mais ou menos, porque como eu tenho uma memória bem ruim, muitas vezes eu esqueço o porquê que se faz certas coisas. Eu esqueço os termos técnicos, eu esqueço essa parte mais teórica. Eu explico, mas eu não - se alguém me perguntar o porquê que aquilo é assim, ou sei lá, variações regionais daquilo ali eu não vou saber responder. Então eu diria de zero a dez, cinco. Confiança cinco.

Researcher - Terceira: estás acompanhando? Tá vendo alguma coisa?

Participant - Uhum.

Researcher - O seu ensino de pronúncia é baseado em algum método ou abordagem específico? Em caso afirmativo, como você aprendeu a ensinar dessa forma? A gente já falou sobre isso, né?

Participant - Uhum.

Researcher - Quatro: que aspectos da pronúncia você mais enfatiza em seu ensino? Por que? É o som do TH?

Participant - É, basicamente. Porque é o mais, é o que mais causa confusão, né, e é um dos sons mais comuns do Inglês. Então eu enfatizo basicamente isso. E também a, como é que chama, eu não sei se se chama assim, mas o alongamento de algumas vogais, né, que é diferente do Português. Tu tem um E longo, tem o Ê, tem essas diferenças, eu foco bastante em vogal porque é o que mais aparece como diferença, né, do Português.

Researcher - Número cinco: em sua opinião, quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Eu acho relativo. Eu acho relativo ao momento, ao nível, dos aprendizes. Eu acho que como qualquer outro aspecto do ensino ele tem que tá lá, ele tem que tá presente. Eu não foco nele exatamente porque no meu contexto, pros meus alunos, eu quero deixar meus alunos confiantes pra falar. Se eu focar demais em pronúncia, do jeito que eu entendo, né, o

ensino explícito de pronúncia, eu acho que não seria uma boa ideia. Mas eu acho tão importante quanto qualquer outro aspecto de ensino.

Researcher - Sexta: quais são as maiores dificuldades dos seus alunos no aprendizado da pronúncia? E como você lida com essa dificuldade?

Participant - Eu acho que as maiores dificuldades deles são copiarem sons que eles escutam uns dos outros. Normalmente, por mais que em geral eu como professora seja o modelo da pronúncia, eu percebo isso porque quando eles falam alguma coisa e eu repito a palavra como uma forma indireta de corrigir a pronúncia, eles repetem, eles percebem isso, eles percebem que a pronúncia deles é diferente da minha, em alguns casos. Mas eles têm muita dificuldade de lembrar isso. De lembrar dessa forma que eu pronuncie, e acabam se acostumando e repetindo, digamos, entre aspas os erros dos colegas de pronunciarem da forma que é mais esperada, digamos assim. Da forma que é mais confortável pra um aprendiz que é Brasileiro. Então normalmente eles usam os sons “brasileiros” ao invés de usarem os sons do Inglês. Essa é a maior dificuldade. E daí como eu lido com isso é tentando repetir várias vezes, né, aquela palavra, usar, se eu vejo se uma palavra ela é muito distante e ela pode ser cacofônica, principalmente quando ela pode ser confundida com outra palavra que vai desviar muito o sentido, daí eu foco nessa palavra, né. Eu tento repetir, eu tento usar ela em vários contextos diferentes. Basicamente isso.

Researcher - Sétima: por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade pra entender/pronunciar as vogais inglesas?

Participant - Porque muitas vezes elas não existem no Português Brasileiro. Né. Então pra você não só entender que aquele some ele é um sono novo, mas pra você articular aquele som. É como se fosse uma musculação, né, você vai se acostumar. Musculação não, mas é uma coisa de coordenação, de acostumar a fazer aqueles movimentos bem precisos pra articular aquele som, é uma dificuldade esperada. Não só aprender a existência do som, mas aprender a articular, né.

Researcher - Você está ciente das diferenças nas qualidades das vogais?

Participant - Qualidade em que sentido?

Researcher - Por exemplo a diferença do *bed*, cama, e do *bad*, que é o mau. Consegues entender bem a diferença da pronúncia? Se o teu aluno te pergunta qual a diferença do *bed* de cama e do *bad* de mau? Consegues explicar bem isso pra ele?

Participant - Sim, eu diria a altura né. A altura da vogal é diferente. Eu não sei se eu explicaria dessa forma, mas eu diria né, que tem meio que um triângulozinho que é como a

gente classifica as vogais em altas e baixas. Longas e curtas eu não sei se vai no mesmo, né, no mesmo triângulozinho. Acho que sim, acho que eu entendo. Eu não sei se eu sei explicar, mas eu entendo a diferença das vogais, das qualidades delas. Mais aberta, mais fechada, enfim.

Researcher - Nove: como você normalmente dá *feedback* aos alunos sobre a pronúncia dele? Caso eles pronunciem alguma palavra errada, tu falas que tá errado e fala o certo, ou tu não falas que tá errado e faz ele repetir, só o correto? Como é que tu trazes esse *feedback* pra eles de uma palavra errada que eles pronunciaram?

Participant - Aham. Geralmente eu faço uma... Eu tento fingir que eu sou uma pessoa entre aspas nativa, aí eu fico "hã?", tipo eu não entendo quando a palavra é muito distante de uma compreensão. Que a gente tem que fazer um certo esforço também, né, pra tentar entender. Pelo menos é assim que eu vejo, né, a gente tem que fazer um certo esforço pra não esperar uma coisa perfeita de um aluno. Se aquela palavra é compreensível dado o contexto, eu vou entender, eu não vou ficar pegando no pé de cada pronúncia errada, mas quando eu vejo que a pronúncia tá muito distante aí eu fico "what?", eu pergunto assim, como se eu não tivesse entendendo a palavra, e a pessoa vai tentando, e se ela não conseguir eu vou dizer "oh!", aí eu repito a palavra e completo, né, a frase, tipo "oh, this, ta ra ra ta ra ra, ok". Então eu não chego e digo tá errado. Eu vou tentar mostrar que aquela palavra, do jeito que ela tá sendo pronunciada, vai dificultar a compreensão.

Researcher - Tá, e a última. Adicione qualquer comentário que você gostaria de mencionar relacionado ao ensino e aprendizagem da pronúncia que você considere relevante que você acha que não foi perguntado. Quer dar alguma sugestão, alguma ideia? Acha que deveria ter alguma pergunta mais específica?

Participant - Não, eu tenho, como eu te falei, eu tenho bastante interesse em como abordar sotaques diferentes do Inglês, porque eu acho que normalmente isso é um tema que passa batido, né. A gente fala de pronúncia e tal, mas não como diferentes sotaques abordam isso, né, como a gente deve... como que a gente vai dar aula de Inglês, a gente vai escolher um sotaque, a gente vai falar de vários sotaques? Mas enfim, isso já é uma coisa à parte, né, eu acho que não é especificamente sobre pronúncia, né. Poderia tá dentro do assunto. Mas enfim, é isso, eu não acho que eu tenha nenhum comentário, não.

Researcher - Algo mais sobre sotaque então, tu achas.

Participant - É, eu acho que seria interessante pensar em qual sotaque ou quais sotaques podem estar presentes em sala de aula, né.

Transcrição Entrevista – T12

15:56

Researcher - Então, pra evitar problemas legais avise a pessoa que ela está sendo gravada. Tudo bem?

Participant - Tudo bem.

Researcher - Tá, ok. Então vamos lá: XXX, quantos anos você tinha quando começou a aprender Inglês?

Participant - Eu tinha doze anos quando eu comecei a aprender Inglês.

Researcher - Foi em curso de idiomas?

Participant - Isso. Eu sabia um pouquinho assim por conta da escola, mas aprender assim, de fato foi com curso de idiomas.

Researcher - Que tipo de métodos foram usados pelos seus professores pra ensinar pronúncia?

Participant - Bom, é, não foi, eu não me lembro de nenhum método exato, focando em pronúncia, era... um método bem comunicativo com pequenas correções de pronúncia. Mas nunca utilizando de fato o termo "olha, agora a gente vai treinar a pronúncia".

Researcher - Certo. Você lembra se você gostava dessas aulas de pronúncia, quando chegava a ter algo?

Participant - Uhum.

Researcher - Detalhado sobre.

Participant - Quando a gente, eu me lembro muito bem do TH né, (risos) do som do TH, e eu lembro que eu odiava essas aulas de pronúncia, eu não gostava. É, eu achava meio repetitivo, assim.

Researcher - Uhum. Você acha que sua formação como estudante de línguas teve alguma influência na maneira como você ensina pronúncia hoje? Tu ensina pronúncia?

Participant - Sim, eu ensino pronúncia. É, e eu acho que de certa forma teve uma influência, porque como eu não tive tanta aula de pronúncia eu posso perceber como é importante né, ter essa... ter pronúncia nas aulas, então influenciou nesse sentido de perceber... a falta, né. Então eu acredito que sim, que de certa forma teve influência.

Researcher - Certo. E como e por que você se tornou professora de Inglês?

Participant - (risos) É... bom, eu precisava entrar na universidade, né, quando eu me formei no ensino médio, e eu... e eu escolhi... bom, meu processo como professora de Inglês veio por conta do curso que eu escolhi na universidade, que foi o curso de Letras, e eu sabia que eu queria ser professora, eu tava em dúvida entre o Inglês e História, que eram matérias que eu ia bem na escola. E... e após ingressar na universidade eu comecei a dar aula. Então o porquê é meio porque eu estava ali no meio da universidade de Letras Inglês.

Researcher - Certo. Você considera que sua formação educacional a preparou bem para ser professora de línguas?

Participant - Sim e não (risos). Me preparou muito bem no sentido de... pensar em como agir na sala de aula, em pensar métodos, em pensar nesse sentido, mas eu acho que pensando em línguas, a língua em si e ensino de línguas, que como que se ensina pronúncia? Como que se ensina escrita? Nesse sentido eu acho que a minha formação não foi tão boa, é... pra ser professora de línguas, tá.

Researcher - Certo. Entendi. Que métodos e materiais, se houver, você usa para ensinar a pronúncia?

Participant - Ok. Eu não trabalho com nenhum material específico de pronúncia, o que eu trabalho são pequenos momentos de pronúncia dentro do tópico que está sendo abordado, né. Então por exemplo, quando a gente tá vendo... introdução, lá no nível um. Eu aproveito pra explicar que "olha, vamo ouvir aqui como que se pergunta... *what's your name?*" Como que a gente faz o *linking*, como que a gente consegue, vocês notaram que aqui foi, juntou, vocês notaram que aqui a gente dá uma ênfase?" E aí eu faço um pouco de repetição, e eu não me estendo muito.

Researcher - Certo. Tá, agora sobre teu histórico de formação-

Participant - Uhum

Researcher - de professora de Inglês. Os professores incentivavam os alunos a abordar a pronúncia de alguma forma particular, alguma forma específica? Então a gente pode falar sobre a graduação.

Participant - Não. Não incentivavam.

Researcher - Tá. Qual aspecto do curso você achou mais memorável?

Participant - Uhum. O período de estágio, porque foi um período bem prático mesmo né, a hora de, de começar a colocar a mão na massa, em um contexto que eu não tinha experiência

né, que foi um contexto de... de ensino fundamental. Então eu não tinha experiência com crianças. E... eu achei muito memorável nesse sentido de ser prático, né. Por isso. De hoje eu tá conseguindo colocar em prática várias coisas que eu aprendi.

Researcher - Tá, e tu te lembrás de alguma atividade ou alguma técnica que tu achaste útil para ensinar pronúncia?

Participant - Sinceramente, não.

Researcher - Tá. Quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do Inglês?

Participant - Hmm... oito de dez, talvez.

Researcher - Tá, ok. Se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia hoje, você faria? Por quê?

Participant - Sim, eu faria. Eu acho que mesmo... que mesmo a gente tendo noção de pronúncia, de que é importante né, ensinar, eu acho que me faltam métodos, técnicas e, principalmente pensando em diferentes níveis de alunos. Então eu faria sim um curso de ensino de pronúncia.

Researcher - Existe algo mais que você gostaria de entender melhor ou aprimorar sobre a pronúncia do Inglês?

Participant - Eu acho que sim, eu acho que aprimorar é... como pensar em pronúncia, em ensino de pronúncia, considerando diferentes sotaques, por exemplo. Eu acho que eu gostaria de me aprimorar nisso.

Researcher - Certo. E a última parte, sobre reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia, o quanto você gosta de ensinar pronúncia?

Participant - Também pensando em uma escala até dez, eu diria que eu gosto oito de dez, então eu gosto, não adoro, mas eu gosto.

Researcher - Ok, e você se sente confiante para ensinar pronúncia?

Participant - Me sinto, pensando que eu geralmente trabalho com alunos iniciantes, pra eles eu me sinto bastante confiante pra ensinar pronúncia.

Researcher - O seu ensino de pronúncia é baseado em algum método ou alguma abordagem específica? Em caso afirmativo-

Participant - Não.

Researcher - Não, não é (risos).

Participant - Desculpa.

Researcher - Ok. Não, imagina (risos). Que aspectos da pronúncia você enfatiza mais em seu ensino e por quê? Tem algum som?

Participant - Eu acho que, pensando de novo que eu trabalho com bastante aluno iniciante, não adianta, né. Pensar no TH é sempre tirar um momento pra focar cem por cento em pronúncia, é uma coisa que eles sempre pedem, então eu procuro sempre enfatizar isso e... o som do -ed no passado também.

Researcher - Ok. E na tua opinião, quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Ah, é muito importante, né. Não são poucos os alunos que eu tenho que eu consigo elogiar muito em termos de vocabulário, em termos de construção de frase, em termos de entendimento, mas que na hora de produzir realmente oralmente a fala, eles se atrapalham bastante né, com pronúncia.

Researcher - E quais são as maiores dificuldades de teus alunos no aprendizado da pronúncia? E como é que tu lidas com essas dificuldades?

Participant - Eu acho que uma das maiores dificuldades é pensar em... eles querem ser perfeitos tentando duas vezes falar uma palavra, tentando duas vezes fazer um som, então essa coisa de existir uma pronúncia perfeita em pouco tempo. É um processo, né, então primeiro eu tento, tento criar, de uma certa forma criar discursivamente esse, esse lugar de "olha pessoal, é importante a gente praticar, mas a gente também precisa né, ter paciência", então eu tento que, fazer com que essa prática seja um pouquinho mais leve... menos *demanding* talvez, assim, por parte deles.

Researcher - Entendi. Agora especificamente sobre as vogais do Inglês, por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender, pra pronunciar as vogais Inglesas?

Participant - Hmm... Eu acho que inicialmente é, de pensar, de talvez não terem nem a consciência direta de que você tá pensando em outro alfabeto fonético, né. Então acho que eles tentam simular muito, nas palavras que eles veem, os sons do Português. E aí essa dificuldade eu acho que vem disso, né, de emular o som do Português no Inglês, e de... acho que talvez dessa falta de ter um acompanhamento de alguém vir dizer "olha, vamo tentar de novo?" ou deles não tem terem ouvido como realmente se pronunciar uma palavra, não sei.

Researcher - Certo. E você tá ciente das diferenças na qualidade das vogais? Consegues entender direitinho?

Participant - Amiga, eu... desculpa (risos) eu sinceramente eu nunca estudei diretamente qualidades das vocais, das vogais (risos), desculpa. É... mas eu tô ciente das diferenças, mas

eu acredito que eu estar ciente como falante né, não, de certa forma não necessariamente me ajuda tanto na hora como professora, entende?

Researcher - Aham. Na hora de explicar a pronúncia, a diferença, a qualidade.

Participant - Isso. Eu acho muito difícil explicar.

Researcher - Tá. E como é que você normalmente dá *feedback* pros alunos sobre a pronúncia deles?

Participant - Uhum. Bom, ultimamente né, a maior parte dos meus *feedbacks* têm sido sobre pronúncia, na última turma que eu trabalhei eu... a gente teve muito essa questão da pronúncia envolvida né, então era uma turma que tinha um bom vocabulário, que tinha um bom... boa construção né, das frases. Que não tinha muita resistência nesse sentido, mas né, quando a gente caía em pronúncia a gente tinha bastante dificuldade. Então o meu *feedback* ele vinha de duas formas né. Durante aula, de uma forma meio... meio "olha, vamo praticar de novo essa aqui, vamo lá todo mundo, vamo falar essa palavra aqui? Esse som aqui, como é que a gente faz?" Então é... um pouco não direto, e de forma escrita eu também dou *feedback* pra eles de uma forma mais direta, então eu tento explicar primeiro de uma forma mais... por meio de comparação, né, "olha, percebe nessa palavra esse som? Olha aqui nessa outra palavra como ele acontece". Então meio que por forma de comparação eu dou esse *feedback*, e de uma forma mais direta, "olha, eu acho que você precisa treinar isso isso e isso. Vamo dar uma olhada, entra aqui e ouve essa palavra" né, pensando que eu tô trabalhando *online* com eles, "entra aqui nesse site por exemplo e ouve essa palavra pra que você consiga simular ela".

Researcher - Ok. A última não é uma pergunta, é na verdade é... pra você colocar qualquer comentário que você gostaria de mencionar relacionado ao ensino e aprendizagem da pronúncia que você considera relevante e que você acha que não foi mencionado, então é uma sugestão.

Participant - Uhum.

Researcher - Tens alguma sugestão?

Participant - Não, não tenho.

Researcher - Tudo tranquilo?

Participant - Tranquilo.

Researcher - Tá. Eu vou parar nossa ligação aqui, mas eu vou continuar falando contigo, tá?

Participant - Uhum.

Transcrição Entrevista – T13

42:58

Researcher - Ok, vou começar a gravar. Então, para evitar problemas legais avise a pessoa que ela está sendo gravada, certo?

Participant - Ok.

Researcher - Tá, aí eu vou desligar a câmera para facilitar a gente. Então, vamos só relembrar aqui a primeira parte, aprendizagem de segunda língua: quantos anos você tinha quando você começou a aprender Inglês?

Participant - Tinha 17 anos, comecei na graduação.

Researcher – Certo. Agora sobre o que você lembra das experiências de aprendizagem da pronúncia: a) que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar a pronúncia?

Participant - As aulas que eu tinha de língua na XXX especificamente tinha as aulas de Língua Inglesa, que daí o método era mais comunicativo, era um foco mais comunicativo e tinha as aulas de fonética e fonologia especificamente que era voltado para a pronúncia. Não só pronúncia como também descrição do sistema fonológico da Língua Inglesa. E daí eu não sei que método seria esse, mas a gente tinha uma, a gente fazia análise de transcrição fonológica, como é comum nas aulas que acabaram me ajudando também na pronúncia, em aprender a refinar digamos assim algumas pronúncias, alguns fonemas específicos.

Researcher - Certo, e você lembra se você gostava dessas aulas de pronúncia?

Participant - Gostava sim. Gostava, sempre gostei de ter esse foco em pronúncia, principalmente naquele período. Durante a graduação.

Researcher – Certo. Você acha que a sua formação como estudante de línguas teve alguma influência na maneira como você ensina pronúncia hoje? Você ensina pronúncia?

Participant - Sim, eu ensino Língua Inglesa, né, é porque eu ensino pronúncia como parte do programa maior digamos assim, que é de uso da língua. E aí durante as aulas de Língua Inglesa existe os momentos de foco na pronúncia especificamente. E eu acredito que a influência que teve, que as aulas que eu tive têm nas minhas aulas de Língua Inglesa hoje é justamente essa... como é que eu posso falar, a ideia de que é preciso pedir pra o estudante prestar atenção em alguns aspectos específicos da pronúncia deles ou delas, e pedir para eles

treinarem em diferentes, usando diferentes palavras em diferentes contextos de frase pra que eles possam, ou elas possam ir se familiarizando com o som, e acabar produzindo um som melhor. Então eu acho que é bem parecido com a forma com que eu aprendi.

Researcher – Certo. Agora sobre formação de professores: como e por que você se tornou professor de Inglês?

Participant - Eu me tornei, né, o como foi a partir do momento que eu concluí o curso, a Licenciatura Inglesa no campus XXX da XXX. Posteriormente eu decidi tentar mestrado porque eu tinha interesse em ensinar pessoas adultas, interesse em ensinar especificamente no Ensino Superior e daí a partir do momento que eu comecei a atuar como professor de Inglês no colegiado de Inglês da XXX, no curso que eu cursei inclusive, foi que eu passei a me tornar professor de Inglês mesmo. Eu tinha, antes disso eu tive algumas aulas, algumas experiências como professor particular de algumas pessoas, mas eu não gostei, não foi uma experiência que eu gostei, então eu considero que eu comecei dar aula na universidade. E eu me tornei professor, primeiro eu me tornei professor porque sempre foi uma carreira que me interessou, foi algo que eu tinha interesse desde sempre. Especificamente de Inglês porque era um curso que era acessível pra mim, né, o curso de Língua Inglesa era na cidade que eu morava em Jacobina, na época. E meu irmão também tava cursando Língua Inglesa então era o curso que eu conhecia, que eu conhecia alguns professores, conhecia alguns dos colegas de meu irmão e daí eu acabei tendo contato com o conteúdo do curso antes e percebi que era algo que eu me interessava. E daí eu decidi fazer o vestibular para Língua Inglesa. Não foi minha primeira opção no sentido de que, eu gosto de falar que foi a minha segunda primeira opção (risos), pra não ficar parecendo que eu fiz um porque não consegui outro, na verdade. Eu fiz dois vestibulares, e daí eu passei para o Inglês e não passei pro outro e decidi fazer Inglês. O outro seria Computação em outra cidade, então por ser da minha cidade e por eu ter passado eu acabei cursando, investindo em Língua Inglesa.

Researcher – Ah tá. Legal, entendi. Você considera que a sua formação educacional o preparou bem para ser professor de línguas? Explique.

Participant – Eu gostei, ó, a minha formação eu sempre avalio como muito positiva, durante a graduação. Teve a parte complementar no mestrado digamos assim, que como foi um mestrado em Língua Inglesa já dava pra aproveitar, eu acabei tendo a oportunidade de usar a língua de forma imersiva e mais intensiva do que antes, então eu acabei melhorando. Então eu considero como parte da minha formação também, então minha resposta para essa pergunta né, se fosse uma resposta simples, é sim, eu acredito me preparou bem para ser professor. Eu

acho que eu não sou um professor ainda que eu gostaria de ser, acho que eu ainda tenho algumas coisas para melhorar justamente porque, é, ensinar língua, especificamente a Língua Inglesa não tem sido a minha matéria preferida, meu componente preferido. Eu ensino na universidade morfossintaxe, então ensino a análise e descrição da Língua sobre uma perspectiva morfossintática e até a descrição fonológica, que é diferente de ensinar a usar a Língua, então eu acabo preferindo mais as disciplinas mais teóricas do que as disciplinas mais práticas digamos assim, de uso da Língua. E aí uma das coisas que eu tenho tentado fazer é justamente, tem a relação com a próxima pergunta, eu vou adiantar um pouquinho, eu tenho estudado junto com a professora XXX que é minha colega, começado a estudar *task-based english teaching* que eu acredito que é uma forma de melhorar meu, minha atuação como professor de língua especificamente.

Researcher - Certo, ok. Então quando você ensina a pronúncia, quais são os métodos e os materiais que você usa?

Participant - Geralmente eu meio que, eu monto, entre aspas, materiais que eu tenho contato na *Web* a partir de colegas de trabalho e até alguns alunos. Por exemplo eu gosto de usar *podcasts*, é, e daí tem um *podcast* específico que eu gosto muito que ele é curtinho e ele é bem adaptado para aluno intermediário então eu gosto de usar com intermediário que é o *6 Minute English* da *BBC*, ele é bem específico para ensino de Língua Inglesa. E é um material que eu tenho usado algumas vezes no ensino de língua, e daí com foco em pronúncia em algumas ocasiões, e tem dados alguns resultados interessantes, os alunos mostram gostar e mostram também desenvolvimento tanto na percepção de algum... primeiro da compreensão e daí conseqüentemente a percepção e até a produção. A produção de alguns sons é algo que eu não sei avaliar a curto prazo porque eu acho que é o tipo de coisa que realmente requer um prazo mais longo. E em relação a métodos, é, como eu disse eu tenho começado a estudar o *task-based english teaching* e daí eu tento aplicar o TBLT no ensino de Língua Inglesa como um todo e aí obviamente a pronúncia tá aí como parte do ensino da língua. Eu falo que o TBLT é na comunicação, mas não significa que a gente também não dá foco na forma, então a pronúncia acaba tendo um papel importante nessa, é, nas atividades. E aí como materiais geralmente é isso, eu trago *podcasts*, vídeos na Internet, episódios de série eu já utilizei, então geralmente material audiovisual encontrado na *Web*, é, alguns que eu tenho contato, outros que os próprios estudantes sugerem, por exemplo.

Researcher - Tá, legal... Certo, agora a outra parte é sobre seu histórico de formação de professor de Inglês: então, na graduação Letras Inglês, os seus professores incentivavam os alunos a abordar a pronúncia de alguma forma específica?

Participant - Então, tem os, a gente tem na grade curricular desse curso que inclusive tá mudando agora, mas até o ano passado... até esse ano na verdade, foi a mesma grade que eu também fui aluno, a gente tem três componentes de estudos fonéticos e fonológicos então é uma carga horária que me parece, não tenho certeza, mas parece ser maior que alguns outros cursos que eu tenho visto. E daí esses três componentes eles servem tanto pra instrumentalizar os alunos a saberem fazer por exemplo transcrição fonética, mas o foco não é esse, o foco é justamente na prática da pronúncia. E daí eu vejo isso como um grande incentivo, então nessas aulas especificamente, que a gente ia para ter foco na pronúncia, eu considero como um grande incentivo e além da grade curricular ser um fator que incentiva eu tive dois professores que eram formados, que fizeram mestrado, fizeram pesquisa especificamente em fonologia. Então daí acaba que eu tive um contato muito grande com algumas pesquisas em fonologia, o que acabou me, eu acredito, me incentivando a ter um interesse por pronúncia, por fonologia mesmo, vou usar o termo fonologia, mas com sentido de pronúncia.

Researcher - Uhum, certo, legal. Qual aspecto do curso você achou mais memorável?

Participant – É... assim, o que mais me marcou do curso como um todo foi o incentivo que eu recebi em continuar estudando, em continuar investindo na minha formação. Então a minha decisão de fazer mestrado por exemplo ela não surgiu no nada, ela surgiu, na época a gente só tinha um colega que tinha, que estava fazendo mestrado e daí os professores incentivaram bastante que se fosse algo que a gente tivesse interesse, que era possível e todos me ajudaram muito no processo. Então o que me marcou acabou sendo isso, esse incentivo para... acho que dá para chamar de formação continuada, é, na pós-graduação, que aí foi o que acabou acarretando eu fazer o mestrado, o que resultou em meu mestrado e posteriormente me tornar professor. Então foi mais esse incentivo mesmo, esse incentivo por continuar estudando para além da universidade, para além do curso de graduação.

Researcher - Certo, e você se lembra de alguma atividade que você achou útil para ensinar pronúncia?

Participant - Ah, eu lembrei de um exemplo que eu achei bem legal que os alunos... eu acho que eu não fui o primeiro a fazer isso no curso, claro que fora do curso tem vários exemplos, mas eu lembro que lá no curso uma colega minha tinha feito e acredito que eu achei interessante que foi pedir para os alunos gravarem eles mesmos falando e depois pedir para

que eles mesmos analisassem, e obviamente com a ajuda de outros colegas ouvir e posteriormente com a minha ajuda. E daí o que é interessante é perceber que ao se ouvirem gravados os alunos e as alunas conseguem perceber coisas que eles não tinham percebido antes, e daí a gente consegue direcionar o foco para algumas questões particulares, algumas...alguns fonemas, alguns sons particulares que quando eles estão falando livremente eles não conseguem perceber isso. Então daí a tarefa consistia em... eu lembro que essa especificamente que eu tô lembrando era gravar um áudio pro colega pelo *WhatsApp* e depois ouvir o próprio áudio, além de ouvir o áudio do colega também e aí dar um *feedback* pro colega, ouvir o *feedback* do colega e tentar perceber na própria pronúncia, no próprio áudio, se teve alguma coisinha que percebeu que poderia melhorar. Daí depois disso a gente foi para o quadro, depois de ter ouvido os áudios na aula eu seguinte... eu fui falando "essa palavra aqui você pronunciou de um jeito, pelo contexto a gente entende, mas na verdade você pronunciou uma outra palavra", e daí treinar esse tipo de pronúncia, então colocar os alunos para ouvirem a própria voz gravada, foi interessante.

Researcher - Certo, bem bacana. E o quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do Inglês?

Participant - Ok, eu vou dividir em duas partes (risos)

Researcher – Certo.

Participant - Que é o conhecimento descritivo do sistema fonológico da língua, eu vou dizer que é... eu não sei, enfim, o quão forte... eu vou dizer que o meu conhecimento do sistema fonológico da língua é intermediário no sentido de que eu nunca fiz pesquisa em fonologia, mas eu já li algumas, algumas pesquisas na área e eu acho que eu tenho um conhecimento suficiente para ensinar por exemplo componentes de fonologia pra eles né. Nós temos três componentes, geralmente ensino 1 e o 2 quando não é um outro professor. Sobre a pronúncia do Inglês enquanto falante da Língua eu considero... menor, era bom que tivesse... eu vou estabelecer uma escala aqui, tá, pra poder ficar mais fácil (risos).

Researcher - Ok, fica à vontade.

Participant – Ok, numa escala de 1 a 5 o meu conhecimento linguístico da pronúncia e aí de novo, descrição linguística eu diria que é 4, enquanto que o meu conhecimento da pronúncia eu diria que é 3. Então, por que? Porque os únicos momentos que eu tenho usado a Língua Inglesa é durante as aulas de Língua Inglesa e nem sempre, não é todo semestre que eu pego aulas de Língua Inglesa, então eu pego aula de por exemplo, Escrita Acadêmica e daí Escrita Acadêmica mesmo no curso de Inglês a gente tem uma parte que é focada em Língua

Portuguesa e aí uma parte que em Inglesa, mas a aula não é dada em Língua Inglesa porque é para alunos do segundo semestre. Daí eu pego componente de... enfim, acontece de eu pegar componentes que eu acabo não dando aula em Língua Inglesa, então eu fico muito tempo sem praticar a Língua e quando eu volto a praticar eu percebo que minha proficiência baixou um pouco e daí eu tenho que... então assim, se eu usasse a Língua com mais frequência eu acredito que a minha pronúncia seria bem melhor.

Researcher - Certo. E se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia, você faria?

Participant - Com certeza, eu faria justamente por isso que eu acabei de falar (risos) pra ter mais conhecimento em relação especificamente ao ensino de pronúncia porque por exemplo eu não lembro de ter tido uma aula bem específica sobre ensino de pronúncia. É aquilo, eu lembro muito bem de ter tido aulas de ensino de Língua e aí com foco na comunicação e aí obviamente a gente abordava a pronúncia ao ter contato com pesquisas de por exemplo a professora XXX, professor XXX que são meus colegas, eu percebo algumas questões que são específicas para pronúncia, mas eu nunca fiz um curso inteiro, digamos assim, voltado ao ensino de pronúncia. Então eu faria por isso, seria algo que iria adicionar na minha, na minha prática docente.

Researcher – Certo. E existe algo mais que você gostaria de entender melhor, que gostaria de aprimorar sobre a pronúncia do Inglês?

Participant - Eu gostaria muito de ter mais conhecimento sobre vários, outros dialetos da Língua Inglesa, dialetos diversos. Numa experiência que a gente está tendo agora nesse período, de ensino remoto, um dos nossos temas de análise foi variação linguística e daí eu tava, uma das atividades que eu pedi para os alunos fazerem era comparar a pronúncia de um *Youtuber* Australiano eu acho, pera aí eu tô em dúvida, mas eu acho que era australiano, pra perceber as diferenças de sotaque, diferenças de pronúncias e daí eu achei interessante, porque tem vários dialetos que eu não conheço as especificidades e aí a gente percebeu, por exemplo, que tem alguns dialetos que é simplesmente é muito difícil a gente achar material online. Por exemplo o Inglês Nigeriano, eu queria ver as especificidades no Inglês Nigeriano e acabei não achando material tão rico quanto eu achei do Inglês Britânico, por exemplo do Inglês Norte-Americano. Daí eu teria, eu tenho vontade de ter mais conhecimento sobre variação linguística em termo de pronúncia.

Researcher - Certo, tá. E agora a última parte é sobre reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia. O quanto você gosta de ensinar pronúncia?

Participant - Ok, de novo, numa escala de 1 a 5 se fosse pra colocar eu diria 3, porque comparando com outras coisas que eu prefiro ensinar. Então por exemplo eu amo sintaxe e aí quando eu falo sintaxe é análise sintática mesmo, análise sintática gerativa, então em comparação com esse tipo de conteúdo eu não gosto tanto de ensinar pronúncia.

Researcher – Certo. Você se sente confiante para ensinar pronúncia? Você se sente seguro para ensinar pronúncia?

Participant - Eu gosto de, é... minha resposta curta vai ser não, e aí eu vou explicar por que e por que é que eu acho que não. Sempre que eu ensino alguma pronúncia para os alunos eu gosto sempre de deixar bem claro que a pronúncia é a forma com que eu pronuncio e que é muito importante para eles procurarem outras formas. Então por exemplo procurar na *Internet* formas de pronunciar tal palavra e praticar. Então, por quê? Justamente porque eu não acho, eu não posso ter certeza que eu estou pronunciando da melhor forma possível, eu sempre tenho como parâmetro a compreensão só que acaba ficando complicado quando eu tenho que ser compreendido por pessoas que não tem uma proficiência muito alta. Então por exemplo quando eu estou ensinando alunos de nível básico eu fico com medo de colocar a minha pronúncia como parâmetro, então eu tendo a usar material que coloque os alunos em contato com pronúncia de outras pessoas.

Researcher - Certo, entendi. O seu ensino de pronúncia é baseado em algum método ou abordagem específico? Em caso afirmativo, como você aprendeu a ensinar dessa forma?

Participant - Então, lá em cima eu falei brevemente e daí agora eu vou complementar, eu tenho tentado aplicar os pressupostos básicos da *task-based english teaching*, inclusive para ensino de pronúncia. Eu não tenho, raramente, é, na verdade não dá pra dizer que é raramente não, mas assim, em algum momento das aulas eu separo um momento específico pra o foco na pronúncia e daí eu acabo aplicando a mesma abordagem que eu tô aplicando de forma geral eu acabo aplicando também para o ensino da pronúncia. Que no caso do TBLT seria fazer uma tarefa, né, e pedir para que os alunos façam a tarefa que envolva usar, compreender um texto na modalidade oral, então ouvir um texto e depois produzir algo parecido que tenha uma função comunicativa e que faça sentido para eles. Daí, sei lá, preparar um vídeo explicando alguma coisa em Língua Inglesa usando palavras, usando expressões, usando estruturas parecidas com aquele... ou gêneros textuais parecidos com o que ele ouviu antes. Então de forma geral é isso, é algo que eu ainda estou estudando, o TBLT não é algo que eu sei muito, mas eu tenho estudado e tem sido o que tá me guiando nos últimos meses, digamos

assim. Ah e como eu aprendi a ensinar dessa forma mais especificamente foi com a minha colega que fez doutorado sobre *task-based language teaching*.

Researcher - Uhum, certo. Que aspectos da pronúncia você mais enfatiza em seu ensino? E por quê?

Participant - Eu tenho dois... tem o aspecto principal que é a comunicação, então eu geralmente falo para os meus alunos que eles tem que pronunciar de forma a serem compreendidos mas quando o aluno está a partir do nível avançado eu falo para eles que “ok, se vocês já estão sendo compreendidos sempre tem como melhorar a pronúncia no sentido de pegar certas nuances que tenham relação com a comunicação também”, então se você quer falar do registro mais acadêmico, claro que não adianta só ser compreendido tem que ser compreendido e dominar o vocabulário específico e dominar uma estrutura gramatical específica que é específica daquele registro, né, mesmo oral, mesmo oral, mesmo relacionado a pronúncia. Então digamos que eu tenha comunicação como primeiro aspecto, mas considerando que a comunicação não é só ser compreendido, também tenho esses outros aspectos, esses outros níveis relacionados ao registro, a forma como a pessoa é interpretada, que também são importantes.

Researcher – Certo. E em sua opinião o quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Eu acho de extrema importância porque inclusive mesmo eu, eu falei anteriormente que eu gosto muito, por exemplo, de sintaxe e descrição linguística mas eu tenho consciência, inclusive eu falo isso para os meus alunos, que estudar sintaxe não vai fazer deles melhores falantes da Língua, enquanto que a pronúncia na minha opinião pode sim fazer com que o falante se torne um melhor usuário da Língua, no sentido de que a partir do momento que você tem a pronúncia, a partir do momento que você automatiza o seu conhecimento de pronúncia, o seu uso de pronúncia da língua, a partir do momento que está automatizado você libera recursos cognitivos para se preocupar com outras coisas, por exemplo com quais palavras você vai usar, de que forma você vai, é, soar digamos assim, de que forma você vai falar especificamente. Então eu acho que ensino de pronúncia é muito importante para automatizar digamos assim essa parte mais básica da língua que é pronunciar corretamente para ser compreendido.

Researcher - Uhum, ok. E quais são as maiores dificuldades dos seus alunos no aprendizado da pronúncia, como é que você lida com essas dificuldades?

Participant - Os alunos tem muito medo de errar no geral, eu pelo menos interpreto o comportamento deles como medo de se arriscar. Então aí eu geralmente exagero muito

algumas coisas de forma a fazer uma brincadeirinha, digamos assim, para que eles fiquem mais à vontade. Então quando eu vou ensinar as fricativas interdentais né, que geralmente é um ponto de dificuldade, eu falo "bota a língua pra fora, pode cuspir mesmo sem problema mesmo", faço essa brincadeira. Então é /the/ eu faço som bem exagerado, depois posteriormente eu explico pra eles "óh, eu to exagerando, não precisa ser assim" mas é uma das estratégias que eu uso, então "óh, embola bem essa língua, bota lá na garganta" então eu tento fazer esse tipo de brincadeira pra tentar desinibir porque é muito comum os alunos terem medo mesmo de pronunciar e de soar feio, não sei de soar....estranho

Researcher - Sim, sim, aham.

Participant - Eu faço um pouco essa brincadeira.

Researcher - É, e acaba... esse medo acaba bloqueando a própria comunicação, né e eles não saem daquilo, né

Participant - Exato.

Researcher - Certo, agora falando especificamente sobre as vogais Inglesas: por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender, para pronunciar as vogais Inglesas?

Participant - Nossa, a gente estava falando sobre isso ontem (risos), que é quando eu falo a gente é eu com alguns alunos. Então o que eu acho é que, inclusive eu tenho dificuldade, algumas vogais, eu estava falando para eles que eu ainda tenho muita dificuldade em pronunciar, em produzir da forma que eu acho que é correto, né...

Researcher - Sim, sim, aham.

Participant - Daí eu acho que é justamente por conta da diferença com o nosso sistema de vogais em Língua Portuguesa. Tem algumas diferenças então por exemplo os /i/, que é o /i/ mais aberto e mais fechado que forma o par mínimo de *sheep*, *ship* por exemplo, esse é um exemplo de fonema que eu exagero bastante para ver se eles percebem, porque até eu tenho dificuldade, eu sempre percebo... o contexto sempre me ajuda mais do que o próprio som. Eu nunca fiz o teste de ouvir só o som, isso eu fiz durante a graduação, eu lembro que a gente ouvia o som isolado por exemplo, *sheep*, *ship*, e daí a gente tinha que dizer qual era, isso era interessante porque treinava o ouvido. Hoje em dia eu não sei se eu ainda consigo distinguir (risos). E eu acho que a dificuldade é essa, por conta da diferença do nosso sistema de vogais né, a gente não tem, é, certas vogais que formam o par mínimo em Inglês e não forma, par mínimo na Língua Portuguesa, aí fica difícil para o ouvinte perceber essas diferenças que são, que acabam sendo sutis demais pra gente.

Researcher - Certo, e aí quando você percebe que seus alunos estão com dificuldade, por exemplo, no *sheep* / *ship*, como é que você lida com isso, como é que você aborda para fazer com que eles entendam?

Participant - Eu uso do exagero, então de novo eu falo "olha, gente, existe uma diferença que pra gente é sutil e uma forma de vocês praticarem é exagerando" então eu falo: "fala *ship* que é como se fosse um p e aí depois vocês vão percebendo e vocês vão diminuindo" então eu falo assim: "não, não é *ship*, não é, mas vocês podem começar a pronunciar desse jeito e ir treinando e diminuindo a abertura da boca pra vocês começarem a tentar pronunciar". Tem outra técnica também que eu não sei se é... eu não sei até quando é apropriado que é ter o foco na duração, então *sheep*, *ship*, claro que aqui eu acabei produzindo um /e/ um pouquinho mais aberto (risos) mas tem essa dica também, de falar mais rápido, só que não é só falar mais rápido, então eu acabo dando mais foco no exagero, ou seja, eu puxo pra vogal que é a mais próxima que existe na Língua Portuguesa e peço para eles irem praticando um intermediário entre essas duas vogais.

Researcher - Certo, da articulação mesmo, né?

Participant - Isso.

Researcher – Tá. E por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender, para pronunciar essas vogais Inglesas?

Participant - Justamente porque não, não...elas não... não existe essa diferença, então são vogais que mesmo que a gente produza em Língua Portuguesa, elas não formam par mínimo com outro, por exemplo a gente tem o /i/ mesmo que eu pronuncie o /i/ mais aberto ou mais fechado, vai continuar sendo /i/ em Língua Portuguesa, então não é algo que faz diferença em Língua Portuguesa. E aí quando a gente tem essa diferença em outra língua, eu acredito que a dificuldade surja daí, a gente tem que treinar o ouvido para perceber e consequentemente treinar a produção para conseguir produzir o som o mais próximo possível.

Researcher – Aham.

Participant – Respondi?

Researcher – Certo. Ok. E você está ciente das diferenças nas qualidades das vogais? Eu sei que você já falou sobre isso anteriormente, mas só para a gente fechar aqui.

Participant – A diferença entre “bed” e “bad”, esse é um exemplo de fonema que eu consigo entender, que eu sei que existe e que eu tento exemplificar, mas que eu sempre exemplifico com áudio de outras pessoas porque eu acho que eu não consigo produzir (risos) do jeito ideal, mas é...

Researcher - Você tá ciente, mas tem a dificuldade as vezes para explicar, como explicar. É isso?

Participant - Exatamente, na verdade explicar... não é nem como explicar, a dificuldade maior é para eles perceberem que existe diferença, porque mesmo que a gente fale muitas vezes eles dizem "não, mas eu não estou ouvindo diferença" e aí eu falo "ok, é normal não ouvir diferença nisso mas tentem treinar o ouvido para vocês perceberem que tem uma diferença"

Researcher - Sim, sim.

Participant - No caso do *bed* eu costumo fazer uma brincadeirinha, de novo, usando o exagero como ferramenta pedagógica (risos) que é falar como se estivesse com nojo /bed/ e aí exagero e boto a língua para fora e faço uma palhaçadinha para poder ver se eles relaxam e se eles começam, passam a perceber que existe diferença.

Researcher - Ah, legal. E como você normalmente dá *feedback* aos alunos sobre a pronúncia deles?

Participant - Primeiro, quando eu não consigo compreender algo em decorrência da pronúncia daí eu peço, eu chamo atenção, "óh, você falou uma palavra que eu não entendi que eu acho que é a palavra tal, é essa mesmo?" aí se ele confirmar, então "tente produzir de tal jeito" aí eu falo e tento fazer com que eles repitam ali naquele momento. E daí eu peço para anotar e praticar, eu não, eu raramente peço pra eles praticarem a palavra sozinha, eu peço para eles escreverem uma frase com a palavra no meio e daí tentar praticar pra melhorar a pronúncia de palavras específicas, então eu acabo tendo essa preocupação com palavras isoladas. Mas tem, a partir do nível básico, então quando os alunos estão no final do nível básico passando pro nível considerado intermediário, tem uma coisa que eu gosto muito de chamar atenção também que é a prosódia, o ritmo, o *stress* porque muitas vezes mesmo que eles consigam falar as palavras de forma compreensiva, o ritmo que eles dão a sentença pode interferir na compreensão, muitas vezes não fica tão fácil de compreender, daí é algo que eu também dou *feedback* "ó, presta atenção no ritmo, tente falar de tal jeito" então é muito comum em pedir, chamar atenção pra algum aspecto, repetir como eu considero né, a forma que eu considero melhor digamos assim, e pedir pra eles praticarem e procurarem recursos. Daí eu sempre tenho sorte, a gente sempre tem sorte, acho que isso é geral de ter alunos que falam muito bem na turma em comparação com outros que ainda têm muito problema, e daí eu também consigo pedir para esses colegas ajudarem na pronúncia, nessa parte de pronúncia. Então o feedback costuma ser a nível da palavra ou a nível da sentença em relação a prosódia,

a *stress* e quando eu percebo que algum o aluno tem algum problema específico daí eu também chamo atenção. Então por exemplo, eu lembro de duas alunas que era muito comum elas terem o, se eu não me engano o nome é epêntese vocálica, no final das sílabas que é quando ela coloca o som do /i/ no final tipo... no passado ao invés de falar *talked* falar... ah deixa eu achar em um exemplo bom que eu não estou lembrando, mas enfim, de colocar um /i/ no final do -ed no passado, /stoppedi/ e falar /di/ por exemplo. E daí eu percebi que ela fazia, eram duas alunas específicas que elas tinham essa marcação sistematicamente, elas sempre produziam isso, daí eu falei pra elas que apesar de não estar interferindo naquele momento na compreensão, eu conseguia compreender elas, eu deixei bem claro que é o que, eu consigo compreender porque eu sou Brasileiro falante de Língua Inglesa e daí eu entendo, mas se você começar a praticar, tentar não produzir esse som no final vai soar melhor. Então há esses casos também que eu percebo algum artefato, digamos assim, particular a cada aluno e daí eu tento chamar atenção individualmente. Quando é algo que é mais geral, no caso das vogais que geralmente todo mundo tem problema, daí é um *feedback* mais geral pra turma como um todo, daí a gente pratica mais juntos.

Researcher – Certo, legal. Bom, a última, é uma sugestão para você adicionar, qualquer comentário que você gostaria de mencionar relacionado a ensino e aprendizagem da pronúncia que você considera relevante. Então, você tem alguma sugestão?

Participant – Não, não eu achei bem compreensivo, mas na verdade eu tenho uma curiosidade (risos) que eu acho que vale a pena mencionar nesse momento.

Researcher - Certo.

Participant - Que é, é, acontece de eu pedir para os alunos, no caso do *podcast*, que foi algo que você mencionou que achou interessante e tal. Tem aqueles alunos que vão ouvir o *podcast*, que no caso o *podcast* é um texto e geralmente é complexo e mesmo quando ele é adaptado, mesmo quando os... os *speakers* falam mais devagarzinho e tal, mesmo assim é difícil no geral, porque é um texto completo e é complexo. E daí é muito comum que os alunos não entendam tudo obviamente, mas, geralmente quando é pra alunos de nível mais baixo, a ideia, o objetivo principal sempre é que eles entendam a ideia geral do texto e daí se eles entendem a ideia geral já é suficiente pra eles aprenderem. Minha dúvida é: caso não haja compreensão será que existe, ainda assim existe alguma, algum ganho em pronúncia? Daí eu pergunto isso, na verdade é uma pergunta, porque geralmente é uma dúvida que eu tenho, achei interessante mencionar, porque assim, música, música a gente canta, às vezes a gente nem sabe o que está falando em Língua Inglesa e eu acho que existe sim um ganho em

pronúncia em termos de produção. Claro que isso não tem relação com o uso da língua, não significa que aprender a cantar música em Inglês vai aprender a falar Inglês. Mas talvez exista aí, não sei, um reforço da musculatura necessária que daí quando a gente vai estudar a língua a gente acaba tendo uma facilidade. Então fica só esse comentário como dúvida que é se a gente houve a língua sem compreender a gente aprende alguma coisa em termos de pronúncia ou não?

Researcher - Aí tu especificaste os *podcasts*, né?

Participant - É, justamente por conta dessa atividade de *podcast* eu tenho dúvida se vale a pena eu pedir para um aluno que tem pouquíssimo conhecimento, por exemplo, de ouvir um *podcast* todo, pode ser melhor pedir para eles ouvirem trechos, por exemplo.

Researcher – Uhum. Acho que seria, seria bem, eu te daria uma resposta bem melhor se eu tivesse tido algum contato com o *podcast*. Eu acredito que seja algo novo que esteja acontecendo, porque eu já ouvi falar, mas eu te confesso que eu nunca entrei em contato, eu não tive nenhuma experiência até agora, até então. Tanto é que eu gostei muito do que tu mencionaste. Mas eu acho que também é relativo como tu falastes em relação a de repente... alunos do básico, né, aprendizes que estão iniciando agora. Acho que depende muito da prática, da frequência que tu tá praticando aquilo, é, geralmente quando a gente percebe que não tá dando resultado, que os alunos estão achando chato, que eles não estão aprendendo nada, vamos dizer assim, que tu não tá conseguindo atingir o teu objetivo tu acabas indo para uma outra opção então tu não ficas parado naquilo, né. Então, é, acho que tu fizestes eu lembrar, tu mencionastes a questão de música, é, eu cheguei a comentar isso com vários alunos quando eles falam que têm dificuldade, é, em entender música, "ah eu gosto muito de uma música mas tenho dificuldade de entender, tenho dificuldade na pronúncia, não consigo" aí eu falo "sabe assim quando você não gosta de uma música", por exemplo, toda vez que eu lembro da minha adolescência isso, toda vez que eu pegava um ônibus pra ir para aula, para universidade sempre estava tocando um sertanejo que eu odiava, eu odiava! Só que era sempre, sempre aquele mesmo horário, sempre aquele, aquela música tocava no ônibus, e aí de repente, depois de duas semanas, três semanas, eu me via cantando a música que eu odiava, por que? Porque aquilo estava martelando todos os dias no meu caminho para universidade, né, então (risos). Então eu fui forçada... então acho que é isso, acho que a prática, né, mas acho que vai depender muito do professor, porque geralmente, eu pelo menos eu faço isso, quando eu percebo que não está dando certo eu pulo para uma outra atividade, né. Não sei, depende também muito do nível, às vezes dependendo do nível você não tem

opção, "não, olha gente é isso, vocês têm que fazer, faz parte das atividades que eu coloquei aqui então vocês não têm outra opção". Então, eu acho que sim, eu diria que sim, eu acho que a prática leva à perfeição, eu acho que dá para ficar martelando, martelando até eles aprenderem, até eles entenderem. Entendeu, eu só não te dou uma resposta melhor porque eu realmente preciso estar em contato essa ferramenta aí. Mas é uma pergunta bem interessante, acho que dá pra fazer uma boa pesquisa aí (risos).

Participant - Fica aí como... como é, esqueci a palavra, mas enfim como curiosidade futura (risos).

Researcher - Sugestão, né?

Participant - Mas assim, eu concordo com o que você falou, eu penso bem parecido com isso.

Researcher - Aham, eu vou parar a nossa gravação aqui, mas a gente pode continuar conversando, tá? Eu tenho algumas coisas para te explicar ainda.

Participant - Ok.

Transcrição Entrevista – T14

43:22

Researcher - É, começou a gravar, então pra evitar problemas legais avise a pessoa que ela está sendo gravada. Então você está sendo gravada, tá bem?

Participant - Tá bem.

Researcher - A primeira parte é sobre aprendizagem de segunda língua. Primeira pergunta é: quantos anos você tinha quando você começou a aprender Inglês?

Participant - Tá, é, eu comecei a aprender Inglês quando eu estava no pré (risos). Eu tinha seis anos. Mas... era, era um curso, né, assim esses cursos pra criança que tinha, minha mãe achou que seria interessante. Não sei te dizer se de fato eu aprendi naquela época, mas enfim, foi meu contato com a aprendizagem de língua estrangeira. Inglês no caso, né.

Researcher - Certo, então foi na escola, na educação infantil, né?

Participant - É, na verdade era, esse curso especificamente era um curso livre né, um curso de línguas oferecido na minha cidade, pra crianças pequenas assim, e a minha mãe me

colocou durante o meu, esse meu prime-, meu último ano no pré-escolar, né, que eu tinha seis anos.

Researcher - Certo, e você continuou os estudos, você chegou a fazer algum curso de idiomas?

Participant - Então, eu fiquei (inaudible) curso pra crianças, aí depois eu acabei não continuando, aí o meu próximo contato foi na quarta série. Aí eu tinha mais ou menos o quê, uns nove anos acho que a gente tem na quarta série, nove, dez anos. Estava na quarta série do ensino, do ensino fundamental, aí teve, tinha, aí é o Inglês oferecido pela escola né, eu estudava em escola pública, tinha o Inglês como parte do currículo, e aí eu tive Inglês até o ensino médio no currículo. Quando eu estava no segundo ano do ensino médio eu voltei a fazer curso de línguas, fiz um... enfim, participei de um curso, mas também não foi uma experiência muito interessante porque na época eu fazia Inglês junto com uma amiga, e ela tava muito mais avançada do que eu, aí a gente convenceu a professora a colocar nós duas juntas, mas eu não aproveitei muito porque eu não entendia muita da aula assim, eu não acompanhava a aula como, como deveria. Então eu fiz, no segundo ano do ensino médio, com essa minha amiga, um ano também, mas não foi muito... claro, sempre a gente aprende alguma coisa né, mas não foi muito interessante assim pra mim. O que de fato mudou o meu processo de aprender Inglês foi ter feito, a minha primeira experiência fora do Brasil, que aí me motivou a querer aprender. E aí sim eu fiz um curso e me interessei assim a aprender mesmo de fato a língua. Então foi, eu já tava, eu já tinha dezoito anos quando isso aconteceu.

Researcher - E aí foi antes de você entrar na graduação?

Participant - Foi antes de eu entrar na graduação. Uhum.

Researcher - E aí a graduação ajudou você a aprender realmente, com a fluência?

Participant - Sim, sem dúvida. Toda a experiência na graduação foi muito importante. Graduação e pós-graduação. Porque me trouxe enfim, essa oportunidade de tá vivenciando o Inglês no dia a dia, e também a questão do Inglês mais formal, mais acadêmico né, que eu não tinha tido contato ainda. Então com certeza estar na graduação ajudou muito na minha, no desenvolvimento né, da fluência, enfim, da proficiência na verdade.

Researcher - Ok, ótimo. A segunda pergunta é: o que você lembra sobre suas experiências de aprendizagem da pronúncia? E que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar a pronúncia?

Participant - Assim, provavelmente (inaudible) atividades, mas eu não me recordo delas, elas não chegaram a marcar assim ao ponto de eu me lembrar. É... eu lembro que nesse curso que

eu fiz, quando eu estava no ensino médio, no segundo ano do ensino médio, tinha algumas atividades específicas de pronúncia, que era... por exemplo assim, tanto identificar a diferença de sons, né, tipo... um falante falando, sei lá... three e tree, e daí a gente tinha que ouvir e marcar qual que era. Então eu me lembro de ter exercícios como estes no... no, no livro né, de estudos, e... também assim atividades pra gente praticar daí, né, a nossa pronúncia. Foi meu primeiro, o primeiro tipo de atividade que eu lembro assim. E... e é isso, porque (risos) mesmo na faculdade eu nunca tive assim aulas realmente que focassem no ensino de pronúncia.

Researcher - Certo.

Participant - A não ser essas, a não ser esses exemplos que eu te dei no curso que eu fazia quando, quando eu estava com dezoito anos, né. Antes ainda dos dezoito, na verdade, no segundo ano do ensino médio.

Researcher - Entendi. Você lembra se você gostava das aulas de pronúncia?

Participant - Não, lembro que não gostava (risos). Eu não, eu achava chato, eu não entendia, não... eu não gostava na época desse ti- eu não gostava do curso como um todo na verdade, porque eu não acompanhava o curso né, (inaudible) chato, eu achava difícil, eu fazia porque eu tava com a minha amiga, não era uma coisa que eu queria estar fazendo. Eu fui me motivar depois, é, a querer aprender Inglês pela, né, por perceber assim como era legal falar com outras pessoas, enfim, entender, conhecer outras culturas e tal, e aí quando eu estava motivada aí eu comecei a aprender de uma perspectiva mais comunicativa. Então... né, tipo, essa maneira de trabalhar ela nunca me interessou. Não me cativava.

Researcher - Tá. Certo, entendi. A terceira pergunta é: você acha que sua formação como estudante de línguas teve alguma influência na maneira como você ensina pronúncia hoje? Mas a pergunta é, você ensina pronúncia, você chega a detalhar alguma coisa de pronúncia?

Participant - Então, atualmente eu não ensino pronúncia, né, eu tô, atualmente eu tô trabalhando com, com, na Universidade Federal de XXX, trabalho com as disciplinas de Estágio e de... e de Metodologia de Ensino então a gente não trabalha com a língua propriamente dito, né. É claro que muitas vezes o que acontece é que a gente tem estagiários, né, que enfim né, os alunos às vezes vão ter, pronunciar alguma palavra errado, errado né (risos), pronunciar uma palavra de uma maneira que não... que não, que não é apropriada pra aquele contexto, enfim. É, não só pronúncia, mas também outras questões que têm a ver com o processo de desenvolvimento de língua, e aí quando acontece esse tipo de coisa, dependendo da situação eu tento chamar atenção de alguma forma. Pra te dar um exemplo,

esses dias tinha dois estagiários meus dando aula, é... no ensino médio, né. Estagiários do curso de Letras Inglês aqui da XXX, e aí um deles tava conversando com os alunos e pronunciou uma palavra. É... e agora lembrar qual é a palavra. É... não lembro agora qual era a palavra, mas enfim, pronunciou a palavra de uma maneira que não era a pronúncia correta pra aquele contexto, e aí, e aí o que é que eu fiz né, durante a aula eu, eu re, ah, rephrase (risos) a fala dele, participando da aula, que eu tava participando da aula junto né, então eu falei "ah, fulano, que legal! Você não sei o que não sei o quê", e aí eu repeti a palavra da maneira correta. E aí depois ficou por isso, a gente conversou ali, e os alunos, e depois ele veio, na reunião ele veio dizer "ai, profe, eu vi que tu, que tu falou a palavra ali e me chamou atenção, é essa a pronúncia?". Então assim, esse tipo de coisa acontece às vezes, né. Mas assim, o meu foco não é ensinar pronúncia. Atualmente, né. Já trabalhei com, com... com ensino de Inglês por muitos anos né. E aí durante esse processo quando eu trabalhei com o ensino de Inglês, aí eu trabalhava com algumas, alguns exercícios às vezes, focados no desenvolvimento de pronúncia. Mas agora-

Researcher - Pegando essa situação que você mencionou, por exemplo. A forma que você ajudou o aluno, colocou uma outra frase no contexto pra ele pronunciar a palavra de forma correta, você acha que foi um exemplo que pode ser considerado uma influência da época que você era aluna de Inglês? Foi algo que você viu em alguma situação enquanto você era aluna e você pegou isso como professora pra ensinar?

Participant - Eu acho que sim, que tem, assim, sem dúvida tem a ver com a minha formação tanto pelas leituras, né, que eu fui exposta enfim, durante minha graduação, pensando numa perspectiva, assim, mais pensando na questão assim de, de teorias relacionadas a *feedback*, né, a como dar *feedback* pro aluno, essa oportunidade de você tá *recasting*, enfim. E também exemplos, sim, me lembro de ver, de ter professores durante as aulas fazendo esse tipo de movimento, né. Então com certeza eu acredito que existe sim uma influência, é, da minha formação nessa minha maneira de tentar lidar com esse tipo de situação.

Researcher - Sim, sim. É quase impossível não ter uma influência ou outra, né!?

Participant - É, com certeza, nós somos parte dos professores que a gente, que somos, tem a ver com os professores que tivemos, né? Com certeza.

Researcher - Tá, aí vamos pra outra parte agora. Formação de professores. Como e por que você se tornou professora de Inglês?

Participant - Eu sempre me interessei por, pela profissão né, de dar aulas, independente do quê. Eu achava por um bom tempo que eu ia querer sempre dar aula de Português, porque eu

sempre gostei muito de línguas, assim. Mas aí eu escrevia muito, então eu tinha interesse, gostava de escrever e ainda gosto, e tinha interesse de escrever como profissão e aí eu acabei tentando Jornalismo por muito tempo. Como curso né, na faculdade como profissão pra seguir. Desisti do ensino de Português depois. Só que eu não consegui passar no vestibular, nenhuma das vezes que eu tentei Jornalismo. E aí, pela frustração que eu tava vivendo, de eu não passar no vestibular tentar pela terceira vez e não conseguir, aí eu decidi morar fora um tempo, fazer um intercâmbio, morar fora e viver uma experiência diferente. E aí morando fora eu me reconectei, eu tive oportunidade de dar aula de Português enquanto eu tava fora, e também de vivenciar a língua Inglesa né, morei nos Estados Unidos por um ano. E aí ali eu me reconectei com essa vontade que eu sempre tive de dar aulas, e achei que no caso seria mais interessante dar aula de Inglês do que de Português quando eu voltei desse intercâmbio. Aí eu tentei vestibular de novo, e, e... passei pro curso de Letras, né. Então... é, foi mais ou menos assim um processo de, de (risos) diferentes escolhas que foram me guiando, acabaram me guiando pra essa.

Researcher - Certo. E você, o seu primeiro trabalho como professora de Inglês foi na XXX? Foi em curso de idiomas?

Participant - O meu primeiro trabalho na verdade foi substituindo uma professora da escola básica, no ensino fundamental na minha cidade natal. Ela... ela tava com a mão doente, enfim, e aí eu tinha acabado de voltar do intercâmbio, e tava ainda prestando, me preparando pra prestar o vestibular, e ela precisou, tava com a mãe doente, precisou de alguém pra substituir e me chamou. E aí eu fui dar aula pra ela por alguns meses nessa escola. Mas assim, foi, era uma coisa bastante... direcionada por ela, né, eu basicamente botava em prática os planejamentos que ela tinha feito, não tomava nenhuma decisão, assim, eu realmente estava só substituindo ela. E aí, vindo pra XXX pra fazer, pra cursar Letras que eu comecei a trabalhar numa escola de idiomas, e aí iniciei esse processo, trabalhei por dois anos numa escola de idiomas, aí saí da escola de idiomas pra entrar no Extracurricular da universidade aqui, da XXX, fiquei no Extracurricular por um tempo, é... aí entrei no mestrado, e quando eu entrei no mestrado eu tive algumas experiências com estágio de docência. Né, e, também alunos particulares pra complementar a renda, ensino a distância também, trabalhei com EAD, e aí, por exemplo né, ensinando Inglês no curso de Letras do EAD, ou outras matérias, enfim. E aí, é... depois quando eu estava no doutorado eu prestei, prestei, é... seletivo pra ser professora substituta do Colégio XXX. E aí lá eu trabalhei por dois anos. Saí do Extracurricular, trabalhei por dois anos lá. E... depois finalizei o doutorado, quando eu voltei

do meu doutorado sanduíche que daí eu prestei concurso pra professora efetiva do estado, né, do ensino básico. E aí trabalhei um ano no estado antes de entrar na XXX, como professora do Departamento de Metodologia de Ensino.

Researcher - Certo. A segunda pergunta: você considera que sua formação educacional preparou bem para ser professora de línguas? Explique.

Participant - Sim, considero que a minha formação com certeza me deu bastante... bagagem, bastante conhecimento. Uma perspectiva crítica pra que eu pudesse trabalhar com línguas estrangeiras. Ou no caso agora, preparar professores pra esse, pra essa profissão.

Researcher - Certo. Hmm. Terceira pergunta: que métodos e materiais, se houver, você usa para ensinar a pronúncia? Bom, você não tá ensinando pronúncia agora, mas quando acontece, ou quando acontecia de você chegar a falar algo sobre a pronúncia, você usava algum tipo de material, você tinha algum método específico?

Participant - É, eu sempre nas minhas experiências enquanto professora de línguas, onde eu podia tomar as decisões de maneira mais autônoma, né, porque num curso de línguas por exemplo você segue muito... você segue muito a... a (risos) o que é esperado, né, o método, enfim da escola. Mas nas aulas particulares ou até mesmo no Extra curricular muitas vezes, no estado, enfim, nas situações onde eu pude tomar decisões de forma mais autônoma, eu sempre tentei trabalhar a pronúncia de uma perspectiva mais comunicativa, assim. Buscando contextualizar, fazendo que ela fizesse sentido naquele contexto, tendo uma perspectiva crítica, né, que fizesse com que os alunos percebessem que... que a pronúncia ela tem muito a ver com uma questão cultural também, tem muito a ver, existem diferentes formas de pronunciar uma mesma palavra, a questão da inteligibilidade né, de você ser compreendido. Ser mais, (ser) importante né, e não talvez assim uma pronúncia ideal nativa que na verdade não existe, né? Então sempre partindo dessa perspectiva, assim. Eu confesso que a maioria assim, noventa por cento das atividades que eu fiz que envolviam pronúncia, elas tinham muito mais a ver com... com as necessidades que iam surgindo dos alunos doq eu de fato eu direcionar, "vamos hoje trabalhar pronúncia, vamos agora trabalhar pronúncia". Muitas vezes o que acontecia é que através, por causa de uma atividade, ou por exemplo, né, estávamos trabalhando contar histórias. E aí a gente, nisso a gente discutiu várias questões, aí aprende um pouco do passado e aí eu percebo que os alunos estão com dificuldade de pronunciar o -ed no final dos verbos regulares. Aí, às vezes eu chamava atenção né, "ó gente, vamo vê a diferença aqui, por quê que é importante", através de exemplos, contextualizava. Então normalmente assim, a maioria das vezes que a pronúncia aparecia nas minhas aulas tinha a

ver com as necessidades dos alunos, esse con-.... de uma perspectiva contextualizada sempre. É... teve um, uma experiência que foi bem diferenciada, que e deu um... eu fui convidada pra dar uma matéria pra um curso de línguas na Universidade... na XXX, que é uma universidade ali, particular ali da minha região. E era um curso que era aqueles cursos de fim de semana, onde as pessoas elas estudam sexta e sábado. Sexta à noite e sábado o dia todo. E elas fazem em módulos, as disciplinas não são toda semana é a mesma disciplina né, fazem um módulo, aí termina uma disciplina começa a outra. E era um curso de Letras Português e Inglês, e esses professores manifestaram dificuldade com pronúncia, e estrutura especificamente, e aí a direção me convidou pra trabalhar, durante dois fins de semana, pronúncia e estrutura. Aí dessa vez eu fiz um curso todo pensado no ensino de pronúncia especificamente. Ainda assim buscando trabalhar com questões, de uma perspectiva mais contextualizada, assim né, pronúncia dentro de um contexto, mas alguns exercícios eram mais auto-, mais mecânicos nesse momento assim, de ensinar, de perceber a diferença de pronúncia entre uma palavra e outra. Tentando focar muito nas necessidades que eles tavam apresentando naquela, naquele momento. Essa foi a minha única experiência assim onde eu... foquei em ensinar pronúncia por, por várias horas, por muito tempo assim, sabe?

Researcher – Certo... Agora sobre a parte, do seu histórico de formação de professores de Inglês. Você chegou a fazer algum teachers' training?

Participant - Na minha vida, tu diz? (risos)

Researcher - Sim (risos). É que geralmente pra curso de idiomas tem um teachers' training.

Participant - Isso, então, isso que eu ia dizer, quando estava, quando entrei no curso de idiomas que eu trabalhei sim, aí teve um treinamento específico pro método do curso, né.

Researcher - Certo. E aí nesse treinamento, os professores incentivavam vocês a abordar pronúncia de alguma forma específica?

Participant - Ah... às vezes algumas unidades do livro didático nesse curso tinham atividades de pronúncia. Bem direcionadas, assim. Era um ensino mais mecânico nesse sentido, né. Nesses exemplos que eu lembro, assim. Era aquela coisa assim de ouvir e repetir a palavra da maneira que tá sendo pronunciada.

Researcher - Entendi.

Participant - Mas o incentivo que tinha nesse método era muito assim, ah, ouvir... se o aluno falar alguma pronúncia errada é pra corrigir, ou é pra, né, pontuar, mostrar como é que pronuncia certo. Mas nesse sentido assim. Era um método bastante de repetição, né, o aluno ele tinha que repetir várias vezes o que ele ouvia.

Researcher - Sim, sim. Ok, a segunda pergunta é: qual aspecto do curso você achou mais memorável? Tem algo assim que te marcou?

Participant - Ah, eu lembro de uma vez que me chamou atenção, eu observando um professor dando aula num curso, nesse curso de idiomas que eu fui professora por dois anos, durante o meu processo de treinamento, no início, parte do processo de treinamento era observar professores né, dando as aulas que a gente teria que dar depois. E eu me lembro de um professor específico do curso dando aula e ensinando a pronunciar, eu acho que era o... eu acho que era o -ed no final de verbos, e aí, é era o -ed. Ele pedia pra colocar a mão na garganta. E aí ele dizia "ah, se a gente tiver pronunciando o /d/, que é voiced, aí você vai sentir mexer, vibrar, mas se tu tiver pronunciando /t/ que é voiceless, daí você não vai sentir vibrar". E aí ele ficava pedindo pra, pros alunos repetir aquelas palavras né, o -ed no final daqueles verbos e... se eles pronunciassem com um som mais parecido com o /d/ aí vibrava e não, então eu me lembro de, me marcar esse, esse... essa maneira dele ensinar que eu nunca tinha visto antes. Talvez era isso que você tava perguntando? (risos)

Researcher - Tá, ok. Aí, terceira pergunta: você lembra de alguma atividade ou técnica em particular que achou útil para ensinar pronúncia?

Participant - Ela me parece útil sim, aham, eu já usei em outras aulas. Só que é, ela me parece útil dependendo da necessidade né, porque por exemplo, eu me lembro de trabalhar, como eu te dei o exemplo antes né, de trabalhar pronúncia de verbos regulares com alunos no ensino médio, na escola básica, e naquele momento específico eu não tava (inaudible) tanto em que eles, assim ó, eu até fiz essa, esse, eu mostrei pra eles essa diferença, tal, a gente fez essa técnicazinha da garganta mas assim, o meu objetivo naquele momento não era que eles pronunciassem o /t/ ou o /d/ de maneira perfeita. Era mais garantir que teria algum tipo de inteligibilidade ali, eles não iam pronunciar o -ed, porque o brasileiro muitas vezes tem essa questão e isso tava acontecendo na sala de aula, foi isso que eu identifiquei de, de... de pronunciar o -ed né, no final de verbos regulares então I worked, I wanted, né? E aí eu queria, meu foco naquele momento era que eles conseguissem evitar a pronúncia do /e/ e focar numa pronúncia mais... é... mais contida da vo/, da consoante, né. Então assim, o que que eu tô querendo dizer com isso, é que quando eu observei esse professor, a técnica em si ela é interessante pra chamar atenção. Me parece, npe, chama atenção, mostra "olha gente, tem uma diferença é... não é, não vai pronunciar a vogal e tal". Pra que o aluno fique consciente, ele esteja aware. Mas eu acho que depende muito daí do quanto você vai insistir nisso do teu objetivo né, em por exemplo nesse caso meu objetivo não era que eles pronunciassem

perfeitamente "ah, agora aqui é /d/, agora aqui é /t/, agora aqui é /ed/". Era mais que eles conseguissem pronunciar as palavras e serem compreendidos, então se eles falassem worked ou worked tava tudo bem (risos).

Researcher - Certo.

Participant - Né, contanto que não falassem o -ed, porque o -ed seria mais difícil de ser compreendido provavelmente, numa situação né, conversando com alguém que não fala Português. Então enfim, era mais, eu acho que muito, depende muito disso assim, dessa... eu acho que essas técnicas, elas são úteis sim, porque elas ajudam muito nesse processo de você estar aware né, dessas diferenças. Mas muitas vezes dependendo do objetivo do professor, eu acho que não adianta você ficar perdendo muito tempo naquilo ali sendo que tem outras coisas que naquele momento são mais interessantes pras necessidades dos alunos, né.

Researcher - Certo, acaba sendo desnecessário, né.

Participant - É, assim, é só pensando assim que tipo, pra não ficar aquele, aquele overwhelming, né, tipo aquele momento assim onde você tem muita coisa pra prestar atenção. E aí o aluno ele tá ainda tentando formar por exemplo, nesse exemplo eles tavam tentando contar histórias em Inglês, né. Então se ele conseguisse contar uma história em Inglês, é... tudo bem se ele pronunciasse o final do verbo com /t/ ou com /d/, contanto que ele conseguisse contar a história em Inglês, né. Então assim, tem muito, ele tava tentando, o foco dele tava direcionado na construção da mensagem né. Então a pronúncia naquele momento era importante pra mim no sentido de que ele conseguisse se fazer entender. Muito mais do que a pronúncia fosse... é, vamos dizer assim, dentro de um standard, né.

Researcher - Sim, sim, entendi. Perfeito, XXX Ah, a quarta pergunta: quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do Inglês?

Participant - Mais ou menos (risos). Eu assim, tenho algumas leituras, né, algum tipo de conhecimento por causa dos cursos, que daí a gente acaba aprendendo às vezes a ensinar né. Mas assim, nunca me aprofundei no ensino de pronúncia. Ou na questão assim do, até da, enquanto aprendiz, né. Nesse conhecimento profundo de pronúncia.

Researcher - Certo. Então se você tivesse uma oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia, você faria?

Participant - Faria. Faria, acho que é interessante, né, sempre há algo pra gente tá desenvolvendo, com certeza.

Researcher - Certo. Sexta: existe algo mais que você gostaria de entender melhor, aprimorar sobre a pronúncia do Inglês?

Participant - Hmm... nada em específico.

Researcher - Certo. Agora vamos pra última parte, que é sobre reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia.

Participant - Tá bem.

Researcher - O quanto você gosta de ensinar pronúncia? Quando você chega a explicar algo sobre a pronúncia, você gosta de ensinar?

Participant - Sim (risos). Gosto, assim, eu gosto de ensinar Inglês, então isso dentro do ensino de Inglês também faz parte, gosto.

Researcher - Certo. Segunda: você se sente confiante para ensinar pronúncia?

Participant - Dentro do meu contexto, sim, dos meus contextos de ensino, né. Mas eu nunca me aventuraria a por exemplo ministrar uma disciplina de pronúncia no curso de Letras sem antes né, fazer um, é, buscar maior, mais leitura, mais conhecimento nesse, nessa área assim.

Researcher - Certo.

Participant - Mas dentro do contexto que eu tô inserida sim, me sinto confiante.

Researcher - Terceira pergunta: o seu ensino de pronúncia é baseado em algum método ou abordagem específica? Em caso afirmativo, como você aprendeu a ensinar dessa forma?

Participant - É, normalmente (meu) ensino de pronúncia é dentro de uma perspectiva comunicativa e crítica, posso dizer assim (risos).

Researcher - Certo. Entendi. Quarta pergunta: que aspectos da pronúncia você mais enfatiza em seu ensino? Por quê?

Participant - o foco é a inteligibilidade, é, né, se fazer entender.

Researcher - Sim.

Participant - Dentro de um contexto, dentro, é numa situação comunicativa, geralmente esse é o maior foco.

Researcher - Ok. Certo. Quinta pergunta: em sua opinião, o quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Eu acho que isso é uma questão dependente do contexto mesmo, né, se eu tô ensinando professores de Inglês é uma coisa, se eu tô ensinando... alunos do ensino básico que tem... enfim, tudo, tudo vai depender de uma análise de necessidades, mesmo alunos do ensino básico, dependendo de quem são esses alunos, dos seus interesses, das suas realidades enfim, também pode ser muito interessante focar por mais ou menos tempo na pronúncia. Então eu acho que não existe uma resposta pronta pra essa pergunta, eu acho que ela é muito dependente do contexto, do momento, de quem são os alunos.

Researcher - Certo. Quais são as maiores dificuldades dos seus alunos na aprendizagem da pronúncia? Como você lida com essas dificuldades?

Participant - Eu não sei te dizer porque como eu te falei, nesse momento eu não ensino pronúncia, né. É... nas minhas experiências que eu já tive, as grandes dificuldades dos... é que foram experiências diferentes, mas vamos falar da última, no ensino fundamental e médio. A diferença, as dificuldades que meus alunos tinham naquele, naquele contexto em relação à pronúncia, era muito relacionada mesmo ao tanto identificar os diferentes sons, né, e conseguir se fazer entender é... na língua, né. Então... enfim, conseguir, conseguir utilizar certas palavras e pronunciar de forma a se fazer entender. Ah... um exemplo específico que eu lembro bastante, que era muito difícil tanto de identificar quanto de reproduzir, era o TH. É o som do TH, tanto do mais parecido com /d/ quanto mais parecido com /f/ né. Tanto pra falar they quanto pra falar thank you. Então era, tinha um pouco dessa dificuldade às vezes de perceber essas diferenças, identificar. Tanto identificar o som quanto conseguir reproduzi-lo.

Researcher - Certo, e como é que você lidava com essas dificuldades? Então quando você percebia que o aluno tinha essa dificuldade, você parava, explicava a diferença?

Participant - Tudo, tudo tinha a ver com o objetivo, né, que eu tinha, tinha a ver com então, de novo né, dependendo do objetivo da atividade, do que a gente estava fazendo no momento. E também muitas vezes... muitas vezes dependendo de, de... se era uma questão da turma toda ou de quase, da maioria da turma. Aconteceu já de eu parar a aula e né, decidir focar naquilo ali especificamente pra ajudar nesse processo. Mas também às vezes é uma coisa mais pontual, uma atividade oral que eles, sei lá, um áudio de *Whatsapp* que eles tinham que me mandar como parte de uma tarefa. E aí eu percebia que tinha algumas questões de pronúncia que os alunos podiam melhorar, eu indicava, falava "ó, essa palavra aqui na verdade tem outras formas que são mais, faz mais sentido a gente pronunciar", aí indicava sites pra que eles ouvissem a pronúncia, tentassem perceber se existia diferença, e depois conversava, ver como é que eles, se eles conseguiram ver, tal. Então às vezes de uma maneira mais individual acontecia nesses momentos, assim.

Researcher - Certo. Por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender, pra pronunciar as vogais inglesas?

Participant - Ah, eu acho que eu não tenho uma resposta pronta de novo, né, depende muito do contexto, de quem são esses alunos, é... o que acontecia muito com os meus alunos na, no estado era muitas vezes confundir, né, com o Português, é... muitas vezes por falta de insumo, de exposição, tinham, muitos deles não costumavam ter acesso à língua Inglesa no seu dia-a-

dia, no sentido oral né, de ouvir Inglês, não ouviam música, séries, filmes. Sempre, quando tinham acesso a esse tipo de mídia era sempre... dublado enfim, então acabava que não tinha muito insumo, aí confundia quando via escrito no, né, a palavra escrita confundia com a pronúncia no Português. Porque afinal é a mesma letra e às vezes até confunde mesmo né (risos). Pronunciar o, sei lá, a letra E que na verdade tem som de I aí tu fica "como assim?" (risos). Então...

Researcher - Sim, sim.

Participant - Eu acho que tinha a ver sim com a língua materna, tinha a ver com a questão do insu-, da exposição ao insumo. É... é. Mais ou menos isso.

Researcher - É. Certo, e você está ciente das diferenças nas qualidades das vogais? Por exemplo, você consegue entender bem a diferença entre o *bed* de cama e o *bad* de mau?

Participant - Você quer dizer na, na questão de compreensão oral?

Researcher - É, de compreender isso e conseguir passar pros alunos. A diferença.

Participant - É, sim. Nas experiências que eu tive, eu já trabalhei com isso, é... né, posso dizer que sim. Mas de novo, sempre com, dentro de um contexto, então o contexto também me ajudava muito nesse processo, né. Enfim (risos).

Researcher - Sim, sim. Como você normalmente dá *feedback* aos alunos sobre a pronúncia deles?

Participant - É, depende né, do meu objetivo, depende do contexto. Que eu acho que os exemplos que eu trouxe antes são dois exemplos de como, como isso aconteceu já é... né, enfim, nos diferentes contextos de ensino, assim. Muitas vezes eu vou... de uma maneira mais imediata, eu vou repetir a palavra, e aí ver se o aluno vai *notice*. Ou às vezes, se é, se eu consigo retomar aquilo que o aluno falou, por exemplo numa atividade oral, aí eu posso sinalizar, indicar que ouça sites, isso já aconteceu também, que ouça né, a palavra, através de sites, enfim. Ah... é...deixa eu pensar. Às vezes se eu percebo que é uma coisa que tem a ver com o processo de desenvolvimento de uma atividade que a gente tá fazendo, e é uma coisa que se repete com bastante gente da turma, eu posso, já aconteceu de eu parar a aula e... e chamar a atenção deles pra essas questões. Então depende assim, né, diferentes formas de dar esse retorno de acordo com o objetivo mesmo, né, do ensino naquele momento, quais necessidades desses alunos. Enfim.

Researcher - Certo. Essa última, XXX, é se você tem alguma ideia, algum comentário que você gostaria de mencionar relacionado ao ensino e/ou a aprendizagem da pronúncia, algo

que você considera relevante e que a gente não chegou a conversar sobre algo que não foi perguntado. Teria algo que você acrescentaria, acharia importante?

Participant - Não lembro, não consigo pensar em nada assim que eu acho que seria necessário de acrescentar.

Researcher - Tá bom. Tá ótimo. Então eu vou terminar a gravação aqui.

Transcrição Entrevista – T16

35:05

Researcher - Então vamos lá. Primeira parte é sobre aprendizagem de segunda língua.

Participant - Uhum.

Researcher - Primeira pergunta: quantos anos você tinha quando começou a aprender Inglês?

Participant - Eu tinha dezessete anos.

Researcher - Certo. Você tava em curso de idiomas?

Participant - Eu aprendi Inglês na faculdade de Letras Inglês, onde eu estudei e me formei. Foi lá que eu aprendi.

Researcher - Certo, tá. É, segunda pergunta: o que você lembra sobre suas experiências de aprendizagem da pronúncia? Então letra a) que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar a pronúncia?

Participant - Uhum, então, enquanto estudante de Letras nós tínhamos disciplinas, quatro disciplinas de fonética e fonologia, e nós fazíamos gravações, leituras, provas orais. Estudávamos os símbolos, escutávamos muitas fitas K7, na época, né, não tinha... tinha, acho que já tinha CD só que o material que a professora tinha é, a maioria era em fita K7 então nós também copiávamos os áudios dela pra praticar em casa. E... basicamente isso, na universidade que eu estudei na verdade a gente teve sorte porque tinha um laboratório de fonética e fonologia. O que na época era muito, muita tecnologia. Pra 2004, que foi quando eu comecei, que cada aluno tinha uma TV, poderia visualizar o texto ou os sons a serem pronunciados, poderia escutar um modelo, no caso, e depois gravar o seu e a professora conseguia escutar de cada aluno separadamente. O áudio produzido, de cada aluno (inaudible)

Researcher - Certo.

Participant - Uhum.

Researcher - Letra b) você lembra se você gostava dessas aulas de pronúncia?

Participant - Se eu gostava? Cortou um pouquinho o áudio, a pergunta é se eu gostava?

Researcher - É, se você gostava dessas aulas de pronúncia.

Participant - Eu gostava. Uhum, eu gostava. Mas é que na verdade eu gostava de todas (risos). Assim, eu... de todas as-

Researcher - Uma boa aluna.

Participant - É, eu sempre fui bastante dedicada e eu gostava de todas, assim, então eu participava, fazia todas as atividades, as práticas. Tarefa de casa. As práticas de sala de aula. Que eu gostava. E na época era ótimo por causa do laboratório especializado que nós tínhamos.

Researcher - Certo. Tá ótimo. Terceira pergunta: você acha que sua formação como estudante de línguas teve alguma influência na maneira como você ensina pronúncia hoje? A pergunta é, você ensina pronúncia?

Participant - Sim. A gente, eu trabalho com ensino de pronúncia, e a minha formação teve um papel importante sim, porque... ah... me deu a base pra saber selecionar o que, o que trabalhar em sala de aula com os alunos. Dentro dos outros conteúdos que a gente trabalha né, porque a gente não, não trabalha só fonética e fonologia né, é uma parte dos outros conteúdos. Então foi, me deu a base, digamos assim, pra eu saber onde buscar material, que sons selecionar, que sons os meus alunos precisam... focar mais.

Researcher - Certo. Tá ótimo. Agora vamos pra outra parte, que é sobre formação de professores. Como e por que você se tornou professora de Inglês?

Participant - Eu, quando eu escolhi foi porque eu queria muito aprender Inglês. Então quando eu tive a oportunidade, que foi quando eu passei pra entrar na faculdade eu fiz a escolha do curso de Letras Inglês, por causa do Inglês, eu queria saber falar Inglês. Eu não pensava tanto na parte de ser professora. Mas acabei me dando bem porque depois foi uma profissão que eu me identifiquei e gosto muito até hoje, sempre trabalhei na área no caso, né, depois que entrei na faculdade, comecei a trabalhar mesmo estando na faculdade no segundo semestre, já comecei trabalhar, me identifiquei bastante. Mas o motivo principal no início foi porque eu queria aprender Inglês.

Researcher - Certo. Segunda pergunta: você considera que sua formação educacional a preparou bem para ser professora de Inglês? Explique.

Participant - Aham, sim. Eu considero que sim, eu tive uma preparação muito completa e muito boa nesse sentido. Inclusive quando eu entrei no curso de Letras Inglês era a primeira vez que tinham separado do Português, porque antes era licenciatura dupla, Inglês-Português. Então eu fui a primeira turma da universidade onde eu estudei a ter a licenciatura apenas em Inglês, né. E... os professores tinham uma grade curricular de disciplinas obrigatórias, mas ao longo do curso a gente foi muito entrevistado e eles iam notando o que que a gente precisava e daí eles ofertavam disciplinas eletivas, opcionais no caso, as quais a gente poderia fazer pra complementar a nossa formação. Porque eles ainda estavam construindo o currículo do curso, no caso. Então foi um esforço muito grande da parte deles, e acredito que hoje o currículo esteja... mais adaptado, porque eles estavam aprendendo com a nossa turma, no caso. Mas sim, eu posso dizer que foi uma formação muito completa, abrangente.

Researcher - Que bom, aí deu certo, né?

Participant - Aham, deu certo.

Researcher - Ok. Terceira pergunta: que métodos e materiais, se houver, você usa para ensinar pronúncia? Você usa algum tipo de material, ou método?

Participant - Aham. Depende do som que a gente vai trabalhar. Né. Por exemplo o -ed no final da... dos verbos no passado, ou no final de adjetivos, por exemplo, ou outras palavras. A gente costuma usar imagens com tabelinhas, de grupos de palavras pra pronunciar elas todas com o mesmo som. Agrupando os diferentes sons do-ed, por exemplo. Agora tem outras que não precisa, tipo -ing no final, a gente faz bastante repetição com os, com as palavras está utilizando dentro de um contexto, sempre. Então depende do som eu diria, mas a gente pode colocar que imagens com tabelinhas, organizando os sons é o mais utilizado. Então a gente tem outras técnicas, não sei é na outra, nessa pergunta que eu respondo, mas eu posso falar, qualquer coisa depois eu digo que já foi respondido, né?

Researcher - Isso, isso.

Participant - Que é, ah.... ah, escrever no quadro entre *slashes*, barras, né. A gente coloca no quadro também a pronúncia de algumas palavras, sempre as palavras dentro de um contexto maior, dentro do tópico que a gente tá trabalhando, nosso currículo é organizado em tópicos. Então se a gente tá falando sobre o lugar onde a gente mora, a gente vai analisar a pronúncia de algumas palavras dentro desse, desse tópico da unidade. E a gente faz anotações no quadro, e eu sempre destaco pros meus alunos que quando a gente anota as palavras entre colchetes, eu recém falei, é... barra. Entre barras é sempre a pronúncia que a gente está

notando, né. Tem algumas que a gente precisa escrever da forma como se fosse em Português, e tem outras que eu uso o símbolo fonético mesmo, porque eles já tão mais acostumados daí visualizar alguns sons mais chaves que a gente precisa pronunciar. A gente usa símbolos também.

Researcher - Sim, sim.

Participant - E bastante repetição. Em sala de aula. Ou joguinhos, vídeos com joguinho de rima assim, que fica difícil de pronunciar, mas ajuda eles a memorizar os sons também.

Researcher - Tá, vamos pra outra parte. Sobre seu histórico de formação de professor de Inglês. Ah... primeira pergunta: os professores incentivavam os alunos a abordar a pronúncia de alguma forma específica, de alguma forma particular? Você chegou a ter uma espécie de treinamento pra professor, um *teacher's training*, alguma coisa assim?

Participant - Tu diz na faculdade?

Researcher – Eu, por exemplo, estudei em curso de idiomas. Quando concluí os dez níveis, tive a oportunidade de fazer um *teacher's training*...

Participant - Sim, sim

Researcher – Esse curso levou um ano...

Participant - Só um segundo por favor, tá?

Researcher - Tá bom.

Participant - Desculpa, já voltei. Está me ouvindo?

Researcher - Tô, sim, sim.

Participant - Tá, então na faculdade eu posso dizer que... eu só tinha as disciplinas normais né, mas depois que eu terminei a faculdade eu fiz *teacher's training*, fiz dois *course*, dois cursos fora do país, que eram especificamente de *teacher training* mesmo. É... num deles era mais geral, e a gente poderia ter a disciplina de pronúncia, mas, *phonetics* e *pronunciation*, mas eu escolhi outra. Outra na... quando era pra escolher né, a gente tinha as disciplinas gerais, sobre de ensino de Inglês, e depois as que eram de... escolher eu acabei optando por *business English*. Não *phonetics and phonology* or, acho que era *phonetics and pronunciation* or *English pronunciation*, o nome não lembro. E depois eu fiz outro *teacher training*, ah, no qual nós trabalhávamos bastante com projetos, então teve grupos que focaram nessa área, mas eu... o meu tópico, do meu grupo no caso, era outro. A gente colaborava, todo mundo se apresentou, os trabalhos, a gente assistiu a apresentação sobre a parte de pronúncia, mas não era o foco do meu grupo então eu acabei não trabalhando tanto essa parte nesses cursos de *teacher's training* que eu fiz.

Researcher - Tá, entendi. Tá ótimo. A segunda pergunta: Qual aspecto do curso você achou mais memorável?

Participant - Ah tá. Eu acho que o que mais, o que mais impactou é que... todos eles eram, os cursos né, eram bastante focados em projetos, ou seja, nós formamos grupos e cada grupo trabalhava mais especificamente, desenvolveu seus estudos mais detalhadamente sobre um aspecto específico da área do ensino de Inglês. E... eu acho, eu gostei bastante, me marcou bastante, tanto que hoje em dia eu faço bastante projetos com os meus alunos, ou seja, a gente tem um tópico e eles que fazem todo o trabalho, eu só guio, faço a mediação. Então acho que eu trouxe bastante desses *teacher's training* pra o trabalho que eu desenvolvo hoje.

Researcher - Tá, legal, pegou como uma inspiração, né?

Participant - Aham, sim.

Researcher - Tá. Terceira pergunta: você se lembra de alguma atividade ou técnica em particular que achou útil para ensinar pronúncia? Especificamente sobre pronúncia, teve algo que você achou útil?

Participant - Não, acho que, não que eu não achei útil, mas eu acho que só as que eu te falei foi basicamente o que eu vivi assim, na faculdade, nesses cursos.

Researcher - Tá. Certo.

Participant - Foi mais ou menos a mesma coisa.

Researcher - Tá. Entendi, a que você mencionou, né?

Participant - É. Os recursos utilizados, as técnicas.

Researcher - Isso. Tá. Quarta pergunta: quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do Inglês?

Participant - Eu diria médio então, eu não me considero uma *expert*, mas eu sei lidar com o que eu preciso em sala de aula. Eu sei reconhecer os sons que os alunos falantes de Português precisam trabalhar. Então eu acabei concentrando mais nisso. Então eu eu diria que médio.

Researcher - Aham. Certo, ok. Quinta pergunta: se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia hoje, você faria?

Participant - Eu faria. Tem algumas questões que tem que pesar sempre como tempo né, mas eu sou bem interessada em sempre aprender mais, atualizar... rever. Então sim, com certeza.

Researcher - Tá, ok. Sexta pergunta: existe algo mais que você gostaria de entender melhor/aprimorar sobre a pronúncia do Inglês? Algum som que você acha que você deveria aprofundar mais, algum som que você gostaria de, de como ensinar pro aluno, ou alguma coisa assim.

Participant - O que eu acho assim pra mim, como professora que eu tenho interesse e sempre procuro fazer é me expor a diferentes pronúncias de um Inglês internacional digamos de vários países, não só de um único. Então eu sempre procuro. E Inglês Australiano, por exemplo.

Researcher - Muito difícil.

Participant - É, um Inglês assim, por outros falantes, de várias nacionalidades, sabe?

Researcher - Sim.

Participant - Eu sempre procuro me expor quando possível pra eu aprender, e a mesma coisa eu faço com os meus alunos. Eu procuro atividades de áudio, vídeo. Ou quando eu lembro, eu sei a... sei das várias pronúncias de uma mesma palavra, eu tento dar o exemplo pra eles e falo "olha, em tal lugar eu já escutei assim de um Indiano", né, então eu tento dar exemplos da mesma palavra, com diferentes pronúncias que eu conheço, que eu tenho a habilidade e consigo afirmar pra eles que pode, que eles podem ouvir dessa forma e está certo também.

Researcher - Uhum.

Participant - E me expor também, pra eu também me desenvolver e aprender nesse sentido.

Researcher - Tá, legal. Perfeito. Agora vamos pra última parte, que é sobre reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia. Primeira pergunta é: o quanto você gosta de ensinar pronúncia? Você gosta de ensinar pronúncia?

Participant - Eu gosto (risos), a gente se diverte às vezes. Os alunos gostam e se divertem também tentando... imitar ou reproduzir os sons, né. Eles trazem muitas dúvidas também, pois as vezes a gente fala uma palavra de um jeito e eles dizem "ai professora eu escutei desse outro jeito, será que tá certo?", e daí a gente faz toda uma discussão acerca disso né. É divertido.

Researcher - Certo.

Participant - Eu digo da forma como a gente trabalha, sabe? Tipo a gente não, a gente tem duas horas de aula por semana, não é duas horas só com isso (risos), é no meio de uma outra atividade, senão poderia ficar cansativo. Mas os momentos que a gente tem geralmente são divertidos.

Researcher - Ok, a segunda pergunta: você se sente confiante para ensinar pronúncia?

Participant - Sim, aham. Mas eu sempre deixo em aberto né, pros alunos "ah, se vocês escutarem de outro jeito, tragam pra sala de aula, ou me mostrem o pedacinho ou me falem qual o filme, qual a parte do filme", porque... eu, eu não quero que eles tenham em mente que se fala de um único jeito e que aquele jeito é certo. Eu gosto de passar essa ideia pra eles de

ter a mente aberta. Cada pessoa vai se apropriar dos sons, e desde que eles sejam inteligíveis, que consigam... fazer valer a comunicação, né. Eu... eu aconselho eles a sempre analisarem assim, não achar que apenas uma pronúncia é certa.

Researcher - Certo. Ok. Ah... próxima pergunta: que aspectos da pronúncia você mais enfatiza em seu ensino? Tem algum som que você enfatiza mais? Por que você enfatiza mais esse som?

Participant - Uhum. Ah, eu poderia dizer alguns, né. Por exemplo: -ed.

Researcher - Uhum.

Participant - -ing no final também. No final das palavras.

Researcher - Uhum.

Participant - O som do /a/ curto ou /a/ longo.

Researcher - Certo.

Participant - /e/ curto ou /e/ longo, também. São alguns que precisam ser bastante enfatizados.

Researcher - Certo. Por que você acha que precisar ser enfatizado?

Participant - Porque os alunos perguntam, né, eles querem entender por quê que, qual é a diferença de *man* no singular, *men* no plural.

Researcher - Ok.

Participant - Ou eles querem saber por quê que (inaudible) pronuncia às vezes como /a/ ou às vezes como /ei/.

Researcher - Uhum.

Participant - Então a gente tem que trazer exemplos, falar da pronúncia.

Researcher - Tá. Tá certo. É isso mesmo.

Participant - Por exemplo o som do... /p/, /t/ e /k/ também, que sai o arzinho da boca, a gente faz com papel (risos).

Researcher - Sim, sim (risos)

Participant - (risos)

Researcher - Bem bacana, também.

Participant - É, aham. O som do TH, eu diria assim, é o topo da nossa lista né, é o som do TH, com certeza.

Researcher - Sim. É, certamente.

Participant - Aí eles gostam bastante. A gente usa uma frase em Português que é... "sopinha de massinha sem sal"

Researcher - (risos)

Participant - Com a, tentando colocar a língua na posição do som que é produzido em Inglês, é uma frase em Português, mas a gente tenta colocar a língua como se estivesse tentando pronunciar o TH, né.

Researcher - Aham.

Participant - E... e geralmente a gente ri bastante, é legal, e a gente pratica um pouco, e volta em alguma outra aula, eu tento dizer pra eles "não se estressem se vocês não conseguem ainda" né, pra uma próxima atividade a gente trabalha mais um pouco e assim vai (risos).

Researcher - Tá, aí a próxima pergunta é: na sua opinião, o quão importante é o ensino da pronúncia?

Participant - Eu acho que é essencial. Porque geralmente alunos bem iniciantes, eles tentam falar as palavras do jeito que tá escrito ali. E algumas palavras em Inglês não tem como você fazer isso, né? Então eu acho bem importante, desde os níveis bem iniciantes, a maioria dos meus alunos são iniciantes, mostrar pra eles. Alguns sons. E praticar com eles também, e oferecer recursos pra eles, quando eles quiserem praticar sozinhos em casa, porque às vezes na sala de aula a gente tem que dividir um momento com as outras habilidades, né, com os outros requisitos. Da disciplina também. Então, tipo, eu diria que a gente trabalha um número mínimo em sala de aula, dentro das nossas atividades, mas também deixar recursos disponível pra eles acessarem e procurarem e também tentarem desenvolver só pronúncia de forma autônoma.

Researcher - Sim. Certo. Ah, aí desses sons que você falou, você falou do -ed, do -ing, você falou do TH, das vogais também, né.

Participant - Uhum.

Researcher - Do *man* e do *men*. Ah... quais são as maiores dificuldades da aprendizagem da pronúncia dos seus alunos, e como é que você lida com essas dificuldades, então qual seria o topo dessa lista, pode ser a que você mencionou, qual você acha que eles têm mais dificuldade? E como é que você lida com essa dificuldade, como é que você age, como é que você aborda?

Participant - Tá, então eu preciso primeiro contextualizar, que são alunos de escola pública, bem iniciantes em Inglês, são alunos que eles vêm com uma carga apenas de gramática dos anos anteriores, então tem alunos que tipo eles nunca abriram a boca pra tentar falar uma palavra em Inglês assim, em sala de aula digamos, né? Claro que no dia a dia algumas palavras

às vezes eles nem sabem que falam. Então alunos bem iniciantes, eu diria que o TH com certeza. Topo da lista, né, eu já havia mencionado.

Researcher - Sim.

Participant - Ah... vou fazer uma lista com três (risos), então.

Researcher - Tá bom.

Participant - O -ed, quando a gente estuda o passado, com certeza. Eles forçam bastante esse som, criam outra sílaba. Então é bem difícil de... tem que insistir bastante pra eles cuidarem na hora de fazer atividades de falar ou gravar vídeos, gravar áudio, que é o nosso caso, né. E terceiro lugar, eu acho que eu diria que é o -ing (risos). Porque eles também tentam forçar bastante. É, é um desafio assim, tirar esse vício deles, digamos.

Researcher - E você trabalha de que forma, com repetição, sempre pedindo pra eles repetirem?

Participant - É, primeiro a gente olha listas com exemplos, os quais eu pronuncio, peço pra eles repetirem, né. E a gente vê exemplos de outras pessoas pronunciando também. Ah... tanto em algum áudio que não é de fonética e fonologia, ou de vídeos de pronúncia mesmo. E depois, em terceiro lugar, eles praticando. Dentro das atividades. Tipo eu nunca peço pra eles gravarem pra mim um... uma lista de palavras com -ing e eles gravar pronunciando aquelas palavras, é sempre dentro do tópico da aula, por exemplo... falando sobre invenções que ainda não foram feitas. As palavras que eles vão usar dentro dessa apresentação, e a gente cuida as pronúncias estudadas em sala de aula.

Researcher - Certo. Ok. Próxima pergunta: por que você acha que os alunos eles tendem a ter essa dificuldade para entender / pronunciar as vogais Inglesas?

Participant - Porque não tem um equivalente exato na nossa língua?

Researcher - Isso, isso.

Participant - Essa das vogais, eu diria né, das vogais.

Researcher - Sim, das vogais. E você, você está ciente das diferenças na qualidade das vogais, então você consegue explicar pro aluno a diferença do *man* no singular, do *men* no plural?

Participant - É, assim, eu tenho que aproximar da realidade deles, então eu não mostro aqueles desenhos da onde tá a língua (risos).

Researcher - Você não aprofunda, né?

Participant - Não. Não, não, não. Isso não. O que eu faço é tentar aproximar da realidade deles, então eu desenho uma boca, bem redondinha no quadro, outra mais fechadinha, daí faço com a minha.

Researcher - Tá. É... próxima pergunta: como você normalmente dá *feedback* aos alunos sobre a pronúncia deles?

Participant - É assim, depende o formato que os alunos estão me entregando algo, se eles estão fazendo uma apresentação oral em sala de aula, eu faço anotações e depois com essa, a partir dessas anotações eu mostro pra eles, "olha, a gente vai precisar repetir essas palavras, porque você falou de tal jeito e não deu pra entender muito bem, ou nesse contexto a gente não usa desse jeito". Então eu dou um *feedback* assim, eu faço anotações e passo pra eles o que a gente precisa revisar. Não interrompo no meio da apresentação por exemplo pra falar algo assim, né.

Researcher - Uhum.

Participant - E quanto a um trabalho que é gravado, ou é um vídeo, ou é um áudio... também, só que daí eu consigo mostrar ali novamente onde foi a palavrinha né, posso voltar lá no vídeo e lá no áudio e mostrar, porque às vezes numa apresentação oral eles nem lembram. Como eles pronunciaram. E por eles serem a maioria iniciantes eles dizem "*teacher*, eu sabia essa palavra e eu falei errado na hora, fiquei nervosa", alguma coisa assim. Quando é um vídeo ou um áudio, a gente consegue voltar e olhar. Né. Inclusive quando a gente faz trabalhos assim, de vídeo e de áudio, a gente sempre costuma trabalhar com roteiros também, e eu peço, destaco algumas palavras e peço pra eles "olha, pratica bastante essas palavras antes de gravar", né, daí às vezes eles gravam e eu escuto depois eles arrumam. A gente tem usado bastante o *WhatsApp*, porque tem as gravações de áudio né. E a gente consegue gravar o jeito que a gente pronuncia e eles repetem antes de entregar num trabalho final. Então basicamente assim.

Researcher - Certo, bem bacana. Bom, XXX, a gente tem a última, que na verdade não é uma pergunta, mas é pra você caso tenha algum comentário que você gostaria de mencionar relacionado ao ensino e aprendizagem da pronúncia que você considera relevante, e que você acha que não foi perguntado.

Participant - Na tua pesquisa?

Researcher - Tem alguma pergunta que você considera interessante para eu acrescentar na entrevista?

Participant - Aham. Eu acho que às vezes só cuidar com os textos dos professores que estão participando, porque é aulas de língua, em escolas de idiomas diferem bastante de aulas em... escolas públicas ou outras escolas. De ensino médio, por exemplo. Às vezes pode dar diferença se você tem participantes de diferentes contextos.

Researcher - Sim.

Participant - Por exemplo, em cursinho de idiomas... eu trabalhei um tempo em cursinho de idiomas e daí a gente, cada unidade do livro a gente tinha um momento dedicado à pronúncia.

Researcher - Te agradeço. É isso, tá. Vou parar a gravação...

Transcrição Entrevista – T17

(WRITTEN INTERVIEW)

E-mail

Questions for the Semi-Structured Interview

Below there are some examples of questions used by Costa (2016) and some used by Baker (2011), with adaptations.

Aprendizagem de segunda língua

1. Quantos anos você tinha quando começou a aprender inglês?

Essa é uma das perguntas mais difíceis de responder. Formalmente eu comecei a estudar inglês na escola regular, quando eles ainda chamavam de quinta série. No entanto, tenho contato com inglês desde muito pequeno, por meio de músicas que sempre ouvia quando meu pai costuma ligar o rádio e ouvir, entre outras coisas, Beatles. Inglês, na escola, era minha disciplina favorita, juntamente com Matemática. Todos os outros colegas odiavam – pelo menos era o que diziam – Inglês. Eu segui a rota oposta.

2. O que você lembra sobre suas experiências de aprendizagem da pronúncia:

a) que tipo de métodos foram usados pelos seus professores para ensinar a pronúncia?

Basicamente uma forma tradicional com descrição fonética e comparação de palavras (elementos segmentais), pares mínimos, comparação com a fonética e fonologia da L1, bastante repetição, tendo sempre um “modelo nativo” dos livros comerciais como modelo a ser seguido. E muita prática oral. O que sentia falta nas aulas, procurava fora. O foco nas palavras isoladas deixava os alunos mais inseguros porque tínhamos a eterna sensação de que não sabíamos nada e que, quando falamos não conseguíamos atingir 100% da produção que era o modelo. Ninguém jamais havia sugerido que pessoas falam de forma mais “natural” e “atropelada” no dia a dia. Havia um foco muito forte na produção acurada. As provas eram basicamente transcrição fonética e texto orais que fazíamos. Tais textos ou eram produções orais nossas ou os professores exigiam que transcrevêssemos textos que eles liam/ditavam ou era uma mistura de ambos. Lembro que o professor não era especificamente professor com formação em fonética e fonologia, mas em língua inglesa. Na especialização que fiz anos depois a realidade já era bem diferente.

b) você lembra se gostava das aulas de pronúncia?

Sim, tive três disciplinas de fonética e fonologia da língua inglesa (duas na faculdade e uma na especialização em língua inglesa). Mas sempre tentei dar atenção à todas as outras questões da língua. À medida que vamos criando nosso perfil como alunos de línguas e como professor (inicieei na docência antes de iniciar os estudos na faculdade de Letras), nós vamos “olhando mais” para alguns aspectos do que para outros. Nunca tive dúvidas da importância das aulas relacionadas à pronúncia, mas também não posso afirmar que dei mais atenção a elas do que para outras, como literaturas inglesa e americana, as próprias aulas sobre a estrutura da língua (as tais aulas de gramática), entre outras. Na época que era aluno de Letras, os próprios professores tinham bastante deficiência na própria formação como professores universitários, em geral. A maioria deles vinha de uma realidade de cursos de línguas. Logo, a visão era basicamente de um “curso superior de línguas”. Lógico que, com o tempo, as coisas foram mudando, mas na minha época era bem “curso de línguas” nessas disciplinas de “língua inglesa”, que era, aliás, também local para aulas de pronúncia, onde os professores tiravam algum momento durante as aulas para abordar aspectos da pronúncia, quase sempre de forma reativa, ou seja, a partir da produção oral dos alunos.

3. Você acha que sua formação como estudante de línguas teve alguma influência na maneira como você ensina pronúncia hoje?

Indubitavelmente, mas eu diria que nossa formação é contínua e aprendi muito mais diariamente, em sala de aula, do que durante o “período de estudante”, que para mim é um termo difícil de descrever – continuo sendo um estudante de línguas. Minha maneira de ensinar algo depende muito de um conjunto de variáveis: tipo de aula, local, tipo de público, material disponível, quantidade de horas por curso/aula e outras coisas. As adaptações são sempre inevitáveis e vamos aprendendo diariamente. Os próprios alunos nos ensinam muito.

Formação de professores

1. Como e por que você se tornou professor de inglês?

De forma bastante acidental. Eu estava estudando para prestar vestibular para Direito – eu queria ser advogado –, mas durante o período para prestar as provas, comecei a ensinar História, que era até então uma disciplina que gostava (talvez pela influência direta da profissão do meu pai, que era historiador). Durante o período de preparação, no cursinho pré-vestibular, houve um vestibular fora de época para Letras e eu acabei fazendo a prova para ver como estava; foi como um simulado para poder prestar a seleção do vestibular no final daquele ano. Acabei passando e resolvi cursar para ganhar maturidade para poder depois finalmente tentar Direito. Logo de cara me identifiquei com o curso, sobretudo nas aulas de inglês, que decidi cursar para aprimorar ainda mais. Recebi um convite de uma escola particular na minha cidade na mesma época comecei a lecionar inglês. Mudei de ideia, deixando essa ideia de Direito de lado e estabeleci como meta ser professor universitário na faculdade de Letras. Então, eu comecei já com uma meta muito clara na minha cabeça. Isso me fez superar até as partes mais difíceis da profissão.

2. Você considera que sua formação educacional o preparou bem para ser professor de línguas? Explique.

Sim e não. A parte de formação teórica foi importante, mas não contemplou nem 50% do que encontrei no mercado de trabalho. Como comecei a trabalhar cedo, percebia que muita coisa que via não se aplicava tão facilmente nas aulas, sobretudo quando você devia seguir a

política/visão de cada escola. No entanto, sem a parte de formação, não teria me desenvolvido da mesma forma.

Acredito que a formação educacional é muito particular e vai sendo feita de forma contínua. Ter um ponto de partida/referência serviu para que eu pudesse tomar certas decisões em termos profissionais e didáticos. Nós sempre temos a tendência a querer sempre mais; a achar que sempre poderíamos ter recebido melhor formação.

Acredito que isso seja bom e até normal. Mas, no geral, acho que a formação serviu como um fator indispensável, sobretudo em um ambiente onde qualquer que faça uma viagem para Disney se sente preparada para ser professor(a) de inglês.

3. Que métodos e materiais (se houver) você usa para ensinar a pronúncia?

Sobre seu histórico de formação de professor de inglês

1. Os professores incentivavam os alunos a abordar a pronúncia de alguma forma particular?

Sim. Tive professores com visões diversas. Tive desde professores moderados até professores mais radicais, que pregavam que aprender a língua inglesa era algo muito relacionado ao imperialismo americano e essas coisas. Por outro lado, tive professores que eram altamente defensores do ensino da pronúncia. E no meio destes, havia aqueles que nem eram incentivadores e nem desestimadores. Não havia, um professor que nos fornecesse uma abordagem propriamente para ensino específico da pronúncia, pelo menos não que eu me lembre agora. Havia sim a preocupação com os alunos, para que eles aprendessem alguns aspectos, mas não tivemos nada relacionado a como ensinar.

2. Qual (is) aspecto (s) do (s) curso (s) você achou mais memorável?

As aulas de fonética e fonologia se tornavam um pouco monótonas depois que entendíamos a sequência e como tínhamos todo o material previamente, incluído CDs com os áudios, não havia tanta novidade durante o curso presencial. Havia sim muita repetição, alguns diziam que ficavam exaustos. Como falei antes, eram bem tradicionais. Fonética e fonologia, acho que esqueci de dizer, era disciplina obrigatória na minha universidade (até onde sei, ainda é). Na universidade onde trabalho temos duas obrigatórias.

3. Você se lembra de alguma atividade ou técnica em particular que achou útil para ensinar pronúncia?

Eu costumo achar que tudo é útil e tem seu valor e se encaixa em algum local ou momento ou situação. Muita gente critica o uso de drills, mas acho que são válidos, desde que bem compreendidos. Existe uma ampla variação no seu uso. O que acontece é que se tivermos apenas aulas de conversação, sempre com a mesma dose, se for excessiva, acabamos por ir desvalorizando aos poucos. Como não tivermos muitas opções, eu diria que as poucas que tivemos (repetições, minimal pairs, contraste, estudo da formação dos sons, drills...) são válidas. Lógico que vamos acrescentando mais e até retirando algumas com o tempo. Possivelmente o tempo vem trazendo mais maturidade e o conhecimento vai se juntando às nossas experiências e crenças e vamos remodelando nossas práticas pedagógicas.

4. Quão forte você considera seu conhecimento linguístico da pronúncia do inglês?

Eu diria que o suficiente para fazer o que preciso fazer. Não ministro mais aulas de inglês porque tenho as disciplinas de metodologia de ensino de línguas e práticas pedagógicas sob minha responsabilidade. Se por “conhecimento linguístico da pronúncia” também incluirmos algum conhecimento que adicionei ao meu repertório, como discussões da Linguística Aplicada referentes ao ensino da pronúncia que aprendi nos últimos anos, eu diria que hoje estou bem mais “equipado” do que há quatro anos.

Nunca tive a oportunidade de lecionar fonética e fonologia, nem mesmo quando fui professor substituto, que é o momento quando “pegamos todos os tipos de disciplinas para ensinar”.

5. Se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de ensino de pronúncia, você faria? Explique.

Sim, não somente de pronúncia, mas qualquer curso que me ajudasse profissionalmente. Mas percebo que muitos cursos são voltados para diversos aspectos da língua e relacionado a questões de ensino. Foi o caso, por exemplo, do TEFL. O curso que era basicamente para professores de língua inglesa, que eu consiga me lembrar agora, mal abordava o básico da pronúncia. Só para oferecer mais informações, tive dois professores durante tal curso – um nativo de língua inglesa (um irlandês) e outras não-nativa (uma alemã). No entanto, eles focavam mais em aspectos de ensino da língua, com uma abordagem que permitia uma

flexibilidade enorme, inclusive o ensino de pronúncia. Acho que nós professores precisamos de aprendizagem constante e curso de ensino de pronúncia são muito importantes.

6. Existe algo mais que você gostaria de entender melhor/aprimorar sobre a pronúncia do inglês?

Aprendo diariamente. Tenho muitos contatos com pessoas de várias partes do mundo e estou sempre aprendendo algo, não somente a respeito de pronúncia do inglês, mas sobre muitas outras coisas. Então, sou viciado em aprender, aprender de tudo. Se eu gostaria de aprender algo sobre pronúncia? Sim, não tenho dúvidas. Acredito que nunca estamos totalmente prontos ou formados; estamos em fase de constante aprendizagem. Aprendi muito sobre a língua inglesa estudando outras línguas. Parece que começamos a comparar as línguas e a perceber melhor até a(s) nossa(s) língua(s) nativa(s).

Reflexões sobre práticas de ensino da pronúncia

1. O quanto você gosta de ensinar pronúncia?

Muito. Exatamente porque gosto de aprender muito. No contexto onde estou inserido, em uma universidade pública, tenho encontrado muitos desafios, sobretudo em relação ao ensino dos alunos. É preciso ter certa sensibilidade para que eles não desistam. Normalmente são alunos que passam parte dos seus dias em outras cidades e viajam à noite para poderem participar das aulas. Então tentar fornecer para eles o máximo possível e com a maior seriedade possível é imprescindível. Não seria diferente em relação ao ensino de pronúncia. Mas, como falei, tenho focado menos do que gostaria, sobretudo por ter outras coisas como foco. Quando temos certas disciplinas para ensinar, também temos outros aspectos que passam a ser prioritários. Não que eu concorde 100% com isso, mas certas coisas são assim.

2. Você se sente confiante para ensinar pronúncia?

Se eu tivesse que ensinar a pronúncia da língua inglesa, eu diria que sim. Hoje já tenho bem mais autonomia para me preparar cada vez melhor, sobretudo para ensinar alunos do contexto no qual estou inserido. Precisaria aprender mais, sem dúvidas. Mas também não seria um professor em início de carreira.

3. O seu ensino de pronúncia é baseado em algum método (ou abordagem) específico? (Em caso afirmativo, como você aprendeu a ensinar dessa forma?)

Acredito que boa parte das nossas atitudes na hora de lecionar algo está ligada às nossas crenças, experiências e conhecimento. Lógico que o contexto de ensino também é muito importante. Quando o ensino da pronúncia está muito ligado à aula como um todo, sempre tive momentos de ensino de pronúncia, mas nunca uma aula inteira ou até mesmo muito mais tempo somente sobre. Aliás, nenhum outro item (escrita, leitura, gramática, conversação...) teve tanto protagonismo por onde passei, havia sempre a exigência de um equilíbrio e bom senso sobre as questões. Claro, como sempre fazemos uso de muito material comercial, tentamos a segui-los, mesmo com autonomia. Sempre procurei atividades nas quais contemplassem as diversas características dos alunos. Em alguns momentos era preciso rever ou reformular alguns pontos das aulas. Isso sempre era feito com muita conversa com os alunos, quando isso era permitido obviamente.

No geral, não seguimos nenhuma abordagem específica, quando era o caso de termos mais liberdade. Mas em alguns cursos de línguas onde há (ou havia) um método a ser seguido, a abordagem da pronúncia, que por sinal era mais clara, deveria seguir o método da própria franquia/escola, que geralmente era baseado numa espécie de “modelo nativo”.

4. Que aspectos da pronúncia você mais enfatiza em seu ensino? Por quê?

Vou focar aqui na parte como professor de escolas de idiomas – os cursos livres. Fui professor desse tipo de curso por volta de 13 ou 14 anos. E sempre abordei a pronúncia. Como fazíamos uso de materiais que já vinham prontos, era mais fácil, pois havia material de apoio para o professor com áudio e uma variedade de outras atividades, não somente, mas também, de pronúncia. Nosso ensino sempre tende a ser tanto de forma planejada quanto situacional, correto? Nós planejamos as aulas, onde podemos ter sempre um momento de ensino de pronúncia, mas também temos aqueles momentos que surgem com as dúvidas ou produções dos alunos. Mas isso acontece não somente em termos de ensino de pronúncia, mas também nas questões de construções de frases, uso de vocabulário (escolha lexical) e outras coisas. Mas a ênfase sempre foi bem variada, embora sempre tenha havido ênfase em elementos segmentais (palavras isoladas, frases, connected speech...).

5. Em sua opinião, o quão importante é o ensino da pronúncia?

Extremamente importante. Falam que o mais importante para qualquer aluno de inglês que o “que vale é a comunicação”, mas a pronúncia faz parte dessa comunicação. Um discurso não inteligível pode causar ruídos na comunicação e levar a não comunicação. Como que o professor vai abordar a pronúncia é que é outra história. Temos que pensar também no formato das aulas, não acho que todas as aulas têm que focar igualmente na pronúncia. Aulas nas escolas regulares, cujo foco é em outros aspectos, tendem a não ter tanta ênfase, uma vez que os alunos não estudam a língua para comunicação oral e sim para outras coisas. Já em aulas cujo formato é mais direcionado para desenvolvimento não apenas da leitura e gramática, por exemplo, a pronúncia é bem mais importante.

6. Quais são as maiores dificuldades de seus alunos no aprendizado da pronúncia? (Como você lida com essas dificuldades?)

Toda dificuldade é relativa. Acredito que alunos dos níveis mais iniciais não entram nos cursos com muita ideia do que eles não sabem ainda. O que quero dizer é que no começo, os alunos dos níveis iniciais têm pouca ideia sobre os sons da L2. Pela minha experiência, eles comparam bastante com os sons que fazem (ou não fazem) na L1 até conseguirem perceber as primeiras diferenças. O crescimento de sons vocálicos no começo e em final de certas palavras (exemplo: speak, work, book, week...) é uma coisa bem notória. Além de certa dificuldade com a “fricativa dental” com voz e a fricativa dental sem voz, o “Th sound”, que não temos em língua portuguesa. Embora isso não seja algo que venha a atrapalhar completamente a comunicação no início, eles tendem a ir adaptando até conseguirem ter mais segurança. Nos níveis mais avanços os alunos são mais exigentes e, por mais que digamos que não devemos focar tanto em seguir um modelo padrão, digamos nativo, muitos alunos querem atingir um altíssimo grau de excelente, que eles muitas vezes estabelecem. No caso, as dificuldades podem aumentar devido à fossilização de alguns sons, até mesmo estruturas.

7. Por que você acha que os alunos tendem a ter dificuldade para entender / pronunciar as vogais inglesas?

Boa parte dos alunos – dos meus alunos, agora ex-alunos – começavam os estudos de inglês no final da adolescência e começo da vida adulta. Muitos deles tinham receio de falar em dificuldades, embora reconhecem que tinham. Mas acho que as dificuldades estamos

relacionadas à pouca prática e a não consciência da diferença, embora quase todos demonstrassem que sabiam que era línguas diferentes (a L1 e a L2). Puxando mais para trás, durante o período de aluno do curso de Letras, nem mesmo o próprio professor das disciplinas de fonética de fonologia se sentiam tão à vontade para falar de sons vocálicos. Nós percebíamos a dificuldade. No entanto, como se fala uma outra língua, é natural que tenhamos certa dificuldade em entender e pronunciar certos sons, afinal nem todos os sons são iguais entre as línguas.

8. Você está ciente das diferenças na qualidade das vogais?

Totalmente ciente. Tenho a preocupação de atingir um patamar no qual eu tenha que produzir cada som perfeitamente? Não. Ao longo dos anos eu fui mudando muito tanto a forma de falar inglês quanto a forma de ver a língua. Acho que, como quase todo aprendiz de uma outra língua, nós criamos nossos modelos a serem alcançados e comigo não foi bem diferente (caso essa visão de “quase todos” puder ser confirmada). Hoje eu tenho mais ciência de várias questões que não tinha há alguns anos e procuro ser inteligível/compreensível na comunicação. Se houver algum momento que não ocorra a comunicação existe sempre outro recurso, como a reformulação e a negociação de significados. Isso inclui as questões dos sons vocálicos.

9. Como você normalmente dá feedback aos alunos sobre a pronúncia deles?

Sempre foquei no que é compreensível para mim e no que eu acho que outras pessoas, independentemente do lugar onde nasceram e/ou cresceram, também irão compreender. Feedback, ao meu ver, é um acordo entre duas partes. Por isso sempre, antes e durante as aulas, tive a preocupação de saber como os alunos gostariam de receber feedback – se coletivamente ou individualmente ou de forma oral ou escrita, se não aula ou em algum outro momento e por aí. O que acontecia é que isso variava muito de turma para turma. Às vezes era na hora da aula, na frente de todos ao mesmo tempo, às vezes eu falava apenas com os alunos. Como dei aulas muitos anos apenas para níveis avançados, tinha mais liberdade neste sentido; era mais fácil. Mas sempre combinávamos antes, nas primeiras aulas principalmente, como iríamos proceder em termos de correção, tanto da parte gramatical quando qualquer outro assunto.

10. Por favor, adicione qualquer comentário que você gostaria de mencionar relacionado ao ensino e aprendizagem da pronúncia que você considere relevante e que você acha que não foi perguntado.

Mais e mais cursos relacionados ao ensino de pronúncia são muito bem vindos. Mas devemos lembrar que pronúncia não está isolada, embora seja muito negligenciada nas aulas e até no meio acadêmico, em termos de pesquisas sobre o assunto, é preciso ter “uma dieta bem balanceada”. Não podemos achar que em contextos onde se ensina LE podemos negligenciar outras questões. E temos que lembrar também que o profissional tem que perceber que tipo de aula ele irá ministrar. Eu particularmente tenho uma grande crítica ao ensino de línguas em escolas regulares. Não sei se a pronúncia seria algo que daria para focar de forma satisfatória nesse contexto de forma geral. Existem as regras e normas das escolas e na maioria das vezes os alunos são preparados, quando são, apenas para responder provas, como o ENEM, por exemplo. Acho isso lamentável e uma total perda de recurso, mas aí seria uma outra discussão.

APPENDIX VI
TRANSCRIPTIONS OF THE ANSWERS FOR THE SIMULATED EPISODES

T1

She took 10' to answer the questions.

Difficulty: question 3 (because of lack of experience).

Reacting to Pronunciation Episodes in the Classroom:

Situation 1:

(Items a to e were adapted from (Celce-Murcia et al, 2010, p. 363).

What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?

a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed versus 'bad'.

I would point out that the movements that the jaw makes when pronouncing these two words are different, show them how to do it and make them repeat so they can feel the difference.

b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' versus 'bit'.

Prolong the pronunciation of each vowel and compare with Portuguese, especially in the word 'beat' in which the vowel sounds more similar to the ones they are familiar with.

c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' versus 'boot'.

I think I would do the same as I would in b) and also point out how they use their mouths to make these two sounds differently.

d) Your students pronounce ‘son’ and ‘come’ with the Portuguese vowel for the word *bola*.

Maybe with ‘son’ I would point out it is supposed to be pronounced more like ‘sun’, and also maybe use the ‘ã’ sound in Portuguese for comparison. I’m not too sure about this one because I’ve never seen this problem occurring with learners who have Portuguese as their first language.

e) Your students pronounce ‘cut’ and ‘put’ with the same vowel.

I would point out that their mouths are supposed to look different when pronouncing these words, with ‘cut’ it should be more open and in ‘put’ the mouth is almost closed (if I was teaching them in Portuguese I would say something like “tem que fazer bico”).

Situation 2: (audio file – track 7)

(Celce-Murcia et al., 1996, p. 361).

Listen to the two free speech samples. Then answer the following questions for each speaker:

a. What language background do you think this speaker has?

Speaker 1 French

Speaker 2 Maybe Arabic, not sure.

b. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

Speaker 1 Seems like she pronounces “trust, funny, close” like “trost, fonny, clóse”.

Speaker 2 It seems like he’s using a “ze” sound in words that begin with “th”.

c. How could you make the speaker aware of this?

I think I would try to expose them more to native speakers pronouncing these words and ask them what they notice about the sounds they're making.

d. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty? (Please, try to be as detailed as possible.)

I don't know much about pronunciation teaching. I think it would be very difficult for me to teach someone pronunciation if I didn't share a first language with the students that I could draw examples from and trace parallels.

References

- CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge University Press, 1996.
- CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

He took 30' to answer the questions.

No difficulty.

Reacting to Pronunciation Episodes in the Classroom:

Situation 1:

(Items a to e were adapted from (Celce-Murcia et al, 2010, p. 363).

What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?

a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed' versus 'bad'. A: When I usually teach the difference between 'bed' and 'bad', I explain to my students that the word 'bed' has a high-pitched sound like 'é' in Portuguese and 'bad' has an opened sound like when you open your mouth. Then, I give more examples.

b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' versus 'bit'. A: Firstly, I explain the difference between the phonemes /i/ (long sound) and /I/ (short sound), then I teach them showing how to pronounce it, and drawing on the board a smiling face for /i/ and a serious face for /I/ in order to be didactic in the explanation. After that, I write some examples on the board, such as the words 'beat' and 'bit', and 'leave' and 'live'.

c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' versus 'boot'. A: In order to teach the difference between these two words, I generally pronounce their sounds and give more examples, such as 'look' and 'Luke'.

d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*.

A: Regarding the word 'son', I explain that there is no difference between this word and 'sun', the pronunciation is the same. After the student understands this, I say that the 'o' of the word 'come' has the same pronunciation as the word 'son'.

e) Your students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.

A: In this case, I say that the vowels of the word 'put' has the same pronunciation as the word 'book'. On the other hand, I say that the vowel of the word 'cut' has the same pronunciation as the word 'come'.

Situation 2: (audio file – track 7)

(Celce-Murcia et al., 1996, p. 361).

Listen to the two free speech samples. Then answer the following questions for each speaker:

a. What language background do you think this speaker has?

Speaker 1 I guess she is Mexican or Spanish.

Speaker 2 I guess he is Japanese or Indian.

b. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

Speaker 1 She omits some consonant sounds, such as /z/, /r/ and /d/.

Speaker 2 He omits some vowel sounds, such as /I/ and /eI/.

c. How could you make the speaker aware of this?

Speaker 1 Maybe showing her this record and then showing the right pronunciation. After that, I give her some activities in order to practice the sounds.

Speaker 2 Maybe showing him this record and then showing the right pronunciation. After that, I give him some activities in order to practice the sounds.

d. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty? (Please, try to be as detailed as possible.)

First of all, I would show many words on the board, and ask the students if they know the pronunciation of those words. If I notice that some of them do not know some words' pronunciation, then I will show them how to pronounce the words. After that, I will show some minimal pairs, their phonemes, and some tips to know how to pronounce these sounds, such as /i/ (smiling face) and /I/ (serious face). Lastly, they would play a board game, called 'How do you pronounce this word?', in groups in order to practice their pronunciation.

References

CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge University Press, 1996.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

She took 2 hours to answer the questions.

Difficulty: Second part, speaker 2 (she thinks it's too difficult).

Reacting to Pronunciation Episodes in the Classroom:

Situation 1:

(Items a to e were adapted from (Celce-Murcia et al, 2010, p. 363).

What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?

- a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed versus 'bad'.
First, I would write the 2 words on the board and ask them to repeat (2-3 times) emphasizing the difference. Second, provide examples of the words in a sentence. Third, elicit from students other examples of words with similar sounds for example: bad=mad. If they can't come up with the examples, I would provide them.
- b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' versus 'bit'.
The same as letter A.
- c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' versus 'boot'.
The same as letter A.
- d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*.
The same as letter A.
- e) Your students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.
I would ask them to repeat after me a couple of times stressing the difference between the different vowel sounds. Then, provide other examples of words with the same vowel pronunciation of cut (but, etc) and put (foot, etc). Also, provide examples of the words in a sentence.

Situation 2: (audio file – track 7)

(Celce-Murcia et al., 1996, p. 361).

Listen to the two free speech samples. Then answer the following questions for each speaker:

- a. What language background do you think this speaker has?

Speaker 1 = Asian speaker of English, who learnt the L2 living in the U.S. She may have a pre-intermediate level of English.

Speaker 2 = An English second/foreign language learner. He may have an intermediate level of English.

- b. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

Speaker 1 = Segmental and suprasegmental features of pronunciation

Speaker 2 = Suprasegmental features of pronunciation

- c. How could you make the speaker aware of this?

Speaker 1 = Use strategies such as: recast, paraphrase, confirming what she said by providing the correct form to check if she can notice it.

Speaker 2 = Use strategies such as: recast, paraphrase, confirming what he said by providing the correct form to check if he can notice it.

- d. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty? (Please, try to be as detailed as possible.)

I would provide specific pronunciation activities to focus on their difficulties which they could become aware of their mispronunciation gaps. For example: pronunciation tips to circle the correct word, stress, intonation, rhyme exercises, songs, etc. I work with the series of Interchange books and they offer a variety of pronunciation activities based on the students' level and needs, in a contextualized way within each unit.

References

CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge University Press, 1996.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

T7

She took 1 hour to answer the questions.

Difficulty: cut x put (she thinks both sounds are very similar).

Reacting to Pronunciation Episodes in the Classroom:

Situation 1:

(Items a to e were adapted from (Celce-Murcia et al, 2010, p. 363).

What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?

- a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed versus 'bad'.
First I would ask them to pay attention to the context where the words with such sounds were inserted. Second, I would give them a lot of examples with other sentences where we have the same similar sound so that they can try to hear the difference, such as cat, bat, etc., for 'bad' and so I would make comparisons with Brazilian Portuguese (if they were Brazilians) words where we have the same pattern of sounds so that they might grasp the difference and make it more concrete for them, for example café, pé and etc., for bed. And lastly, I would ask them to pay attention to difference in their pronunciation focusing on the length of the vowel, short or long, and the position of their tongues and lips when saying the words with those sounds.

- b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' versus 'bit'.
Again I would begin with the context, and follow the same strategies I used on the previous situation, I would just change the examples, as in beat, similar to meet, sheet, sheep and how the sound is longer than bit, ship, shit, bitch and explain that we do not have this vowel sound in BP, hence our difficulty, so we would have lots of practice to point out the length of the vowels the position of their tongues and lips when saying the words with those sounds.

- c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' versus 'boot'.

With the same strategies mentioned above, I would show them lots of examples to illustrate the difference, as in boot, cool, school, food that are more similar to our BP 'u' in long length, as opposed to book, foot, cook, look where we do not have an exact BP correspondence so we would have to train our listening and pronunciation.

- d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*.

I would work with examples where we have sounds in English similar to the vowel in *bola*, such as block, sock, lock and then show the common pronunciation of son and come accompanied with more examples of words with this sound such as, plum, drum, run.

- e) Your students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.

I would follow the same strategies as said before, and then follow with lots of examples to show the difference for put, as in kahoot, soot, and then for cut as in, up, but, cup.

Situation 2: (audio file – track 7)

(Celce-Murcia et al., 1996, p. 361).

Listen to the two free speech samples. Then answer the following questions for each speaker:

- a. What language background do you think this speaker has?

Speaker 1 Her native or first language comes from somewhere around Europe in the region of Ireland, Scotland, or more up north, or something like that and it has influence on her English speaking accent.

Speaker 2 His native or first language comes from somewhere around France or middle east like some Arabic countries and it has influence on his English speaking accent.

- b. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

Speaker 1 I think the way she says “I found it funny” the first time is very confusing almost like she says ‘I funny it funny’ in an uncommon way, maybe it is the similar sounds of fun and found.

Speaker 2 I think the way he links one word to another is confusing sometimes or even the way he enunciates the sounds of a word... like... I cannot understand the word he says after “is strong and tall, like some kind of(the word I don’t understand)” And I have listened to the track several times and still did not get it.

c. How could you make the speaker aware of this?

Speaker 1 I would replay the audio for her and ask her if she get anything unclear or confusing. Then I would play audios with people saying the same words/sounds so that she could compare the pronunciations.

Speaker 2 I would tell him that I did not understand what he said in that part, and then use recasting to try to make the correction easygoing.

d. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty? (Please, try to be as detailed as possible.)

I would work with samples from different accents for the same sounds they have difficulties so that we can compare and contrast them and work on the most common pronunciation they would found in real-life situations but focusing more on the difficulties that could hurt the communication process.

References

CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge University Press, 1996.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

T8

She took 1 hour and half to answer the questions.

Difficulty: question 2.

Reacting to Pronunciation Episodes in the Classroom:

Situation 1:

(Items a to e were adapted from (Celce-Murcia et al, 2010, p. 363).

What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?

a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed versus 'bad'.

This answer applies to all these questions. Whenever students get confused with similar words I show them the respective phonemes, (/ɛ/ and /æ/). I would also give them a list with similar words like back/beck. Demonstrating the movement of the mouth (jaw, lips, etc.) is also helpful.

b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' versus 'bit'. Again, I would show the student the respective phonemes and show them the difference between the 'long' and the 'short' vowels. I also find it important to stress that learning to spot these differences is also part of second-language learning.

c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' versus 'boot'. For these two vowels, apart from showing the different phonemes and working with repetition, I would demonstrate how the muscles in our mouth differ (relaxed/tensed) and the rounded lips.

d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*. I would contrast and compare the sounds.

e) Your students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.

For this situation, maybe focusing on the position of the mouth (rounded lips) to make the 'put' sound. Then, I would show them how cut has a more 'a' sound (thinking about Brazilian PT pronunciation)

Situation 2: (audio file – track 7)

(Celce-Murcia et al., 1996, p. 361).

Listen to the two free speech samples. Then answer the following questions for each speaker:

- a. What language background do you think this speaker has?

Speaker 1 I could not identify her language background.

Speaker 2 I think he is French.

- b. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

Speaker 1 It seems that when she produces and /r/ when she says ‘friendly’, but I do not know what else she omits.

Speaker 2 I could identify something seems ‘strange’ when he produces the initial sound in ‘there’. ‘the’ but I could not identify what exactly it is. He also misplaces the stress in the Texas, (teXAS). Lastly, he uses ‘and’ too much.

- c. How could you make the speaker aware of this?

Speaker 1 Maybe creating awareness of the problem and contrasting it to a native speaking making the same sounds.

Speaker 2 Listening to his presentation and comparing to some video of a native speaker mentioning Texas.

- d. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty? (Please, try to be as detailed as possible.)

For student 1, I would work with words that end in *-ly* (quickly, slowly) and ask her to create sentences, read out loud... Something in this way.

For student 2, (for the misplacing of the stress in Texas) I would work with some video of a native showing the state around and constantly mentioning its name. Then, in pairs or something like that, they would ask and answer questions about Texas and culture.

References

CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge University Press, 1996.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

T9

She took 30' to answer the questions.

Difficulty: The first two questions (because she does not focus on pronunciation in her classes).

Reacting to Pronunciation Episodes in the Classroom:

Situation 1:

(Items a to e were adapted from (Celce-Murcia et al, 2010, p. 363).

What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?

- a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed' versus 'bad'.
Teaching vowel sounds can be very tricky. I would teach them the sounds showing the phonetic symbols and other words with the same sound and I would also bring videos of different people speaking those words.
- b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' versus 'bit'.
I would do the same thing I described above to teach any sound. I believe the best way for people to understand the sounds is by listening. I would also make sure they were able to understand the words by the context, because it may not be possible for us, Brazilians, to speak a word exactly like a native speaker so I would make sure my student know the meaning of the word.
- c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' versus 'boot'.
The same answer of letters a and b.
- d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*.
My answer still remains the same but I guess now I would make a list of words in English and also in Portuguese so that my student could notice the difference.
- e) Your students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.
Same answer of questions a and b.

Situation 2: (audio file – track 7)

(Celce-Murcia et al., 1996, p. 361).

Listen to the two free speech samples. Then answer the following questions for each speaker:

a. What language background do you think this speaker has?

Speaker 1 ____ Maybe Spanish (I have no idea) _____

Speaker 2 _____ German ??? (I have no idea either. _____

b. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

Speaker 1 _____

Speaker 2 _____

If this was a real class situation I not be first paying attention to pronunciation. I would be much more concerned whether he was able to say what he wanted to say. So, I listened to the audio many times pretending it was my real classroom.

c. How could you make the speaker aware of this?

Speaker 1 _____

Speaker 2 _____

Probably by repeating the same word once again. Emphasizing the pronunciation of this word so that the speaker could notice his/her own mistake.

d. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty? (Please, try to be as detailed as possible.)

I must confess that I don't really teach pronunciation. I guess I have never prepared a class focused on pronunciation. I just observe my students' difficulties during speaking activities proposed in class and then call their attention to possible pronunciation mistakes.

References

CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge University Press, 1996.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

T11

She took 10' to answer the questions.

Difficulty: last part (because of lack of practicing).

Reacting to Pronunciation Episodes in the Classroom:

Situation 1:

(Items a to e were adapted from (Celce-Murcia et al, 2010, p. 363).

What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?

a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed' versus 'bad'. I would write on the board 'béd' and 'baed' to illustrate the difference in pronunciation without having to use IPA symbols in order to represent phonemes. I would also ask the student to observe my mouth while pronunciation both words, as there is a difference in the opening (more open in the case of bad).

b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' versus 'bit'. In relation to pronunciation, I would explain the difference by comparing with more familiar words, such as 'eat' and 'it', highlighting the difference between the vowel sounds, one more similar to the 'i' and the other 'ê' in Portuguese.

c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' versus 'boot'. I would provide a similar explanation to the one in the previous question, focusing on the similarity between the sounds in these words to the sounds 'ô' and 'ú' in Portuguese and adding the information that these sounds are longer.

d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*. Depending on the context, I could repeat these words with the appropriate pronunciation and check if the student(s) notice the difference and "correct" themselves. If this doesn't work, I can repeatedly use the words throughout the class or point out more explicitly the difference by writing "the way I pronounce" on the board. In this case I would explain that this sound is a "mix" between 'o' and 'a'

e) Your students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.

Again, depending on the context, I could repeat these words with the appropriate pronunciation and check if the student(s) notice the difference and "correct" themselves.

Otherwise, I would call their attention to the difference in mouth opening and explain the similarity between these sounds by writing ‘ã’ and ‘u’ on the board.

Situation 2: (audio file – track 7)

(Celce-Murcia et al., 1996, p. 361).

Listen to the two free speech samples. Then answer the following questions for each speaker:

- a. What language background do you think this speaker has?

Speaker 1: Chinese

Speaker 2 German

- b. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

Speaker 1: the voiced alveolar lateral approximant (l)

Speaker 2: the ‘th’ sound (voiced dental fricative)

- c. How could you make the speaker aware of this?

Speaker 1: I would come up with a creative way of having to write simple words with retroflex and ‘l’ on the board (such as ‘friends’ and ‘lends’) and ask the student to pronounce them, to see if they can see a difference between them with the visual aid. All of this would need to be contextualized in order for the student not to feel embarrassed or overthink their pronunciation.

Speaker 2: I would come up with a creative way of having to write simple words with the sounds ‘z’ and ‘th’ on the board (more specifically ones that start with those letters and correspond phonetically, such as ‘zodiac’ and ‘those’) and ask the student to pronounce them, to see if they can see a difference between them with the visual aid. Again, this needs to be contextualized in a lesson or topic.

d. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty? (Please, try to be as detailed as possible.)

I would show them videos of different people using these same sounds in different contexts and ask the students to take note of that specific sound (depending on the student) and in what words it appears. Then I would show them images or animations that represent the articulation of those sounds, together with the sound produced. Finally, I would ask the student to pronounce the words on the list. All the steps in this exercise can be done without the pressure of a teacher or classmates nearby, so I would probably provide instructions and resources so they can do it by themselves. It also depends on how comfortable the student is with correction and tutoring in general.

References

CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge University Press, 1996.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

T12

She took 30' to answer the questions.

No difficulty.

Reacting to Pronunciation Episodes in the Classroom:

Situation 1:

(Items a to e were adapted from (Celce-Murcia et al, 2010, p. 363).

What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?

a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed' versus 'bad'. Firstly I would use some online dictionary and show to them the difference between the two, and, depending on the result, I would show them the difference of articulation between the two (but I would have to research about that myself, as I also have difficulty with this contrast, I actually don't know if I produce it accurately).

b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' versus 'bit'. Same answer from above, by using an online dictionary to show them the pronunciation difference between the two. In this situation I would also add other minimal pairs (sheet/shit; sheep/ship). Differently from above, I would not have problems to show students the articulation difference.

c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' versus 'boot'.

Same answer as a.

d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*.

I would show them the pronunciation of son and come by using an online dictionary, and also show other words in English with the same sound. If they keep having difficulty with the sound, I would give examples of words in their L1 that contain the sound, só maybe that way they can somehow use that category to the L2.

e) Your students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.

I would show them the pronunciation of the words by using an online dictionary, and also present other words in English with the corresponding sounds. (cut - but)

Situation 2: (audio file – track 7)

(Celce-Murcia et al., 1996, p. 361).

Listen to the two free speech samples. Then answer the following questions for each speaker:

- a. What language background do you think this speaker has?

Speaker 1 Some Asian language

Speaker 2 German

- b. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

Speaker 1 the rhythm is very similar to Asian speakers of English, and she has difficulty with the /r/ and /l/ sounds, as in the words friendly and relationship, and with the /b/ sound, as she seems to pronounce "viggest" in the beginning of the sample.

Speaker 2 The lack of intonation for the question in the beginning of the sample, and the pronunciation of the "th", and for when he says "there...there is a..." it seems he pronounces with an /z/ sound, are some examples that made me come to this conclusion.

- c. How could you make the speaker aware of this?

Speaker 1 In case I had difficulty understanding her message, I would make use of recasts.

Speaker 2 In case I had difficulty understanding his message, I would make use of recasts.

- d. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty? (Please, try to be as detailed as possible.)

I believe the first strategy is to make use of recasts, so that maybe through implicit feedback the speakers will make some adjustments in their speech. If that doesn't work, I

would focus on the features that may cause miscommunication, such as intonation activities (perception and production), and activities with perception and production of minimal pairs and articulatory information about the specific segments. Also, I would ask students to engage in communicative activities by using the given pronunciation features and also to record them (either more controlled, guided, or communicative activities), as a way to give them an opportunity of providing self-feedback.

References

CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge University Press, 1996.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

T13

He took 45' to answer the questions.

Difficulty: vowels (he thinks quality's differences are very difficult)

Reacting to Pronunciation Episodes in the Classroom:

Situation 1:

(Items a to e were adapted from (Celce-Murcia et al, 2010, p. 363).

What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?

a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed' versus 'bad'. I would first emphasize to the student that although s/he is probably not able to perceive the difference between "bed" and "bad" the difference is there. I would show the different IPA symbols that are used to represent the different sounds (/ɛ/ and /æ/, respectively) and explain that the /æ/ sound is between the /ɛ/ and the /a/, two sounds that we have in Portuguese, and practice perception and production of the phonemes, first focusing on the sound by itself, using a tool such as the www.ipachart.com/ website, and then focusing on words with the sounds, using, for example, the <https://eflnet.com/sound-contrast/vowels/2> website. Finally, I would emphasize that failing to perceive or produce the phonemes perfectly may not hinder communication, since the context usually gives enough clues to disambiguate, but that this knowledge is important for an English teacher.

b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' versus 'bit'. I would emphasize to the student that the sounds are the opposite of what the orthography hints us, as Brazilian speakers. I would say that the 'ea' in 'beat' is like our 'i' in Portuguese, and that the 'i' in 'bit' is almost our 'ê', as in *Português*. I would encourage the student to first use our Portuguese 'ê' sound in words such as 'bit' and to practice perception and production, as explained in the previous answer, to 'fine-tune' the production.

c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' versus 'boot'.

With this difference in particular, I would explain that we can 'cheat' by increasing the duration of the sound in 'boot'. However, I would emphasize that they are two different sounds and I would use some explanation in video from the internet, because I can't differentiate between the two, nor produce them in a way that the difference is clear to the student.

d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*.

I would again point out that the orthography is misleading for us, Brazilian speakers. I would show that 'son' is pronounced the same way as 'sun' and that the sound in 'come' is

the same. I would explain that this sound is close to our 'â', but weaker, and, again, practice perception and production.

e) Your students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.

I would ask how s/he pronounce 'cupcake', because it is a common word in Portuguese, and if the pronunciation was accurate I would show that 'cut' is pronounced in the same way, or, if the pronunciation of 'cupcake' was not accurate, explain how both words are pronounced with a sound closer to our 'â', but weaker. In the case of 'put', I would say that it can be pronounced with our 'u' as in '*puxar*'.

Situation 2: (audio file – track 7)

(Celce-Murcia et al., 1996, p. 361).

Listen to the two free speech samples. Then answer the following questions for each speaker:

a. What language background do you think this speaker has?

Speaker 1 I can't think of any specific language background for this speaker

Speaker 2 I can't think of any specific language background for this speaker

b. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

Speaker 1 I could identify some issues in the pronunciation of some words (e.g., biggest, friendly, find), but I could not identify any specific systematic omission.

Speaker 2 Again, I could identify some issues with some words (e.g., there, stereotypes, billions), but I can not perceive the systematic omission.

c. How could you make the speaker aware of this?

Speaker 1 I am not capable of identifying the omission, so I could not make the speaker aware of this particular problem.

Speaker 2 I am not capable of identifying the omission, so I could not make the speaker aware of this particular problem.

d. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty? (Please, try to be as detailed as possible.)

I could not identify the systematic difficulty present in the students' pronunciation, so I don't think I can appropriately help the student in this regard. The best I could do is inform the student that some aspects of her/his pronunciation are beyond my perception skills and that it is important to always practice with different speakers and to get help from other instructors.

References

CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge University Press, 1996.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

T14

She took 30' to answer the questions.

Difficulty: audio's part (she thinks it's hard if people do not have opportunities to experience different nationalities).

Reacting to Pronunciation Episodes in the Classroom:

Situation 1:

(Items a to e were adapted from (Celce-Murcia et al, 2010, p. 363).

What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?

a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed versus 'bad'.

I would give them more examples and would pronounce it with them. I would draw a mouth on the white board, the one for 'bad' round open and the other just slightly open. I would show them other people pronouncing words with similar sounds. I would also use list of words with images to help them with pronunciation and vocabulary learning at the same time. I would definitely mimic the sound many times as an example.

b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' versus 'bit'.

The resources would be pretty much the same as in a), like lists of similar sounds with images, other audio or videos of other people pronouncing the sounds, repetition, contextualized examples. I would also say that the sound 'beat' is shorter than 'bit'. I would also use a vowel in Portuguese to compare or at least help them to remember how to pronounce these sounds.

c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' versus 'boot'.

Same resources as a) and b). I would explain the p, t, k sounds and would also explain to them where the sounds 'k' and 't' are pronounced. I would use images, for sure.

d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*.

Same resources as mentioned in the previous questions. I would use the letter a with the graphic accent ' ~ ' on top to approximate the sounds of 'son' and 'come' to a Portuguese sound.

e) Your students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.

Same resources as mentioned in the previous questions. I would use letters with graphic accents to represent how they sound in Portuguese, in order to to approximate the sounds of

'cut' and 'put' to Portuguese sounds. Letter a with the graphic accent ' ~ ' on top and letter 'u' are the Portuguese vowels that I would use.

Situation 2: (audio file – track 7)

(Celce-Murcia et al., 1996, p. 361).

Listen to the two free speech samples. Then answer the following questions for each speaker:

- a. What language background do you think this speaker has?

Speaker 1 - Spanish

Speaker 2 - French

- b. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

Speaker 1 - letter 'd'

Speaker 2 - 'th' sounds like a 'z'

- c. How could you make the speaker aware of this?

Speaker 1 - if this person was my student, I could have a private conversation, in case I felt the opening for that. I could tell her that she should try to practice more this pronunciation, I could provide examples and make use of resources mentioned in the other questions of this questionnaire.

Speaker 2 - same thing.

- d. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty? (Please, try to be as detailed as possible.)

I think I would mention the same resources/exercises/activities previously stated in this questionnaire.

References

CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge University Press, 1996.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

T16

She took 20' to answer the questions.

Difficulty: she did not understand the questions.

Reacting to Pronunciation Episodes in the Classroom:

Situation 1:

(Items a to e were adapted from (Celce-Murcia et al, 2010, p. 363).

What technique would you use or what explanation would you give to your students in order to teach the pronunciation issues below?

a) A student doesn't know the difference in words such as 'bed versus 'bad'. I would show examples of the two words taken from speeches of the real world and would attempt to call the learner's attention to the difference considering the contexts the words are used, making a

relation to the meanings they carry, the context of the use in itself (who the speaker is, intention, etc). I would conduct an analysis of the samples with the learner, considering the aspects mentioned.

b) A student doesn't know the difference in words such as 'beat' versus 'bit'. Same answer as before.

c) A student doesn't know the difference in words such as 'book' versus 'boot'.

Same answer as before.

d) Your students pronounce 'son' and 'come' with the Portuguese vowel for the word *bola*.

e) Your students pronounce 'cut' and 'put' with the same vowel.

Situation 2: (audio file – track 7)

(Celce-Murcia et al., 1996, p. 361).

Listen to the two free speech samples. Then answer the following questions for each speaker:

a. What language background do you think this speaker has?

Speaker 1 _____

Speaker 2 _____

b. What pronunciation features does this speaker systematically omit?

Speaker 1 _____

Speaker 2 _____

c. How could you make the speaker aware of this?

Speaker 1 _____

Speaker 2 _____

d. What exercises/activities could you recommend or create to help the student overcome this difficulty? (Please, try to be as detailed as possible.)

References

CELCE-MURCIA, M. ET AL. **Teaching pronunciation: A reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge University Press, 1996.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. **Teaching Pronunciation: A Course Book and Reference Guide** (2nd edition). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.